

# RACHEL GIBSON

sempre ao  
**SEU LADO**



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

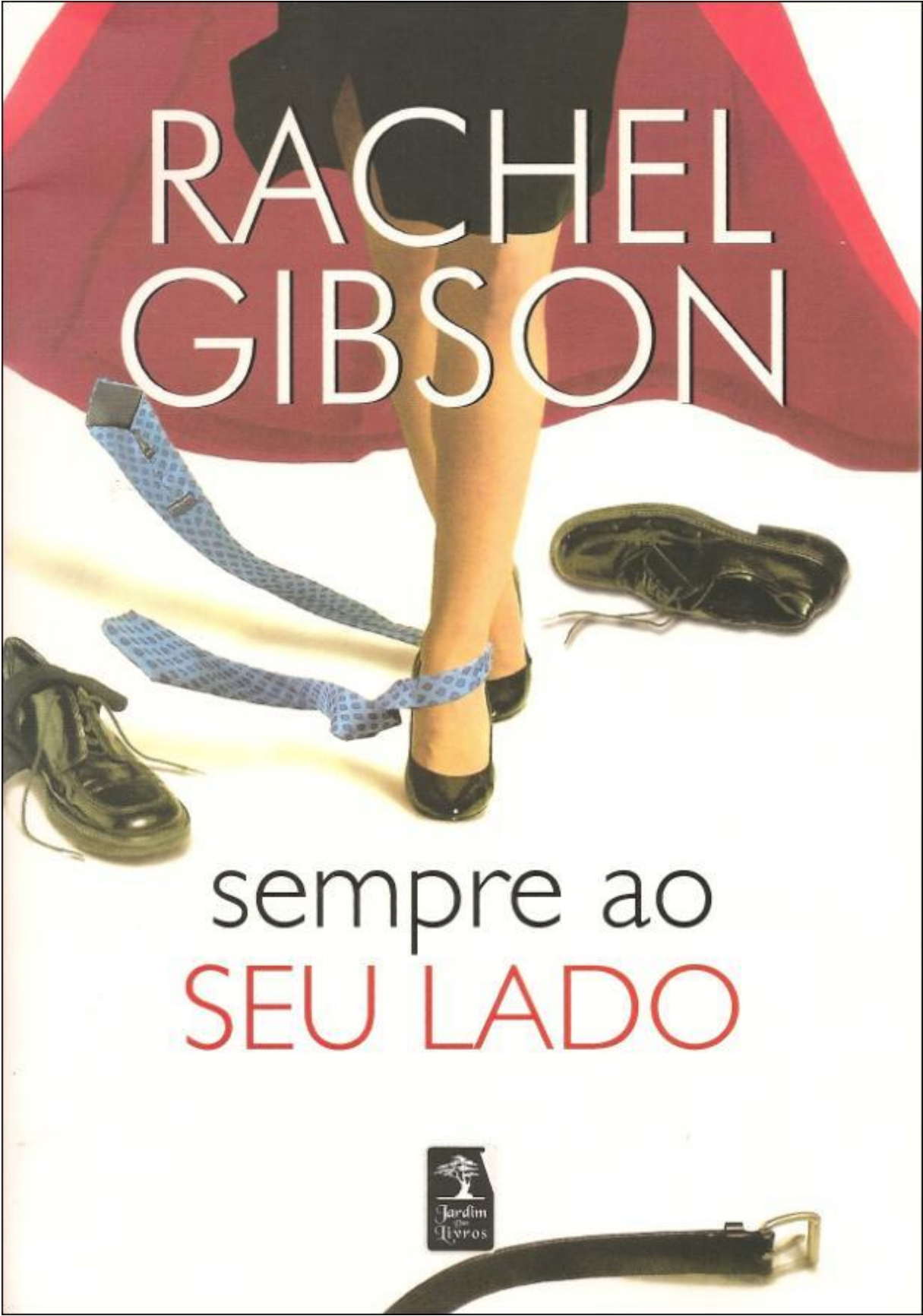
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***





# RACHEL GIBSON

sempre ao  
**SEU LADO**





Rachel Gibson é a mais nova escritora da lista dos mais vendidos do jornal americano The New York Times. Com 13 romances publicados, a autora dá vida e energia a seus personagens em tramas contemporâneas, cheias de graça e vigor. Com linguagem simples, clara, rica e envolvente, aborda fatos que realmente acontecem em nosso dia-a-dia.

Considerado pelos leitores um dos melhores romances escritos por Rachel Gibson, *Sempre ao seu lado* narra a história de Maddie Jones. A personagem volta à cidade onde nasceu, com pretexto de concluir seu livro, um *thriller* policial com todos os ingredientes de um bom suspense, duplo homicídio e traição, em uma trama envolvente. O que ninguém sabe é que os fatos são verídicos, e boa parte foi descrita no diário de sua mãe, assassinada junto com seu amante. Maddie Jones está determinada a descobrir o passado sórdido da cidade. No entanto, ela não conta com a possibilidade de se sentir atraída por Mick Hennessey, filho da mulher traída que matou sua mãe.







**R**achel Gibson descobriu seu talento como escritora aos 16 anos, quando saiu com o carro do pai e bateu em um barranco. Quando seus pais chegaram, contou uma história tão real, que eles acreditaram que a filha havia sido vítima de um acidente de trânsito. E, desde então, não parou mais de contar histórias. Escritora de sucesso nos EUA, ganhadora do Prêmio RITA, está feliz ao ver que um de seus romances ocupa o primeiro lugar na lista do jornal americano *The New York Times*. E seus outros romances figuram no "Top Ten Favorite Books of The Year" (lista dos 10 livros mais vendidos no ano, publicada pelo jornal *The New York Times*).

"Achei doce e encantador, na sua simplicidade e sagacidade."

*Emma Wendell*, ESTADOS UNIDOS

"Tenho lido livros de Rachel Gibson, e eles são todos bons, mas este é um dos melhores. Houve momentos em que eu ri em voz alta. O herói era sexy, e é um dos poucos livros em que não senti vontade de pular páginas para chegar às boas coisas."

*J.Enyeart*, ESTADOS UNIDOS

"Este livro foi absolutamente fenomenal"

*Jennifer T. Ferris*, ESTADOS UNIDOS



*Ontem era chocolate. Hoje é amêndoa. Isso me faz pensar em que perfume vai usar amanhã.*

- Pêssego. Provavelmente.

Ele afastou para trás os cabelos que cobriam parte do rosto dela, e baixou o rosto tocando-lhe o pescoço com a ponta do nariz. - Eu gosto de pêssego... acho que tanto quanto eu gosto de chocolate e amêndoa. Você me deixa com fome.

Maddie conhecia aquela sensação. - Talvez deva se apressar para ir para a casa da sua irmã e comer ervilhas de caçarola. Ela sentiu o sorriso dele encostando na sua pele, e em seguida ele beijou suavemente seu pescoço perfumado. Um arrepio percorreu toda a espinha de Maddie e sua cabeça pendeu para um lado. Ela tinha de interromper aquilo... Mas não agora. Daqui a um minuto...

## Capítulo 1

O néon branco e intenso sobre o Bar Mort's pulsava, vibrava e atraía a aglomeração de gente sedenta de Truly, Idaho, como uma luz hipnótica. Mas o Mort's era mais que uma forte atração por cerveja. Mais que meramente um lugar para beber uma cerveja gelada e entrar numa briga em noites de sexta-feira. O Mort's tinha significado histórico. Enquanto outros estabelecimentos instalaram-se e se foram na pequena cidade, o Mort's permaneceu sempre o mesmo.

Até cerca de um ano atrás, quando o novo dono havia arrumado o lugar com galões de desinfetante e tinta, e instituído uma estrita política de proibição de arremesso de calcinhas.

Antes disso, arremessar roupa íntima para cima, como no jogo de arremesso de aros, para acertar a série de chifres que ficavam sobre o balcão do bar foi encorajado como um tipo de evento esportivo **indoor**. Agora, com o novo dono, se uma mulher tivesse o impulso de arremessar suas roupas íntimas levava um chute no traseiro, ainda que estivesse nu.

Ah, os bons velhos tempos...

Parada na calçada em frente ao Mort's, Maddie Jones olhou para cima, para o luminoso, mas era completamente imune a atração subliminar emitida pela luz que atravessava a escuridão que se impunha pouco a pouco. Um rumor indefinido de vozes e de música alastrava-se pelas rachaduras do velho prédio encaixado entre uma loja de informática e um restaurante.

Um casal usando jeans e camiseta namorava na calçada. Alguém abriu a porta. O som de vozes e a música **country** transbordou para

a rua Main. A porta fechou-se e Maddie permaneceu parada do lado de fora. Poucos segundos depois, ela ajustou a alça da bolsa no ombro e puxou o zíper do seu volumoso suéter azul. Havia morado em Truly vinte e nove anos atrás, e se lembrou de como a noite era fresca ali. Mesmo em julho, pleno verão.

Sua mão ergueu-se na direção da velha porta, depois a soltou. Uma surpreendente sensação de apreensão lhe ouriçou os cabelos da nuca. Ela havia feito isso dúzias de vezes. Então, por que a apreensão? Por que agora?, perguntava a si mesma, embora soubesse bem qual era a resposta. Porque desta vez era pessoal. Depois que abrisse aquela porta e desse o primeiro passo não haveria a possibilidade de voltar.

Se suas amigas pudessem vê-la ali, parada como se os pés tivessem sido enterrados em concreto fresco, que depois de seco os deixou imobilizados, ficariam chocadas. Maddie entrevistara assassinos em série - assassinos a sangue frio, mas conversar dissimuladamente com malucos que têm perturbações em sua personalidade anti-social era fácil em comparação com o que a esperava no Mort's. A sua frente um aviso dizia: PROIBIDA A ENTRADA DE MENORES DE 21 ANOS. Seu passado a esperava e, como aprendera recentemente, investigar o passado de outra pessoa era muito mais fácil que investigar o próprio passado.

Respirou fundo e se preparou para finalmente empurrar a porta. Estava aborrecida consigo mesma por se sentir tão insegura, mas acabou com sua inquietação graças a uma inflexível força de vontade. Não aconteceria nada que ela não quisesse. Tudo estava sob controle.

Como sempre.

A batida pesada da **jukebox** e o cheiro de lúpulo e tabaco a atingiram assim que entrou. A porta se fechou e Maddie parou e esperou que seus olhos se acostumassem com a pouca luz que

havia ali dentro. O Mort's era apenas um bar. Como milhares de outros que ela havia visto pelo país. Nada de especial. Nem mesmo a coleção de chifres pendurados ao longo do balcão de mogno era algo fora do comum.

Maddie não gostava de bares. Especialmente bares de **cowboys**. A fumaça, a música e o incessante consumo de cerveja a incomodavam. Também não se importava com **cowboys**

particularmente. Um jeans apertado no traseiro de um **cowboy** não compensava o desgosto causado pela visão das botas, fivelas e dos rolos de fumo de mascar. Ela apreciava homens de terno e sapatos de couro italiano. No entanto não tivera nem mesmo um simples encontro nos últimos quatro anos.

Avançou tortuosamente na direção do longo balcão de carvalho do bar onde localizara um único banco vazio, e enquanto caminhava estudava os freqüentadores do lugar. Seu olhar fixou-se nos chapéus dos **cowboys** e nos bonés dos caminhoneiros. Notou rabos-de-cavalo, cabelos na altura dos ombros, alguns dos piores permanentes que já vira as franjas irreverentes que foram invariavelmente recuperadas dos anos oitenta. Mas não viu a pessoa pela qual procurava, embora não esperasse realmente vê-lo sentado em uma das mesas ou perambulando pelo salão.

Abriu caminho para o banco vazio que se encontrava posicionado entre um homem com uma camiseta azul e uma mulher com cabelo superproduzido. Atrás da caixa registradora e das garrafas de álcool, um espelho acompanhava todo o comprimento do balcão, onde dois **barmen** serviam cervejas e drinques. Nenhum dos dois era o proprietário do seletto estabelecimento.

Um dos **barmen** pôs um guardanapo na frente de Maddie e perguntou o que queria beber.

Ele parecia ter uns dezenove anos, mas ela supôs que deveria ter no mínimo vinte e um, idade suficiente para servir bebida alcoólica no

meio de toda aquela fumaça de cigarro.

- Um ***martíni*** safira. Extra seco, três azeitonas - disse, imaginando quantos carboidratos teriam as azeitonas. Puxou a bolsa para o colo e observou o ***barman*** se virar e pegar gim e vermute de boa qualidade.

Utilizando o espelho, examinou atentamente o bar procurando pelo proprietário, ainda que não imaginasse vê-lo sentado num dos bancos, muito menos aboletado em uma mesa.

Quando procurara por ele à tarde, ligando para o outro bar que ele tinha na cidade, disseram que ele estaria no Mort's à noite, e Maddie imaginou que era provável que ele estivesse no escritório examinando seus livros ou, se fosse como o pai, a parte de dentro da coxa de uma das garçonetes.

- Eu pago tudo!

A mulher que estava do outro lado de Maddie lastimava-se para sua amiga.

- Até comprei meu próprio cartão de aniversário e pedi para J.W assiná-lo, imaginando que ele iria se sentir mal e entender o recado.

Maddie sentiu uma curiosidade incontrolável de olhar para a mulher pelo espelho. Em meio às garrafas de vodca, visualizou os longos cabelos louros caindo sobre um par de ombros rechonchudos e peitos que se revelavam inconvenientemente de dentro de uma camiseta regata vermelha com pedras brilhantes incrustadas.

- Ele nem se sentiu mal! Só reclamou que não gostava de cartões piegas como o que eu havia comprado. - A moça do cartão de aniversário estava tomando um drinque que vinha com um guarda-chuva espetado. - E agora ele quer que eu vá à casa dele quando a mãe for viajar, no próximo final de semana, para fazer - lhe o jantar.

Depois de dizer isso enxugou as lágrimas e fungou: - Estou pensando em dizer a ele que não vou.

- Você está brincando! - As palavras escaparam de sua boca antes que ela pudesse pensar.

- Desculpe-me, não entendi - o **barman** falou enquanto colocava o drinque na frente dela.

Maddie chacoalhou a cabeça negativamente, enfiou a mão na bolsa e pagou o drinque. O

som de uma música barulhenta, que falava das curvas traseiras de uma dançarina de cabaré, saía da **jukebox** de néon incandescente e se juntava ao persistente zunido de conversa.

Maddie puxou a manga do suéter e pegou seu **martíni**. Enquanto levava o copo à boca olhou para o relógio: nove horas. O proprietário seria obrigado a mostrar a cara mais cedo ou mais tarde. Se não hoje, sempre haveria o amanhã. Tomou um gole e sentiu a bebida aquecer seu corpo.

Maddie na realidade, esperava que o proprietário aparecesse logo. Antes que ela tomasse tantos **martínis** que a fizessem esquecer porquê estava sentada num banco de bar bisbilhotando a vida de mulheres carentes com comportamento passivo-agressivo e de homens equivocados.

Ela recolocou o copo sobre o balcão. Bisbilhotar não era sua atividade preferida. Preferia uma aproximação mais honesta, desencavar as vidas das pessoas e sondar seus segredinhos mais sujos sem perturbação. Algumas pessoas entregavam seus segredos sem reclamar, ansiosos para contar tudo. Outros a forçavam a ir mais fundo, estimulá-los por muito tempo ou extrair de forma um pouco mais hostil e arrancando-lhes até as raízes. Às vezes seu trabalho era sujo, sempre exigia coragem, e ela adorava escrever sobre assassinos em série e psicopatas comuns de todo dia.



De fato, uma garota como ela tinha que se destacar em alguma coisa. E Maddie, que publicava com o nome de Madeline Dupree, era uma das melhores escritoras no gênero dos crimes que realmente aconteceram. Ela escrevia sobre a índole e o derramamento de sangue. Sobre o doente e o perturbado, e havia quem pensasse, inclusive suas amigas, que o que escrevia deformava sua personalidade. Ela acabou gostando de pensar que isso se somava ao seu charme.

A verdade estava escondida em algum lugar, no cerne. De fato, as coisas que viu e sobre as quais escreveu a afetaram. Apesar da barreira que estabelecia entre sua própria sanidade e a das pessoas que investigava e entrevistava, a doença deles às vezes exsudava e se espalhava, deixando atrás de si certa película de impureza muito difícil limpar completamente.

O trabalho a fez ver o mundo de forma um pouco diferente das pessoas que nunca se sentaram de frente para um assassino em série, e não o viram tentando se esquivar de recontar as coisas sobre sua - atividade. Mas essas mesmas coisas também a tornaram uma mulher forte e que não prejudicava ninguém. Pouquíssimas coisas a intimidavam. Maddie não tinha qualquer ilusão sobre a humanidade. No fundo, sabia que a maior parte das pessoas é decente. E que em função disso, essas pessoas faziam o que é certo. Mas sabia também sobre os outros. Os quinze por cento que estavam interessados apenas no próprio egoísmo e na satisfação do próprio prazer deformado. Desses quinze por cento, apenas cerca de dois por cento eram, de fato, assassinos em série. Os outros desvios sociais eram apenas os costumeiros estupradores, assassinos, malfeitores e executivos corporativos que saqueiam secretamente o seguro social de seus empregados.

E se havia uma coisa que podia dizer que sabia com certeza que sabia era que todo mundo tinha segredos. Ela mesma possuía os dela. Só que os guardava mais escondidos que a maioria das pessoas.

Levantou novamente o copo em direção aos lábios e seu olhar foi atraído para a o fundo do bar. Uma porta se abriu e um homem entrou para o salão escuro.

Maddie o reconheceu. O reconheceu antes mesmo que a escuridão lhe deslizesse por cima do peito largo e dos ombros, por sobre a camiseta preta. O reconheceu antes que a luz revelasse seu queixo e seu nariz, e fizesse brilhar os cabelos negros. Negros como a noite da qual ele viera.

Ele logo foi para trás do balcão e enrolou um velho avental em torno dos quadris, amarrando as tiras logo acima do zíper da calça. Ela nunca o encontrara. Mas sabia que ele tinha trinta e cinco anos, era um ano mais velho que ela. Sabia que ele media um metro e noventa, e pesava oitenta e seis quilos e duzentos gramas. Serviu o exército por doze anos, onde pilotou helicópteros e descarregou *mísseis*. Herdou o nome do pai, Lochlyn Michael Hennessy, mas era chamado de Mick. Como o pai, era um homem despudoradamente bonito. O tipo de beleza que virava a cabeça, parava corações e levava as mulheres a nutrir maus pensamentos.

Pensamentos que envolviam bocas, mãos quentes e roupas emaranhadas, a respiração quente junto ao pescoço de uma mulher e amassos no banco de trás de um carro.

Não que Maddie fosse suscetível a tais pensamentos.

Mick tinha uma irmã mais velha, Meg, e dois bares na cidade, o Mort's e o Hennessy's. O

último havia estado na família por tempo maior do que ele tinha de vida. Hennessy's, bar onde a mãe de Maddie trabalhou. Onde encontrou Loch Hennessy. Onde morreu.

Como se tivesse sentido o olhar dela, ele deu uma olha dela por cima das tiras do avental.

Parou a poucos passos de Maddie e os olhos de ambos se encontraram. Ela engasgou com o gim. De acordo com a carteira de motorista dele, seus olhos eram azuis, mas assim, pessoalmente, mais pareciam de um turquesa profundo. Da cor do mar do Caribe, os olhos dele a encararam de volta, o que foi um choque, que a fez baixar o copo e levar uma das mãos à boca.

Os últimos acordes da música de cabaré morriam, enquanto ele terminava de amarrar as tiras do avental, e vinha mais para perto até ficar a poucos centímetros do mogno entre eles.

- Você vai sobreviver? - A voz profunda atravessou o barulho entre eles.

Maddie engoliu e tossiu uma última vez.

- Acho que sim.

- Olá, Mick - a loira do banco ao lado chamou.

- Olá, Darla. Como vão as coisas?

- Poderiam estar melhores.

- É sempre assim, não é? - disse enquanto olhava para a moça. - E então, vai se comportar hoje?

Darla riu e respondeu:

- Você me conhece. Sempre quero me comportar. Mas claro que sempre posso ser convencida a fazer alguma besteira.

- Então hoje você vai continuar com as roupas de baixo. Certo? Mick perguntou encarando-a e levantando uma das sobrancelhas escuras.

- Quando se trata de mim, nunca se pode dizer o que vai acontecer.

- Ela se inclinou para frente. - Nunca se sabe o que eu posso fazer.

Às vezes sou louca.

***Só às vezes?*** Comprar para si mesma um cartão de aniversário para seu namorado assinar sugere desordem passivo-agressiva que beira a loucura absoluta.

- Apenas fique de calcinha para que eu não tenha que te jogar de novo para fora com o traseiro desprotegido.

***De novo?*** Quer dizer que isso já aconteceu? Maddie tomou um gole e deslizou seu olhar sobre o traseiro considerável de Darla apertado na calça jeans.

- Eu aposto que todos adorariam ver isso! - disse Daria com uma mexida nos cabelos.

Pela segunda vez naquela noite, Maddie engasgou com a bebida. Uma profunda gargalhada de Mick chamou a atenção de Maddie para o brilho divertido nos surpreendentes olhos azuis.

- Hei, docinho, está precisando de água? - ele perguntou.

Maddie balançou a cabeça e limpou a garganta.

- Esse drinque está muito forte para você?

- Não, tudo bem. - Ela tossiu uma última vez e recolocou o copo no balcão. - Só acabei de ter uma visão do inferno.

Os cantos da boca de Mick viraram para cima e se transformaram num sorriso de cumplicidade, confirmando que ele havia compreendido o significado de - visão do inferno, e formando duas covinhas nas bochechas bronzeadas.

- Eu nunca a vi por aqui antes. Está de passagem?

Maddie esforçou-se para tirar a imagem do grande traseiro nu de Daria da cabeça e trazer novamente a mente para a razão, pois

estava no Mort's. Achava que iria antipatizar com Mick Hennessy assim que o visse. Mas não foi o que aconteceu.

- Não. Comprei uma casa na estrada Red Squirrel.

- A área é boa! No lago?

- Isso mesmo. - Ela pensou que, além da fisionomia, Mick havia herdado também o charme do pai. Até onde Maddie sabia, Lock Hennessy havia seduzido mulheres só de olhar na direção delas. Ele certamente seduzira sua mãe.

- Então você vai passar o verão?

- Pretendo.

Ele inclinou a cabeça para um lado e estudou o rosto delicado. Olhou fixamente para os olhos, a boca e se demorou pelo tempo de várias batidas cardíacas antes de olhar novamente para os olhos.

- Qual é o seu nome, olhos castanhos?

- Maddie - respondeu, segurando em seguida a respiração como se esperasse que ele a conectasse com o passado. O passado dele.

- Só Maddie?

- Dupree - respondeu, usando o pseudônimo.

Alguém no fundo do bar chamou-o e ele olhou por um instante antes de voltar novamente sua atenção para Maddie. Sorriu docemente. Um sorriso que fez surgir novamente as covinhas que amenizavam a face tão máscula. Ele não a reconheceu.

- Eu sou Mick Hennessy. - A música começou novamente e ele disse:

- Bem-vinda a Truly. Quem sabe a gente se vê por aí!

Ela observou-o se afastar sem lhe contar a razão pela qual estava na cidade, e porque ela estava sentada no Mort's. Não era o melhor momento nem o melhor lugar. Mas não havia -

talvez, era certo que se veriam novamente. Ele ainda não sabia, mas a veria ainda muitas vezes. E da próxima vez certamente não seria tão gentil com ela.

Os sons e cheiros do bar ficaram opressivos. Maddie pendurou a bolsa no ombro e em seguida deslizou do banco e abriu caminho em meio à multidão na penumbra. Na porta, olhou para trás na direção do balcão e de Mick. Ele inclinava a cabeça um pouco para trás e sorria, iluminado pelas luzes do teto. Ela parou e apertou a maçaneta quando ele se virou de costas para pegar uma cerveja.

Durante o tempo em que ficou parada ali, a **juke** tocava uma música que falava em uísque para homens e cerveja para cavalos, e seu olhar convergiu para os cabelos negros, a nuca e os ombros largos sob a camiseta preta. Mick se virou e colocou um copo sobre o balcão.

Enquanto o observava, ele ria de alguma coisa, e até aquele momento Maddie não sabia o que esperava de Mick Hennessy antes de encontrá-lo, mas independentemente do que fosse, certamente não esperava esse homem vivaz, espontâneo, cheio de sorrisos. De repente o olhar fixo dele atravessou o bar, escuro e infestado de fumaça, e pousou nela. Maddie quase pôde sentir aquele olhar estender-se pelo salão e a tocar, apesar de saber que era pura ilusão. Estava na entrada escura e imaginara que fosse quase impossível para ele distingui-la na multidão. Abriu a porta e saiu para o ar fresco da noite. Enquanto estivera no Mort's, a noite havia baixado em Truly como uma cortina negra e pesada, e o único contraste eram umas poucas placas luminosas acesas e as luzes ocasionais da rua. Seu carro, preto, estava estacionado do outro lado da rua, em frente a uma loja de roupa íntima masculina e uma



galeria de arte. Esperou que um carro amarelo passasse antes de deixar o meio-fio sob a incandescente placa de néon do Mort's.

Um transmissor em sua bolsa destravou a porta do carro do lado do motorista quando ela se aproximou. Ela abriu a porta e escorregou para dentro do interior fresco de couro. Em geral não era materialista. Não se importava com roupas ou sapatos. Também não se importava se o sutiã combinava com a calcinha desde que ninguém a visse de lingerie em dias normais, e não tinha jóias caras. Há dois meses havia comprado o novo carro com acessórios mais sofisticados. Mas antes disso Maddie andara num carro velho que rodou mais de trezentos e vinte mil quilômetros, até que chegou a um ponto em que precisou abandoná-lo e procurar um novo. Tarefa insólita. Tentou várias opções, fez muitos **test**

**drives**, e esteve a ponto de desistir. Um dia se virou e bateu os olhos no **sedan** preto. As luzes do **showroom** brilhavam sobre o carro como um sinal de Deus, e ela podia jurar que ouvia anjos cantando aleluias como o Coro do Tabernáculo Mórmon. Quem era ela para ignorar uma mensagem do Senhor? Poucas horas depois de entrar na concessionária, levava o carro do **showroom** para a garagem da sua casa em Boise.

Maddie apertou o botão de partida e acendeu as luzes. O CD preencheu o carro com **Excitable Boy**, do Warren Zevon. Afastou o -carro do meio-fio e fez um movimento em - U

no meio da rua Main. Havia algo de brilhante e perturbador nas letras de Warren Zevon.

Era um pouco como olhar dentro da mente de alguém que estava no limite entre a loucura e a sanidade, e que de vez em quando se punha à prova. Brincando com o limite, testando-o, e depois recuando, logo antes de ser sugado para dentro da terra dos malucos. Na linha de trabalho de Maddie, não havia muitos que conseguiam recuar em tempo.

Os faróis dianteiros do carro atravessaram a noite negra. Ela virou à esquerda no único farol de tráfego da cidade. O primeiro carro que teve foi de segunda-mão, tão danificado que os bancos só ficavam inteiros graças a uma fita adesiva especial. Ela percorreu um longo caminho desde aquela época. Um longo caminho desde o Parque Roundup, nome do estacionamento do trailer onde havia vivido com sua mãe, até a casinha apertada em Boise, onde foi criada pela tia-avó Martha.

Até o dia da aposentadoria, Martha trabalhou como principal contadora em uma drogaria, e elas viviam do pequeno salário e dos cheques do seguro social de Maddie. O dinheiro sempre foi apertado, mas Martha sempre mantinha meia dúzia de gatos. A casa cheirava o tempo todo a comida de gato e a caixas de fezes. Motivo da aversão de Maddie por gatos.

Bem, talvez não o gato da amiga Lucy, o sr. Snookums. O Snookie era legal. Para um gato.

Dirigiu cerca de um quilômetro e meio pelo lado leste do lago antes de virar na estrada ladeada por pinheiros robustos e altos, e parar em frente à casa que ela havia comprado poucos meses atrás. Não sabia quanto tempo ficaria com a casa. Um ano. Três. Cinco.

Havia comprado em vez de alugar pelo investimento. As propriedades em torno de Truly eram bem valorizadas, e quando, ou se, ela vendesse o lugar, esperava ter um bom lucro.

Maddie apagou as luzes do carro e a escuridão a afligiu. Ignorou a apreensão que sentia no peito quando saiu do carro, subiu os degraus e pisou na varanda cercada e iluminada com várias lâmpadas de sessenta watts. Não tinha medo de nada. Certamente também não teria medo do escuro, mas sabia que coisas ruins haviam acontecido a mulheres não tão atentas e cuidadosas quanto Maddie. Mulheres que não tinham um pequeno arsenal de equipamentos de segurança em suas mochilas. Coisas como arma

de eletrochoque, gás lacrimogêneo, alarme pessoal e soco inglês, só para citar alguns itens. Qualquer mulher é suficientemente cuidadosa, especialmente numa cidade onde à noite é difícil ver um palmo adiante do nariz.

Em uma cidade situada exatamente no meio de uma densa floresta, onde a vida selvagem era preservada, árvores farfalhavam e a vegetação rasteira escondia várias espécies de animais venenosos. Onde roedores com olhinhos brilhantes esperavam que essa mulher fosse para a cama para saquear a despensa. Maddie nunca teve que usar nenhum de seus equipamentos de defesa pessoal, mas ultimamente vinha se perguntando se tinha uma mira boa o suficiente para derrubar um camundongo saqueador com a arma de eletrochoque.

Luzes ardiam dentro da casa quando Maddie destrancou a porta verde, entrou e a trancou.

Ninguém saiu correndo dos cantos quando ela jogou a bolsa sobre a cadeira de veludo vermelho que estava próxima à porta. Uma ampla lareira dominava o meio da grande sala de estar e a dividia no que deveria ser a sala de jantar, mas que Maddie usava como escritório.

Sobre uma mesa de centro em frente ao sofá de veludo estavam os arquivos da pesquisa de Maddie e uma velha fotografia cinco por sete numa moldura de prata. Esforçou-se para alcançar a foto e olhou para o rosto de mãe, que tinha cabelos louros, olhos azuis e um grande sorriso. Havia sido tirada poucos meses antes de Alice Jones morrer. Na foto via-se uma mulher de vinte e quatro anos feliz, extremamente vibrante e linda. Como na foto amarelada encaixada na valiosa moldura de prata, muitas das memórias de Maddie também haviam desbotado. Recordava-se de bocados de algumas coisas e fragmentos de outras.

Tinha uma memória tênue de contemplar a mãe enquanto se maquiava e escovava os cabelos antes de ir para o trabalho.

Lembrava-se da velha mala azul e de se mudar de um lugar para outro. A partir do pálido prisma desses vinte e nove anos, tinha uma memória muito tênue da última vez que sua mãe havia carregado o velho Maverick e da viagem de duas horas para o norte até Truly. Instalaram-se no trailer onde havia um desgrehado tapete alaranjado.

A memória mais nítida que Maddie tinha da mãe era o perfume de sua pele. Ela cheirava a loção de amêndoa. Mas se lembrava principalmente da manhã em que sua tia-avó chegou no Parque Roundup para lhe contar que sua mãe havia morrido.

Maddie colocou a foto de volta sobre a mesa e caminhou sobre o chão de madeira na direção da cozinha. Tirou um refrigerante **diet** do refrigerador e o abriu. Martha sempre disse que Alice era distraída. Voando como uma borboleta de um lugar a outro, de um homem para outro, procurando algum lugar onde se instalar, e procurando amor. Achando um e outro por algum tempo, antes de se mudar para um outro lugar ou para um novo homem.

Maddie bebeu da garrafa, depois recolocou a tampa. Não era nem um pouco parecida com a mãe. Sabia qual era seu lugar no mundo. Sentia-se confortável com a pessoa em que se tornara, e certamente não precisava de um homem que a amasse. De fato, nunca estivera apaixonada. Não daquele jeito romântico sobre o qual a boa amiga Clare escrevia para ganhar a vida. E não do jeito absurdo, do tipo - louca por homem, jeito este que havia governado sua mãe e, finalmente, tirado sua vida.

Não, Maddie não tinha interesse no **amor** de um homem. O corpo era outra coisa, e ela queria um namorado ocasional. Um homem para vir várias vezes por semana para fazer sexo. Ele não precisava ter um papo brilhante. Na verdade, ele nem precisava levá-la para jantar. Para ela, o homem ideal só precisava levá-la para a cama, depois ir embora. Mas havia dois problemas em encontrar o homem ideal. Em primeiro lugar, qualquer homem que quisesse apenas sexo

de uma mulher era muito provavelmente um babaca. Em segundo lugar, era difícil encontrar um homem disponível que fosse bom na cama em vez daquele tipo que **apenas** pensava ser bom. A tarefa de escolher entre os homens e encontrar o que ela queria se tornara uma tarefa árdua da qual ela desistira quatro anos atrás.

Enganchou a ponta da garrafa de refrigerante entre dois dedos e saiu da cozinha. Seus chinelos de borracha batiam na sola dos pés enquanto atravessava a sala de estar e passava pela lareira na direção do escritório. O **laptop** estava sobre a escrivaninha em - L que por sua vez estava encostada na parede. Acendeu a luminária presa à escrivaninha. Duas lâmpadas de sessenta watts iluminaram uma pilha de diários, o **laptop** e as anotações intrincadas chamadas - Nomes descobertos e atitudes necessárias. Ao todo havia dez diários de várias formas e cores. Vermelho. Azul. Cor-de-rosa. Dois dos diários tinham fechadura, enquanto um dos outros não era nada além de um caderno de notas espiral amarelo com a palavra - Diário escrita com marcador preto. Todos eles pertenceram a sua mãe.

Maddie batia levemente a garrafa de refrigerante **diet** contra a coxa enquanto olhava fixamente para o livro branco no topo da pilha. Ela não sabia da existência deles até a morte da tia -avó Martha, alguns meses atrás. Não acreditava que Martha havia mantido os diários escondidos propositadamente. O mais provável era que quisesse entregá-los a Maddie algum dia, mas se esquecera completamente. Alice não foi a única mulher distraída na árvore genealógica da família Jones.

Como única parenta viva de Martha, foi encargo de Maddie encomendar o funeral, arrumar as coisas e esvaziar a casa onde a tia-avó morara. Ela foi atrás de lares para os gatos da tia e planejou doar a maior parte das coisas para a caridade. Em uma das últimas caixas que separou, deparou-se com sapatos velhos, bolsas antigas e uma velha caixa de sapatos. Ela quase jogou fora a velha caixa sem sequer abrir. E na verdade uma parte sua quase desejava não tê-la aberto. Desejava poupar a si mesma da dor de olhar dentro

daquela caixa e sentir o coração lhe subir pela garganta. Como uma criança, ansiara por uma conexão com a mãe.

Alguma coisinha que pudesse ter e manter. Sonhara ter alguma coisa que a ligasse à mulher que havia lhe dado a vida, e que pudesse revisitar de tempos em tempos. Perdera sua infância ansiando por alguma coisa... Alguma coisa que estivera o tempo todo um pouco escondida no fundo de um armário. Esperando por ela em uma caixa de sapatos.

A caixa continha os diários, o obituário da mãe e artigos de jornal sobre sua morte.

Também tinha um saco de cetim com jóias. Em sua maioria coisas sem valor. Um colar **foxy lady**, vários anéis de turquesa, um par de brincos de argola de prata e uma pequenina faixa cor-de-rosa do Hospital de St. Luke, onde estavam inscritas as palavras - Bebê Jones.

Naquele dia, em pé no seu antigo quarto, quase sem fôlego, pois seu peito arfava, sentiu-se de novo como uma criança. Amedrontada e solitária. Com medo de alcançar o que queria e fazer a conexão, mas ao mesmo tempo estimulada por finalmente ter algo de tangível que pertencera a sua mãe, de quem se lembrava com dificuldade.

Maddie colocou o refrigerante sobre a escrivaninha e puxou a cadeira de trabalho. Naquele dia, ela levou a caixa de sapatos para casa e colocou o saco de cetim dentro de sua caixa de jóias. Os diários haviam se iniciado no aniversário de doze anos da mãe. Alguns deles eram maiores e tomaram mais tempo da mãe para serem preenchidos. Foi por intermédio deles que conseguiu conhecer Alice Jones.

Conseguiu conhecê-la como uma criança de doze anos que desejava crescer e ser uma atriz como Anne Francis. Uma adolescente que ansiava encontrar um amor verdadeiro num daqueles programas de televisão que prometiam aos participantes encontrar o par perfeito,



e uma mulher que procurava amor sempre, em todos os lugares errados.

Maddie havia encontrado alguma coisa para se conectar à mãe, mas quanto mais lia, mais sentia que faltavam detalhes. Realizara seu desejo de infância e, no entanto, nunca se sentira tão só.

## Capítulo 2

Mick Hennessy passou um elástico em torno de uma pilha de dinheiro e a colocou ao lado dos recibos de cartões de crédito e débito. O som do separador de moedas sobre a mesa enchia o pequeno escritório nos fundos do Mort's. Todos haviam ido para casa para dormir, e ele estava acabando de fazer o balanço das gavetas das registradoras antes de ir descansar como os outros. Estava no sangue de Mick ser proprietário de bares e administrá-los.

Durante a Lei Seca, seu bisavô fazia e vendia álcool de cereais a preço baixo, e abriu o Hennessy's dois meses depois que a Décima Oitava Emenda foi revogada e as torneiras dos Estados Unidos tornaram a jorrar novamente. O bar estava na família desde aquela época.

Mick não gostava particularmente dos bêbados briguentos, mas gostava da flexibilidade das horas do seu dia, por ser seu próprio patrão. Não precisava obedecer a ordens ou responder a ninguém, e quando estava em um de seus bares tinha uma sensação de posse que nunca sentira com qualquer outra coisa na vida. Seus bares eram barulhentos, perturbavam a paz pública, e eram caóticos, mas tratava-se de um caos que ele controlava.

O separador de moedas parou e Mick arrastou os montes de moedas para dentro de envelopes de papel. Veio a sua cabeça a imagem de uma mulher de cabelos escuros e de lábios vermelhos. Não estava surpreso por ter notado Maddie Dupree poucos segundos depois de pisar no bar. Ficaria surpreso se não a tivesse notado. Com a pele macia e os sedutores olhos castanhos, ela era exatamente o tipo de mulher que chamava sua atenção.

Aquele pequeno sinal no canto dos lábios abundantes o lembrara de que há muito tempo ele não beijava uma boca como aquela.

Desde que voltara a Truly, dois anos atrás, sua vida sexual havia perdido em qualidade.

Truly era uma cidade pequena, na qual as pessoas iam à igreja aos domingos e se casavam cedo. A regra era que permanecessem casadas, mas se isso não acontecia, procuravam o mais rápido possível casar novamente. Mick nunca se meteu com mulheres casadas ou que quisessem casamento. E nunca pensou duas vezes sobre esse assunto.

Não que não existissem muitas mulheres solteiras em Truly. Por ter dois bares na cidade, ele tinha contato com muitas mulheres disponíveis. Uma boa parte delas deixou claro que não estava interessada apenas em fazer parte do seu grupo de amigas. Ele conhecia a vida inteira de algumas delas. E elas sabiam das histórias e fofocas, e por isso acreditavam que também o conheciam. Mas não, ou saberiam que ele preferia passar seu tempo com mulheres que não o conheciam nem ao seu passado. E que não conheciam os detalhes sórdidos da vida de seus pais.

Mick empurrou o dinheiro e os recibos para dentro das bolsas de depósito e as fechou.

Sobre uma lustrosa escrivaninha de carvalho estava a última fotografia de escola do Travis; algumas poucas sardas marrons espalhavam -se pelas bochechas e pelo nariz do menino. O

sobrinho de Mick tinha sete anos, e por sorte tinha muitas características dos Hennessy dentro de si. O sorriso inocente não enganava Mick nem um pouco. Travis tinha os cabelos escuros e os olhos azuis de seus antepassados, além de costumes um tanto selvagens. Se deixado sem controle, herdaria a inclinação destes para brigas, bebedeiras e mulheres.

Qualquer dessas características não era necessariamente ruim, desde que com moderação, mas as gerações de Hennessy nunca se importaram minimamente com moderação, e algumas vezes essa combinação mostrara-se fatal.

Atravessou o escritório e colocou o dinheiro na prateleira mais alta do cofre, próximo à folha impressa com as transações daquela noite. Fechou a pesada porta, empurrou para baixo a maçaneta de aço, e girou o dispositivo de combinação. O clique da fechadura encheu o silêncio do pequeno escritório nos fundos do Mort's.

Travis vinha fazendo com que Meg passasse maus pedaços, isso é verdade, e a irmã de Mick pouco entendia os meninos. Ela simplesmente não conseguia entender porque os meninos jogavam pedras, faziam armas com tudo o que encontravam pela frente, e socavam uns aos outros sem razão aparente. Ficava a cargo de Mick a orientação de Travis e ajudar Meg a criá-lo. Proporcionar ao garoto alguém com quem conversar e ensiná-lo como ser um bom homem. Não que Mick fosse um especialista nisso, mas tinha conhecimento intuitivo e alguma experiência nas coisas que tornam um homem idiota.

Ele agarrou um molho de chaves que estava sobre a escrivaninha e saiu do escritório. As solas de suas botas faziam barulho a cada passo sobre o chão de madeira, que soava exageradamente alto no bar vazio.

Quando criança, não havia ninguém por perto para conversar ou ensiná-lo como ser um homem. Ele foi criado pela avó e pela irmã, e teve que aprender por si próprio. Em geral aprendeu da maneira mais difícil, e não queria a mesma coisa para Travis.

Mick tocou nos interruptores apagando a luz e se dirigiu para a porta dos fundos. O ar fresco da madrugada roçou sua face e seu pescoço enquanto ele colocava a chave na fechadura e trancava a porta. Logo que terminou o ensino secundário, foi para a capital do Estado,

Boise. Mas depois de três anos sem propósito ou atitude, alistou-se no exército.

Naquela época, ver o mundo de dentro de um tanque de guerra soara como um plano realmente engenhoso.

Uma caminhonete vermelha estava estacionada em frente a loja de aluguel de carros, Mick a abriu e entrou rapidamente. Certamente havia visto o mundo todo. Às vezes mais do que gostava de lembrar, mas não de dentro de um tanque. Em vez disso o vira a milhares de metros de altura da cabine de helicópteros Apache. Ele transportava tropas para o governo dos EUA antes de se exonerar e retomar para Truly. O exército lhe deu mais que uma carreira impressionante e uma chance de viver uma boa vida. Ensinou como ser um homem de uma maneira diferente, que sua vida numa casa só de mulheres não lhe havia ensinado.

Quando agüentar e quando parar. Quando lutar e quando ir embora. O que era importante e o que era perda de tempo.

Mick deu partida na caminhonete e esperou um momento para que o veículo esquentasse.

Por ter os dois bares, achava muito bom ter aprendido a lidar com bêbados briguentos e com todo tipo de pessoas insensatas sem que fosse necessário usar a força e quebrar cabeças. De outra maneira, ele teria conseguido fazer pouca coisa. Entraria em uma briga após a outra, e andaria por aí com hematomas nos olhos e lábios inchados. Tempos atrás ele não sabia lidar com os insensatos do mundo. Tempos atrás ele foi forçado a viver com o escândalo que *seus* pais haviam criado. Teve que viver com cochichos quando entrava em algum lugar, olhares maliciosos na igreja ou no mercado, gozações das outras crianças na escola ou, pior, festas de aniversário para as quais ele e Meg não eram convidados. Tempos atrás, teve que lidar com todo esse desrespeito usando a força. E Meg se escondia intimidada.

Mick acendeu os faróis e engatou a ré. As lanternas traseiras iluminavam a rua quando ele olhou para trás para manobrar o carro e tirá-lo da vaga. Em uma cidade maior, as vidas indecentes de Loch e Rose Hennessy teriam sido esquecidas em poucas semanas. Teriam sido notícia de primeira página por um ou dois dias, e depois teriam sido eclipsadas por algum acontecimento mais chocante. Alguma coisa mais importante sobre o que falar durante o café da manhã. Mas numa cidade do tamanho de Truly, onde o escândalo mais picante geralmente envolvia atos abomináveis tais como o roubo de uma bicicleta ou as caçadas fora de temporada de Sid Grimes, a sordidez de Loch e Rose Hennessy manteve-se como boato da cidade por vários anos. Especular e repetir cada detalhe trágico da história tornou-se o passatempo favorito dos moradores do lugar. Essa situação foi corrigida muitos anos mais tarde com sua participação em paradas comemorativas, concursos de escultura de sorvete, e pela conquista de fundos para as várias causas municipais. Mas diferente de decorar palcos e instituir programas de combate às drogas depois das aulas, uma coisa que todos pareciam esquecer, ou com a qual talvez ninguém se preocupasse, era que dentro dos destroços criados por Rose e Loch, havia duas crianças inocentes que tentavam viver na cidade.

Acelerou forte, a caminhonete saiu da rua e entrou em outra rua pouco iluminada. Muitas de suas memórias de infância estavam velhas, desbotadas e, ainda bem, esquecidas. Outras eram tão cristalinas que ele podia se lembrar de cada detalhe. Como a noite em que ele e Meg foram acordados pelo xerife do condado, que lhes pediu para pegar umas poucas coisas, e os levou para a casa de sua avó Loraine. Ele se lembrou de ter se sentado no banco de trás do carro de polícia com sua camiseta, suas roupas de baixo, seu par de tênis, segurando seu caminhão de bombeiro, enquanto Meg, sentada ao seu lado, chorava como se seu mundo houvesse acabado. E havia. Ele se lembrava dos gritos agudos e das vozes nervosas no rádio da polícia, e se lembrava de algo sobre alguém cuidando de uma outra garotinha.

Deixando as poucas luzes da cidade para trás, Mick dirigiu no breu por um quilômetro e meio antes de entrar na rua de terra em que morava. Passou pela casa onde ele e Meg haviam sido criados antes da morte de seus pais. Sua avó Loraine Hennessy foi afetuosa e amorosa do jeito dela. Assegurou que ele e Meg tivessem botas e luvas de inverno, e que vivessem sempre com conforto e bem alimentados. Mas negligenciou completamente aquilo de que eles mais precisavam. Uma vida normal, a mais normal que fosse possível.

Ela se recusou a vender a velha casa da fazenda nos arredores da cidade onde ele e Meg haviam vivido com os pais. Por anos a casa ficou abandonada, transformando-se em um paraíso de camundongos, e em uma lembrança constante da família que havia vivido lá em tempos passados. Ninguém entrava na cidade sem notá-la, sem notar as ervas daninhas demasiado grandes, a tinta branca descascando e o varal que havia cedido.

E todo ano, de segunda a sexta-feira, durante nove meses, Mick e Meg eram obrigados a passar por ela no caminho para a escola. Enquanto as outras crianças no ônibus conversavam sobre o último episódio do seriado de tevê mais comentado do momento ou examinavam o que havia em suas lancheiras, ele e Meg viravam a cabeça e olhavam para o outro lado. Seus estômagos ficavam pesados e eles prendiam a respiração, rezando a Deus para que ninguém notasse sua antiga casa. Deus nem sempre atendeu, e às vezes o ônibus enchia-se dos boatos mais recentes que algumas crianças haviam ouvido por alto sobre os pais de Mick.

A viagem de ônibus para a escola era um inferno diário. Uma rotina de tortura até que numa noite fria de outubro em 1986, a casa da fazenda imergiu numa enorme bola de fogo e queimou completamente. Houve uma grande investigação que determinou que o incêndio havia sido premeditado. Quase todo mundo na cidade foi interrogado, mas o responsável por encharcar o local com

querosene nunca foi preso. Todos na cidade pensavam conhecer quem havia feito aquilo, mas ninguém tinha certeza.

Depois da morte de Loraine três anos atrás, Mick vendeu a propriedade para os Allegrezza, e na mesma época pensou em vender também o bar da família, mas ao fim decidiu se mudar novamente e tocar o lugar. Meg precisava dele. Travis precisava dele, e para sua surpresa, quando voltou para Truly, ninguém mais falava sobre o escândalo. Cochichos não o perseguiam mais ou, se perseguiam, ele já não ouvia.

Reduziu a velocidade da caminhonete e entrou na longa estrada que levava ao monte na base da montanha Shaw. Ele comprou o sobrado logo que se mudou de volta para Truly.

Tinha uma vista excelente da cidade e das montanhas irregulares que circundavam o lago.

Estacionou na garagem, próximo à lancha de vinte e um pés que usava para esqui, e entrou em casa pela lavanderia. A luz do escritório estava acesa, ele a apagou quando passou. Atravessou a sala de estar escura e subiu as escadas de dois em dois degraus.

Na verdade, na maior parte do tempo Mick não pensava no passado, que havia sido o foco em sua infância. Truly já não falava mais nisso, o que ironicamente não significava mais nada, porque ele simplesmente não dava a mínima ao que as pessoas diziam e pensavam atualmente sobre ele. Entrou em seu quarto no final do corredor, deslocando-se graças à luz da lua que penetrava através das ripas das venezianas de madeira. Suaves faixas de luz e sombras incidiam sobre a face e peito de Mick enquanto ele vasculhava o bolso traseiro.

Jogou a carteira sobre a cômoda, em seguida segurou a camiseta com as duas mãos e a puxou por sobre a cabeça. O fato de não dar importância ao passado, não significava que Meg também o havia superado. Ela teve dias bons e ruins. Desde a morte da avó, esses



dias ruins vinham piorando, e esse não era o melhor ambiente para Travis viver.

A luz da lua e a sombra derramavam-se por toda a colcha verde e nos maciços mourões de carvalho da cama de Mick. Ele jogou a camiseta no chão e atravessou o quarto. Às vezes tinha a impressão de que se mudar para Truly novamente havia sido um erro. Sentia como se tivesse parado num só lugar, incapaz de avançar, e não sabia porque se sentia assim.

Comprou um novo bar e estava pensando em começar um serviço de helicópteros com o amigo Steve. Mick tinha dinheiro e sucesso profissional, e ele e sua família faziam parte de Truly. A única família que tinha. Provavelmente a única família que teria, mas às vezes...

Às vezes ele não podia evitar a sensação de que estava esperando por alguma coisa.

O colchão afundou quando ele se sentou na borda e tirou as botas e as meias. Meg dizia que tudo o que ele precisava era encontrar uma mulher agradável que se tornasse uma boa esposa, mas ele não conseguia realmente se ver casado.

Não agora. Ele teve alguns bons relacionamentos durante a vida. Bons até o momento em que deixavam de ser. Nenhum havia durado mais que um ou dois anos. Em parte porque a relação simplesmente se esvaziou. Mas principalmente porque ele não queria comprar o tal anel e subir ao altar.

Levantou-se e tirou a cueca. Meg achava que ele tinha medo do casamento, porque a experiência de seus pais havia sido ruim, mas não era verdade. Na realidade ele não se lembrava dos pais tanto assim. Apenas algumas memórias pálidas dos piqueniques da família no lago e de seus pais se enroscando no sofá. Memórias de sua mãe chorando na mesa da cozinha e de um telefone antigo e pesado que foi atirado contra a tela da tevê.

Não, o problema não estava relacionado às memórias do relacionamento arruinado de seus pais. Ele simplesmente nunca amara uma mulher o suficiente para querer passar o resto da vida ao lado dela. O que, na verdade, ele não considerava um problema.

Levantou a colcha e se largou em meio aos lençóis frios. Pela segunda vez naquela noite, pensou em Maddie Dupree e sorriu no escuro. Ela parecia um pouco presunçosa, mas ele nunca tomou aquilo como defeito para uma mulher. De fato, ele gostava de mulheres tão fortes quanto os homens. Que se arranjassem como ela, e não precisassem de um homem para cuidar delas. Que não fosse carente, chorosa ou completamente louca. E cujo humor não variasse como um pêndulo.

Mick virou para o lado e olhou para o relógio sobre o criado-mudo. Regulou o alarme para dez horas da manhã, e se preparou para sete horas de sono pesado. Infelizmente, não conseguiu.

Na manhã seguinte, o toque do telefone o despertou de um sono profundo. Mick abriu os olhos e os apertou para se proteger do sol matinal que se espalhava pela cama. Olhou o identificador de chamadas e se esticou para alcançar o aparelho sem fio.

- É melhor você estar sangrando muito - disse e empurrou os cobertores abaixo do peito nu.
- Eu lhe disse para não ligar antes das dez, a menos que fosse uma emergência.
- A mamãe está trabalhando e eu preciso de uns fogos de artifício – disse o sobrinho.
- As oito e meia da manhã? Sentou-se e passou os dedos pelos cabelos.
- A sua babá está aí com você?

- Está. Amanhã é o Quatro de Julho e eu não tenho fogos de artifício.

- E você percebeu isso agora? - Essa história tem outro lado. Com Travis, sempre tinha outro lado. - Por que a sua mãe não lhe deu fogos? Houve uma grande pausa e Mick acrescentou:

- É melhor você falar a verdade, porque eu vou perguntar para a Meg.

-Ela disse que eu tenho uma boca-suja.

Mick levantou-se e seus pés afundavam no carpete bege conforme ele andava na direção da cômoda. Ele quase teve medo de perguntar, mas ...

- Porquê?

- Bem... ela fez bolo de carne de novo. Ela sabe que eu odeio bolo de carne.

Mick não culpava o garoto por isso. As mulheres da família Hennessy eram notórias por seus malditos bolos de carne. Ele abriu a segunda gaveta da cômoda enquanto incitava o sobrinho a continuar:

-E..?.

- Eu disse que tinha gosto de merda. E que você também achava isso.

Mick interrompeu a busca pela camiseta branca na gaveta, e olhou para seu reflexo no espelho que estava em cima da cômoda.

- Você usou mesmo essa palavra que começa com "m"?

- É isso aí, e ela disse que não vai comprar fogos de artifício para mim, mas você diz a palavra com "m" toda hora.

Era verdade. Mick pendurou a camiseta no ombro e se inclinou um pouco mais para frente para olhar dentro dos olhos avermelhados.

- A gente já conversou sobre as palavras que eu posso falar e as que **você** pode falar.
- Eu sei, só que escapou.
- Você precisa controlar o que escapa da sua boca.

Travis suspirou.

- Eu sei. E depois eu disse que sentia muito, se bem que não vejo nenhum mal no que eu disse. E falei daquele jeito que você me ensinou que eu devia fazer com todas as mulheres, por mais estúpidas que fossem, e mesmo que eu estivesse certo e elas, erradas.

Não foi exatamente isso que Mick havia dito, mas...

- Bom, mas você não contou a Meg que eu disse isso. - Puxou uma calça jeans para fora da cômoda e concluiu:
- Certo?
- Certo.

Ele não podia contrariar a irmã, mas ao mesmo tempo, o garoto não deveria ser punido por falar a verdade.

- Eu não posso comprar fogos para você se a sua mãe falou que não, mas vamos ver se podemos resolver isso de outra forma.

Uma hora mais tarde, Mick empurrava um saco de fogos de artifício para trás do banco do motorista da caminhonete. Havia comprado uma pequena variedade de fogos, que incluía algumas estrelinhas e busca-pés. Não comprara aquilo para o Travis. Comprara para levar no churrasco de comemoração do Quatro de Julho na casa de Louie

Allegrezza. Se alguém perguntasse, a história seria essa, mas duvidava que alguém acreditasse nele. Como todos os outros habitantes da cidade que tinham obsessão por pirotecnia, ele tinha uma caixa grande de fogos ilegais, que seriam lançados sobre o lago. Os adultos não compram fogos autorizados, a menos que tenham crianças.

O filho de Louie, Pete Allegrezza e Travis eram amigos, e poucos dias atrás Meg concordara que Travis poderia ir ao churrasco com Mick se não criasse problemas. O

churrasco seria no dia seguinte, e Mick imaginou que Travis seria capaz de controlar seu comportamento por mais um dia. Fechou a porta da caminhonete, e ele e Travis avançaram pelo estacionamento a céu aberto em direção à loja de ferramentas.

- Se você se comportar bem, quem sabe eu deixe você segurar uma estrelinha.

- Cara - reclamou Travis - estrelinhas são para garotinhos.

- Com todo esse seu talento você vai ter sorte se não estiver na cama antes de escurecer. A luz do dia brilhou sobre os cabelos pretos e curtos do sobrinho e o ombro da camiseta de Homem-Aranha.

- Você tem passado por momentos difíceis se controlando ultimamente. Abriu a porta acenou para o proprietário que estava atrás do balcão. – Meg ainda está furiosa conosco, mas eu tenho um plano.

Por vários meses, Meg havia se queixado de um cano mal-vedado debaixo da pia da cozinha. Se ele e Travis consertassem aquele sifão de forma que não fosse mais necessário continuar esvaziando a panela da água que vazava, ela passaria a ter um humor mais generoso. Se bem que Meg, era sempre uma incógnita... Não era sempre que ela era uma pessoa indulgente.

As solas dos tênis de Travis faziam muito barulho em comparação com as botas de Mick conforme eles caminhavam na direção da seção de encanamento. A entrada da loja estava tranqüila, exceto por um casal procurando uma mangueira para jardim, e a sra. Vaughn, professora do primeiro grau de Mick, cavoucando num depósito de puxadores de gavetas.

Ele sempre ficava assombrado quando via Laverne Vaughn ainda viva e andando pela cidade.

Enquanto Mick pegava um tubo de PVC e algumas juntas de plástico, o sobrinho apanhava uma pistola de calafetagem e a apontava para um alimentador de pássaros no final do corredor como se ela fosse uma arma de verdade.

- A gente não vai precisar disso - Mick explicou quando conseguiu encontrar uma fita de vedação.

Travis pipocou mais alguns disparos, depois jogou a pistola de volta na prateleira.

- Vou ver o cervo - avisou e desapareceu no corredor. A loja tinha uma grande variedade de animais de plástico que as pessoas podiam colocar em seus jardins. Mick não entendia porque algumas pessoas preferiam ver aqueles bichos de plástico quando era muito melhor vagar sem rumo pela loja.

Ele pôs o cano embaixo de um dos braços e foi à procura do sobrinho, que geralmente não procurava problemas, mas, como a maioria dos garotos de sete anos, encontrava-os em qualquer lugar. Atravessou a loja, procurou em cada grande fila de gente e parou ao lado de um expositor de esfregões.

Um sorriso de pura satisfação surgiu nos lábios de Mick quando avistou Maddie Dupree, no meio do corredor seis. Seus cabelos castanhos estavam presos com presilhas e parecia que havia um espanador de plumas escuras amarrado atrás da cabeça. Olhando

atentamente ele acompanhou o perfil delicado, em seguida deu atenção ao pescoço e aos ombros, e de repente parou na camiseta preta que ela usava. Na última noite, ele não conseguira olhá-la atentamente. Ali as luzes fluorescentes da loja de ferramentas a iluminava como uma foto daquelas que ficam exatamente no meio das revistas, uma foto que andava, falava e respirava. Como uma antiga colega de escola antes do distúrbio alimentar e do silicone. O

desejo fez seu sangue correr mais rápido nas veias. Ele nem a conhecia bem o suficiente para sentir alguma coisa. Não sabia se ela era casada ou solteira, se havia algum homem em sua vida e, quem sabe, dez crianças esperando em casa. Aparentemente não importava, porque ela o atraiu pelo corredor como se fosse um ímã.

- Parece que você está tendo problemas com camundongos - brincou.

- O quê? Virou-se com vivacidade e exclamou:

- Você me assustou!

- Sinto muito - Mick desculpou-se. Mas na verdade não sentia. Ela era bonita com aqueles olhos grandes e sem fôlego, e um pouco instável. Deu uma olhadela para cima e em seguida, com o cano de PVC, apontou para a caixa na mão dela. -Problemas com camundongos?

- Na verdade um deles passou entre os meus pés esta manhã enquanto eu fazia café. Ela enrugou o nariz. - Ele passou por baixo da porta da despensa e sumiu. Provavelmente ainda está se deleitando com minhas barras de cereais.

- Não se preocupe. Mick riu. - Ele provavelmente não vai comer muito.

- Na verdade eu quero que ele não coma nada. Exceto talvez um veneno. Maddie voltou novamente a atenção para a caixa que tinha

nas mãos. Como era belo aquele cabelo escuro tocando a lateral do pescoço, e Mick pensou ter sentido um odor de morango.

No fundo do corredor, Travis virou a esquina e interrompeu sua seqüência de pensamentos.

- Aqui diz aqui que podem ocorrer problemas com odores se os roedores morrerem em áreas inacessíveis. Mas para falar a verdade eu não gostaria de ter de procurar camundongos malcheirosos. Maddie olhou para ele com os cantos dos olhos. - Será que não há alguma coisa melhor que eu poderia usar.

- Eu não recomendaria a fita. Mick apontou para uma caixa de folhas adesivas. - Os camundongos ficam colados nelas e chiam muito. - Lá estava novamente o perfume de morango. E ele pensou se a loja tinha algum alimento dor perfumado para beija-flores. -

Você pode usar ratoeiras, - sugeriu.

- Mesmo? As ratoeiras não são meio... violentas?

-- Elas podem quebrar um rato em dois, disse Travis enquanto vinha ficar ao lado de Mick.

O garoto levantava e baixava os calcanhares fazendo uma leve rotação com o corpo e sorriu. - Às vezes as cabeças deles pulam fora quando eles vão atrás do queijo.

- Meu Deus, garoto! - As sobrancelhas de Maddie se aproximaram uma da outra enquanto ela baixou o olhar e encarou Travis. - Isso é terrível!

- É isso aí!

Mick recolocou o cano debaixo do braço e pôs a mão que estava livre no alto da cabeça de Travis.



- Esse garoto terrível é meu sobrinho, Travis Hennessy. Travis, cumprimente Maddie Dupree.

Maddie estendeu a mão e apertou a de Travis.

- É um prazer conhecê-lo, Travis.

- É... Eu também.

- E obrigada por me falar sobre as ratoeiras - continuou e logo soltou a mão do menino. -

Eu vou me lembrar delas, se me decidir pela decapitação.

Um sorriso brotou nos lábios de Travis colocando em evidência que faltava um dos dentes da frente.

- No ano passado eu matei toneladas de ratos - gabou-se, aplicando aquele marcante charme especial de um menino de sete anos de idade. – Se precisar, me chame.

Mick olhou para o sobrinho e não tinha certeza, mas achou que Travis estava inflando seu peito magro.

- A melhor maneira de se livrar de camundongos disse, salvando Travis de se sentir ainda mais embaraçado - é arrumar um gato.

Maddie balançou a cabeça e seus olhos castanhos olharam no fundo dos olhos dele, completamente quentes, delicados e úmidos.

- Não me dou bem com gatos. O olhar fixo de Mick deslizou para a boca, e mais uma vez ele pensou há quanto tempo não beijava uma boca tão bela. - Prefiro cabeças cortadas na minha cozinha ou carcaças escondidas e cheirando mal.

Ela falava de cabeças cortadas e carcaças fedorentas enquanto ele quase perdia a cabeça.

Bem ali no meio da loja de ferramentas, como se tivesse dezesseis anos de novo e não conseguisse se controlar. Mick estivera com muitas mulheres belas, não era um garoto.

Salvou Travis de se sentir embaraçado, mas quem viria salvá-lo.

- Temos serviço de encanamento para fazer. Ele levantou a seladora enquanto dava um passo para trás. - Boa sorte com os camundongos. - A gente se vê por aí.

- Sim Travis - disse e seguiu o tio até o caixa. - Ela é legal, sussurrou. - Eu gosto da cor do cabelo dela.

Mick estava exultante, pôs o cano de PVC próximo à registradora. O garoto só tinha sete anos, mas era um Hennessy.

## Capítulo 3

**5 de setembro de 1976 Dan disse que iria deixar a esposa para ficar comigo! Ele disse que dormia no sofá desde maio. Eu tinha acabado de saber que ela ficou grávida em junho. Fui enganada, ele mentiu para mim! Quando será a minha vez de ser feliz? A única pessoa que me ama é a minha filhinha. Agora ela tem três anos e todos os dias diz que me ama. Ela merece uma vida melhor.**

**Por que Deus não pode nos mandar para um lugar agradável?**

Maddie fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. Estava no escritório. Enquanto lia os diários, não apenas descobria a paixão de sua mãe por meio dos pontos de exclamação, mas também sua inclinação para se interessar pelos maridos de outras mulheres. Incluindo Loch Hennessy, envolveu-se com três homens casados até os vinte e quatro anos de idade. Sem contar Loch, cada um deles havia prometido deixar a esposa para ficar com ela, mas no final, todos a haviam **enganado**

Maddie jogou o diário sobre a escrivaninha e cruzou os braços sob a cabeça. Além dos casados, Alice também havia saído com homens solteiros. No final, todos a enganariam e mentiriam, e a deixariam por outra pessoa. Todos exceto Loch. Embora Maddie tenha certeza de que se o caso deles não tivesse sido interrompido, ele a enganaria e mentiria como todos os outros. Solteiro ou casado, a mãe só escolhia homens que a decepcionavam.

Pela janela aberta, entrava uma leve brisa que trazia consigo o barulho do churrasco dos vizinhos. Era o Quatro de Julho e Truly tinha o costume de celebrar ruidosamente. Na cidade, prédios foram

adornados com as cores vermelha, branca e azul da bandeira, e naquela manhã haveria uma parada na rua Main. Maddie havia lido no jornal local sobre a grande celebração planejada no Parque Shaw e sobre o — imprevisível show de fogos de artifício da cidade, que começaria — na escuridão total.

Maddie levantou-se e foi até o banheiro. Se bem que, quão impressionante realmente poderia ser o show naquela cidade? Boise, a capital do condado, não tinha um show decente há anos.

Ela fechou o ralo da banheira de hidromassagem e abriu a água. Enquanto se despia, as risadas dos vizinhos entravam pela pequena janela superior do banheiro. Mais cedo naquela manhã, Louie e Lisa Allegrezza vieram convidá-la para o churrasco, mas mesmo fazendo o possível, ela não se sentia muito bem para entabular conversas educadas com pessoas que não conhecia. E ultimamente Maddie não andava nos melhores momentos. Ter encontrado os diários foi uma bênção de fato confusa. Os diários respondiam a algumas de suas questões importantes. Questões que a maioria das pessoas sabia sobre seu nascimento. Ela aprendeu que seu pai era de Madri e que sua mãe engravidou no verão seguinte à formatura da escola. Seu pai esteve nos Estados Unidos para visitar a família, e os dois se apaixonaram loucamente. No final do verão, Alejandro voltou para a Espanha. Alice escreveu várias cartas para lhe contar sobre sua gravidez, mas nunca mais teve notícias dele. Aparentemente, louca paixão entre eles foi unilateral.

Maddie segurou os cabelos para cima e os prendeu no alto da cabeça com uma presilha grande. Há muito tempo ela aceitara o fato de que jamais conheceria o pai. De que não deveria saber como era seu rosto ou o som de sua voz. De que ele nunca a ensinaria a andar de bicicleta ou a dirigir um carro, mas, como todo o resto, ler os diários trouxe tudo isso à superfície novamente, e ela pensava se Alejandro estava morto ou vivo e o que acharia dela.

Maddie despejou os sais de banho com aroma de chocolate alemão na água corrente e colocou um frasco com esfoliante corporal com o mesmo aroma ao lado da banheira. Ela podia não se preocupar em combinar as peças de lingerie e com a marca dos sapatos, mas adorava produtos para usar no banho. Poções e loções perfumadas eram a sua paixão.

Nua, entrou na banheira e afundou na água quente e perfumada. Suspirou de prazer quando deslizou por baixo da espuma. Inclinou-se para trás tocando a louça fria e fechou os olhos.

Tinha todos os perfumes imagináveis. Todos desde rosas até maçãs, de café a doces.

Alguns anos atrás fez as pazes consigo mesma e aprendeu a conviver com a hedonista que tinha dentro de si.

Houve um tempo na vida em que ela se embriagava de tudo que lhe dava prazer. Homens, sobremesas e loções caras eram as principais atrações de sua lista. Como resultado dessa indulgência consigo própria, acabou desenvolvendo uma estreita visão dos homens e um grande traseiro. Quando criança estivera acima do peso e o pavor de ter de carregar novamente carga tão grande a forçou a mudar sua vida. A realização de que precisava mudar aconteceu na manhã de seu décimo terceiro aniversário, quando ela acordou com uma ressaca de cheesecake e um cara chamado Derrick. O *cheesecake* até que foi normal, mas Derrick foi uma verdadeira decepção.

Nos dias atuais ainda era hedonista de coração, mas uma hedonista não-praticante. Ainda era completamente indulgente quanto às loções e aos produtos para banho, mas precisava daquilo para desligar e relaxar, e também, claro, para evitar o ressecamento e a escamação da pele.

Maddie afundou um pouco mais na água e tentou achar um pouco de paz interior. Seu corpo sucumbiu às bolhas e à água quente, mas sua mente continuou a vagar sobre os acontecimentos das últimas

semanas. Vinha fazendo grande progresso na linha do tempo e nas notas. Tinha uma lista de pessoas mencionadas no último diário da mãe, as poucas amigas que fez em Truly, e algumas pessoas com quem trabalhou. O magistrado do condado de 1978 havia morrido, mas o xerife ainda vivia em Truly. Estava aposentado, porém Maddie tinha certeza de que ele poderia fornecer informações importantes.

Ela tinha relatos de jornais, relatórios policiais, os achados do magistrado, e o máximo de informação sobre a família Hennessy que conseguiu desenterrar. Agora, tudo o que precisava fazer era falar com alguém que estava conectado com a vida e a morte da mãe.

Ela descobrira que duas mulheres com as quais a mãe havia trabalhado ainda viviam na cidade e planejou começar a investigação por elas no dia seguinte. Já passava da hora de conversar com pessoas da cidade e desenterrar informações.

A água quente e as bolhas perfumadas deslizavam sobre o abdômen e as curvas o contorno dos seios. Lendo os diários, ela quase podia ouvir a voz da mãe pela primeira vez em vinte e nove anos. Alice escreveu sobre o medo de se encontrar sozinha e grávida e a excitação que sentiu com o nascimento de Maddie. Ler sobre as esperanças e os sonhos que ela nutria para si e para o seu bebê foi difícil e triste. Mas foram essas descobertas que a fizeram entender que a mãe não era o anjo de cabelos dourados e olhos azuis como ela imaginara quando criança. Alice era o tipo de mulher que precisava de um homem ao seu lado. Ela era carente, ingênua e uma eterna otimista. Maddie nunca foi carente, nem podia se lembrar de algum tempo em que havia sido ingênua ou excessivamente otimista com relação a qualquer coisa. A descoberta de que não tinha absolutamente nada em comum com a mulher que havia lhe dado a vida, nada que a ligasse a mãe, trouxe-lhe uma enorme sensação de vazio.

Logo no começo da vida Maddie desenvolveu uma dura carapaça em torno da própria alma.

Seu interior protegido sempre foi um recurso usado especialmente em seu trabalho, mas nesse momento ela não se sentia tão dura. Pelo contrário, sentia-se vulnerável. Vulnerável a que, não sabia, mas odiava a sensação.

Seria muito mais fácil se deixasse de lado aqueles diários e escrevesse sobre um psicopata chamado Roddy Durban. Estaria agora escrevendo sobre um patifezinho asqueroso que matou mais de vinte e três prostitutas pouco antes de ela ter encontrado os diários. Escrever sobre Durban teria sido muito mais fácil do que escrever sobre a mãe, mas na noite em que Maddie levou os diários para casa e os leu, soube que não havia volta. Sua carreira, apesar de nem sempre ter sido minuciosamente calculada, nunca esteve entregue ao acaso. Era uma escritora especializada em crimes e criminosos reais por uma única razão, e quando estudou com cuidado a caligrafia excessivamente feminina da mãe, soube que era chegado o momento de se sentar e escrever sobre o crime que havia lhe tirado a vida.

Maddie fechou a água com o pé e alcançou o esfoliante corporal ao lado da banheira.

Esguichou o esfoliante denso e doce na palma da mão e logo o perfume de chocolate lhe encheu as narinas. Com ele veio uma memória espontânea de estar em pé sobre uma cadeira ao lado da mãe e sentindo o delicioso cheiro de um bolo de chocolate no forno. Não sabia quantos anos tinha ou onde viviam. A memória era tão palpável quanto uma pequena nuvem de fumaça, mas logrou liberar uma energia num lugar ermo do seu coração.

As bolhas se uniam aos seios quando ela sentou-se, suspendeu os pés e os apoiou nas laterais da banheira. Obviamente ela não conseguiu encontrar a calma e o conforto que normalmente sentia durante o banho, esfoliou rapidamente os braços e as pernas. Após esse ritual saiu da banheira e se secou, depois passou uma loção com perfume de chocolate na pele.

Jogou as roupas no cesto e foi para o quarto. Suas três amigas mais próximas viviam em Boise, e ela sentia falta de encontrá-las para almoçar ou jantar e colocar a conversa em dia.

Suas amigas Lucy, Clare e Adele eram as pessoas mais próximas, o tipo de pessoas a quem ela consideraria doar um rim ou emprestar dinheiro. Tinha certeza de que elas retribuiriam o gesto.

No ano anterior quando sua amiga Clare surpreendeu o noivo com outro homem, as três amigas correram para a casa dela para consolá-la. Entre as quatro mulheres, Clare era a mais generosa e a que mais facilmente se machucava. Era também uma escritora de romances que sempre acreditou no verdadeiro amor. Durante algum tempo depois da traição do noivo, ela achou que nunca mais confiaria em ninguém até que um repórter chamado Sebastian Vaughan entrou na sua vida e restaurou a sua fé. Ele era de fato o próprio herói de romance, e os dois se casariam em setembro. Em poucos dias Maddie teria de dirigir para Boise para experimentar o vestido de dama-de-honra.

Mais uma vez permitia que uma das amigas a enfeitasse com um vestido ridículo e a fizesse ficar imóvel no altar da igreja. No ano anterior havia sido Lucy. Ela escrevia sobre mistérios e encontrou o marido Quinn quando ele a confundiu com assassina em série. Em poucas palavras, ele não deixou que uma coisa tão ínfima como um homicídio ficasse no caminho de sua busca por Lucy.

Das quatro amigas, ela própria e Adele ainda eram solteiras. Maddie pegou uma calcinha preta e jogou a toalha sobre a cama. Adele escrevia novelas de ficção para ganhar dinheiro, e embora tivesse seus próprios problemas com homens, Maddie imaginava ser muito mais provável que Adele se casasse antes dela própria.

Maddie ajustou os grandes bojos do sutiã sob os seios e fechou atrás. Na realidade, ela simplesmente não conseguia se imaginar casada. Queria um filho tanto quanto queria um gato. A única



situação em que um homem vinha a calhar era quando precisava de alguém para fazer uma mudança pesada ou quando desejava um corpo nu e quente próximo ao dela.

Mas mesmo para isso... Ela tinha um vigoroso carrinho de mão e o grande Carlos, e quando ela precisava de alguém para levantar peso ou para se satisfazer sexualmente procurava um deles. Claro que nenhum deles era tão eficiente quanto um autêntico homem, mas o carrinho de mão voltava para a garagem quando terminava o serviço, e o grande Carlos era devolvido ao criado-mudo. Ambos aceitavam sua condição e não davam a mínima, não armavam jogos com seus sentimentos e não trapaceavam. Era quase uma situação em que todos saíam ganhando.

Vestiu a calça jeans e depois enfiou os braços nas mangas de seu mais confortável suéter com capuz. Simplesmente não tinha os mesmos desejos, instintos ou relógios biológicos que levavam as outras mulheres ao matrimônio e à maternidade. O que não significava dizer que ela não se sentia sozinha às vezes. E como!

Depois de calçar os chinelos de borracha, saiu do quarto, passou pela sala de estar e seguiu na direção da cozinha. O barulho da festa dos vizinhos continuava, agora mais intenso.

Parou em frente ao refrigerador. As vozes entravam pela janela e inundavam o espaço. Ela puxou uma garrafa de vinho **merlot** com baixo teor de carboidratos.

Estava só e se sentia solitária, e evidentemente sentido pena de si mesma. O que na verdade não era próprio dela. Nunca sentira pena de si mesma. Afinal, havia muita gente no mundo com problemas de verdade...

O barulho estridente de pelo menos meia dúzia de rojões cortaram o ar, e com o susto Maddie quase derrubou o saca rolha.

- Droga! praguejou.

Pelas portas envidraçadas que levavam ao terraço, ela podia ver as sombras do anoitecer e a superfície escurecida do lago que geralmente era de cor verde-esmeralda. Serviu o vinho em uma taça e o carregou consigo para o terraço, colocando-o sobre a cerca. Na areia à beira do lago havia três tubos de morteiro enterrados apontando para o céu. Várias crianças seguravam fogos que soltavam faíscas, enquanto os homens, supervisionados pelas crianças, acendiam rojões maiores de um tiro, e outro que lampejava como luz estroboscópica. Fumaça de bombas de várias cores cobriram a praia, e as crianças corriam cortando a névoa colorida como gênios de garrafa.

Junto à fumaça e ao caos Mick Hennessy estava de perfil com um graveto entre os dentes, como um cigarro comprido. Ela reconheceu seus ombros largos e seus cabelos negros, além do garoto que estava ao seu lado olhando-o atentamente.

Ele deu para o sobrinho um dos fogos que soltavam faíscas, e Travis girou sobre um dos pés e o agitou em volta de si. Mick tirou o graveto da boca e disse algo a Travis que imediatamente interrompeu a algazarra e tratou de segurar seus fogos bem na sua frente, quase como uma estátua.

Maddie tomou um gole de vinho. Tê-lo visto na loja de ferramentas no dia anterior havia sido um choque de verdade. Estava tão interessada na caixa de veneno que não o notou até que ele estivesse muito próximo. Olhar para aqueles olhos azuis tão de perto e tão parecidos com os do pai dele a havia deixado atordoada. Ela baixou o copo e o colocou novamente sobre a cerca enquanto assistia Mick com o sobrinho. Não sabia o que pensar sobre ele.

Não que soubesse o suficiente para formar uma opinião ou que isso sequer importasse. O

livro que ela iria escrever não tinha nada a ver com ele e tudo que ver com o triângulo amoroso entre Loch, Rose e Alice. Como Maddie,

Mick havia sido apenas outra vítima inocente.

Louie Allegrezza e dois outros homens ajoelharam-se perto da água e enterraram foguetes em várias garrafas **pet**. Acenderam um estopim após o outro, e Maddie assistiu os foguetes voarem alto sobre a água e explodirem em vários estouros moderados.

- Cuidado com aqueles próximos das crianças! Lisa alertou o marido.

- Estes nunca machucaram ninguém, Louie respondeu enquanto carregava novamente as garrafas. Quatro foguetes voaram direto para cima, enquanto o quinto voou direto para Maddie. Ela se abaixou quando o foguete passou zunindo por cima de sua cabeça.

O foguete caiu atrás dela e explodiu. Com o coração latejando nos ouvidos, ela se endireitou e se apoiou novamente na cerca.

- Desculpe! Louie gritou.

Mick Hennessy olhou para cima e a encarou por alguns segundos. Suas sobrancelhas escuras levantaram como se estivesse surpreso em vê-la. Então, como que voltando a si, riu como se toda a coisa tivesse sido terrivelmente engraçada. As covinhas que marcavam suas bochechas, e a diversão que havia nos brilhantes olhos azuis deram a ilusão de que ele era tão inofensivo e digno de confiança quanto um escoteiro. Mas escoteiros inofensivos usam suas camisas beges cheias de botões e enfiadas dentro das calças. Um escoteiro não deixava a camisa aberta, mostrando o abdômen com músculos definidos e uma atraente e aprazível trilha de pêlos percorrendo o osso esterno, circundando o umbigo, e desaparecendo sob o cós da calça. Não que Maddie estivesse correndo algum risco de tocar qualquer parte do corpo dele, mas o fato de ele ser quem era, e ela ser quem era, não lhe impunha uma sentença de cegueira.

- Louie, avise-nos antes de atirar essas coisas - Lisa gritou para se fazer ouvir.

- Maddie, venha para cá. Acho que você ficará mais segura.

Maddie moveu rapidamente seu olhar do peito de Mick e olhou através dos poucos mais de três metros de jardim para a vizinha. Quanto à segurança, trocar seu terraço pelo dos vizinhos não fazia nenhum sentido, mas olhar para o peito de Mick foi a maior emoção que sentira nas últimas semanas, e obviamente ela estava entediada e enjoada de sua própria companhia.

Ela se esticou, alcançou o copo e percorreu a curta distância. Rapidamente foi apresentada à filha de Louie, Sofie, e aos seus amigos que viviam em Boise e cursavam a Universidade Estadual de Boise, e estavam em Trully para o final de semana. Conheceu vários vizinhos que moravam um pouco mais próximos à praia, Tanya King, uma loirinha que parecia haver nascido de salto alto e mastigava o tempo todo, e Suzanne Porter, cujo marido, Glenn, e o filho adolescente, Donald, estavam na praia soltando fogos. Depois das apresentações, claro, Maddie não conseguia mais se lembrar de quem era quem, onde moravam ou há quanto tempo viviam na cidade. Todos se embaralharam, com exceção da mãe de Louis e da tia Narcisa, que estavam sentadas a uma mesa, e que tinham olhares críticos idênticos, que desarmavam com desaprovação, e falavam uma com a outra em basco fluente. Não havia maneira de esquecer aquelas duas.

- Quer mais vinho? - Lisa perguntou. - Eu tenho um tinto basco e um **chablis**. Ou se preferir temos cerveja e refrigerante.

- Não, obrigada. Levantou seu copo ainda meio cheio e o olhou. – Não vou beber mais esta noite. - Ela precisava se levantar cedo e trabalhar, e vinho costumava lhe causar dor de cabeça.

- Antes de me casar com Louie e ter Pete, esses churrascos de Quatro de Julho eram descontrolados. Um monte de bêbados e fogos perigosos.

Até onde Maddie podia ver, nem tudo havia mudado.

A última pessoa a quem foi apresentada foi a cunhada de Lisa, Delaney, que parecia estar com **doze** meses de gravidez.

- Não é esperado para antes setembro - disse Delaney quando leu os pensamentos de Maddie.

- Está brincando!

- Não. - Delaney riu e o rabo-de-cavalo lhe tocou o ombro quando ela balançou a cabeça. -

Estou grávida de gêmeas, duas meninas. - E apontando para a praia disse: - Aquele ali é meu marido, Nick, ali embaixo com Louie. Vai ser um ótimo pai.

Naquele exato momento, o homem que seria um ótimo pai virou-se e olhou para a esposa.

Ele era alto e inacreditavelmente atraente, o único por ali que poderia competir com Mick Hennessy, pelo menos no que concerne à aparência física. Depois daquele intenso olhar para a esposa, qualquer competição estava encerrada. Não havia nada mais sensual do que um homem que tem olhos apenas para uma mulher. Especialmente naquele caso em que a mulher parecia com Buda.

- Você está bem? - Nick Allegrezza perguntou.

- Pelo amor de Deus! - Delaney resmungou, e depois gritou: - Estou!

- Talvez seja melhor você ir se sentar. - Nick sugeriu.

- Maddie estendeu os braços e disse:

- Eu estou bem.

O olhar de Maddie escorregou para Mick, que estava abaixado apoiado em um joelho enquanto ajudava Travis a acender um rojão que parecia luz estroboscópica. Ela quis saber se ele já havia olhado

daquele jeito para alguma mulher, ou se era mais parecido com o pai e tinha olhos para muitas mulheres.

- Fogo! - Louie gritou e o olhar de Maddie voltou-se para os foguetes em garrafas enquanto estes subiam zunindo. Dessa vez nenhum dos foguetes provocou zumbido na cabeça Maddie, em vez disso explodiram sobre o lago. O relevo acalmava seu coração agitado.

Alguns anos atrás, ela havia se candidatado a ser atingida por uma arma de eletrochoque em uma de suas aulas de defesa pessoal. Apesar de não ser medrosa, aqueles mísseis voadores a afligiam.

- Na semana passada comecei a ter algumas contrações, e o médico disse que os bebês provavelmente vão nascer logo, - falou Delaney, atraindo a atenção de Maddie. - Nick está totalmente alucinado por causa disso, mas eu não estou preocupada. Temos passado maus bocados para receber nossas garotas... A parte difícil já passou e todo o resto vai ser bom.

Maddie passou sua vida adulta tentando não ficar grávida e queria saber o que Delaney teria pensado, mas não a conhecia bem o suficiente para perguntar.

- Vocês dois passaram maus bocados... - Lisa passou a mão sobre a barriga da cunhada, e depois as retirou. - Mas tenho um pressentimento de que ter duas meninas de treze anos na mesma casa ao mesmo tempo vai dar um novo significado para - maus bocados.

- Sem problemas! Nick não vai perder as meninas de vista até que tenham vinte e um anos, por medo de que elas procurem homens como ele.

Suzanne levantou um copo de vinho branco e riu.

- Nunca pensei que Nick se acalmaria e casaria. Na adolescência era tão rebelde quanto Louie era louco.

- Louie não era louco! - Lisa defendeu o marido. Sobre seus olhos azuis as sobrancelhas franziram.

- Todos o chamavam de Louie Louco por alguma razão - Delaney lembrou a cunhada. -

Quantos anos ele tinha quando roubou o primeiro carro? Dez?

- É verdade... Mas Nick também estava lá com Louie, e se sentou no banco do passageiro -

Lisa desdenhou. - E na verdade ele não roubava carros. Só pegava emprestado por algumas horas.

As sobrancelhas de Delaney abaixaram.

- Você ouviu o que acabou de dizer? - perguntou.

Lisa encolheu os ombros.

- É verdade. Além disso, Nick sempre aparecia com um monte de idéias malucas. Lembra-se das horrendas brigas de bola de neve?

- Claro, mas hoje em dia Nick não precisa jogar coisas em cima de mim para chamar a minha atenção. - Delaney sorriu e pousou as mãos na barriga.

- Ele ainda é um pouco rebelde, às vezes, mas nada se comparado ao que era na escola.

- Toda classe tinha pelo menos um menino mau. Na classe de 1990 era Mick Hennessy -

Suzanne aparteu. - Ele estava sempre metido em problemas. Na oitava série ele bateu na cara do sr. Shockey.

Casualmente, como se não estivesse nada interessada, Maddie tomou um gole de vinho.

- Tenho certeza de que o sr. Shockey mereceu, - Lisa defendeu Mick.  
- Ele costumava nos fazer correr na pista mesmo quando estávamos com cólicas menstruais. Era um sádico.

- Lisa, você sempre tinha cólicas - Delaney lembrou. - Até mesmo na primeira série!

Lisa encolheu os ombros e explicou:

- O que estou querendo dizer é que considerando o que Mick precisou enfrentar na infância, ele até que se transformou numa pessoa muito boa.

Maddie não sabia exatamente o que Mick enfrentara quando criança, mas mpodia imaginar.

- Não conheci Mick na infância, mas ouvi as histórias. - Tanya levantou o copo e tomou um gole. - E ele se transformou em um homem realmente bom. Por trás do copo, um dos cantos dos lábios de Tanya ameaçou um sorriso plantando uma duvidazinha quanto ao tipo de conhecimento que ela tinha de Mick, e em que ele era - realmente bom.

Suzanne alertou:

- Cuidado, Tanya, Mick é igual ao pai. Não é o tipo de homem que se contenta com uma única mulher. No ano passado, Cinda Larson pensou que o conquistara inteirinho para ela, mas ao mesmo tempo em que saía com ela, encontrava-se com outras mulheres.

A diferença era, Maddie pensou, que Mick não era casado como o pai.

- Me divorciei no ano passado. - Tanya usava um vestido de verão sem alças sobre o corpo *mignon*, e encolheu um dos ombros descobertos: - Estou procurando uma relação de exclusividade.



Maddie tomou um gole do vinho e mentalmente fez um comentário. Não que os relacionamentos de Mick fossem de seu interesse, pessoal ou profissionalmente falando. Os relacionamentos dele e de Meg não seriam incorporados ao livro, assim como os seus próprios, mas ficou curiosa. Curiosa para saber se a infância deles havia sido um pouco melhor que a sua. Pelo pouco que ouviu, diria que não.

Suzanne foi para a cerca e gritou:

- Donald, tenha certeza de que está jogando os maiores sobre o lago. - Depois se virou novamente e os olhos verdes pararam em Maddie. - Você tem filhos? - perguntou.

- Não. - Se não estivesse próxima a uma mulher grávida, diria também que não se imaginava desejando tê-los algum dia.

- O que faz para viver?

Se Maddie respondesse honestamente se abriria a questões que não tinha tanta certeza se queria responder numa festa comemorativa do Quatro de Julho. Não ainda, e especialmente porque Mick e Travis vinham andando na sua direção. As abas da camisa de Mick se agitavam ligeiramente junto ao peito e aos quadris conforme ele andava, atraindo sua atenção e a de todas as mulheres que estavam por ali para a calça presa bem abaixo da cintura descoberta.

Não havia dúvida quanto a uma coisa: Mick Hennessy era tão espetacularmente másculo que conseguia atingir qualquer mulher como se fosse uma tijolada no meio da testa. Ele estava virado na frente de Maddie, e ela estaria mentindo para si mesma se fingisse que ele não a provocava desejo. Embora não tivesse problemas em mentir para os outros, jamais poderia mentir para si mesma.

## Capítulo 4

- Fogo! - Louie gritou quando lançou vários foguetes barulhentos, e salvou Maddie do esforço de pensar em uma meia verdade ou completa mentira. Quatro foguetes voaram em vez de cair na cabeça dela e sua pulsação voltou ao normal.

Esses foguetes foram um pouco maiores que o último, e explodiram como vários pequenos estouros coloridos. Louie já havia começado a liberar a artilharia mais pesada, ainda que ninguém, além de Maddie, parecesse minimamente preocupado com isso.

- Quero ficar aqui - resmungou Travis, enquanto ele, Mick e Pete subiam os degraus do terraço.

- O grande show vai começar Mick - e vocês já sabem que nesta hora as crianças precisam ficar onde é mais seguro.

**Grande show?** Maddie levou o vinho à boca e esvaziou o copo. Queria saber se Mick pouparia Tanya daquele sofrimento e abotoaria a camisa.

- Donald é uma criança - Pete completou.

- Donald tem catorze anos - disse Lisa. - Se vocês vão ficar implicando, podem ir se sentar com sua avó e com a tia Narcisa.

Rapidamente Pete sentou-se num dos degraus. - Vou me sentar aqui. Travis sentou-se do lado dele, mas nenhum dos dois parecia muito feliz por ficar confinado no terraço.

- Oi, Mick - Tanya chamou.

Ele olhou por cima da cabeça de Travis, mas seus olhos azuis encontraram os de Maddie e pararam por alguns segundos antes de voltarem a atenção para a pequena mulher à esquerda de Maddie.

- Olá, Tanya. Como vai?

- Bem. Ainda tenho um pouco daquele uísque que você gostou lá em casa. O que vai fazer depois do show?

- Preciso levar o Travis para casa, e depois vou trabalhar, - ele respondeu. - Quem sabe num outro dia. - Ele andou para perto delas para chegar ao refrigerador, inclinou-se e levantou a tampa branca e as abas camisa se abriram ainda mais. Naturalmente. - E aí, Travis e Pete -

ele chamou. - Vocês não querem um refrigerante?

Os dois garotos se viraram e responderam a uma só voz: - Sim.

O gelo e a água faziam barulho no refrigerador enquanto Mick pegava duas latas de refrigerante e colocava nas mãos impacientes dos meninos. Depois tirou uma lata de energético e fechou a porta do refrigerador.

- Maddie, você conhece Mick Hennessy? - Lisa perguntou.

Distraída, ela acordou:

- Sim, já nos conhecemos.

Ele esfregou a mão na calça, e em seguida segurou os dedos dela com a mão fria e molhada.

- Matou algum camundongo hoje?

- Não. - O polegar dele procurou o dedo consagrado ao anel de compromisso, que estava vazio. Ele sorriu. Se foi intencional ou não, ela não sabia, mas aquele toque delicado aqueceu-a. Aquilo lhe soou

como a coisa mais próxima do sexo de verdade que ela sentiu nos últimos anos.

- Não, ainda não há camundongos mortos, mas espero que enquanto estamos aqui falando eles estejam experimentando a agonia da morte... - Ela puxou a mão de volta antes que se esquecesse de quem ele era e da razão porque estava na cidade. Uma vez que Mick descobrisse, duvidava que houvesse mais alguma aproximação entre eles. Não que ela desejasse alguma dessas coisas ...

- Chame um dedetizador, - Tanya aconselhou.

Maddie havia chamado um dedetizador, mas ele só poderia ir à casa dela no mês seguinte.

- Tenha cuidado com quem você chama, - Lisa avisou. - Carpinteiros e dedetizadores por aqui tem o hábito de sair às três horas da tarde, sem necessariamente terminar o serviço.

A sogra de Lisa chamou por ela, que fez uma careta: - Desculpem-me.

- Ainda bem que foi ela e não eu ... - Delaney disse quando Lisa se afastou.

Ouviu-se um estampido quando Mick abriu o energético: - Eu posso te dar o telefone de um cara que combina e chega na hora marcada - falou. - E

fica até o final do serviço.

- Deixe esse trabalho de dar um fim nos ratos para o seu marido ou namorado - Tanya sugeriu.

Ela olhou para Tanya e de repente sentiu uma vibração que não era de boa vizinhança. A energia mudou desde que Mick veio para o

terraço. Não tinha certeza, mas achava que Tanya não seria sua nova melhor amiga.

- Não vai ser possível, porque eu não tenho namorado e nunca fui casada.

- Nunca? - Tanya levantou as sobrancelhas como se Maddie fosse uma pessoa esquisita, e ela teria rido se não fosse tão ridículo.

- Difícil de acreditar, não é? - Maddie acrescentou. Tanya não precisava se preocupar, Mick Hennessy era o último homem sobre a face da Terra com quem Maddie se envolveria. A despeito daquele abdômen atraente, coberto por um rastro de pêlos arrasador.

Mick riu maliciosamente e em seguida tomou um gole do energético que tinha na mão.

Apesar das sombras escuras do anoitecer, Maddie via muito bem as linhas daquele riso vincando os cantos dos olhos azuis. Ele a olhou por sobre a lata prateada.

Ela sorriu de volta e mudou de assunto. - E então, você teve de jogar a Daria para fora do Mort's sem calcinha?

Ele abaixou a lata e sorveu a umidade do lábio superior.

- Não, ela se comportou.

- As mulheres ainda arremessam calcinhas no Mort's? - Delaney perguntou.

- Não tanto. Graças a Deus. - Mick balançou a cabeça e sorriu largamente, um lampejo branco em contraste com a escuridão. - acredite-me, jogar bêbados e mulheres meio sem roupa do meu bar não é tão divertido como parece.

Maddie riu. Nunca, nem em um milhão de anos, pensaria que teria uma boa impressão de Mick Hennessy. - Com que frequência isso acontece? perguntou-se. E se lembrou novamente de quem ele era filho.

Mick encolheu os ombros.

- O Mort's costumava ser um lugar realmente selvagem antes de eu assumir a direção, e algumas pessoas estão tendo dificuldade para se ajustar.

- Eles ainda não se acostumaram às mudanças que o Jack fez depois de assumir a direção da loja de conveniência do posto de gasolina. E olha que isso foi há quase seis anos. -

Delaney inspirou e falou lentamente: - Meus pés estão me matando.

- Fogo! Louie gritou segundos antes de lançar uma outra leva de artilharia.

Maddie se virou e seu olhar voou em direção aos foguetes que coloria o céu. Atrás dela, o riso profundo de Mick foi quase puxado pelos estouros dos foguetes. Quando ela se virou de volta ele se mexeu para ajudar Delaney a acomodar-se numa cadeira. Tanya foi atrás deles e Maddie não ficou triste quando a viu sair. A mulher passou de perfeitamente agradável a insuportavelmente geniosa por causa de um homem. Essa era uma coisa que Maddie nunca entendera. Havia outros homens disponíveis no planeta, por que ficar tão perturbada por causa de um único? Especialmente porque este era conhecido por não se envolver. Era só para amar e deixar. Não que Maddie tivesse em algum momento sentido aquilo por alguém. Ela não entendia as mulheres que ficavam se envolviam com tanta facilidade. Que depois de alguns encontros ou de um bom sexo, apaixonavam-se. Como isso acontecia? Como era possível?

Sofie Allegrezza e seus amigos foram até a cerca, ao lado de Maddie, para ter uma visão melhor do show de fogos. Encostada na

cerca, Maddie assistiu Louie descarregar os três grandes tubos de morteiros. Nunca precisara de um homem para se sentir bem consigo mesma ou para que sua vida fosse completa. Não como sua mãe.

- Fogo! - Desta vez era um sonoro ruído de esguicho, poucos segundos antes que os três disparos fossem cuspidos dos tubos e explodissem com três explosões espetaculares. Com o susto Maddie pulou pra trás e colidiu com algo sólido. Um par de grandes mãos segurou seus braços enquanto as explosões verdes, douradas e vermelhas dos fogos caíam como chuva sobre o lago. Virou a cabeça e viu as cores das luzes sobre a face de Mick.

Em vez de empurrá-la de volta, ele a segurou exatamente onde ela havia aterrissado. E em seguida falou:

- Diga-me uma coisa.

- O quê?

Ele abaixou um pouco o rosto para falar no ouvido dela.

- Se você é um bom partido, por que ainda não foi fisgada?

A respiração quente de Mick tocou a lateral do rosto dela e escorregou pelo pescoço.

- Provavelmente pela mesma razão que você também não foi.

- Qual é?

- Você não quer ser fisgado.

- Docinho, todas as mulheres querem ser fisgadas. - Suas mãos escorregaram para os cotovelos dela. - Todas as mulheres querem se casar de branco, ter cercas de estacas pontiagudas em volta de suas casas, e um reproduzidor dentro dessas mesmas casas.

- Você já esteve com todas as mulheres?

Maddie pensou vê-lo sorrir.

- Estive com várias.

- Foi o que eu ouvi.

- Você não devia acreditar em tudo que ouve.

- E você não devia acreditar que todas as mulheres querem você como um reprodutor particular.

- Isso foi revoltante, não foi?

Mick riu e depois sussurrou ao ouvido dela:

- Você tem um cheiro bom. - Ela o sentiu respirar fundo atrás de si.

- Chocolate alemão.

- O quê?

- O cheiro é de loção corporal de chocolate alemão.

- Há muito tempo não como chocolate alemão.

Maddie repensou a idéia de que o aperto de mão foi o melhor sexo que teve nos últimos anos. A respiração suave no cabelo dela e as mãos segurando os braços, isso sim, era praticamente orgástico.

- Você está me deixando com fome.

- De chocolate?

As mãos de Mick alcançaram os ombros dela, depois voltaram para os cotovelos.



- É... para começar...

- Tio Mick - Travis chamou. - Quando vão começar os fogos da cidade?

As mãos de Mick enrijeceram por uma fração de segundo e depois soltaram os braços de Maddie. Ele olhou para o alto.

- A qualquer momento respondeu e deu um passo para trás. Como se aquilo tivesse sido uma dica, imediatamente vários estouros enormes chacoalharam o chão e o céu da noite iluminou-se com as gigantescas explosões coloridas. Sofie Allegrezza ligou um pequeno aparelho de som e a guitarra sônica de Jimi Hendrix gemeu ***The Star Spangled Banner*** na noite. As criaturas da floresta disputaram abrigos quando na praia em torno do lago explodiram mais fogos de artifício, que competiam com as erupções pirotécnicas que partiam da cidade.

Bem-vindo a Truly. Choque e estupefação inigualáveis.

- E aí, Travis, divertiu-se?

Um enorme bocejo veio do outro lado da caminhonete escura.

- Me diverti. Mas será que no próximo ano eu vou poder estourar fogos maiores?

- Quem sabe? Se você não se meter em problemas ...

- A mamãe disse que se não me meter em problemas vou ganhar um cachorrinho. Mick dobrou a esquina no caminho da casa de Meg e brecou próximo ao carro dela. Um cachorro seria uma boa idéia. É bom para um menino ter um cachorro.

- Que tipo de cachorro?

- Eu gosto de pretos com manchas brancas.

As luzes ardiam dentro da casa e apenas uma lâmpada iluminava a varanda. Desceram da caminhonete ao mesmo tempo e subiram os degraus da frente. Era em torno de 23h30. Os pés de Travis moviam-se devagar e pareciam pesados.

- Quanto tempo você vai ter de ser bom para ganhar o cachorro?

- Um mês!

O menino não conseguia ficar longe de problemas com a mãe nem por uma semana.

- Bom, então tome cuidado com a boca, quem sabe assim você consegue? - Tirou as chaves do bolso da calça e abriu a porta para o sobrinho.

Meg estava sentada no sofá, de camisola e com um roupão cor-de-rosa felpudo por cima.

Lágrimas brilhavam nos olhos verdes enquanto ela olhava para alguma coisa que segurava entre os dedos. Um sorriso forçado surgiu em seus lábios e um pavor caiu sobre os ombros de Mick. Era uma daquelas noites...

- Você viu os fogos de artifício, mãe? - Se Travis percebeu, não pareceu se importar.

- Não, querido, eu não fui lá fora. Mas ouvi. - Levantou -se e Travis enroscou os braços em torno da sua cintura. - Eles foram enormes!

- Você se comportou? - Ela passou a mão sobre a cabeça do filho e olhou para Mick.

- Me comportei, - Travis respondeu, e Mick confirmou com a cabeça.

- Você é o meu bom menino.

Travis olhou para cima.

- Pete disse que talvez eu poderia passar a noite na casa dele e a mãe dele disse que Certamente, num outro dia'.

- Vamos ver. - Meg era uma bela mulher, como a mãe. Tinha pele clara e cabelos negros suaves e longos. E como a mãe, seus humores eram completamente imprevisíveis. - Vá vestir o seu pijama e depois vá para a cama. Em um minuto eu vou te dar um beijo de boa noite.

- Ok - Travis concordou com um gemido. - Boa noite, tio Mick.

- Boa noite, parceiro! - Um impulso quase esmagador de se virar e se afastar caiu sobre Mick e, de fato, ele deu um passo para trás. Para longe do que sabia que estava para acontecer e na direção ao ar fresco da noite lá fora.

Meg observou enquanto o filho deixava a sala, depois estendeu a mão e a abriu: - Veja, achei o anel de casamento da mamãe.

- Meg.

- Ela tirou e deixou no criado-mudo antes de ir para o bar naquela noite.

Ela nunca havia tirado antes.

- Pensei que você não ia mais mexer nas coisas dela.

- E não mexi. - Meg fechou a mão escondendo o anel, e levou a unha do polegar à boca. -

Ele estava embrulhado com as jóias da vovó Lorraine, e eu o encontrei enquanto estava procurando aquele colar com o trevo de quatro folhas.

Aquele que ela costumava usar o tempo todo, que trazia sorte. Eu queria usá-lo para trabalhar amanhã.

Deus! Ele odiava quando a irmã ficava assim. Era cinco anos mais novo que ela, mas sempre se sentiu como se fosse o irmão mais velho. Os grandes olhos verdes de Meg se voltaram para Mick e ela abaixou a mão.

- O papai ia mesmo nos deixar?

Que inferno... Mick não sabia. Ninguém sabia além do próprio Loch, e ele estava morto há tanto tempo... Morto, liquidado e fazia parte do passado. Por que Meg não deixava tudo isso para trás?

Talvez porque tinha apenas completado dez anos poucos meses antes da noite em que sua mãe havia carregado aquela arma e esvaziado cinco câmeras no pai de Mick e na jovem garçonete que se chamava Alice Jones. De fato, Meg lembrava-se muito mais daquela noite, vinte e nove anos atrás, na qual a mãe não apenas matou Loch e sua última amante.

Foi também a noite em que a mãe pôs o cano da arma na própria boca, puxou o gatilho, e matou a si própria, e com isso soprou para longe as vidas dos dois filhos. Meg nunca se recuperou realmente.

- Eu não sei, Meggie. A vovó não dizia isso. - Mas dizer isso significava não dizer nada.

Lorraine sempre se fez de cega e surda aos muitos negócios do próprio marido e do filho, e às ofensas, e anos depois às coisas que Mick aprontava. Ela passou toda a vida negando.

Parecia ser mais fácil fingir que tudo era maravilhoso. Especialmente quando não era.

- Mas a vovó não vivia com a gente naquela época. Ela não sabia como eram as coisas.

Nem você sabia. Era muito pequeno. Não se lembra.

- Lembro o suficiente. - Levantou as mãos e esfregou o rosto. Eles tiveram a mesma conversa antes e nunca resolveram nada. - O que importa agora?

- Ele deixou de nos amar, Mick?

Ele abaixou as mãos e sentiu a nuca retesar. *Por favor, pare, pensou.* Lágrimas correram pelas faces de Meg.

- Se ele ainda nos amava, por que ela o matou? Ele teve casos antes. De acordo com todo mundo nesta cidade, ele teve muitos casos.

Mick andou na direção da irmã e pôs suas mãos sobre os ombros do felpudo roupão cor-de-rosa.

- Esqueça tudo isso.

- Eu tento. Eu tentei ser como você, e às vezes consigo, mas ... Por que nossa mãe não foi enterrada com o anel de casamento?

A principal questão era: por que ela carregou a arma? Ela realmente teve intenção de matar alguém ou apenas assustar e implicar com Loch e sua jovem amante? Quem saberia?

Pensar sobre o assunto não tinha nenhum propósito, senão levar as pessoas à loucura.

- Agora isso não importa. Nossa vida não está no passado, Meg.

Meg respirou fundo:

- Você tem razão. Vou guardar o anel e esquecer tudo isso. - E chacoalhando a cabeça justificou:

- É que às vezes eu não consigo desligar.

Mick a puxou para perto de si e a abraçou forte.

- Eu sei.

- Fico com tanto medo.

Ele também tinha medo. Medo de que a irmã caísse na mesma espiral descendente que havia atacado a mãe, e da qual ela não conseguira sair. Mick sempre quis saber se a mãe deu pelo menos um segundo de pensamento para ele e Meg. Se havia pensado na devastação e na perda que restariam caídos no chão daquele bar. Quando carregou a arma naquela noite, não passou pela cabeça que estava prestes a deixar seus filhos órfãos ou que suas ações deixariam conseqüências com as quais os filhos teriam de viver? Enquanto ia para o Hennessy's, será que não pensou neles, não se importou?

- Você tem tomado seus remédios?

- Eles me deixam sonolenta.

- Mas precisa tomar. - Mick recuou e olhou para ela. - Travis depende de você. E eu também.

Ela suspirou.

- Você não depende de mim, e Travis provavelmente ficaria em melhor situação sem mim.

- Meg. - Ele olhou dentro dos olhos da irmã. - Você, mais que ninguém, sabe que isso não é verdade.

- Eu sei. Ela afastou o cabelo do rosto. - Eu quis dizer que educar um menino é muito difícil.

Tomara fosse mesmo isso que ela queria dizer.

- É por isso que você tem a mim. Ele sorriu, embora se sentisse dez anos mais velho que antes de entrar na casa.

- Eu não vou a lugar nenhum. Embora você faça o pior bolo de carne do mundo.

Meg sorriu e, como num passe de mágica, seu humor mudou. Como se alguém tivesse entrado na cabeça dela e apertado um botão.

- Eu gosto do meu bolo de carne.

- Eu sei. - Mick mexia os braços procurando as chaves no bolso. - Mas você gosta de comida de mulheres antiquadas. - Meg cozinhava como a avó. Como se cozinhasse um assado ou comida caseira num asilo para idosos.

- Você é mau - e é uma péssima influência para o Travis. - Meg riu e apoiou os braços no peito dele. - Mas sempre consegue me fazer sentir melhor.

- Boa noite - Mick despediu-se e foi se afastando em direção à porta. O ar fresco da noite resvalou seu rosto e pescoço enquanto andava até a caminhonete, e respirava fundo querendo logo se sentir melhor. Ele sempre conseguia tirar Meg daqueles pensamentos.

Sempre. Mas sempre se sentia mal depois. Ela tinha um colapso, e quando acabava ficava bem. Parecendo nunca notar as pequenas partes despedaçadas que deixava no curso de seus humores imprevisíveis. Por ter estado fora por doze anos, ele quase se esquecera de como eram aquelas mudanças humores. Às vezes Mick simplesmente desejava ter ficado longe.

## Capítulo 5

Maddie pegou uma garrafa de refrigerante *diet* que estava sobre a escrivaninha e tirou a tampa. Tomou um grande gole... e devolveu a tampa. Naquela manhã, logo que abriu os olhos soube como deveria começar o livro. Anteriormente abria cada um de seus livros com fatos horripilantes.

Mas desta vez sentou-se e escreveu:

***- Prometo que desta vez será diferente, baby. - Alice Jones  
olhou nos olhos de sua filha***

***pequena, depois tornou a olhar para a estrada. – Você vai  
adorar Truly. É como um***

***pedaço do céu!***

***Baby não disse nada. fá ouvira tudo aquilo antes. A mesma  
excitação na voz da mãe e as***

***mesmas promessas de uma vida melhor. A única coisa que  
sempre mudou foi o endereço.***

***Como sempre, a menina queria acreditar na mãe. De fato,  
acreditava, mas acabara de***

***completar cinco anos. Era madura o suficiente para  
entender que nada nunca***



**melhorava. Sequer mudava.**

**- Nós vamos morar em um lindo trailer.**

**Baby descruzou os braços enquanto olhava pelo pára-brisa para fora do carro os**

**pinheiros que zuniam quando passavam. Um trailer? Nunca tinham morado numa casa.**

**- E tem um balanço no jardim da frente.**

**Um balanço? Nunca tiveram um balanço. Olhou para a mãe e viu a luz do sol batendo**

**nos cabelos louros. A mãe parecia um anjo de cartão de Natal. Como se devesse estar no**

**topo de uma árvore de Natal, e Baby permitiu-se acreditar mais uma vez. Permitiu-se**

**acreditar numa vida melhor, e por cinco meses foram melhores - até a noite em que uma**

**esposa enfurecida fez uma série de buracos de balas no corpo jovem de Alice Jones, e**

## **transformou o sonho num pesadelo.**

Maddie empurrou a cadeira de volta para perto da escrivaninha e se levantou. As mangas do pijama de algodão escorregaram para os cotovelos quando ela levantou os braços sobre a cabeça e se espreguiçou. Era pouco mais de meio-dia e ela não havia sequer tomado banho.

Sua boa amiga Clare todos os dias tomava banho e se maquiava antes de se sentar para escrever. Maddie não. Claro, isso significava que de vez em quando ia atender a porta para receber uma encomenda parecendo um trapo. Coisa com a qual ela realmente não se preocupava.

Entrou no chuveiro e pensou sobre o restante do dia. Tinha uma lista de nomes e endereços com as respectivas relações com o caso. O primeiro item da lista era visitar uma mercearia, onde Carleen Dawson trabalhava. Carleen havia sido garçonete no Hennessy's no mesmo tempo que sua mãe. Maddie queria marcar uma hora para entrevistar essa mulher e fazer um primeiro contato pessoalmente era melhor do que por telefone.

Depois do banho, espalhou sobre a pele uma loção com perfume de amêndoas, pôs um vestido do tipo envelope e o amarrou na lateral da cintura. Prendeu os cabelos para trás da cabeça, e aplicou um pouco de máscara nos cílios e um batom vermelho. Calçou sandálias vermelhas e colocou o **notebook** dentro da pequena pasta de couro. Não que pretendesse usar qualquer coisa que estava dentro da pasta, mas isso daria a impressão certa.

A mercearia ficava localizada a alguns quarteirões da rua Main, próximo a um salão de beleza. Os gerânios plantados em vasos e os toldos amarelos borrifavam cor na parte externa da loja. O interior estava apinhado com toda a sorte de coisas desde esparadrapos e várias marcas de ácido acetilsalicílico até esculturas de alces e de

ursos, entalhados por artistas locais. Maddie perguntou no caixa onde encontraria Carleen e lhe apontaram para o corredor de lanches.

- Você é Carleen Dawson? perguntou a uma mulher pequena que usava uma blusa branca e avental azul e vermelho, e que estava inclinada sobre um carrinho de **marshmallows** e pipoca.

A mulher endireitou-se e olhou para Maddie através dos óculos de lentes bifocais.

- Sou respondeu.

- Olá, meu nome é Madeline Dupree e eu sou escritora. - Ela estendeu a Carleen um cartão de visitas. - Você poderia me dar alguns minutos do seu tempo?

- Eu não estou horário de descanso.

- Eu gostaria de marcar um horário em que você esteja de folga.

Carleen deu uma olhada no cartão preto e prateado e depois, olhando novamente para Maddie perguntou:

- Crimes reais? Você escreve sobre crimes reais? Como Ann Rule?

## Aquela picareta...

- Isso, exatamente.

- Não sei como eu poderia ajudá-la. Não temos assassinos em série em Truly. Alguns anos atrás houve um caso em Boise, de uma mulher, que coisa horrível! Você acredita numa coisa dessas?

De fato, Maddie acreditava, pois sua amiga Lucy havia sido a suspeita, e Maddie planejou escrever sobre violência homicida a partir de então.

- Nada acontece por aqui - acrescentou Carleen, que em seguida colocou um saco de **marshmallow** na prateleira.

- Não estou escrevendo sobre assassinos em série

- Então sobre o que está escrevendo?

Maddie apertou com mais força a pasta que tinha nas mãos e pôs a outra mão no bolso do vestido.

- Há vinte e nove anos você trabalhava no Bar dos Hennessy quando Rose Hennessy atirou e matou o marido, uma garçonete chamada Alice Jones, e em seguida apontou o revólver para si mesma e atirou.

Carleen tranqüilizou-se.

- Eu não estava lá.

- Eu sei. Você já havia ido para casa descansar.

- Isso aconteceu há tanto tempo... Por que você quer escrever sobre isso?

Por que é minha vida, pensou - Por que nem todas as histórias de crimes reais interessantes são sobre assassinos em série. Às vezes as melhores histórias são sobre pessoas comuns.

Pessoas que parecem normais e que um dia surtaram e cometeram crimes horríveis.

- Entendo.

- Você conhecia Alice Jones?

- Sim, eu a conhecia. E também conhecia Rose, mas não acho que eu poderia falar sobre isso. Foi uma situação realmente triste e não se fala mais sobre isso há muito tempo. Ela devolveu o cartão de visitas para Maddie.

- Desculpe, eu não posso te ajudar.

Maddie sabia quando pressionar e quando recuar. Por enquanto.

- Bem, por favor, pense sobre o assunto. - Sorriu e manteve uma mão no bolso e a outra circundando a alça de sua pasta. - E se mudar de idéia, me ligue.

Carleen pôs o cartão dentro do avental azul e vermelho.

- Não vou mudar de idéia. Algumas coisas têm que ficar enterradas no passado, assim é melhor.

Talvez, mas o que Carleen não sabia e descobriria era que Maddie dificilmente aceitava um - não como resposta.

- Não. Eu não posso ajudá-la.

Maddie permaneceu na varanda com paredes cheia de buracos na casa de Jewel Finley, uma segunda garçonete que trabalhava no Hennessy's na época da morte de Alice.

- Só vai levar alguns minutos.

- Estou ocupada. - O cabelo de Jewel estava cheio de rolinhos cor-de-rosa e Maddie pensou ter sentido o cheiro de um tipo gel que se aplica antes de enrolar os cabelos. Meu Deus, esse tipo gel ainda existe?

- Rose era uma boa amiga, eu não vou falar mal ela - Jewel disse. – O que aconteceu foi uma tragédia. Não vou explorar o infortúnio dela.

### ***O infortúnio dela?***

- Meu propósito não é explorar ninguém, mas contar todos os lados da história.

- Seu propósito é ganhar dinheiro.

- Pode acreditar que há caminhos mais fáceis de ganhar dinheiro. – Maddie sentiu o sangue ferver, mas foi sensata e se segurou. - Posso voltar em outra hora?

- Não.

- Talvez quando você não estiver tão ocupada.

- Não vou falar com você sobre Rose, e duvido que qualquer outra pessoa por aqui fale. Ela voltou para dentro da casa:

- Adeus, disse e fechou a porta.

Maddie deixou um cartão de visitas espetado numa fenda da cerca da varanda, e andou na direção do carro, que estava estacionado em frente à casa. Maddie não aceitava - não como resposta, ela voltaria.

- Você sabe quando ele volta?

- Isso vai depender se os peixes estiverem mordendo a isca ou não. Amanhã, se estiver ruim. Quem sabe, se vai estar bom? - Levana Potter olhou para o cartão de visitas de Maddie. - Mas posso lhe dizer que ele se lembra de tudo o que aconteceu naquela noite. - A esposa do xerife aposentado olhou novamente para cima. - Isso ainda o persegue. -

Encontrou Levana mexendo na floreira que ficava na frente da casa em estilo bem rural. A boa notícia era que muito provavelmente o xerife estaria disposto a conversar com Maddie.

A notícia ruim era que a entrevista teria de esperar, a mercê do lago de trutas. - A senhora conhecia as partes envolvidas?

- Claro! - Levana pôs o cartão de visitas no bolso da camisa, depois colocou novamente a luva de jardinagem. - Os Hennessys moravam neste vale há várias gerações. Eu não conhecia Alice muito bem. Conversei com ela apenas nas poucas vezes que ela veio à loja de sorvetes e presentes da qual eu era proprietária. Ela era muito bonita e aparentava ser um doce de pessoa... parecia mesmo um anjo... E tinha uma menininha, depois que Alice morreu, uma tia veio e a levou. Não sei o que foi feito dela depois disso.

Maddie sorriu um pouco.

- A senhora se lembra do nome dela?

Levana balançou a cabeça e seu cabelo enrolado branco flutuou na brisa.

- Meu Deus, não. Isso foi há vinte e nove anos, e eu a vi apenas umas poucas vezes.

Imagine! Às vezes acho difícil lembrar do meu próprio nome.

- Alice morava no estacionamento de casas-trailer Parque Roundup.

- Não faço idéia, só sei que a área foi demolida violentamente anos atrás.

- É, eu sei. Mas não consigo encontrar nenhum registro das pessoas vivera lá na mesma época em que Alice e a filha viveram. Nos diários dela, Alice mencionou várias mulheres pelos primeiros nomes. - A senhora se lembra de uma mulher chamada Trina, que pode ter morado na porta ao lado de Alice?

- Hmm... - Levana balançou a cabeça. - Esse nome não me faz lembrar de nada. Bill saberá - acrescentou referindo-se ao marido. - Ele se lembra de todos que viveram nesta cidade. Eu entregarei seu cartão assim que ele voltar da pescaria.

- Obrigada! Diga a ele que não estarei aqui na cidade amanhã.

- Vou dizer a ele, mas pode ser que seja apenas na semana que vem.

No caminho de volta para casa, depois de sair da casa dos Potter, Maddie parou no armazém de secos e molhados, comprou um frango assado e um remédio para dor de cabeça. Carleen foi precavida e não-cooperativa, e Jewel foi claramente hostil. Sua cabeça latejava, estava frustrada pela ausência de progressos, e tinha um impulso de pôr alguém de cabeça para baixo.

Com uma cesta azul balançando no braço, ela tomou lugar na fila do caixa número três. Da próxima vez que falasse com Carleen e Jewel, tentaria uma tática menos séria. Ela faria uma aproximação mais amigável. Se não funcionasse, ela tentaria bem à maneira pé no peito.

- Eu vi você na mercearia mais cedo - disse uma mulher na fila ao lado.



Maddie a olhou enquanto colocava sua cesta na esteira rolante.

- A senhora falou comigo?

- Sim. - A mulher tinha cabelos escuros curtos e vestia uma camiseta com uma foto dos netos estampada na frente. - Carleen disse que você estava perguntando sobre Rose e Loch Hennessy.

Nossa! As notícias corriam nas cidades pequenas.

- É isso mesmo.

- Eu cresci com Rose e ela tinha alguns problemas, mas ela era uma boa pessoa.

Alguns problemas. É isso que todos eles dizem por ter atirado em duas pessoas? Maddie chamaria isso de surto psicótico.

- Tenho certeza que sim.

- Aquela garçonzinha recebeu o que mereceu por se meter com um homem casado.

Cansada, frustrada e agora irritada, Maddie disse: - Então a senhora acha que toda mulher que se envolve com um homem casado merece morrer no chão de uma sala de bar?

A mulher colocou um pacote de batatas na esteira rolante na sua frente.

- Bem, eu só quis dizer que se você se meter com a mulher de outro homem, pode se machucar. Foi só isso.

Não, não foi só isso, mas Maddie foi sensata e segurou a língua.

Maddie jogou a pasta no sofá e olhou para a foto de sua mãe sobre mesa de centro concluindo que sua primeira investida havia sido uma perda de tempo. Chutou os sapatos para longe e virou a fotografia para baixo. Não podia olhar o sorriso alegre da mãe depois daquele dia de fracassos.

Descalça, andou na direção da cozinha e procurou dentro do refrigerador a garrafa de **merlot** que abriu no dia anterior. Pensou melhor e preferiu uma vodca, tônica **diet** e um limão. Enquanto preparava o drink num copo alto, George Thorogood cantando **I Drink**

**Alone**, lhe passou pela cabeça. Talvez fosse a escritora dentro dela, mas o refrão era redundante. Claro, quando se bebe sozinho você bebe sem mais ninguém.

No momento em que jogou o gelo e a fatia de limão dentro do copo a campainha tocou.

Maddie pegou o drinque e o levou aos lábios enquanto atravessava a sala de estar.

Certamente não esperava ninguém, e a pessoa do outro lado da porta era a última pessoa que esperava.

Olhou pelo olho mágico e viu Mick Hennessy. Destrancou a fechadura, abriu a porta. O

último sol da tarde cortava uma das bochechas e um canto da boca de Mick. Ele vestia uma regata branca por baixo de uma camisa xadrez em dois tons de azul cujas mangas estavam dobradas acima da curva dos seus bíceps. O azul pálido do xadrez combinava com seus olhos e destacava sua pele bronzeada e os cabelos pretos como se ele tivesse saído de uma capa de revista, vendendo sexo e arrasando corações.

- Oi, Maddie - disse, e sua voz soou grave, mas baixa. Ele segurava um cartão de visitas entre os dedos de uma das mãos levantadas.

Merda! A última coisa que precisava naquele dia era de um confronto com Mick. Tomou outro gole fortalecedor e esperou que ele começasse a gritar. Em vez disso Mick lhe lançou um desconcertante sorriso forçado. E segurando o cartão de visitas na frente dela disse: - Eu disse que eu lhe daria o nome de um bom dedetizador. - O cartão era branco e não preto, e tinha o desenho de um rato.

Maddie não se deu conta de que se sentiu um tanto ansiosa até que o alívio a fez relaxar e sorrir. Pegou o cartão.

- Você não precisava ter vindo aqui só para me entregar isso comentou.

- Eu sei. - Ele entregou também uma caixa laranja e amarela que tinha inscrito Motel para Ratos 500. - Achei que você poderia usar isso até que o dedetizador possa te atender. É

mais fácil do que ficar procurando uma carcaça fedorenta.

- Obrigada. Nenhum homem jamais me deu um... ela parou e olhou para a caixa - motel para ratos.

Ele gargalhou.

- Eles tinham Motel para Ratos 200, mas achei que você merecia a melhor.

Maddie abriu um pouco mais a porta:

- Não quer entrar? - Contaria a ele a razão porque estava em Truly, mas não naquele momento. Ela simplesmente não tinha condições psicológicas para um novo confronto.

- Não posso ficar muito tempo. - Mick ficou próximo dela, trazendo um perfume de sabonete de ar fresco da floresta. - Minha irmã está me esperando para jantar.

- Eu sempre quis ter uma irmã. - Algum lugar onde passar as férias que não fosse a casa dos amigos.

- Se conhecesse Meg, você se consideraria uma pessoa de sorte.

Maddie fechou a porta e foi para a sala de estar atrás dele. Tinha de admitir: era estranho tê-

lo dentro de casa. Não apenas porque ele era Mick Hennessy, mas porque há muito tempo ela não deixava um homem entrar em sua casa. Parecia que a energia mudava a carga sexual que estava no ar.

- Por quê?

- Meg pode ser... - sorriu e olhou a sala. - Uma cozinheira terrível, - disse, mas Maddie teve a sensação de que não foi nisso que ele pensou – o tipo de cozinheira que pensa que é muito melhor do que realmente é, o que significa que nunca vai melhorar. O olhar dele voltou -se novamente para ela, e ele apontou para o drinque que ela tinha na mão. - Dia ruim?

- Sim.

- Mais camundongos infestando suas barras de cereais?

Ela balançou a cabeça. Como se Mick lembrava disso?

- O que houve?

Maddie estava razoavelmente certa de que logo ele ouviria sobre isso. - Nada importante.

Tem tempo para uma bebida?

- Tem cerveja?

- Só cerveja sem carboidrato.

Ele fez uma careta. - Não me diga, você conta carboidratos?

- É claro! - Ela foi à cozinha e ele a seguiu. - Se não contasse, teria um traseiro enorme. -

Olhou para trás e percebeu que o olhar atento dele deslizou pelas suas costas e parou no traseiro.

- Você me parece muito bem.

- Exatamente. Como se ele tivesse o dia todo, seu olhar se voltou novamente para o rosto dela. - Tenho vodca, gim e uísque.

As pálpebras de Mick se fecharam por um segundo, fazendo com que seus cílios escuros parecessem muito longos.

- Uísque.

Maddie abriu um armário e ficou na ponta dos pés. Reconheceu aquela expressão nos olhos dele. Ela não fazia sexo há anos, mas se lembrava daquele olhar.

- Eu pego - ele afirmou enquanto se aproximou de Maddie por trás e alcançou a prateleira mais alta.

Maddie abaixou os calcanhares se virou. Mick estava tão perto que se ela se inclinasse um pouquinho para frente seu nariz encostaria no queixo dele. A camisa aberta resvalou em seus seios, ela segurou a respiração.

Ele a encarava enquanto segurava aquele copo meio fora de moda.

- Aqui está - disse e deu um passo para trás.

- Obrigada. - Ela contornou o corpo dele, abriu o freezer, e o ar frio fez bem para suas bochechas que haviam ficado quentes e coradas. Definitivamente isso não podia estar acontecendo. Não com ele. Se ele fosse qualquer outro homem...

- Você é de Idaho? - ele perguntou encostando os quadris no balcão e cruzando os braços. -

Ou foi transplantada de outro lugar?

- Nasci e cresci em Boise. - Exceto pelos cinco meses que havia vivido em Truly e os seis anos que havia vivido no Sul da Califórnia, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Maddie jogou alguns cubos de gelo no copo.

- Sua família vive em Boise?

- Nunca conheci meu pai. - Fechou o freezer e pôs o copo sobre o balcão. - Fui criada por uma tia que faleceu há alguns meses.

- E sua mãe, onde está?

- Morreu quando eu era pequena. - Maddie se curvou e pegou a garrafa de uísque que estava no armário de bebidas.

- Sinto muito.

- Eu raramente me lembro dela. Esperou que Mick dissesse algo sobre ter perdido os pais quando era garoto, mas ele continuou em silêncio, ela se virou e o serviu da bebida. -

Desculpe. Não é dos melhores.

- No entanto, a companhia é a melhor.

- Como assim? Você nem me conhece...

Ele pôs a garrafa sobre o balcão e levou o copo à boca.

- Está aí, essa é uma das coisas que gosto em você. - Mick deu um gole e depois acrescentou: - Eu não me sentei perto de você na segunda série. Sua irmã não era amiga da minha irmã e sua mãe não era a melhor amiga da minha mãe.

***Não, mas elas foram ótimas amigas do seu pai - Maddie pensou.***

- Tanya não foi criada por aqui.

- Verdade, mas ela é muito tensa. Não consegue relaxar simplesmente e se divertir. - Ele baixou o copo olhou para a sala de estar e falou: - Esta é uma das casas mais antigas do lago.

- O corretor de imóveis me disse que foi construída nos anos quarenta.

Ele se inclinou para frente e olhou para o **hall** que levava ao banheiro e aos quartos.

- Parece diferente da última vez que estive aqui.

- Disseram que a cozinha e os banheiros foram reformados no ano passado. - Maddie tomou um gole. - Quando esteve aqui pela última vez?

- Nem sei... - Mick endireitou o corpo e olhou para o rosto dela. - Eu tinha provavelmente quinze anos... Faz uns vinte anos.

- Você tinha um amigo que morava aqui?

- Poderia dizer que sim. Embora eu não saiba se chamaria Brandy Green de **amigo**. - Um sorriso brotou de um dos cantos da boca sensual, quando ele disse: - Os pais dela estavam num rodeio no Oregon...

- E você teve o seu rodeio particular?

O sorrisinho virou um sorriso travesso.

- Pode-se dizer que sim.

Maddie franziu as sobrancelhas.

- Que quarto era o de Brandy? - Provavelmente ele entalhou as iniciais na viga do teto.

- Não sei dizer. - Mick mexeu no gelo dentro do copo. - Passávamos a maior parte do tempo no quarto dos pais dela. A cama era maior.

- Meu Deus! Então você transou no meu quarto! - Ela pôs a mão sobre o peito. - Eu ainda não transei naquele quarto. - No exato momento em que deixou escapar aquela frase, Maddie desejou que o chão se abrisse e que sumisse dentro dele. Não era freqüente dizer coisas que a embaraçassem, e ela odiava quando isso acontecia. Especialmente quando seu interlocutor ficava vermelho de tanto rir. - Não é engraçado.

- É sim. - Depois de alguns segundos de risadas, ele disse: - Docinho, podemos resolver esse problema agora mesmo.

Se a oferta dele tivesse sentido, por pouco que fosse ameaçadora ou bajuladora, ela o teria chutado para fora. Mas em vez disso, foi simples e honesta e a fez sorrir mesmo sem querer.

- Não, obrigada.

- Tem certeza? - Mick tomou outro gole e pôs o copo no balcão.

- Absoluta.

- Hoje em dia estou bem melhor nessas coisas que na última vez em que estive nesta casa. -

O sorriso dele estava cheio de uma mistura irresistível de charme, confiança e puro pecado.



- Eu pratiquei bastante desde aquela época.

Maddie não teve nenhuma prática ultimamente. Lembrou disso quando sentiu um aperto no peito e uma sensação quente no estômago. Mick era o último homem sobre a terra por quem ela deveria sair da sua abstinência sexual. A cabeça sabia perfeitamente disso, mas o corpo parecia não se importar.

Ele pegou a mão de Maddie e acariciou-a.

- Você sabe do que mais eu gosto em você?

- Do meu uísque? - Mick negou com um gesto de cabeça.

- Do fato de eu não querer casar de branco, nem ter aquela cerca de estacas ao redor da minha casa e um reproduzidor dentro dela?

- Além disso... ele sussurrou puxando-a na sua direção, - você tem um cheiro bom.

Maddie deixou o copo sobre o balcão e pensou na loção que usou mais cedo.

Mick levantou a mão dela e sentiu o perfume na parte de dentro do pulso.

- Cerejas talvez?

- Não, amêndoa.

- Ontem era chocolate. Hoje é amêndoa. Isso me faz pensar em que perfume vai usar amanhã. - Ele pôs a mão dela sobre o seu ombro.

- Pêssegos, provavelmente.

Ele afastou para trás os cabelos que cobriam parte do rosto de Maddie, e baixou o rosto tocando-lhe o pescoço com a ponta do nariz.

- Eu gosto de pêssegos... Acho que tanto quanto gosto de chocolate e amêndoa. Você me deixa com fome.

Ela conhecia aquela sensação.

- Talvez deva se apressar para ir para a casa da sua irmã e comer ervilhas de caçarola. -

Maddie sentiu o sorriso dele encostando na sua pele, e em seguida ele beijou seu pescoço perfumado.

Um arrepio percorreu a espinha de Maddie e sua cabeça pendeu para o lado. Ela precisava interromper aquilo... Mas não agora. Daqui a um minuto...

- Talvez eu simplesmente deva comer você.

Os olhos dela se fecharam. Sabia que estava em apuros. Isso não podia estar acontecendo.

Mick Hennessy não podia estar na casa dela falando aquelas coisas e lhe trazendo maus pensamentos sobre por onde deviam começar.

- Sabe o que eu faria com você se tivesse mais tempo? - As mãos másculas seguraram sua cintura e ele a puxou contra si. Maddie sentiu um grande volume sob a braguilha dele, e pôde entender exatamente o que ele faria.

Maddie engoliu seco quando ele lhe mordeu de leve o lóbulo da orelha.

- Eu tentaria dar outra olhada no quarto de casal? - Mick levantou a cabeça e os sensuais olhos azuis pareciam lânguidos de desejo. - Quem precisa de quarto?

De fato, quem precisava de quarto. A mão de Maddie escorregou pelo ombro dele e para o pescoço. Talvez tenha sido um erro ficar

sem sexo por tanto tempo. O toque do corpo musculoso era tão incrível que não queria que ele parasse. Mas tinha de parar, claro, em um minuto...

- Você é uma mulher maravilhosa, Maddie. - Ele passou levemente os lábios sobre os dela.

- Se eu tivesse mais tempo, desamarraria o seu vestido...

- Eu posso desamarrar o meu vestido sozinha Maddie provocou.

Num dos cantos da boca dele formou-se um sorrisinho.

- Vai ser mais divertido se eu fizer isso. - Em seguida Mick a beijou. A língua com sabor de uísque e desejo penetrou na boca molhada e deliciosa de Maddie. Uma sensação quente levou umidade entre as coxas dela, que passou a mão livre pelo tórax bem moldado de Mick e sentiu os contornos firmes de seu peito. Fazia tanto tempo... Tanto tempo que ela não tocava um homem como ele. Desde que sentiu a pele arrepiar e enrijecer, quis fazê-lo tirar a roupa e sentir o toque da pele nua. Fazia muito tempo. Em parte porque ela havia desistido disso, e em parte porque nenhum homem a havia atraído tanto quanto Mick.

As mãos dele escorregaram pelas laterais da cintura dela. Seu toque se intensificou e os polegares pressionaram o estômago dela, pouco abaixo dos seios. Mick inclinou a cabeça e sua língua quente e hábil penetrou levemente na boca de Maddie. Os dedos dela se enroscavam nos cabelos dele, e ela pressionou seu próprio corpo contra o corpo másculo, fazendo com que o peito firme se apertasse contra os mamilos dela. As coisas estavam fugindo rapidamente do controle. Um ciclone rodopiante de prazer, negado por tanto tempo, se formando no seu cerne e traçando seu caminho para o seu exterior. Crescendo e ameaçando dominá-la.

Maddie recuou.

- Pare!

Ele parecia tão atordoado quanto ela.

- Por quê?

- Porque... - Ela respirou fundo e deixou o ar sair lentamente.

***Porque você não sabe quem***

***eu sou e quando descobrir vai me odiar, pensou.***

- Porque você precisa ir jantar com a sua irmã.

Mick chegou a abrir a boca para argumentar, mas em seguida suas sobrancelhas baixaram como se tivesse esquecido.

- Droga! O toque dele a apertou por alguns segundos antes que ele desse um passo para trás e deixasse suas mãos caírem para os lados. - Eu não pretendia começar algo que não pudesse terminar.

- Eu não pretendia começar absolutamente nada. - Maddie tocou de leve os lábios para se certificar de que estavam secos. Precisava contar a verdade para Mick. Antes que soubesse por outra pessoa na cidade. – Definitivamente não é uma boa idéia.

- Você está errada quanto a isso. Mick pegou a mão dela e a puxou para perto de si em direção à porta da frente. - A única coisa errada aqui é o meu horário.

- Mas você não me conhece - protestou enquanto se movia para perto dele e na direção da porta de entrada.

- Qual é a pressa? - Ele abriu a porta, mas parou na soleira. Olhou para o rosto dela e deixou escapar um suspiro. - Ok, o que eu preciso saber?

Maddie atemorizou-se. Ou antes, decidiu que contar enquanto seu corpo ainda ansiava pelo corpo dele não seria a melhor idéia. Em

vez disso, escolheu outro caminho.

- Eu sou meio... abstinente sexual.

- Meio? - Mick olhou para o rosto dela. - Como se pode ser **meio** abstinente sexual?

- Eu simplesmente não transo com um homem há muito tempo.

As sobrancelhas de Mick se arquearam e ele perguntou: - Você é lésbica?

- Claro que não!

- Eu não pensei que fosse. Você não beija como uma lésbica.

- Como você sabe?

Num um minuto Maddie estava olhando para os olhos azuis e no minuto seguinte estava novamente agarrada ao corpo dele. Os lábios dele fecharam-se sobre os dela em beijos tão intensos que ela sentiu seus joelhos dobrarem. Mick voraz, roubou-lhe quase todo o oxigênio e a deixou tonta. Deus, ela não podia respirar nem pensar. Estava prestes a sucumbir naquele prazer. Ele soltou-a e Maddie recuou até o batente da porta.

- É por isso que eu sei - ele sentenciou.

- Meu Deus, você parece um tornado - Maddie murmurou ofegante. Tocou os lábios superiores com os dedos. Sua boca estava entorpecida. – Devorando tudo em volta de você.

- Tudo não. - Ele saiu pela porta e na varanda, à luz do sol, acrescentou: - Ainda não.

## Capítulo 6

Maddie mantinha os braços levantados enquanto Nan, a costureira, prendia com um alfinete o cetim cor de pêssego. As outras duas damas de honra estavam do seu lado em vários graus de nudez enquanto eram alfinetadas e cutucadas.

- Você me deve esta - disse à amiga Clare, a enrubescida noiva prestes a se casar. Maddie havia chegado naquela manhã e planejara sair com as amigas antes de voltar para Truly no dia seguinte.

- Veja de outro modo - Clare aparteou. - Pelo menos os vestidos não são tão enfeitados quanto aqueles que a Lucy nos obrigou a vestir no casamento dela.

- Como assim? Eles eram lindos! - Lucy protestou, defendendo sua escolha, enquanto uma segunda costureira marcava a bainha do seu vestido.

- Parecia que tínhamos fugido de um baile de debutantes - Adele argumentou.

Ela segurava o cabelo denso e encaracolado para cima, enquanto uma mulher alfinetava a parte de trás do seu vestido. - Mas eu vi piores. Minha prima Jolene fez suas damas de honra usarem uma roupa que parecia ter sido feita com pano de cortina.

Clare, a responsável pelo gosto delicado, ofegava.

- Um pano grosso com as estampas de pastoreio que a gente vê em cadeiras e papéis de parede? - Maddie perguntou.

- Exatamente. Elas pareciam sofás. Especialmente a amiga de Jolene que era um pouco mais gordinha que as outras garotas.

- Isso é triste! - Lucy virou-se para que a costureira pudesse trabalhar na parte de trás da bainha.

- Criminoso! Adele acrescentou. - Algumas coisas deviam simplesmente ser proibidas. Ou pelo menos, deveria haver algum tipo de reparação a quem colocasse pessoas em estresse emocional.

- O que o Dwayne fez agora? - Clare perguntou, referindo-se ao velho namorado de Adele.

Por dois anos Adele vinha se encontrando com Dwayne Larkin e chegou a pensar que seria a sra. Larkin. Ela faria vista grossa aos hábitos mais indesejáveis dele, como sentir o cheiro das axilas das camisas antes de vesti-las. Mas quando ele disse que ela estava ficando com uma - bunda gorda, como a mãe, ela o chutou para fora de sua vida. Ninguém usava o palavrão – gorda em relação ao seu traseiro, porque isso insultaria sua falecida mãezinha.

Mas Dwayne não foi embora completamente. A cada poucas semanas, Adele, encontrava na varanda um ou dois presentes que ela havia dado a ele, ou alguma coisa que havia deixado na casa dele. As coisas simplesmente apareciam ali. Sem bilhete. Sem Dwayne.

Apenas coisas completamente ao acaso.

- No aniversário, eu dei a ele uma edição limitada do Darth Vader. – Adele baixou as mãos e os densos cabelos loiros lhe caíram nas costas. Se abrisse um presente de aniversário e encontrasse um Darth Vader, edição limitada ou não, ela ficaria razoavelmente irritada. No entanto, não se devia tomar qualquer tipo de caminho violento levianamente. - Você precisa arrumar um sistema de alarme. Ainda tem aquele revólver de atordoamento que eu te dei?

Adele ficou parada enquanto a costureira media a circunferência de seu braço.

- Está em algum lugar, respondeu.

- Você precisa encontrá-lo e encostar aquilo nele. - Nan passou a mexer no corpete de Maddie e ela pôde abaixar os braços. - Ou, melhor ainda, deixe-me te dar uma arma de eletrochoque como a minha. Assim você pode dar um choque de cinqüenta mil volts no traseiro dele.

Sem mover o corpo, Adele virou a cabeça e olhou para Maddie como se ela fosse louca.

- Isso não o mataria?, perguntou.

Maddie pensou por um momento e inquiriu.

- Ele tem alguma cardiopatia?

- Acho que não.

- Então não mataria, não - Maddie respondeu. Nan deu um passo para trás para olhar o desenvolvimento do seu trabalho. - Contudo, ele vai entrar em convulsão como se estivesse morrendo.

A boca de Adele e a de Clare se abriram como se elas estivessem em choque, como se tivessem perdido parte da consciência que lhes restava, mas Lucy aprovou. Ela havia lutado por sua vida contra um assassino em série e sabia da importância dos equipamentos de segurança pessoal.

- E quando você conseguir que ele fique no chão, encharque-o com spray de pimenta.

- Dwayne é um idiota, mas não é violento. Adele sentenciou. – Embora ver o Darth Vader me lembre alguma coisa horrível.



- O quê? - Se Dwayne tivesse batido em Adele alguma vez, a própria Maddie o caçaria e acabaria com ele.

- Ele está com a roupa da minha Princesa Léia escrava.

Clare pulou para o canto do sofá.

- Você tem uma roupa de escrava?

Maddie só conseguia pensar em uma pergunta:

- Você está me gozando?

Lucy tinha duas:

- O que é isso? Você está querendo dizer um biquíni de metal? Como se um biquíni de escrava de metal fosse uma parte normal do guarda-roupa de uma mulher, Adele confirmou: - Sim. E eu realmente gostaria de pegá-lo de volta inteiro. - Pensou por um momento e depois acrescentou:

- Bem, em duas peças... mais as faixas do braço e a coleira. Ela deve ter notado as expressões das amigas de horrorizadas e preocupadas, porque continuou: - Hei, eu gastei muito dinheiro naquela fantasia e a quero de volta. - A costureira se afastou para anotar uma medida e Adele cruzou os braços sob os seios. - Não me digam que vocês nunca tiveram uma fantasia, garotas?

Lucy balançou a cabeça negativamente.

- Não, mas costumava fingir que um velho namorado era Jude Law. Mas como ele não sabia, então acho que isso não conta.

Clare, que sempre tentava fazer com que todo mundo se sentisse melhor, disse: - Bem, eu disse ao Sebastian uma vez que tinha trajes especiais e algemas. - Ela voltou a se sentar no sofá. - Mas eu menti. Sinto muito.

Maddie olhou para as três costureiras para ver as reações delas. Pareciam tão impassíveis quanto professores de escola dominical. Elas provavelmente já ouviram coisas muito piores. Ela voltou seu olhar para Adele, que com a cabeça inclinada para um lado parecia esperar alguma coisa.

- O que foi? - Maddie perguntou.

- Eu sei que você fez coisas perversas.

Em geral Maddie era só conversa.

- Eu nunca me vesti de nada. - Pensou por um momento e num esforço para acalmar Adele confessou:

- Mas se isso te faz sentir melhor, já fui amarrada.

- Eu também.

- Claro.

- Muito legal. - Adele não parecia apaziguada. – **Todo mundo** já foi amarrado.

- É verdade - disse Nan, a costureira. Ela arrancou um alfinete da almofada cheia deles que estava atada ao seu pulso e olhou para Adele. - E se isso te faz se sentir melhor, de vez em quando eu me visto como Chapeuzinho Vermelho.

- Obrigada, Nan.

- De nada. - Ela fez um movimento de giro com o dedo e disse: - Vire, por favor.

Depois que as damas de honra terminaram a prova, as quatro amigas foram almoçar no restaurante favorito. Um restaurante mexicano que não tinha exatamente a melhor comida mexicana da cidade, mas com certeza tinha as melhores jarras de **margaritas**.

Conversaram por horas a fio, a fim de tirar o atraso do longo tempo que ficaram sem se encontrar.

Falaram sobre o casamento de Clare, sobre os planos de Lucy de começar uma família com o marido maravilhoso, Quinn. E queriam ouvir tudo sobre a nova vida de Maddie, que estava vivendo a cento e sessenta quilômetros ao norte, em Truly.

- De fato, não é tão ruim quanto pensei que seria - ela admitiu enquanto levava a bebida à boca. - É muito bonito e silencioso... Bem, exceto no Quatro de Julho. Metade das mulheres da cidade tem cabelos muito feios, e a outra metade delas parece ótima. Estou tentando descobrir se é uma coisa de nativas **versus** mulheres de fora, mas até agora não descobri.

Ela encolheu os ombros. - Pensei que ficar tanto tempo trancada em casa me deixaria louca, mas até que não.

- Você sabe que eu te amo - Lucy disse, e isso sempre era seguido por um - mas. - Mas você já é completamente louca, não podia ficar pior.

Provavelmente era verdade.

- Como está o livro? - Clare perguntou quando uma garçonete trouxe a comida.

- Lento. - Maddie pediu uma salada de frango com torrada. Apanhou o garfo logo que a garçonete saiu. Ela havia falado dos seus planos de escrever sobre a morte da mãe para as amigas poucas semanas antes. Muito tempo depois de ter encontrado os diários da mãe e comprado a casa em Truly.

- Encontrou os Hennessys? - Adele perguntou enquanto enchia a **tortilla** apimentada de queijo e creme azedo. Adele malhava todos os dias, por isso podia comer o que quisesse.

Maddie, por outro lado, odiava ir a academia.

- Eu encontrei o Mick e o sobrinho dele, Travis.

- E qual foi a reação desse Mick ao livro que você pretende escrever?

- Ele não sabe. - Maddie deu uma garfada da salada, e continuou: - Ainda não encontrei o momento certo para conversar com ele sobre isso.

- Lucy perguntou cínica - Sobre o que você conversou com ele?

- Principalmente sobre camundongos.

- Espere. - Adele levantou uma das mãos. - Ele sabe quem você é, quem foi sua mãe, e simplesmente quer conversar sobre camundongos?

- Eu não disse a ele quem eu sou. Todas as três amigas interromperam o almoço para olhá-

la fixamente. - Enquanto ele estava trabalhando no bar ou enquanto todo mundo estava em pé num churrasco, não consegui dizer a ele Meu nome é Maddie Jones e a sua mãe matou a minha?

As amigas concordaram balançando a cabeça e voltaram aos seus pratos.

- E ontem também foi um momento ruim. Tive um dia ruim. Ele foi legal e me trouxe um motel para ratos e depois me beijou. - Maddie espetou um pedaço de frango e outro de abacate. - Depois disso, vocês podem imaginar, eu simplesmente esqueci.

Todas pararam novamente.

- Para roubar a sua frase preferida - Lucy disse: você está brincando?

Maddie negou balançando a cabeça. Talvez ela devesse ter mantido a boca fechada. Mas já era tarde.

Olhou para o lado e viu Clare levantar a mão.

- Espere. Me explique uma coisa...

- Sim? - Maddie respondeu o que pensou ser a próxima questão lógica. Aquela que ela mesma teria feito. - Ele é realmente quente, muito bom. Minhas coxas se incendiaram.

- Não era essa a pergunta. - Clare olhou em torno, como sempre costumava fazer quando pensava que Maddie estava sendo inapropriada em um lugar público. - Você se atracou com Mick Hennessy e ele não tem a mínima idéia de quem você é? O que você acha que vai acontecer quando ele descobrir?

- Acho que ele vai ficar realmente irritado.

Clare foi adiante.

- Você acha?

- Eu não o conheço bem o suficiente para prever como ele vai se sentir. - Mas Maddie conhecia. Sabia que ele ficaria zangado, e sabia que mereceria isso. Embora, para ser justa consigo mesma, ainda não houvera mesmo um bom momento para contar-lhe a verdade. E

não foi.ela quem o procurou e o beijou, o deixou sem ar. Mick fez tudo aquilo, não ela.

- Quando você contar a verdade, tenha certeza de que terá a arma de eletrochoque consigo -

Lucy aconselhou.

- Ele não é um cara violento. Não vou precisar descarregar nenhum choque nele.

- Você não o conhece. - Adele apontou para Maddie com o garfo e mostrou o óbvio. - A mãe dele matou a sua.

- E como você está sempre nos mostrando, é com as pessoas que têm imagem saudável que devemos tomar cuidado - Clare lembrou.

- Sem aparelhos de defesa pessoal, somos todas vítimas indefesas. Lucy riu e levantou o copo.

- Afinal de contas, porque é que eu gosto tanto de vocês mesmo? – Talvez porque as três amigas fossem as únicas pessoas que se importavam com ela. - Eu vou dizer tudo para ele.

Só estou procurando o melhor momento.

Clare inclinou-se até o encosto da cadeira.

- Oh, meu Deus!

- O quê foi?

- Você está com medo!

Maddie pegou sua **margarita** e tomou um grande gole. Eu diria que estou um pouco apreensiva. Ela colocou a mão quente sobre a o rosto. - Eu não estou **com medo** de nada.

Mick usava um par de óculos de sol com armação de metal preta lentes de alta resolução azuis espelhadas para proteger os olhos do sol baixo e incômodo das seis horas da tarde.

Enquanto andava pelo estacionamento da escola, olhou firmemente para o jogador com a camiseta azul do Hennessy's de número doze e para o capacete vermelho do batedor. Esteve ocupado com os livros do bar e fazendo pedidos de cerveja e outras bebidas aos distribuidores, o que o fez perder a primeira parte do jogo.

- Vamos lá, Travis! - Gritou e se sentou na fila mais baixa da arquibancada descoberta.

Inclinou-se para frente e colocou os antebraços sobre as coxas.

Travis descansava o bastão no ombro enquanto aproximava a melhor de três. Ele balançou o corpo várias vezes como o treinador havia ensinado. Ele chegou na posição perfeita do batedor, balançou e errou completamente.

- Tudo bem, cara! - Mick gritou.

- Na próxima você consegue, Travis! - Meg gritou da fileira do topo, onde havia se sentado para ficar perto das amigas e mães dos colegas de Travis.

Mick olhou para a irmã e depois se virou para o outro lado e olhou o placar. O jantar da noite anterior na casa dela havia sido muito bom. Ela fez filé e batatas cozidas, e se mostrou a Meg divertida e amável que a maioria das pessoas conhecia. Apesar disso ele não queria estar lá, e passou o tempo todo pensando nisso. Queria estar do outro lado da cidade. Na casa próxima ao lago com uma mulher de quem ele não sabia nada. Queria ficar falando sobre os camundongos, sentindo o perfume no pescoço dela.

Maddie Dupree tinha alguma coisa que o impressionava. Alguma coisa além de um belo rosto, um corpo quente e uma pele perfumada. Alguma coisa que o levava a pensar nela enquanto devia estar pensando em outras coisas. E que o distraía enquanto procurava os erros no sistema de contagem do bar.

Mais uma vez Travis foi à posição do batedor, balançou... e desta vez acertou e mandou a bola entre a segunda e a terceira base. Jogou o bastão no chão e correu para a primeira. Seu capacete ia para trás e para frente enquanto ele corria. A bola bateu com força e rolou perto do jogador fora do quadrado, que saiu em seguida. O juiz da primeira base incitou Travis a continuar, e ele continuou por todo o

caminho até a terceira base antes que o jogador fora do quadrado pegasse a bola e a jogasse para longe. Travis conseguiu tirar novamente e fez um belo deslizamento para dentro da casa enquanto o jogador que ocupava o campo externo e o segundo homem da base lutavam pela bola.

Mick gritou para chamar a atenção de Travis e lhe mostrou os polegares para cima num sinal de aprovação. Extremamente orgulhoso como se fosse o pai do menino e não apenas o tio. Por enquanto ele era a única figura masculina na vida de Travis, que não via o pai há cinco anos, e Meg sequer sabia por onde ele andava. Ou , muito provavelmente, não queria saber onde aquele malandro estava. Mick encontrou Gavin Black apenas uma vez, no casamento de Meg. E num único olhar conseguiu classificá-lo como um homem fracassado, e acertou.

Travis esfregou as mãos nas calças e passou o capacete para o treinador. Cumprimentou os colegas, e foi se sentar no banco do time. Deu uma olhada para Mick e sorriu satisfeito, mostrando uma pequena sombra preta na boca que era vestígio do único dente perdido.

Mick colocou as mãos nos joelhos enquanto o próximo bateador bateu para fora e a equipe de Travis entrou em campo. A melhor coisa para Travis e Meg seria que ela encontrasse um homem digno de confiança. Alguém que fosse bom para ela e para Travis. Alguém estável.

Ele amava Travis e sempre cuidaria dele. Da mesma forma que tomava conta de Meg quando eram crianças. Mas agora Mick estava cansado. Parecia que quanto mais tempo ele dava a ela, mais ela queria. Dali a algum tempo ela se tornaria como a avó, e ele ficou longe de Truly por doze anos para ficar longe de Lorraine. Tinha medo de que Meg se tornasse muito dependente dele. Isso seria muito ruim. Depois de uma vida de perturbação, quer quando criança ou quando viveu em zonas de guerra, ele queria um pouco



de paz e tranqüilidade. Claro, dentro dos limites de paz e tranqüilidade de pudesse ter sendo proprietário de dois bares.

Mick levantou -se e foi à gaiola do batedor para dar uma olhada melhor em Travis sobressaindo-se no centro do campo com sua luva, que ele segurava no ar como se esperasse que uma bola caísse do céu.

O beijo que deu em Maddie no dia anterior não foi planejado. Ele iria apenas levar o cartão do dedetizador e aquele motel para ratos, e planejava sair em seguida. Mas no momento em que ela abriu a porta, seus planos caíram por terra. Aquele vestido preto que ela usava colado nas curvas sensuais, fizeram com que ele só conseguisse pensar em desamarrá-lo, Puxar as tiras e desembulhá-la, como um presente de aniversário. Para tocar e sentir o gosto dela inteira. Ele levantou as mãos e agarrou a grade de proteção que estava a sua frente. No dia anterior a falta de tempo atrapalhou tudo, mas no fundo ele tinha certeza: iria beijar Maddie novamente.

- Olá, Mick.

Ele olhou para trás e viu Jewel Finley andar na sua direção. Jewel foi amiga da sua mãe, que tinha dois filhos gêmeos detestáveis, Scoot e Wes, e uma menina chorona e se queixava de tudo, chamada Belinda, a quem todo mundo chamava de Boo. Na infância, Mick havia atingido Boo com uma bolinha de papel, e ela reagiu como se tivesse sido mortalmente ferida. Meg dizia que atualmente Belinda não era totalmente chorona, mas que os gêmeos continuavam detestáveis como sempre.

- Olá, sra. Finley. Algum neto da senhora está jogando hoje?

Jewel apontou em direção ao banco oposto.

- Tenho, o Frankie, filho da minha filha está jogando fora do quadrado para o time patrocinado pela empresa de seguros.

Ah... O menino que jogava como menina, supôs.

- Por onde andam Scoot e Wes? -- Mick perguntou por educação, e não porque se importasse realmente.

- Bem, depois que a fazenda de pesca faliu, eles tiraram carteira de motorista profissional e agora dirigem aqueles caminhões grandes para uma companhia de mudanças.

Mick voltou a atenção para o campo e para Travis, que estava jogando a luva para o ar e pegando, completamente distraído.

- Para qual companhia eles estão trabalhando? - Se tivesse que se mudar, iria querer saber qual companhia **não** chamar.

- Para a Idaho Mudanças e Guarda-Móveis. Mas eles já estão ficando cansados dos carretos, porque são muito longos. Estão pensando em economizar algum dinheiro para começar um negócio próprio de transporte de casas pré-fabricadas. Como aqueles que aparecem na tevê.

Mick imaginou que levaria menos de um ano de trabalho para que os gêmeos falassem.

Afinal aqueles dois não eram os homens mais brilhantes da cidade, e pensar isso é uma maneira muito generosa de se lembrar deles.

- O transporte de casas pré-fabricadas deve render um bom dinheiro.

- É verdade... - confirmou enquanto pensava que teria de falar com Travis para que ele prestasse mais atenção no jogo.

- Acho que até uns cinqüenta mil dólares por mês. Isso foi o que o Scooter disse.

- Verdade... - Meu Deus. Agora o garoto estava completamente de costas para o jogo olhando os carros que passavam na rua.

- Você já falou com a escritora?

Certamente ele não gritaria para o Travis prestar atenção no jogo, mas teve vontade.

- Que escritora?

- A escritora que está escrevendo um livro sobre seus pais e a garçonete, Alice Jones...

## Capítulo 7

Maddie jogou a bolsa de festa sobre a cama e a abriu. Estava com uma leve dor de cabeça, e não tinha certeza se foi causada pela falta de sono, por ter bebido além da conta com Adele ou ainda por ter ouvido os conselhos das amigas para sua vida amorosa em frangalhos.

Depois do almoço no restaurante mexicano, ela e Adele voltaram para sua casa em Boise para pôr a conversa em dia. Adele sempre tinha algumas histórias bem engraçadas sobre sua vida amorosa, embora algumas vezes ela não achasse que suas aventuras fossem assim tão divertidas, e como boa amiga que era, Maddie ouvia e servia vinho. Fazia muito tempo que Maddie não era capaz de dividir suas próprias histórias amorosas engraçadas e divertidas, por isso na maior parte das vezes ela apenas ouvia e oferecia um conselho aqui e outro ali.

Antes de deixar Boise, Maddie convidou Adele para passar o final de semana seguinte com ela em Truly. Adele aceitou o convite e, conhecendo a amiga, Maddie tinha certeza de que teria várias outras histórias de seus encontros para compartilhar.

Maddie tirou as roupas sujas da sacola e as jogou no cesto. Havia passado um pouco do meio dia e estava faminta. Comeu um peito de frango e alguns legumes com *cream cheese* enquanto checava e respondia suas mensagens de e-mail. Checou a secretária eletrônica, mas havia apenas uma mensagem do limpador de carpete. Nenhuma notícia do xerife Potter.

Mais tarde planejava encontrar Mick e lhe contar quem ela era na verdade e por que estava na cidade. Era a coisa certa a fazer, e queria que ele ouvisse isso da sua própria boca e não de terceiros.

Imaginou que o encontraria em um dos bares, e esperava que ele estivesse trabalhando no Morts naquela noite. E na verdade não ansiava nem um pouco em entrar no Hennessys, embora soubesse que teria de fazer isso em algum momento. Nunca esteve dentro do bar em que sua mãe morrera. Para ela, o Hennessys era apenas outra velha cena de crime, que tinha de visitar para desenvolver um de seus livros. Teria de ir para observar o local e perceber possíveis alterações. E embora *não estivesse* com medo, estava apreensiva.

Enquanto enxaguava seu prato e o colocava na máquina de lavar louça, imaginava como Mick ficaria quando soubesse a verdade. Provavelmente muito zangado...

A campainha tocou, mas desta vez Maddie não ficou surpresa em ver Mick parado na varanda. Como da última vez, ele segurava um cartão de visitas entre dois dedos, mas não havia engano de que o cartão era o dela.

Ele a olhava fixamente por trás das lentes azuis dos óculos de sol. Obviamente a expressão dele não era das mais felizes, mas não parecia zangado. Provavelmente não teria de acalmá-

lo com o spray de pimenta. Não que tivesse um consigo naquele exato momento.

Maddie olhou para o cartão e perguntou:

— Onde você conseguiu isso?

— Jewel Finley.

Droga. Ela realmente não queria que Mick descobrisse daquele jeito, mas não estava assim tão surpresa.

— Quando?

— Ontem à noite, no jogo de **Tee ball** do Travis.

— Sinto muito que tenha sabido dessa maneira. — Maddie não o convidou para entrar, mas ele não esperou o convite.

— Por que *você* não me contou? — Perguntou quando passou por ela, um metro e noventa, e oitenta e seis quilos e de determinação masculina. Tentar detê-lo teria sido tão improdutivo quanto tentar parar um tanque de guerra.

Maddie fechou a porta e voltou-se para ele.

— Você não quis saber nada sobre mim. Lembra?

— Besteira! — A luz de fora fluía para o interior da casa através das amplas janelas, caía por sobre o sofá e a mesa de centro e espalhava-se sobre o chão de madeira. Mick parou no centro da luz, tirou os óculos de sol. Maddie se enganou quando achou que ele não estava zangado. Seus olhos queimavam como um fogo azul. — Eu não queria saber sobre os seus velhos namorados, sua receita favorita de cookie de chocolate ou perto de quem *você* se sentava na escola. — Ele ergueu o cartão e disse: — Mas isso aqui é completamente diferente, e não venha me dizer que não é.

Maddie levou os cabelos para trás das orelhas. Ele tinha o direito de estar furioso. — Naquela primeira noite no Morts, fui para me apresentar, dizer quem eu era e porque estava na cidade. Mas o bar estava cheio e não foi um bom momento. Quando nos encontramos vi na loja de ferramentas e no Quatro de Julho, Travis estava com *você*, pensei que também não seria o momento apropriado.

— E quando eu estava aqui sozinho? Ele franziu as sobrancelhas e pôs os óculos no alto da cabeça.

— Eu tentei contar naquele dia.

— É assim? — Ele escorregou o cartão para dentro do bolso de sua camisa polo do Morts.

Antes ou depois que você você me beijou daquela maneira escandalosa?

Maddie ficou ofegante. Claro que ele tinha um direito de estar zangado, mas não tinha o direito de reescrever a história como bem entendesse.

— Espera aí, foi você que me beijou!

— O **momento apropriado** — ele disse como se ela não tivesse protestado — deve ter sido antes de você se grudar em mim.

— Fui eu que grudei? Você me puxou para perto de você. — O olhar dela estreitou, mas ela não se permitiria ficar zangada. — Eu disse que você não me conhecia.

— E em vez de me contar a verdade, que é estar na cidade para escrever um livro sobre os meus pais, você pensou que eu estaria mais interessado em saber da sua abstinência sexual.

Mick descansou todo o seu peso em um dos pés e inclinou a cabeça para um lado enquanto olhava para Maddie. — Você não planejava me contar.

— Não diga esse absurdo. — Ela cruzou os braços e continuou: — Isso é uma cidade pequena e eu sabia que você descobriria.

— E até que eu descobrisse, você estava planejando transar comigo pra conseguir informação.

**Não enlouqueça**, Maddie disse a si mesma. **Se você perder a razão, é melhor sacar a arma**

## de eletrochoque.

— Há dois erros na sua teoria. — Maddie levantou a mão. — Achar que eu preciso de você para conseguir informações. Eu não preciso. E que eu planejei transar com você. Eu não planejei.

Mick deu um passo na direção dela e sorriu. Não um de seus sorrisos bonitos ou charmosos, mas um sorriso cáustico. — Se eu tivesse mais tempo você não teria conseguido resistir.

— Você está sonhando.

— E você está mentindo. Para mim e para você mesma.

— Eu nunca minto para mim mesma. — Maddie olhou dentro dos olhos dele, nem um pouco intimidada pelo tamanho ou pela raiva dele. — E eu nunca menti para você.

O olhar dele se estreitou:

— Você omitiu a verdade de propósito, o que é a mesma coisa.

— Uau! Isso é magnífico! Você me dando uma lição de moral. Diga-me uma coisa, Mick, as mulheres com quem você dormiu sabem umas das outras?

— Eu não minto para as mulheres.

— Não, você só traz ratoeiras pensando no que você quer e que está entre as pernas delas.

— Eu não te trouxe a ratoeira por causa disso.

— Ah, é? Quem é que está mentindo agora? — Maddie apontou para a porta: — É melhor você ir embora. Mick não se mexeu.



— Você não pode escrever sobre a minha família, Maddie. Não pode fazer isso.

— Posso, sim, e vou. — Ela não esperou que ele saísse sozinho, foi até a porta e a abriu.

— Por quê? Na noite passada li tudo sobre você — disse enquanto andava na direção dela, a sola das botas fazia um ruído zangado no duro chão de madeira. — Você escreve sobre assassinos em série. Minha mãe não era uma assassina em série. Era uma dona de casa que foi muito sacaneada por um marido impostor. Em um surto ela matou e depois a si mesma.

Nessa história não existe um grande vilão. Nem canalhas doentes como Ted Bundy e Jeffrey Dahmer. O que aconteceu com a minha mãe e o meu pai é um problema de família não interessa ao público.

— Acho que eu sou um pouco mais qualificada que você para determinar isso.

Mick parou na soleira e se virou para encará-la.

— A minha mãe foi só uma mulher infeliz que numa noite teve um estalo e acabou deixando os filhos órfãos, vítimas da sua doença mental.

— Pois é, você está falando de você mesmo e da sua família, e parece esquecer que houve outra vítima inocente.

— Dificilmente aquele garçonzinha seria uma vítima inocente. De fato, Maddie estava falando sobre si mesma:

— Então você é igual a todo o resto das pessoas desta cidade, que acham que Alice Jones recebeu o que merecia.

— Ninguém recebeu o que merecia. Mas ela estava andando por aí com um homem casado.

Pronto. Agora Maddie estava realmente zangada.

— Então a sua mãe teve uma justificativa perfeita para atirar no rosto dela. Mick ficou imóvel por instantes, chocado com a informação. Obviamente ele não tinha visto as fotos da cena do crime ou lido nenhuma reportagem a respeito.

— O seu pai pode ter sido um canalha, mas será que ele merecia receber três tiros e sangrar até morrer no chão de um bar enquanto a sua mãe assistia?

A voz dele se elevou pela primeira vez.

— Você está deturpando completamente o que aconteceu. Ela não assistiu meu pai morrer.

Se Mick não tivesse dito que ela estava deturpando os fatos, ela o teria poupado, independente da raiva que sentia:

— Havia pegadas da sua mãe por todo o bar. E certamente ela não se levantou e andou depois de atirar em si mesma.

Mick apertou e fechou sua boca.

— Alice Jones também tinha uma criança. Ela merecia perder a mãe? Ela merecia ter ficado órfã? — Maddie pôs a mão no meio do peito e o empurrou: — Então não me diga que a sua mãe foi apenas uma dona de casa infeliz, levada a tal ponto. Ela tinha outras opções. Várias outras opções que não envolviam assassinato. — Ele deu um passo para trás na direção da varanda. — E não venha aqui pensando que pode me dizer o que fazer. Na verdade, eu não dou a mínima para se você gosta ou não de tudo isso. Eu vou escrever esse livro e ponto final. — Maddie tentou bater a porta, mas ele colocou o braço no batente da porta e a impediu de fechá-la.

— Então escreva! Com a mão livre ele tirou os óculos de sol do alto da cabeça e os baixou para o rosto, cobrindo a raiva de seus olhos

azuis. — Mas fique longe de mim, disse quando tirava a mão da porta. E fique longe da minha família.

Maddie bateu a porta ruidosamente. Tirou o cabelo da face. Droga. Aquilo não era bom.

Mick ficou mesmo furioso. E ela ficou zangada. Inferno, ainda se sentia irritada.

Ela o ouviu ligar a caminhonete. E diferente do habitual, ela trancou a porta da frente. Não precisava dele ou da família dele para escrever o livro, mas na realidade, seria bom se tivesse a cooperação dele, especialmente porque precisava saber como era a vida de Loch e Rose.

Suspirou:

— Isso seria um saco! — disse para si mesma enquanto andava pela sala de estar. Teria de escrever o livro sem a colaboração dele. A fotografia de sua mãe estava na mesa de centro.

Ela era tão jovem e cheia de tantos sonhos. Maddie pegou a foto e tocou o vidro sobre os lábios da mãe. Esteve ali sobre a mesa o todo o tempo que Mick esteve lá, e ele nem notou.

Maddie planejava contar, que era mais do que uma mera autora interessada em escrever um livro. Que a mãe dele a havia deixado órfã também. Mas depois dos últimos acontecimentos Mick não queria mais nenhum contato com ela, e sua real identidade realmente parecia não importar a ninguém.

Mick parou a caminhonete numa vaga em frente ao restaurante onde Meg trabalhava, cinco dias por semana, servindo mesas e recebendo gorjetas. Ele ainda estava tão zangado que se sentia como se tivesse batido em alguém.

Como se tivesse pega Maddie Dupree pelos ombros e a tivesse sacudido até que ela concordasse em empacotar tudo que fosse seu e ir embora. Como se esquecesse que alguma vez ouvira falar dos Hennessy e de suas vidas tão enxovalhadas. Mas ela deixou muito claro que não iria a lugar nenhum, e agora ele tinha de contar para Meg antes que soubesse por outra pessoa.

Desligou a caminhonete e inclinou a cabeça para trás. Seria verdade que a mãe assistiu à morte do pai? Ele não sabia disso. Na verdade queria nunca ter sabido. Como poderia conciliar a mulher que matou duas pessoas, com a mãe que lhe fazia sanduíche de manteiga de amendoim e geléia de morango cortando fora as cascas do pão e fatiando-o no ângulo que ele gostava? Como conciliar a mãe amorosa que o banhara, lavava seus cabelos e o colocara na cama à noite, com a mulher que deixou rastros com o sangue do próprio marido por todo o bar? Como poderiam ser a mesma mulher?

Mick esfregou o rosto com as mãos e passou os dedos por entre os cabelos. Estava muito cansado. Depois que Jewel havia lhe dado o cartão de visitas de Maddie, ele foi para o escritório no Hennessys e se trancou lá. Procurou o nome de Maddie na internet e encontrou muita informação. Ela havia publicado cinco livros, e ele encontrou fotos de rosto e outras fotos dela em sessões de autógrafos. Não havia dúvida de que a Maddie Dupree que ele estava planejando conhecer melhor era a mulher que escrevia sobre assassinos psicóticos. A Madeline Dupree que estava na cidade para escrever sobre a noite em que sua mãe matou seu pai. Abriu a porta da caminhonete, saiu e ficou ali parado. E não havia nada que ele pudesse fazer para detê-la.

Ele se lembrava de que desde que conhecia o restaurante em que Meg trabalhava, o lugar tinha o mesmo cheiro. Cheirava a gordura com ovos e tabaco. O local era um dos últimos lugares dos Estados Unidos onde se podia tomar uma xícara de café e fumar um cigarro da marca de preferência do cliente. Como resultado disso, era um lugar sempre cheio de fumantes. Mick tentou falar com Meg sobre

trabalhar em algum outro lugar onde não ficasse exposta a ter câncer de pulmão em função daquela fumaça de segunda mão, mas ela insistia que as gorjetas eram muito boas para trocar por outro lugar qualquer.

Eram cerca de duas horas da tarde e o restaurante estava meio vazio quando Mick entrou.

Meg estava em pé atrás do balcão da frente enchendo a xícara de Lloyd Brunner de café, e rindo de alguma coisa que ele disse. Seus cabelos negros estavam presos com um rabo de cavalo, e ela vestia uma blusa de um cor de rosa vivo sob um avental branco. Procurou os olhos dele e acenou.

— E aí? Está com fome? — perguntou.

— Não. — Ele escolheu um lugar no balcão e empurrou seus óculos para o alto da cabeça.

— Esperava que você pudesse sair cedo hoje.

— Por quê? Meg parou de sorrir e deixou o bule de café sobre o balcão. — Aconteceu alguma coisa? É o Travis?

— O Travis está bem. Eu só queria conversar com você sobre uma coisa. Meg olhou nos olhos do irmão como se pudesse ler a sua mente. — Eu já volto — ela disse e foi até a cozinha. Quando voltou estava com a bolsa na mão. Mick se levantou e a seguiu para a rua.

Assim que a porta do restaurante se fechou atrás deles ela perguntou: — O que foi?

— Tem uma escritora na cidade que escreve sobre crimes reais...

Meg cobriu os olhos dos raios do sol enquanto andava pelo terreno de cascalhos em direção à caminhonete dele.

— Qual é o nome dela?, perguntou.

— Madeline Dupree.

Ela escreveu ***No lugar dela***, a história do Patrick Wayne Dobbs. Aquele assassino em série que matava mulheres e depois usava as roupas embaixo do terno que usava para trabalhar.

Aquele livro me assustou tanto que eu não pude dormir por uma semana. — Meg sacudiu a cabeça. — O que ela está fazendo em Truly?

Mick escorregou os óculos para cobrir os olhos.

— Aparentemente ela vai escrever sobre o que aconteceu com mamãe e papai.

Meg parou.

— O quê? perguntou espantada.

— Você ouviu.

— Por quê?

— Não faço a mínima idéia. — Ele levantou uma mão, depois a baixou novamente. — Se ela escreve sobre assassinos em série, não imagino porque tenha achado tão interessante a história da mamãe e do papai.

Meg cruzou os braços sobre o avental. Eles continuaram andando.

— O que ela sabe sobre o que aconteceu?

— Eu não sei, Meg. — Eles pararam em frente à caminhonete e ele encostou o quadril na direção do para-lama. — Ela sabe que a mamãe atirou na cabeça daquela garçonete. — A irmã continuou em silêncio. — Você sabia disso?

Meg deu de ombros e mordeu a unha do polegar.

— Sei. Ouvi o xerife dizer para a vovó Loraine.

Mick olhou nos olhos da irmã e ficou imaginando o que mais ela sabia que ele não sabia.

Pensou se ela saberia que a mãe não se matou logo em seguida. Supôs que isso não importava tanto assim. Meg estava reagindo à notícia melhor do que ele imaginara.

— Você vai ficar bem?

Meg balançou a cabeça num sinal afirmativo.

— Há alguma coisa que a gente possa fazer para impedi-la?

— Eu duvido.

Ela encostou a cabeça na porta do motorista e suspirou.

— Talvez você possa conversar com ela. Sugeri.

— Eu já conversei. Ela vai escrever, e não se importa com o que temos a dizer a respeito.

— Merda!

— Todo mundo vai começar a falar sobre isso de novo.

— É...

— Ela vai falar coisas ruins sobre a mamãe.

— Provavelmente sobre todos os três. Mas o que ela pode dizer? As únicas pessoas que sabem o que realmente aconteceu naquela noite estão mortas.

Meg olhou ao longe.

— Você sabe alguma coisa sobre aquela noite? Ela descruzou os braços e baixou as mãos.

— Apenas que a mamãe foi impelida pelas circunstâncias a longe demais, e acabou matando o papai e aquela garçonete.

Mick não tinha tanta certeza se acreditava que era só isso, mas que diferença fazia vinte e nove anos mais tarde? Meg não estava lá. Estava em casa com ele quando o xerife chegou em casa naquela noite.

Ele olhou para o céu azul sem nuvens.

— Eu tinha esquecido de que a garçonete tinha uma menininha.

— Sim, mas não consigo me lembrar do nome. — Meg tornou a olhar para Mick. — Não que eu me importe. A mãe dela era uma prostituta.

— A menina não teve culpa de nada, Meg. Ela perdeu a mãe.

— Ela certamente ficou melhor sem a mãe. Alice Jones estava tendo um caso com o papai e nem se importava se as pessoas sabiam ou não. Ela alardeava a relação deles na frente de toda a cidade. Portanto, não espere que eu tenha pena de uma menina órfã que não tem nem nome e nem rosto.

Mick não sabia se houve algum alarde, e se houve, ele imaginava que o pai deveria levar a maior parte da culpa, já que ele era o casado da história.

— Você vai ficar bem com essa história?

— Não, mas o que eu posso fazer? — Ela ajustou a bolsa no ombro.

— Eu vou sobreviver, da mesma forma que das outras vezes.



— Eu disse a ela para ficar longe de você e de Travis, assim, ela não vai te incomodar com perguntas.

Meg levantou as sobrancelhas. — E ela vai incomodar você com perguntas?

Havia mais de uma maneira de uma mulher incomodar um homem.  
***E não venha aqui***

***pensando que pode me dizer o que fazer. Na verdade, eu não dou a mínima para se você***

***gosta ou não de tudo isso. Eu vou escrever esse livro e ponto final.*** Maddie estava furiosa, obstinada e absolutamente sensual. Seus grandes olhos castanhos o fuzilaram antes de ela bater a porta na cara dele.

— Não. — respondeu. — Ela não vai me incomodar com nenhuma pergunta.

Meg esperou até que a caminhonete de Mick saísse do estacionamento antes de deixar escapar o ar que havia em seus pulmões e levar as mãos ao rosto. Pressionou os dedos contra as têmporas e fechou os olhos numa tentativa evitar a pressão que se formava na cabeça. Madeline Dupree estava na cidade para escrever um livro sobre os seus pais. Tinha de haver alguma coisa que alguém pudesse fazer para impedi-la. Ninguém deveria ter o direito de simplesmente... arruinar a vida dos outros. Deveria haver uma lei contra bisbilhotice e... contra desenterrar o passado dos outros.

Meg abriu os olhos, olhou fixamente para baixo, para seus tênis brancos. Não demoraria muito para que todo mundo na cidade soubesse daquilo. Nem demoraria para que as pessoas comessarem a falar, fofocar e olhar para ela como se ela fosse culpada por explodir a qualquer momento. Mesmo seu irmão às vezes a olhava como se ela fosse louca. Mick pensava que sabia esquecer o passado, mas havia algumas coisas que nem ele seria capaz de

esquecer. Lágrimas turvaram sua visão e caíram no cascalho do chão. Mick também tomava a sua emoção como doença mental. Não que ela o culpasse realmente. Enquanto viveu com os pais foi como viver em constante cabo de guerra emocional, o que se encerrou com a morte dos dois.

Uma segunda caminhonete entrou no estacionamento e Meg levantou o olhar quando Steve Castle abriu a porta e desceu. Steve era amigo de Mick e gerente do Hennessy's. Meg não sabia muito sobre ele, só sabia que ele pilotava helicópteros no exército com Mick, e que houve algum tipo de acidente no qual Steve havia perdido parte da perna direita, abaixo do joelho.

— E aí, Meg? — ele a chamou. E a voz profunda ressoou no ar enquanto ele andava na direção dela.

— Olá. — Meg disse se apressando em enxugar os olhos, e baixando os braços logo em seguida. Steve era um cara legal. Raspava a cabeça completamente careca, era alto, tinha o peito largo e tão... tão másculo que Meg sentia-se um pouco intimidada ao lado dele.

— O que houve, dia ruim?

Ela pôde sentir as bochechas esquentarem enquanto olhava para os olhos dele, que eram profundamente azuis.

— Desculpe. Eu sei que os homens não gostam de ver as mulheres chorando...

— As lágrimas não me incomodam. Eu vi fuzileiros valentões chorarem como se fossem menininhas. — Ele cruzou os braços sobre a camiseta que tinha cachorros jogando pôquer estampados na frente. — E então, o que te deixou tão chateada, docinho?

Normalmente Meg não dividia seus sentimentos com pessoas que não conhecesse bem, mas Steve tinha alguma coisa especial. Se por um lado o tamanho dele a intimidava, por outro, ele também a fazia

se sentir segura. Ou talvez porque ele a havia chamado de "docinho", ela resolveu lhe contar sobre a conversa com Mick: — Mick acabou de sair, disse que há uma escritora na cidade que vai escrever sobre a noite que minha mãe matou meu pai.

— É... Eu ouvi alguém falar sobre isso.

— Já? Como descobriu?

— Os irmãos Finley estavam no Hennessy's na noite passada falando sobre isso.

Meg mordeu o lábio pensativa.

— Então acho que podemos dizer com segurança que toda a cidade já sabe, e que todo mundo vai ficar falando e especulando.

— Quanto a isso, não há nada a fazer... Meg balançou a cabeça.

Eu sei. Concordou

— Talvez você possa conversar com a tal escritora.

— Mick já tentou. Ela vai escrever o livro independente do que nós pensamos a respeito.

Meg olhou novamente para os pés: — Mick disse a ela para ficar longe de mim e de Travis.

— Mas por que evitá-la? Por que você não conta o seu lado da história para ela?

Ela o olhou nos olhos e falou:

— Eu não sei se ela se importa com o meu lado.

— Talvez, mas você só vai saber se falar com ela. — Steve descruzou os braços e pousou uma das grandes mãos no ombro de

Meg. — Se tem uma coisa que eu aprendi nessa vida, é que a gente tem que enfrentar as coisas de frente. A gente pode transpor qualquer obstáculo se souber o que está enfrentando.

Certamente isso era verdade e parecia um bom conselho, mas ela não conseguia sequer raciocinar depois que ele colocou a mão sobre o seu ombro. A clara sensação e o calor daquele toque espalhou-se e alcançou o estômago. Desde que o ex-marido havia sumido ela não sentia o calor de um homem. Os homens da cidade falavam com ela, flertavam com ela, mas nunca pareceram querer além de um pouco mais de café.

Steve segurou-a pela mão.

Sabe de uma coisa, desde que cheguei a esta cidade estou me perguntando uma coisa.

— O quê?

Steve inclinou a cabeça para um dos lados e a estudou minuciosamente.

— Por que você não tem um namorado? Ela riu e disse: — Acho que os homens desta cidade têm um pouco de medo de mim.

As sobrancelhas dele baixaram e ele soltou uma gargalhada. Uma gargalhada profunda e ressonante, que lhe iluminou o rosto.

— Não é engraçado! — Meg protestou. — Mas naquele momento e ambientado pela risada de Steve Castle até que era bem engraçado. E ficar tão perto, com a mão envolvida pelas mãos dele, era muito... gostoso.

## Capítulo 8

A pescaria na parte alta do Lago Payette foi tão boa, que o xerife Potter não retornou a até terça-feira da semana seguinte. Mas assim que recebeu o cartão de Maddie ligou imediatamente para marcar um encontro na casa dele no dia seguinte. Se havia algo no tipo de trabalho de Maddie com que ela sempre podia contar eram os policiais. Quer fosse o Departamento de Polícia de Los Angeles ou o xerife de uma cidade pequena, os policiais adoravam falar sobre casos antigos.

— Nunca esquecerei aquela noite — o xerife aposentado disse enquanto olhava para as velhas fotos da cena do crime com a ajuda de um par de óculos de leitura. Diferente dos estereotipados xerifes aposentados, que se tornavam muito gordos, Bill Potter era ainda muito magro e tinha a cabeça coberta por vasto cabelo branco. — A cena estava bem confusa.

Maddie aproximou o pequeno gravador para mais perto da poltrona reclinável azul clara, em que o xerife Potter estava sentado. O interior da casa dos Potter era uma fusão de temas florais e arte de caça que misturava tantos temas e cores diferentes que Maddie receou que seus olhos ficassem vinhos antes que o dia terminasse.

— Eu conhecia Loch e Rose desde que eles eram crianças — Bill Potter continuou. — Eu era poucos anos mais velho, mas em uma cidade deste tamanho, especialmente durante a década de setenta, todo mundo conhece todo mundo. Rose era uma das mulheres mais belas que eu conheci, e foi um grande choque ver o que ela fez àquelas duas pessoas, e depois a si mesma.

— Quantos casos de homicídio o senhor investigou antes do caso Hennessy?

— Maddie perguntou.

— Um, mas não foi nada, comparado com o caso Hennessy. O velho Jenner levou um tiro numa disputa por um cachorro. A maioria leva tiro por acidente, o que geralmente acontece durante a estação de caça.

— O primeiro oficial na cena era o... — Maddie parou para olhar para o relatório — oficial Grey Tipton.

— Isso mesmo. Ele deixou o Departamento poucos meses depois do crime e foi-se embora — disse o xerife. — Ouvi dizer que morreu alguns anos atrás.

Essa era realmente mais uma das muitas dificuldades que enfrentaria na cidade. Algumas pessoas não estavam dispostas a falar sobre o que ocorreu, e outras estavam mortas.

— Eu soube. Ele morreu em um acidente de quadriciclo tipo ATV em 1981.

— Pelo menos Maddie tinha em seu poder os relatórios e as notas do oficial Tipton. — O

crime teve alguma coisa que ver com o fato de ele ter deixado o Departamento?

O xerife Potter embaralhou as fotos.

— Teve tudo que ver. Grey era realmente muito amigo de Loch. A cena do amigo naquele estado o perseguiu de tal forma que ele não conseguia mais dormir. O xerife levantou a foto de Rose caída ao lado do marido morto. — Foi a primeira vez que qualquer um de nós viu uma coisa daquelas. Eu já havia atendido vários acidentes de automóvel, que sempre são muito sangrentos, mas nunca nenhum foi tão pessoal.

Já que não houve julgamento sobre o qual escrever, Maddie tinha de coletar o máximo de informação pessoal que pudesse. Além do que, os Hennessy também não falariam, por isso ela teria de confiar mesmo nas outras fontes.

— Grey enfrentou um momento tão difícil depois do crime, que precisou se demitir. Isso mostra que a gente não sabe como vai lidar com uma situação até que esteja completamente envolvido nela.

Pela hora que se seguiu Maddie e o xerife conversaram sobre a cena do crime. As fotos e os relatórios respondiam quem, o que, onde e quando, mas o porquê ainda estava confuso.

Maddie trocou a fita do pequeno gravador, depois perguntou: — O senhor conhecia tanto Loch quanto Rose. O que o senhor acha que aconteceu naquela noite? — Em todo caso como esse, sempre há um catalisador. Um fator de estresse que foi introduzido e empurrou a perpetradora do crime ao momento crítico. — Eu sempre soube que Alice Jones não foi o único caso de Loch.

— Não. Ela não foi o único caso. Aquele casamento foi como uma montanha-russa que perdurou por vários anos. — O xerife balançou a cabeça e tirou os óculos. — Antes que eles se mudassem para a casa da fazenda que ficava bem fora da cidade, costumavam viver próximo ao lago em Pine Nut. A cada dois meses eu recebia uma chamada de algum dos vizinhos deles e tinha que me deslocar até lá.

— O que você encontrava quando chegava?

— Em geral muita gritaria e discussões. Algumas vezes Loch aparecia com as roupas amassadas ou rasgadas ou com uma marca vermelha no rosto. — Bill coçou o queixo...

Uma vez cheguei lá e a janela da frente estava arrebitada e tinha uma panela jogada no jardim.

— Em alguma dessas vezes algum deles foi preso?

— Não. E depois, na próxima vez que a gente os via, estavam os dois arrulhando e felizes como num milagre.

E quando eles não estavam arrulhando, atraíam outras pessoas para dentro daquele casamento completamente confuso.

— Mas depois que eles se mudaram para a casa da fazenda, os pedidos de socorro para o seu escritório pararam?

— Sim. Afinal, você sabe, não havia mais vizinhos em volta...

— Onde fica essa casa da fazenda?

— Ela pegou fogo... — Ele parou de falar enquanto pensava. Profundos sulcos atravessaram sua testa. — Deve ter sido há uns vinte anos. Uma noite alguém foi até lá encharcou o local com querosene e ateou fogo.

— Alguém ficou machucado?

— Ninguém vivia lá naquela época. — Bill franziu a testa e balançou a cabeça. — Nunca descobriram quem começou o incêndio. Embora eu sempre tenha tido minhas suspeitas.

— E de quem o senhor suspeitava?

— Apenas duas pessoas queriam que a casa ficasse daquele jeito a ponto de fazer um trabalho tão bem feito. Crianças brincando com fósforos por ali não teriam incendiado o lugar daquele jeito.

— Mick?

— E a irmã, embora eu nunca tenha conseguido provar. A bem da verdade, eu nunca quis provar. Enquanto crescia, Mick estava sempre envolvido em problemas. Foi uma preocupação constante,



mas eu sempre me senti penalizado com relação a ele. Afinal, ele teve uma vida muito difícil.

— Muitas crianças perdem os pais e não viram incendiários. O xerife inclinou-se para a frente.

— Essas crianças tiveram a vida que Rose Hennessy deixou para seus filhos. É verdade, mas Maddie sabia um pouco sobre esse tipo de vida. Ela virou a página do caderno de notas e perguntou:

— Alice Jones vivia no estacionamento de trailers Parque Roundup. O senhor conhece uma mulher chamada Trina, que pode ter vivido no mesmo local em 1978?

— Hmm... Não me parece familiar. — Pensou por um momento, depois se inclinou novamente para a frente. — Você pode falar com Harriet Landers. Ela viveu naquele estacionamento por vários anos. Quando a terra foi vendida para um empresário, ela praticamente teve de ser amarrada para ser levada dali.

— E onde esta Harriet mora hoje?

— Levana! — O xerife chamou a esposa. Quando ela apareceu dos fundos da casa ele lhe perguntou:

— Onde a Harriet Landers está morando agora?

— Acho que ela mora na Vila Samaritana. Levana olhou para Maddie e acrescentou: — É uma casa de repouso que fica na estrada Whitetail. Atualmente a Harriet está com certa dificuldade para ouvir.

De sua cadeira de rodas, Harriet Landers gritou:

— O quê? Fale alto, pelo amor de Deus.

Maddie sentou-se em uma velha cadeira de ferro no pequeno jardim da Vila Samaritana.

Era difícil adivinhar a idade daquela mulher idosa só olhando para ela. Ela parecia ser algo entre a um passo do cemitério e um fóssil.

— Meu nome é Maddie Dupree! Eu gostaria de saber se eu posso ser...

— Você é a escritora... — Harriet a interrompeu — ...eu ouvi falar que você veio até aqui para escrever um livro sobre os Hennessy.

Uau! As notícias corriam rápido mesmo por ali, inclusive no circuito de casas de repouso.

— É isso mesmo. Me disseram que a senhora morou naquele estacionamento de trailers chamado Parque Roundup.

— Morei! Por cerca de cinquenta anos! — Harriet havia perdido quase todos cabelos brancos e a maior parte dos dentes, e vestia um roupão cor-de-rosa, com botões de pressão e cordão na cintura, ambos brancos. Mas parecia não haver nada errado com seu discernimento.

— Eu não sei o que poderia lhe dizer.

— Como era viver no Parque Roundup?

— Humpf! — Ela levantou a mão cheia de calos e outras pequenas deformações, e tentou acertar uma abelha que vojava na frente do seu rosto. — Não há o que dizer que todos já não saibam. Em geral, o povo pensa que as pessoas que moram em trailers são pobres, mas eu sempre gostei do meu trailer. Sempre gostei de ter a opção de empacotar tudo, inclusive a minha casa, e me mudar quando eu quisesse. Ela encolheu os ombros ossudos. — Embora eu nunca tenha feito isso...

— Pois é, algumas pessoas conseguem ser muito cruéis e não têm qualquer consideração por aqueles que vivem de forma diferente — Maddie incentivou. — Quando eu era pequena, morávamos num

trailer, e eu achava a melhor coisa do mundo. — Maddie dissera a verdade, especialmente porque o trailer representou uma grande melhora em relação aos outros lugares onde ela e a mãe viveram antes. — Nós não éramos lixo, com certeza.

Os olhos fundos de Harriet se voltaram rapidamente para Maddie: — Você morou num trailer?

— Sim, senhora. — Maddie levantou o gravador. — A senhora se importa se eu gravar a nossa conversa?

— Para quê?

— Assim eu não corro o risco de citá-la de maneira errada.

Harriet colocou os cotovelos magros sobre o braço da cadeira de rodas e se inclinou para a frente.

— Tudo bem, pode gravar. — Ela voltou-se para o gravador. — O que você quer saber?

— A senhora se lembra do verão em que Alice Jones viveu no Parque Roundup? — perguntou.

— Claro, embora não fossemos vizinhas de porta, eu vivia no final da rua em que ela se instalara. Mas eu a vi algumas vezes enquanto passava de carro.

Ela era uma moça muito bonita realmente, e tinha uma filhinha. Uma menininha que costumava ficar o dia inteiro e às vezes parte da noite se balançando no balanço que ficava no jardim da frente.

É verdade. Essa parte Maddie conhecia bem. Lembrava-se de se balançar tão alto, que achava que os dedos dos seus pés iriam tocar o céu.

— Alguma vez a senhora conversou com Alice Jones? Lembra-se de alguma conversa, por mais trivial que seja?

Na testa de Harriet surgiu uma ruga, criada por um franzir de sobrancelhas.

— Não, que eu me lembre, não. Isso já faz tanto tempo, e minha memória já não é tão boa.

— Eu sei o que é isso. Eu também tenho problemas de memória de vez em quando. — Maddie olhou para suas anotações como que para se lembrar do que perguntar em seguida.

— A senhora se lembra de uma mulher chamada Trina, que parece ter vivido no Parque Roundup naquela época?

— Provavelmente você está falando de Trina Olsen. A filha do meio de Betty Olsen, que era uma daquelas ruivas de cabelo muito vermelho e sardas.

Maddie anotou o sobrenome de Trina e o circulou:

— A senhora sabe se Trina ainda vive em Truly?

— Não sei... E Betty morreu. Morreu de câncer no fígado.

— Sinto muito.

— Por quê? Você a conhecia?

— Não, claro que não! — Ela colocou a tampa na caneta.

— Existe mais alguma coisa de que a senhora se lembra da época em que Alice Jones vivia no Parque Roundup?

— Me lembro de muitas coisas. — Ela mexeu um pouco nos cabelos e depois disse: — Lembro-me de Galvin Hennessy, com certeza.

— O pai de Loch? — Maddie perguntou, apenas para esclarecer. O que poderia Galvin ter a ver com a mãe de Maddie?

— Isso! Ele era o diabo de tão bonito, como todos os homens da família Hennessy. Harriet balançou a cabeça e suspirou. — Toda garota sabia que tinha que ser muito idiota para se casar com um Hennessy.

Maddie passou os olhos por suas anotações, procurando o nome de Galvin. Ela amassou a filipeta do Dia dos Fundadores da Cidade que apanhou na escrivania da recepção, mas até onde se lembrava, ele não havia sido mencionado em qualquer dos relatórios da polícia.

— Eu me encontrei muito com ele, até o dia em que ele caiu morto no banco de trás do meu carro.

Maddie levantou a cabeça.

— Perdão, não entendi.

Harriet riu, um som estridente e animado que lhe causou um acesso de tosse. Maddie ficou tão preocupada que deixou suas anotações na grama e se levantou para ajudá-la. Quando Harriet conseguiu se recuperar, Maddie perguntou:

— A senhora está bem? — A última coisa que Maddie queria era causar qualquer problema para Harriet.

— Eu queria que você tivesse visto a sua cara! Eu não pensei que ainda era possível abalar alguém nesta cidade. Muito menos na minha idade! — Harriet falava enquanto ria.

— Então? — Maddie sentou-se novamente. — O Galvin teve alguma coisa que ver com o que aconteceu no Hennessy's?

— Não. Ele morreu antes de tudo isso acontecer. Lorraine nunca me perdoou por Galvin ter morrido no banco de trás do meu carro, mas

você sabe... não é possível atirar uma pedra nesta cidade sem atingir pelo menos uma mulher que tenha dormido com um Hennessy.

Maddie perguntou:

— Por quê? — Afinal havia muitos homens com boa aparência e charmosos por ali. — O

que faz dos homens da família Hennessy tão irresistíveis às mulheres de Truly?

— Eles são belos ao olhar, mas o principal fica por conta do que eles têm por dentro das calças... — Harriet parou maliciosa.

— Você quer dizer que eles tem... — Maddie parou e levantou os olhos como se estivesse procurando a melhor palavra. E encontrou, claro. Uma de suas expressões favoritas lhe veio à mente: bem-dotado, mas por alguma razão ela simplesmente não conseguia dizer na frente de uma senhora de idade.

Assim, Harriet completou: — Eles são abençoados. — Assim e por toda a hora que se seguiu, continuou a dar a Maddie os detalhes do seu longo e notável caso com Galvin Hennessy. Aparentemente, Harriet era uma *daquelas* garotas. Não tinha problema em ter exatos noventa anos, e em parecer apenas uma uva passa com olhos. Harriet Landers era uma *daquelas* garotas que adorava falar da própria vida sexual com homens completamente estranhos. E Maddie, que era uma garota de sorte, conseguiu gravar toda a conversa.

Quarta-feira à noite no Hennessys era noite da esbórnia. Numa tentativa de ajudar os cidadãos a afogar os aborrecimentos da semana, o Hennessys oferecia coquetéis pela metade do preço e bebidas a um dólar até as sete horas. Depois das sete horas algumas pessoas saíam, mas a maioria ficava e pagava preço de

costume. Galvin Hennessy foi o mentor da noite da esbórnia do Hennessys, e a clientela se manteve nas gerações seguintes.

Quando Mick assumiu a direção do lugar, houve quem temesse o fim da noite da esbórnia, afinal ele tinha acabado com o arremesso de calcinhas do Morfs. Mas depois de dois anos de coquetéis baratos e cervejas a um dólar, Truly pôde respirar aliviada por saber que algumas tradições ainda era sagradas.

Mick estava no fundo do bar, com um taco de sinuca na mão, enquanto Steve Castle inclinado sobre a mesa prepara-se para uma tacada. Steve era ligeiramente mais alto que Mick e estava usando uma camiseta azul clara justa. Mick conhecia Steve desde o curso de vôo. Naquela época Steve tinha a cabeça repleta de cabelos loiros. Atualmente Steve era tão careca quanto a bola de bilhar que estava mirando.

Quando Mick saiu do exército, Steve ficou até que o helicóptero que pilotava foi atingido por um míssil AS-7, próximo a Fallujah. Cinco soldados morreram. Na queda, sete se feriram, inclusive Steve que perdeu parte da perna. Após meses de reabilitação e uma nova prótese, ele voltou para casa no Norte da Califórnia, onde encontrou seu casamento completamente arruinado. Passou por momentos realmente difíceis e por um divórcio doloroso. Quando Mick o convidou para se mudar para Truly e gerenciar o Hennessys, Steve não teve dúvidas, pulou dentro da caminhonete e chegou em poucos dias.

Mick não esperava que o amigo permanecesse naquela cidade tão pequena, mas já fazia um ano e meio, e Steve havia acabado de comprar uma casa próxima do lago.

Ele era para Mick o que mais se aproximava de um irmão. Os dois dividiram experiências parecidas e tinham memórias viscerais. Dividiam uma vida que os civis não entendiam, e nunca falavam em público sobre a época em que viveram no exército.

A bola seis caiu na caçapa e Steve alinhou a bola dois.

— Meg esteve aqui ontem procurando por você — disse. — Acho que a cidade inteira está zunindo como um ninho de vespas porque aquela escritora conversou com o xerife Potter e com Harriet Landers.

— Meg me ligou ontem à noite para falar a respeito. — Steve era a única pessoa com quem Mick falava sobre os imprevisíveis arroubos emocionais e as mudanças de humor de Meg.

— Ela não está tão perturbada com relação a toda essa coisa do livro quanto pensei que ficaria. — Pelo menos não surtou. Mick esperava uma reação mais violenta depois de vê-la aos prantos noites atrás por ter encontrado acidentalmente o anel de casamento da mãe.

— Talvez Meg esteja mais forte do que você imagina. Talvez, mas Mick duvidava.

Steve jogou, mas a dois bateu na quina da mesa e voltou. — Exatamente o que eu queria ter feito.

— Claro! — Mick ironizou enquanto passava giz em seu taco. Bateu na bola dez que sobrava, jogando-a dentro da caçapa.

— Melhor eu ficar atrás do balcão — Steve falou quando pôs o taco no suporte. Você vai ficar aqui até fechar?

— Não. — Mick deixou o taco ao lado do de Steve e olhou para o bar. Em noites de semana, tanto o Hennessys quanto o Morts fechavam à meia-noite. — Eu quero ver o como o novo *barman* está se saindo lá no Morts.

— Como tem sido até agora?



— Muito melhor que o último. Eu devia ter conhecido melhor antes de contratar Ronnie Van Damme para o primeiro posto. A maioria dos Van Damme é imprestável. — Mick tinha tido que demitir Ronnie duas semanas atrás por chegar atrasado com frequência e esquecer o trabalho para envolver-se com as freqüentadoras do bar. — O cara novo gerenciou um bar em Boise, espero que ele consiga trabalhar bem. — Eventualmente o objetivo de Mick era encontrar um gerente para o Morts de forma que ele pudesse trabalhar menos e ganhar mais dinheiro. Ele não confiava nas pensões do governo nem seguro social para sustentá-lo para o resto da vida e fazia investimentos.

— Se precisar de ajuda me avise — disse Steve enquanto se afastava com passos ligeiramente cadenciados, tão ligeiramente que era difícil notar. Mick não esteve no Iraque quando a aeronave de Steve foi derrubada, mas ele teve uma série de missões próximas dali e foi forçado a fazer uma aterrissagem de emergência no Afeganistão quando uma granada atingiu o seu helicóptero. A aterrissagem não foi muito bonita, mas ele conseguiu sobreviver.

Ele adorava voar e era uma das coisas no seu passado de que mais sentia falta. Mas não sentia saudade da areia ou da poeira e do jeito de viver do exército. Preferiu se retirar do que enfrentar o tédio de ficar sentado esperando ordens. Desde de que viera para Truly, onde nada demais acontecia, nunca ficava entediado. Especialmente nos últimos tempos.

Mick olhava a pista de dança no outro lado do bar. Nos finais de semana, normalmente ele contratava uma banda e mandava encerrar o chão. Nas demais noites algumas pessoas ficavam por ali conversando, outros se sentavam em mesas e no balcão. Nas noites de esbórnia o bar esvaziava geralmente em torno das nove horas, exceto por uns poucos gatos pingados. Durante a infância o pai ocasionalmente trazia os filhos para o bar e os deixava servir cerveja nas canecas. Já naquela época os ensinou a tirar um colarinho perfeito.

Pensando bem, não é a melhor coisa para se ensinar aos filhos, mas naquela época ele e Meg adoraram.

***O seu pai pode ter sido um canalha, Maddie dissera, mas será que ele merecia receber três***

***tiros e sangrar até morrer no chão de um bar enquanto a sua mãe assistia?***

Mick pensou mais no pai nos últimos dois dias do que havia pensado nos últimos cinco anos. Se Maddie estivesse certa, sua mãe assistira seu pai morrer... Mick simplesmente não conseguia tirar isso da cabeça.

Sentou-se na beirada da mesa de sinuca e cruzou um dos pés sobre o outro enquanto assistia Steve pegar uma cerveja do refrigerador e abri-la. Mick sabia que a garçonete, Alice Jones, foi morta atrás do balcão do bar, enquanto sua mãe e seu pai morreram ambos na frente do balcão. Ele nunca viu fotos ou leu reportagens, mas ao longo dos anos, certamente ouviu tantas conversas sobre aquela noite em que a mãe havia matado o pai e Alice, que achava já ter ouvido tudo. Agora percebia que não.

Ao longo dos últimos trinta e cinco anos, ele esteve no bar milhares de vezes. Meg tinha uma fotografia dele com três anos de idade sentado em um banco do bar com o pai. Depois que seus pais morreram, o lugar foi completamente renovado, e todo e qualquer traço do que aconteceu naquela noite havia sido removido há muito tempo. Quando entrava ou saía pela porta dos fundos, nunca pensava sobre o que sua mãe fez ao pai e a Alice Jones.

Até aquele momento.

***Então a sua mãe teve uma justificativa perfeita para atirar no rosto dela,*** Maddie disse.

Por alguma razão, não conseguia tirar da cabeça Maddie Dupree e o maldito livro sobre o crime. A última coisa no mundo que ele sempre quis ter entre seus pensamentos foi a morte dos pais, seria melhor deixar o passado enterrado. E a última pessoa que ele queria que se enfiasse na sua cabeça agora era a mulher responsável por desenterrar tudo aquilo de novo.

***Meu Deus, você parece um tornado. Devorando tudo a sua volta.*** Maddie dissera sem parecer se importar com o fato de que ela seria a última pessoa no mundo a quem ele desejaria. Mick capturou do fundo de sua mente a memória dos lábios dela sob os dele, sua respiração ofegante e a visão daquele beijo sentido por completo.

Ele saiu de cima da mesa de sinuca, passou pela pista de dança em direção ao balcão.

Reuben Sawyer sentado no banco habitual, parecia velho e maltratado. Reuben perdera a esposa trinta anos atrás, e pelas últimas três décadas ele se sentava no mesmo banco quase toda noite para afogar as mágoas. Mick não acreditava em almas gêmeas e não entendia aquele tipo de tristeza. Mas sempre que pensava no assunto concluía que se alguém se sente solitário daquela forma pela ausência de uma mulher, que faça alguma coisa para resolver que não envolva uma garrafa de ***bourbon***.

Várias pessoas chamaram Mick quando ele passou, mas ele não parou. Ele não sentia nem um pouco de vontade de papear. Não naquela noite. Enquanto passava do *hall* para o fundo do bar, uma antiga namorada de escola o parou.

— Olá, Mick — Pam Puckett disse quando saiu do banheiro feminino. Mick queria simplesmente cumprimentá-la rapidamente e prosseguir, mas supôs que seria muito rude, então parou e disse: — Oi, Pam.

Ela tomou aquilo como um tipo de convite para envolver os braços em volta do pescoço dele e lhe dar um longo abraço, que se

arrastou por alguns segundos além do considerado simplesmente amigável:

— Como vai? — ela perguntou junto do ouvido dele.

— Bem. — Depois que saiu da escola, Pam casou-se e divorciou-se três vezes. Mick até imaginara que o casamento dela não duraria muito. Ele deu um passo para trás e a olhou no rosto. — E você?

— Nada mal. — respondeu enquanto baixava os calcanhares. Mas manteve uma das mãos no peito dele. — Não tenho visto você por aqui já há algum tempo.

— Tenho ficado mais no outro bar. — Pam ainda era atraente, e Mick sabia que tudo o que tinha que fazer era pegá-la pela mão e levá-la pra casa. Ele ficou com a mão na cintura dela, esperando seu corpo manifestar um primeiro impulso de interesse. — Você ainda está trabalhando no escritório do xerife?

— Estou. Ainda atendendo ligações. Ameaço sair dia sim, dia não. — A mão dela escorregava de leve pra cima e para baixo do peito dele.

Faltavam três horas para fechar o Morts. Estivera antes com Pam e ambos sabiam que era só sexo. Dois adultos se divertindo juntos.

— Você está sozinha? — Perguntou.

A mão feminina escorregou para a cintura dele e enganchou um dos dedos na fivela do cinto dele. Ele já deveria ter sentido algum sinal de interesse, mas até aquele momento nada. — Com algumas amigas.

***Diga-me uma coisa, Mick, as mulheres com quem você dormiu sabem umas da outras?***

Provavelmente um pouco de sexo era tudo o que ele precisava para tirar Maddie da cabeça.

Há um mês ele não levava uma mulher para cama, e tudo o que tinha de fazer era pegar a mão de Pam levá-la para a porta dos fundos.

— Você sabe que eu nunca planejo me casar. Certo?

— Claro, acho que todo mundo sabe disso, Mick.

— Então eu nunca menti para você com relação a isso.

— Claro que não!

Uma vez que Pam estivesse nua na sua frente, ela o faria esquecer todo o resto. Pam não gostava de sexo longo e arrastado. Gostava de sexo rápido e quantas vezes fosse possível, e Mick queria satisfazê-la.

Foi quando ela disse:

— Ouvi falar que tem uma escritora que anda entrevistando todo mundo na cidade — e expirou demonstrando certa excitação.

Mick desejou que ela não tivesse dito aquilo...

— A gente se vê. — Soltou a cintura dela e se virou novamente em direção à porta.

— Você está indo embora? — Pam reclamou, querendo dizer na realidade: **Você está indo**

***embora sem mim?***

— Tenho que trabalhar.

O céu ainda estava claro quando Mick saiu e dirigiu até o Morfs. Maddie Dupree estava vasculhando seu passado, falando com toda a cidade sobre a sua família e atrapalhando sua vida sexual. A cada

momento que passava, ele sentia crescer o apelo de amarrá-la e escondê-la em algum lugar.

O estômago dele resmungou enquanto parava a caminhonete em uma vaga atrás do Morts, e em vez de entrar no bar pelos fundos, foi para a frente e andou mais algumas portas até um pequeno restaurante. Passaram um pouco das nove horas, e ele não comia nada desde o almoço, natural que estivesse com dor de cabeça.

O lugar estava praticamente vazio e o odor da cozinha que sentiu enquanto entrava e andava até o balcão de atendimento o fez ficar com mais fome. Chegou ao balcão, fez seu pedido a uma jovem garçonete. O restaurante fazia o melhor pastrami no pão de centeio e batatas *chips*. Se tivesse tempo, Mick teria pedido uma cerveja.

O interior do restaurante era decorado com pôsteres de cerveja do mundo todo, e sentada a uma das mesas separadas por divisórias, abaixo de um dos pôsteres, estava a mulher que ele vinha fantasiando amarrar e jogar dentro de um armário.

Sobre a mesa dela havia um colorido prato de salada e uma grande pasta aberta bem na frente de Maddie Dupree. Seus cabelos estavam presos e os lábios pintados de um vermelho profundo. Os olhos castanhos se levantaram quando ele se sentou na cadeira em frente a ela.

— Você tem andado ocupada, não? — falou à guiza de cumprimento.

— Olá, Mick. — E apontando com o garfo na direção da cadeira em que ele acabara de se sentar, acrescentou: — Sente-se.

Ele vestia um suéter laranja que estava desabotoado na frente e por baixo usava uma camiseta branca. Uma camiseta branca e apertada.

— Ouvi dizer que você andou conversando com Bill Potter.

— As notícias correm rápido por aqui! — Espetou uma folha de alface e um pedaço de queijo e abriu a boca. Os lábios vermelhos se fecharam por sobre a ponta do garfo, e logo ela o tirou para fora da boca lentamente.

Mick apontou para a pasta aberta.

— Isso aí é o meu prontuário policial?

Maddie o observava enquanto mastigava.

— Não — disse depois de engolir — o xerife mencionou que você foi um garoto problema tempos atrás, mas ele não mencionou seu prontuário policial. — Ela fechou a pasta e a colocou no banco ao seu lado. — Por que ele te prendeu? Vandalismo? Urinar em público?

Espiar pela janela dos outros?

Que espertinha pensou Mick, mas respondeu:

— Em geral por causa de briga.

— Ele mencionou um incêndio. Você não sabe nada a respeito, sabe? — Ela pôs mais um bocado de salada na boca e tomou um gole de chá gelado.

— Não sei nada sobre nenhum incêndio.

— Claro que não. — Ela pousou o garfo no prato e apoiou as costas no encosto da cadeira, cruzou os braços abaixo dos seios fartos. A camiseta de Maddie era tão fina que ele podia ver claramente o contorno do sutiã branco.

— E com Harriet Landers, a conversa foi agradável?

Ela mordeu o lábio para evitar o riso. — Foi... foi bem interessante.

Mick afundou na cadeira e abaixou as sobrancelhas. A ponta da sua bota tocou o pé dela.

Maddie inclinou a cabeça para um dos lados. Como seda macia e reluzente, seus cabelos caíram por cima de um dos ombros. Ela o olhou fixamente por alguns instantes antes de se sentar reta e afastar o pé do contato com ele.

— Harriet transou com meu avô no banco de trás do carro dela até ele morrer — disse. — Isso é quase um crime.

Maddie empurrou o prato para o lado e cruzou os braços sobre a mesa. — É verdade, mas foi puro sexo.

— E você vai escrever sobre isso.

— Não havia pensado em mencionar a... partida inoportuna do seu avô. — Ela virou um pouco a cabeça e olhou-o pelos cantos de seus grandes olhos castanhos. — Mas preciso encher páginas com os antecedentes da família.

— Claro!

— Ou eu poderia encher páginas com fotos. —

— Quer que eu lhe dê fotos? Fotos instantâneas de uma linda família feliz? Talvez do Natal ou de algum dia de Ação de Graças ou do verão em que fomos para o Parque de Yellowstone?

Ela tomou mais um gole de chá, pôs o copo novamente sobre a mesa. — Isso seria ótimo!

— Pode esquecer! Eu não me deixo levar por chantagem.

— Ora, onde está a chantagem? Isso está mais para cada um conseguindo o que quer. E o que eu realmente quero é tirar fotos de dentro do Hennessys.



Mick se inclinou ainda mais por sobre a mesa e disse: — E como se sente por querer uma coisa que nunca vai conseguir? A garçonete deixou um saco plástico com a comida de Mick sobre a mesa. Ele esperou que a moça se afastasse e disse sem tirar os olhos de Maddie:

— Fique longe do meu bar.

Maddie se inclinou na direção dele até que seus rostos estivessem a poucos centímetros um do outro.

— Ou?, desafiou.

Ela era corajosa demais, e Mick quase gostava daquela característica. Quase. Ele a encarava enquanto procurava a carteira no bolso de trás da calça. Tirou vinte dólares e os jogou sobre a mesa.

— Ou eu vou te botar para fora com um chute no traseiro.

## Capítulo 9

— Você é louca!

— Vai dar tudo certo. — Maddie olhou para Adele atrás de si e abriu a porta do Mort's.

— Ele não disse que ia te botar pra fora com um chute no traseiro?

— Tecnicamente, estávamos falando sobre o Hennessys.

Entraram e a porta se fechou atrás delas. Adele se inclinou e falou próximo ao ouvido de Maddie acima do barulho e da música que saíam *da jukebox*: — Você acha mesmo que ele vai se importar com a parte técnica? Maddie entendeu que aquela era uma pergunta puramente retórica e olhou ao redor procurando pelo dono em meio à multidão dentro do bar vagamente iluminado. Eram oito e meia da noite de uma sexta-feira, e o Mort's havia sido novamente encerado. Ela não tinha a mínima intenção de colocar os pés naquele bar de cowboys novamente, até Mick lhe dizer para não pisar no seu bar. Precisava fazê-lo entender que ele não a intimidava. Ela não tinha medo de nada.

Reconheceu Daria da última vez que esteve no Mort's e a vizinha Tanya que conhecera na festa dos Allegrezza. Não estava com medo. Só queria conseguir ficar um pouco mais dentro do bar antes que Mick a visse.

Maddie havia se preparado para aquela noite. Mais cedo enrolou os cabelos com rolos grandes que deram mais volume e ondas generosas. Também estava usando mais maquiagem que o usual, e um vestido de malha de algodão branco e sandálias com salto alto. E carregava um casaco vermelho de lã angorá, porque sabia que

assim que o relógio marcasse nove horas começaria a sentir muito frio, como de costume. Se iria ser levada à porta da rua, queria estar bem durante o trajeto.

Uma música sobre mulheres com pescoço vermelho tocava na **jukebox**, enquanto Adele e Maddie avançavam em seu caminho em meio à multidão na direção a uma mesa vazia no canto do bar. Adele, que tinha longos cachos, usava um jeans apertado e uma camiseta onde se lia: SALVE UM CAVALO, DOME UM COWBOY, também chamava atenção considerável.

— E aí, você está vendo Mick? Adele perguntou enquanto passava entre as cadeiras e olhava para o balcão.

Elas foram além do planejado. Era simples. Nada arriscado: apenas entrar no Morts, tomar uns drinques e sair. Tão fácil quanto tirar doce de criança, mas agora Adele estava agindo como se fosse uma espiã, lançando seus enormes olhos sobre tudo o que estava em volta, como se esperasse que uma equipe da SWAT entrasse violentamente, sacasse suas bazucas, e as forçassem a se estender completamente no chão.

— Não. Eu ainda não estou vendo Mick. Maddie colocou a bolsa na mesa bem perto do cotovelo e olhou para o bar mais minuciosamente. As luzes da **jukebox** e do bar se derramavam sobre a multidão, mas chegavam apenas timidamente ao canto do bar em que elas se encontravam. Era um local perfeito para verem sem serem vistas.

Adele inclinou a cabeça para perto de Maddie e perguntou: — Como ele é?

Maddie levantou uma das mãos e sinalizou para a garçonete.

— Alto. Cabelo escuro e olhos muito azuis — respondeu. **Charmoso quando quer alguma**

***coisa, e o beijo pode fazer uma mulher perder a cabeça.***

Maddie pensou no dia em que ele trouxe o motel para ratos, no beijo e nas mãos dele na sua cintura, e no seu estômago que ficou um pouco apertado. — Quando as mulheres dentro deste bar começarem a balançar os cabelos e a procurar na bolsa por uma bala de hortelã, você vai saber que ele chegou.

Uma garçonete com um permanente detestável, jeans apertados no traseiro e uma camiseta do Morts anotou o pedido das bebidas.

— Ele é ***tudo isso***? — Adele perguntou quando a garçonete se afastou da mesa.

Maddie confirmou com um geseto de cabeça. ***Tudo isso*** era uma maneira bastante justa de se referir ao Mick. Com certeza ele era digno de tanta atenção, e houve um momento, ou dois, em que ela esteve a ponto de mordê-lo. Como quando olhou por cima da salada no restaurante, em que ele estava sentado de frente para ela. Momentos antes ela estava pensando no trabalho, lendo as últimas anotações, feitas durante a entrevista com o xerife Potter. Depois, como num passe de mágica, lá estava Mick olhando para ela daquela maneira quente e incredivelmente irritado. Em geral, ela considerava um homem zangado o que menos se aproximava do quente, mas Mick não era um homem qualquer.

Quando se sentou na frente dela, avançando pouco a pouco e avisando-a para que ficasse longe do bar, seus olhos se transformaram num azul profundo e fascinante. E Maddie se percebeu tentando descobrir o que Mick faria se ela se levantasse o beijasse por cima da mesa. Se lhe beijasse o pescoço e se o mordesse logo abaixo da orelha.

— Falei com a Clare hoje — Adele disse tirando a atenção de Maddie das elucubrações acerca de Mick. Assim as duas amigas começaram a conversar sobre o casamento que se aproximava, até que a garçonete retornou com o ***Bitch on Wheels*** de Adele, e o ***martini***

com vodca extra-seco de Maddie. A garçonete podia ter um cabelo horrórico, mas trabalhava muito bem.

— O que há com os cabelos de algumas das mulheres desta cidade?

— Adele perguntou quando a garçonete se afastou.

O olhar de Maddie examinava a multidão e calculava que a relação entre cabelo ruim e cabelo bom era meio a meio.

— Eu também estou tentando descobrir isso. — Maddie levou o copo aos lábios. — A metade delas tem cabelo bom e a outra metade tem na cabeça uma espécie confusão superproduzida. — Por cima da beirada do copo, continuou sua vigilância. Ainda não havia nenhum sinal de Mick.

— Eu te contei sobre o cara com quem saí na semana passada? — perguntou Adele.

— Não... — Maddie vestiu o suéter e se preparou para uma das histórias de encontro desastroso de Adele.

— Bem, ele foi me buscar num daqueles carros dos anos setenta que foram modificados, sabe?

— Sei. Um daqueles carros que explodem?

— Exatamente! O carro era laranja brilhante, parecia um alvo em movimento. Ele dirigia pensando que era o Michael Schumacher. — Adele pôs alguns cachos rebeldes atrás da orelha. — E ainda usava aquelas luvas de corrida sem dedos.

— Não é possível, você está me gozando. Onde você encontrou esse cara?

— Numa pista de corrida.

Maddie não perguntou o que Adele fora fazer numa pista de corrida. Nem queria saber.

— Diga-me uma coisa: você não transou com esse cara, não é?

— Claro que não! Um cara que dirige tão rápido deve fazer muitas outras coisas rapidinho.

— Adele suspirou. — Acho que fui amaldiçoada com encontros ruins.

Maddie não acreditava em maldição, mas não podia discordar. Adele tinha a pior sorte com os homens do que qualquer outra mulher que ela conhecia. E a própria Maddie já tivera uma série de encontros ruins.

Uma hora e três outras histórias de encontros frustrados mais tarde, ainda não havia qualquer sinal de Mick. Elas pediram outro drinque, e Maddie começou a imaginar que ele podia não aparecer naquela noite no final das contas.

— Olá, senhoritas!

Maddie olhou por cima do ***martíni*** para dois homens que estavam em sua frente. Os dois eram altos, loiros e tinham a pele muito bronzeada. O homem que falou tinha um sotaque australiano.

— Olá Adele disse e tomou um gole do seu ***Bitch on Wheels***. Adele podia ter tido um monte de encontros desastrosos, mas isso acontecia unicamente porque seus cachos dourados e seus grandes olhos azuis atraíam muitos homens. Obviamente o amuleto da sorte de Adele funcionava para quaisquer nacionalidades. De trás do seu copo, Maddie olhou para Adele e sorriu.

— Vocês gostariam de se sentar? — Adele perguntou.

Não foi necessário perguntar duas vezes, os dois puxaram as duas cadeiras vazias e se apresentaram:

— Meu nome é Ryan — disse o sujeito mais próximo de Maddie, achatando as vogais como se fosse **Crodilo Dundee**.

Colocando seu drinque sobre a mesa, disse apenas:

— Maddie.

— Este é meu colega Tom. — Apontou para o amigo. — Vocês moram em Truly?

— Acabei de me mudar pra cá — explicou reparando no sotaque engraçado e tentando descobrir qual era a cor dos olhos em meio àquela escuridão.

— E você? De qualquer forma, ele era muito atraente.

Ryan arrastou a cadeira para mais perto para que pudessem se ouvir melhor. — Estamos aqui apenas para a temporada de incêndios florestais do verão. **Estrangeiro** e atraente.

— Você é bombeiro-paraquedista?

Ryan consentiu com um gesto de cabeça e continuou a explicar que a estação de fogo na Austrália era exatamente oposta à dos Estados Unidos. Em função disso, muitos australianos bombeiros-paraquedistas vinham trabalhar no oeste americano durante o verão.

Quanto mais Ryan falava mais Maddie ficava fascinada, não apenas pelo que ele falava, mas pelo som da voz rouca enquanto descrevia seu trabalho. E cada vez mais Maddie imaginava se ele não seria o homem perfeito com quem ela poderia sair da abstinência. Ele ficaria em Truly por pouco tempo e depois iria embora. Não estava usando aliança, se bem que ela sabia que isso podia não significar absolutamente nada. Ela se inclinou um pouco mais para perto dele e perguntou:

— Você é casado? — Só para ter certeza. Mas antes que ele pudesse responder, duas mãos agarraram seus braços e a levantaram da cadeira. Maddie foi virada lentamente para trás, até que seu olhar parou no meio de um peito largo vestindo uma camiseta do Mort's.

Mesmo com toda a escuridão que os cercava ela pôde reconhecer aquele peito antes mesmo de levantar o olhar para o pescoço largo, o queixo forte e os lábios apertados. E nem precisou olhar para os olhos dele para saber que estavam queimando naquele azul furioso.

Mick inclinou-se mais perto dela e perguntou:

— O que é que você está fazendo aqui?

Maddie sentiu o perfume do sabonete e da pele dele.

Aparentemente estou falando com você.

Uma das mãos dele deslizou até a mão dela e a segurou com força — Venha! — ordenou ríspido.

Ela agarrou a bolsa de cima da mesa e olhou para Ryan que ficara para trás, e depois para Adele.

— Eu já volto! — gritou.

— Você parece ter certeza disso — Mick falou enquanto a puxava em meio à multidão, na direção dos fundos do Morts. — Desculpe! pediu quando ele colidiu com Daria. Mick manteve a mão dela apertada enquanto pediu se movimentava no meio da multidão como se estivesse desempenhando a função de atacante em uma partida de rúgbi. Ela foi forçada a distribuir vários pedidos de desculpas, sempre em alto e bom som para que fossem ouvidos apesar da música estridente que saía da *jukebox*. Eles andaram até o final do bar, entraram em um pequeno hall, e ele a puxou atrás de si para dentro de uma sala pequena.



Fechou a porta e finalmente a soltou:

— Eu disse para você ficar longe do meu bar.

Em um rápido relance, o olhar de Maddie localizou a presença de uma escrivaninha de carvalho, um mancebo, um grande cofre de metal e um sofá de couro.

— Você estava falando do Hennessy s quando disse isso.

— Não, eu não estava. — O olhar de Mickse apertou e ela pôde praticamente sentir ondas de fúria saindo de dentro dele. — Como eu sou um cara legal, vou te dar a opção de pegar os seus amigos e sair daqui pela porta da frente.

Mais uma vez, Maddie não temia as ameaças dele. Pelo contrário, quase gostava da maneira como isso fazia com que seus olhos ficassem ardentes. Deu um passo para trás encontrando a porta, então ironizou:

— Ou?

— Ou te boto fora daqui com um chute no traseiro.

— Então é melhor eu alertá-lo de que, se você tocar em mim de novo, tenho uma arma de eletrochoque e vou desferir cinquenta mil volts no *seu* traseiro.

Mick piscou surpreso.

— Não acredito, você carrega uma arma de eletrochoque?

— Entre outras coisas.

Piscou novamente, meio lentamente, como se no que ouvira.

— Que outras coisas?

Spray de pimenta. Soco inglês. Um alarme de cento e vinte e cinco decibéis e um par de algemas.

— Será que é permitido carregar uma arma de eletrochoque?

— É permitido em quarenta e oito estados. Estamos em Idaho. O que você acha?

Que você é louca! Maddie sorriu e retorcou:

— Já me disseram isso.

Mick a encarou por algum tempo antes de perguntar: — É um hábito seu andar por aí irritando as pessoas? Ocasionalmente fazia com que as pessoas ficassem irritadas, mas nunca fez disso um hábito.

— Não respondeu calmamente.

— Então é só comigo.

— Eu não pretendia enlouquecê-lo, Mick.

Uma das sobrancelhas escuras dele elevou-se na testa bronzeada.

— Bem, não quis enlouquecê-lo antes desta noite. Mas eu tenho um certo problema com quem fica me dizendo o que eu posso fazer ou não.

— Ah, tá... — Ele cruzou os braços na frente do peito largo.

— Por que você precisa de toda essa parafernália?

— Eu entrevisto pessoas que não são muito boazinhas. — Maddie encolheu os ombros. — Embora geralmente eles fiquem acorrentados pela barriga e pelas pernas, e algemados a uma mesa enquanto converso com eles. Ou conversamos através de um vidro a prova de choque. Claro, as prisões nunca me deixam levar meus equipamentos de segurança, mas eu sempre os recebo de volta

quando saio. Quando estou carregando essas coisas sinto-me mais segura.

Maddie deu um passo para trás e seu olhar a varreu de cima a baixo.

— Você parece normal, mas não é afirmou.

Maddie não sabia se devia tomar aquilo como elogio ou crítica. Provavelmente ele quis lhe fazer um elogio...

Ele se balançou para trás e novamente olhou para ela.

— Você estava planejando liquidar o cara loiro que estava com você naquele canto?

— Ryan? Não, mas se ele souber jogar direitinho pode ser que eu o algeme.

— Ele é um idiota.

Se não o conhecesse bem, ela pensaria que Mick estava com ciúme.

— Você o conhece?

— Eu não preciso conhecer o cara para saber que ele está sendo usado.

— Como pode dizer que alguém é um idiota se não o conhece? Em vez de responder, Mick acusou:

— Você estava praticamente aos beijos com ele.

— Isso é ridículo! Eu não me envolvo com um estranho num bar desde o tempo do colégio.

— Talvez você esteja cansada do papel de abstinente sexual.

Seria puro eufemismo dizer — talvez. Ela estava realmente cansada desse papel, mas quando pensava em sexo, pensava única e exclusivamente em Mick. Ryan era atraente, mas de fato era um estranho que ela conheceu num bar, e não se envolvia mais com estranhos que conhecia em bares.

— Não se perturbe com o meu celibato provocou.

O olhar dele escorregou para boca Maddie, e continuou num movimento descendente para o queixo, para o pescoço, chegando ao peito. Eram mais de nove horas, ela estava com frio, claro.

— Docinho, seu corpo não foi feito para o celibato. — Os mamilos intumescidos de Maddie faziam duas marcas salientes no vestido. — Ele foi feito para o sexo. — Ele a olhou nos olhos. — Muito sexo, intenso e tórrido durante toda a noite e até a manhã seguinte.

Normalmente teria sido tentada a agredir um homem por ter lhe dito algo parecido. Mas como foi Mick que disse, Maddie sentiu uma excitação que começou no estômago e se espalhou por todo o seu corpo, que ansiava por algo daquele tipo. Ela chegou a pensar em se candidatar à proposta de sexo tórrido que ele mencionou, mas achou melhor dizer simplesmente:

— O celibato é um estado de espírito.

— É... isso explica porque você é louca.

— E agora quem é o idiota? — Maddie arrumou a bolsa que estava caindo do ombro. Mal seus dedos tocaram a bolsa, Mick prendeu suas mãos ao lado da cabeça na porta.

Ela olhou para o rosto dele que estava a menos de três centímetros do seu.

— O que você está fazendo? Ficou maluco?

— Eu não vou ficar aqui e simplesmente deixar você descarregar cinquenta mil volts em mim.

Maddie tentou não sorrir, mas falhou.

— Calma... eu só estava arrumando a bolsa no meu ombro.

— Pode me chamar de paranóico, mas eu não acredito em você.

— Você realmente pensou que eu iria te liquidar desse jeito? — Liquidar com ele seria a última coisa que lhe passaria pela cabeça naquele momento.

— Não?

Ela deu uma gargalhada:

— Não! Você é muito bonito para levar um choque de cinquenta mil volts.

— Eu não sou bonito! — Quando ele disse isso Maddie sentiu o ar que lhe saiu pela boca tocar no seu rosto e no pescoço. — Você está com um perfume de morango hoje.

— Você notou? É só uma loção.

— É o mesmo perfume que você estava usando naquele dia que te encontrei na loja de ferramentas. Mick se aproximou e sentiu o perfume dos cabelos de Maddie e ela sentiu como se levasse um choque ao senti-lo tão perto. — Você sempre cheira tão bem... Isso tem me deixado louco... — Ele pressionou o seu corpo contra o dela. — Quando eu te vi do outro lado do balcão, quis fazer isso... — Ele baixou o rosto para o pescoço dela.

— Pensei que você quisesse me chutar para fora... — Como aquela situação se tornou de repente tão excitante? Poucos minutos atrás

Maddie estava com frio. Naquele momento sentia arrepios de calor cortando a sua pele.

— Eu vou fazer isso... Mais tarde... — Ele soltou as mãos, mas seus quadris a mantiveram presa contra a porta. Definitivamente Mick estava completamente excitado e uma ligeira dor surgiu entre as coxas de Maddie. Harriet tinha razão. Os homens da família Hennessy eram abençoados. — Primeiro eu quis sentir o seu perfume bem aqui. — Ele puxou o suéter dela pela gola e o esticou, beijando em seguida seu ombro nu. — Aqui você é macia e tem um gosto tão bom...

— É... eu gosto de estar com a pele sempre macia. — Maddie inspirou levemente, seus olhos se fecharam. Derrepente desejou que ele a provasse um pouco mais embaixo. — É o meu hedonismo que me com que eu me cuide desse jeito.

— Como você pode ser hedonista e celibatária? — Mick perguntou enquanto lhe acariciava o pescoço.

— Não é fácil... — E estava ficando ainda mais difícil naquele momento. Se ela não fosse cuidadosa, seu lado hedonista controlaria o lado celibatário, e ela iria cair numa enorme fogueira de glória orgástica. O que não parecia tão ruim assim. Não com Mick. Ela escorregou a mão sobre o rosto dele e com o polegar sentiu a barba cerrada. — Especialmente quando você está por perto...

Entre nervoso e satisfeito, ele teve um acesso de riso. Quando levantou novamente o rosto seu olhar tinha um aspecto lânguido pelo desejo. Desejo que lhe brilhava nos olhos e fazia seus cílios parecerem muito longos. Suas mãos se moviam na direção da cintura Maddie.

— Você é o último homem sobre a face da Terra que eu posso ter...  
— disse, e ergueu o rosto para o beijo — é o que eu mais quero.

— Essa vida é mesmo muito difícil, não é? — ele sussurrou enquanto levava os lábios aos dela.

Maddie concordou e levantou os calcanhares. Ergueu os braços, enlaçou-o pelo pescoço e beijou-o com voracidade. Por várias batidas do coração desesperado ele se manteve perfeitamente imóvel, enlaçando-a pela cintura, desfrutando daquele beijo enlouquecedor.

Então ele deu um gemido profundo e escorregou uma das mãos por debaixo do suéter tocando a pele delicada das costas de Maddie. Ele a trouxe ao encontro do seu peito e voltou a beijá-la. De maneira delicada, doce, tornou a envolvê-la na névoa do desejo.

A bolsa de Maddie caiu no chão e ela passou a mão sobre os músculos fortes que havia nos braços e nos ombros dele. Ele irradiava calor e esquentava seus seios, que estavam pressionados contra o peito dele. Maddie nunca foi uma amante passiva, e enquanto ele docemente fazia amor com sua boca, seus dedos se esconderam entre os cabelos dele e sua mão livre percorreu os rijos contornos do peito e das costas dele. Se não fosse Mick Hennessy, ela teria tirado a camiseta dele de dentro dos jeans e sentido a sua pele nua.

— Você é a última mulher que eu deveria desejar — ele disse em meio à respiração entrecortada. — E a única mulher em quem eu não consigo parar de pensar. — As mãos desceram na direção dos quadris de Maddie que embalavam a ereção dele.

— O que em você me deixa tão louco?

Maddie se esfregava contra o corpo másculo, enquanto ele lhe esticava o suéter e o puxava pelos braços, jogando o angorá vermelho em algum lugar atrás de si. Ela já não precisava do suéter, estava muito quente. Os dedos de Maddie afastaram a camisa e sua boca lhe percorreu o pescoço, sentindo na língua aquele gosto bom dele. Sugando, explorava-lhe a pele que tinha sabor de carne de

homem excitado. Há quatro anos ela não sentia nada tão delicioso, estava perdendo isso. Havia perdido o toque da mão de um homem, a boca quente, e os sons da excitação das profundezas da garganta dele.

Os dedos dele encontraram o laço do vestido na nuca de Maddie e ele o puxou com força até soltá-lo. Deixou que as tiras brancas caíssem e voltou novamente seus lábios para sugar os dela. Desta vez não havia nada suave ou doce no beijo dele. Tudo se transformou em necessidade carnal e de saciar a fome, em bocas e línguas famintas. E eles saciaram-se completamente naquele beijo. Poderia tê-lo interrompido. Mas não quis que ele parasse.

Não agora. Não quando ela queria mais. A parte de cima do vestido escorregou até a altura da cintura, e as mãos de Mick envolveram seus seios por cima do corpete sem alça. Os polegares dele tocaram os mamilos sensíveis por cima do algodão espesso. Maddie pressionou o corpo contra o dele, fazendo novamente se tocarem os lugares que mais transpiravam toda aquela excitação. Mick gemeu enquanto lhe beijava a boca. Ela estava quente e atordoada, a pele ardia, os seios pareciam pesados e os mamilos dolorosamente retesados. Há muito tempo ela não sentia tanto prazer... Ela deslizou a mão no peito másculo até chegar nos quadris comprimiu todo o volume daquela ereção.

Novamente ele gemeu enquanto a beijava:

— Isso... me toca. — Ela o tocou, enquanto os dedos dele tocavam-lhe os mamilos por cima do corpete, ela escorregava a mão para cima e para baixo em toda a extensão do membro dele, desde a parte mais baixa do zíper e por toda a extensão do longo comprimento, tão duro quanto pedra e até a extremidade volumosa. O homem era muito bem dotado, e aquela dor molhada que sentia entre as coxas lhe exigiu que trouxesse uma das mãos dele para o meio de suas pernas, para envolver o seu clitóris, tocando-a por



cima da calcinha e... De repente Maddie deixou suas mãos caírem e pediu: — Pare!

Mick levantou a cabeça levemente e murmurou:

— Daqui a pouco.

Daqui a pouco estaria lutando violentamente contra o orgasmo. Ela virou o rosto e afastou as mãos dele do seu corpo.

— Você sabe que nós não podemos fazer isso. Nós nunca poderemos transar. Maddie manteve seu olhar no dele enquanto amarrava o vestido atrás do pescoço. — Nunca.

Mick balançou a cabeça e seus olhos pareciam um pouco selvagens.

— Eu estou sempre repensando isso.

— Não há nada que repensar. — Ele era Mick Hennessy e ela, Maddie Jones. — Acredite em mim, você é o último homem sobre a Terra com quem eu posso me envolver, e eu sou a última mulher com quem você deveria fazer isso.

— Neste momento eu não consigo me lembrar o porquê.

Ela devia lhe dizer. Tudo. Quem ela era realmente e quem ele era para ela.

— Porque... — Maddie lambeu os lábios e engoliu, de repente sua garganta ficou seca. A tensão sexual que havia entre eles, uma força pulsante, quente e quase irresistível. O

pescoço Mick estava vermelho onde ela o marcou, e o olhar dele completamente iluminados pelo desejo... A última coisa que ela queria era ver todo aquele fogo abrasador substituído por desgosto. Então decidiu: agora não, mais tarde.

— Porque eu estou escrevendo um livro sobre seus pais e Alice Jones, e fazer amor com você não vai mudar isso. Eu só vou tornar a minha tarefa mais difícil.

Ele deu alguns passos para trás e se sentou na borda da escrivaninha. Respirou fundo e passou os dedos entre os cabelos.

Havia me esquecido desse detalhe. — Suas mãos baixaram. — Por alguns minutos esqueci que você está na cidade para desenterrar o passado e transformar a minha vida num inferno.

Maddie abaixou-se e apanhou a bolsa.

— Sinto muito. — E ela realmente sentia, mas sentir muito não mudaria nada. Ela quase desejou que mudasse.

— Não o suficiente para parar.

— Não. — Respondeu e alcançou a maçaneta da porta atrás dela. — Não a esse ponto.

— Quanto tempo, Maddie?

— Do quê você está falando? Mick respirou fundo e perguntou.

— Quanto tempo você vai ficar na cidade atrapalhando a minha vida?

— Não sei. Talvez até a primavera.

Maddie colocou a bolsa no ombro e o olhou sentado com os cabelos escuros despenteados, mas resistiu ao impulso de arrumá-los. Ele levantou o olhar e sentenciou: — Obviamente nós não podemos ficar a três metros um do outro. E apesar de que te pedir para ficar longe dos meus bares ter sido a mesma coisa que agitar uma bandeira vermelha na frente de um touro, eu vou pedir de novo para que você fique longe dos meus bares.

— Você não vai mais me ver por aqui — assegurou.

Em seguida abriu a porta e seguiu em direção ao bar, onde ouviu a música *country* muito alta e o cheiro de cerveja muito forte, e trilhou o caminho na direção da mesa onde Adele ficara. Quando chegou ao Morts naquela noite, queria saber se Mick a jogaria para fora do bar com um chute no traseiro, como havia ameaçado.

Agora ela pensava se não teria sido melhor se ele tivesse cumprido o que ameaçou. Mick fechou a porta do escritório, debruçando-se em seguida sobre ela. Fechou os olhos e com a mão pressionou sua ereção ansiosa. Se Maddie não tivesse interrompido, ele teria deslizado as mãos para os quadris, tirado a calcinha dela e feito sexo com ela ali mesmo, encostado na porta. Ele teria se certificado de ter fechado a porta, embora não apostasse que teria tido presença de espírito suficiente para fazer isso.

Ele baixou as mãos e deu uma volta em torno da mesa. O suéter vermelho dela estava jogado no chão. Ele o apanhou antes de se sentar na cadeira para olhar fixo no cofre que estava do outro lado do escritório em sua frente. Mais cedo, olhando todo o bar localizou Maddie sentada naquela mesa, bebendo o seu ***martíni*** tranqüilamente, como se não tivesse dito a ela para ficar longe dos seus bares. Isso o havia deixado completamente perturbado.

Tão perturbado quanto a arma de eletrochoque que ela carregava na bolsa. Por trás de toda aquela perturbação veio uma grande dose de fúria e a ânsia de sentir o cheiro do perfume no pescoço dela.

Ao perceber que ela estava conversando com o australiano, sentiu mais alguma coisa. Algo como um desconforto. Alguma coisa que parecia um pouco como se ele quisesse cortar a cabeça do homem fora. O que era absolutamente ridículo. Mick não tinha nada contra o australiano, e ele certamente não tinha qualquer tipo de relacionamento com Maddie Dupree. Mick não sentia nada por ela. Bem, exceto raiva. E um desejo que oscilava. Um desejo ardente de

enfiar o nariz no pescoço dela, e ao mesmo tempo de enfiar a si mesmo em meio àquelas coxas macias. Várias vezes.

Havia alguma coisa com relação a Maddie. Algo que não era o belo corpo e o lindo rosto.

Alguma coisa que estava sob o perfume da pele dela e daquela boca metida a espertinha.

Alguma coisa que fez com que o seu olhar atravessasse todo o bar até a mesa em que ela estava, naquele canto escuro. Alguma coisa que o fez reconhecer o contorno dela, como se ele a conhecesse. Alguma coisa indescritível que o fazia beijá-la, tocá-la e segurá-la apertado contra seu peito como se esse fosse o lugar ao qual ela pertencia, quando na verdade, ela não pertencia a lugar nenhum próximo dele. Fato que ele costumava esquecer quando ela estava perto dele.

Mick levou o suéter ao rosto e sentiu o perfume. Doce como morango, e o jogou sobre a escrivainha.

Há algumas semanas, a vida dele era razoavelmente boa. Ele tinha planos para o futuro, que não incluía pensar sobre o passado. Um passado que a muito custo ele conseguiu esquecer.

Até aquele momento. Até Maddie dirigir seu carro preto cidade adentro e jogar a vida dele para fora da estrada.

## Capítulo 10

Maddie levou pouco mais de uma semana para localizar a amiga de sua mãe e que foi sua vizinha no Parque Roundup. Logo depois da morte de sua mãe, Trina Olsen-Hays vendeu seu trailer e se mudou para Ontário, no Oregon. Casou-se com um bombeiro em meados dos anos 80, teve três filhos e dois netos. Sentada agora em frente a ela no café, Maddie teve uma ligeira lembrança da mulher rechonchuda com volumosos cabelos vermelhos, sardas e sobrancelhas pintadas. Lembrou-se de já ter visto aquelas sobrancelhas e de ter ficado um pouco amedrontada por causa delas. Ver Trina também trouxe de volta a Maddie a vaga lembrança de uma colcha de bolinhas cor-de-rosa. Ela não sabia porquê ou o que isso queria dizer. Apenas que se sentia quente e segura enrolada nela.

— Alice era uma garota realmente legal — Trina falou sobre a xícara de café e o prato com uma torta de noz-pecã. — E era jovem.

Maddie olhou para o gravador que estava sobre a mesa entre elas, e em seguida tornou o olhar para Trina.

— Ela tinha vinte e quatro anos.

— Costumávamos dividir uma garrafa de vinho e falar sobre o futuro. Eu queria conhecer o mundo. Alice só queria se casar. — Trina balançou a cabeça como que triste e pegou um bocado de torta. — Talvez porque ela tivesse uma menininha, não sei... mas ela só queria encontrar um homem, se casar e ter mais filhos.

Maddie não sabia que sua mãe pensava em ter outros filhos, mas supôs que faria sentido. Se a mãe continuasse viva, ela teria sem dúvida um irmão ou uma irmã, ou mesmo um de cada. Não era a

primeira vez que ela se dava conta de como sua vida poderia ter sido diferente se não fosse por Rose Hennessy. Maddie amava sua vida, e a mulher em quem se transformou. Não desejava mudar isso por nada, mas algumas vezes quis saber quão diferente as coisas poderiam ter sido.

— Você conheceu Loch ou Rose Hennessy? — Enquanto olhava para Trina do outro lado da mesa, ficou imaginando se a mãe teria mantido o cabelo com o mesmo penteado alto e enrolado ou se o teria mudado de acordo com a moda.

— Eles eram mais velhos que eu, mas eu os conhecia. Rose era... imprevisível. — Trina tomou um gole de café. — E Loch era um homem com um charme inato. Não há dúvidas do porquê de Alice ter se apaixonado por ele. Quero dizer, todo mundo sabia. Ainda que a maioria de nós soubesse melhor.

— Você sabe como o Loch se sentia com relação a Alice?

— Sei apenas que Alice pensava que ele deixaria a esposa e a família para ficar com ela. — Trina levantou os ombros. — Mas toda mulher com quem ele esteve envolvido acreditou nisso. Só que Loc

— Ou poderia ter sido que Alice fosse tão mais jovem e mais bonita que as outras. Quem sabe? A coisa de que mais me lembro é da rapidez com que Alice se apaixonou por Loch.

Você não imagina como foi rápido até que ela estivesse loucamente apaixonada.

Depois de ler os diários da mãe, Maddie de fato podia acreditar nisso.

Trina tomou outro gole de café e seu olhar percorreu o rosto de Maddie enquanto ela mastigava. Suas sobrancelhas pintadas abaixaram e ela olhou para os olhos de Maddie.

h nunca fez isso por ninguém. Ele tinha casos, claro, mas nunca deixou Rose.

— Então na sua opinião o que teria feito com que o caso de Loch e Alice fosse diferente? O

que levou Rose ao momento crítico que a fez carregar um revólver e ir ao Hennessy s naquela noite?

Trina balançou a cabeça.

— Eu sempre pensei que naquela noite ela chegou no seu limite, cansou-se de saber do marido com outra mulher.

Talvez.

— Estou reconhecendo a sua boca. Você é a filhinha de Alice, não é? Maddie fez que sim com a cabeça. Era quase um alívio alguém saber disso. Trina sorriu.

— Nossa! Veja só isso! Eu sempre quis saber o que aconteceu com você depois que a sua tia a levou embora.

— Era minha tia-avó. Fui viver com ela em Boise. Ela faleceu na última primavera. Foi então que eu me deparei com os diários da minha mãe, onde encontrei o seu nome.

Trina alcançou o outro lado da mesa e acariciou a mão de Maddie. O toque era calmo e um pouco constrangido.

— Alice estaria muito orgulhosa de você.

Maddie gostava de pensar assim, mas nunca saberia com certeza.

— Mas me conte, você está casada, tem filhos?

— Não.

Trina acariciou a mão de Maddie uma última vez, depois a voltou novamente para o garfo.

— Você ainda é jovem. Tem tempo. Maddie mudou de assunto.

— Eu tenho uma tênue memória de uma colcha de bolinhas cor-de-rosa. Você se lembra de alguma coisa sobre isso?

— Hmm... — Ela comeu um bocado, e olhou para o teto enquanto pensava. — Sim. — Voltou o olhar para Maddie e sorriu. — Alice a fez para você, ela usava para enrolar você inteira dentro como...

— Um **burrito** — Maddie concluiu quando a lembrança de um sussurro da mãe despertou sua memória. *Você é o meu burrito de bolinhas.* Se Maddie fosse uma mulher sentimental, aquele pequeno aperto no coração lhe teria trazido lágrimas aos olhos. Mas ela nunca foi muito sentimental, podia contar em uma mão o número de vezes que chorou depois de adulta.

Ela entrevistou Trina por mais quarenta e cinco minutos, depois guardou suas anotações e o gravador e seguiu para Boise. Tinha outra sessão de prova do vestido de dama de honra naquela tarde, e encontrou as amigas no atelier da costureira, antes arrematar com elas um longo almoço e voltar para Truly.

Ao voltar de Boise, parou na mercearia para comprar papel-higiênico e refrigerante diet. A mercearia tinha um mostruário de sinos de vento. Maddie escolheu um sino simples feito de tubos verdes. Virando-se viu uma grande variedade de garrafinhas para alimentação de beija-flores, e como nunca teve uma daquelas garrafinhas coloridas pegou uma para ler as instruções. Na verdade, era bobagem, pois muito provavelmente moraria em Truly apenas até verão seguinte. Não tinha muita razão para transformar a casa em que morava num lar.

Em todo caso colocou o alimentador no carrinho, ao lado do refrigerante. Até porque sempre teria a opção de carregar com ela



quando se mudasse. Comprara a casa como um investimento. Era uma mulher sozinha. Uma mulher sozinha não precisa de dois lares, mas imaginava que não havia pressa em vender.

Carleen Dawson estava no corredor de alimentos para cachorros, prateleiras de coleiras e enforcadeiras, conversando com uma mulher com cabelos negros e longos. Maddie sorriu para elas quando passou com o carrinho. Carleen interrompeu a frase pela metade.

— É ela — ela ouviu Carleen dizer. Maddie continuou andando até que sentiu uma mão tocar no seu braço.

— Só um minuto.

Maddie se virou e viu para um par de olhos verdes. Os poucos cabelos que tinha na nuca arrepiaram-se como se ela conhecesse aquela mulher. Ela usava um tipo de uniforme como se trabalhasse em um restaurante ou em algo parecido.

— Sim?

A mulher afastou a mão do braço de Maddie e disse: — Eu sou Meg Hennessy, você está escrevendo sobre meus pais.

Meg. De fato, ela realmente já havia visto aquele rosto, nas fotos de Rose. Se Mick era a imagem de Loch, Meg parecia muito com a mãe. O arrepio atrás do pescoço se espalhou pela espinha como se estivesse olhando para os olhos de uma assassina. A assassina de sua mãe, mas claro que Meg era tão inocente quanto ela própria.

— Isso mesmo.

— Eu li alguns de seus livros antes de você chegar. Você escreve sobre assassinos em série, casos que são realmente impressionantes. Mas minha mãe não foi uma assassina em série.

Maddie não queria conversar sobre o assunto ali. Não no meio de uma mercearia, e muito menos com Carleen assistindo.

— Talvez você queira conversar sobre isso em algum outro lugar.

Meg fez que não com um gesto de cabeça, seus cabelos balançaram por sobre seus ombros.

— Minha mãe era uma pessoa boa.

Isso podia ser aberto ao debate, mas não no meio daquela mercearia.

— Eu estou escrevendo uma narrativa imparcial sobre o que aconteceu. E estava. Escreveu algumas verdades duras sobre a mãe de Meg que poderia ter facilmente atenuado.

— Espero que sim. Sei que Mick não quer falar com você sobre isso. Eu entendo como ele se sente, mas obviamente você vai escrever esse livro com ou sem a nossa colaboração. — Meg abriu sua bolsa, puxou uma caneta e um invólucro prateado de goma de mascar. — Eu não entendo porque você acha que a morte dos meus pais é algo digno de uma novela, mas você acha... — disse enquanto escrevia no lado branco do papel de goma. — Me ligue se tiver perguntas a fazer.

Maddie não se chocava com qualquer coisa, mas quando Meg lhe entregou o papel, ficou tão atordoada que não soube o que dizer. Olhou para o número de telefone e dobrou o papel no meio.

— Você provavelmente conversou com os parentes daquela garçonne. — Meg enfiou a caneta de volta dentro da bolsa e seus cabelos negros caíram na frente da maçã do rosto. — Tenho certeza de que eles lhe contaram mentiras sobre minha família.

— Alice tem apenas uma parenta viva. Uma filha.

Meg olhou-a e jogou os cabelos para trás das orelhas. — Eu não sei o que ela poderia lhe contar. Ninguém por aqui nem se lembra dela. Ela provavelmente se tornou exatamente igual à mãe, uma destruidora de lares.

Maddie agarrou firme no seu carrinho de compras, mas conseguiu dar um sorriso agradável.

— Ela é tão parecida com a mãe dela, como eu imaginei que você fosse parecida com sua mãe.

— Eu não tenho nada da minha mãe. — Meg ficou parada ereta e sua voz ficou um pouco mais estridente.

— Minha mãe matou um marido traidor. Já eu me divorciei do meu.

— É uma pena que sua mãe não tenha considerado o divórcio como uma opção melhor.

— Às vezes uma pessoa é levada a cometer desatinos.

Besteira. Maddie ouviu a mesma desculpa de todo sociopata que entrevistou. A velha desculpa: — ela me empurrou para muito além do que eu consegui suportar, por isso eu a apunhalei cento e cinquenta vezes. Guardou o papel com o telefone no bolso da calça e perguntou:

— O que houve no caso do seu pai com Alice Jones que levou sua mãe a tal ponto?

Maddie esperava a mesma resposta que obtinha sempre que fazia essa pergunta. Um encolher de ombros. Em vez disso, Meg rapidamente cavoucou de novo a bolsa, tirou um molho de chaves e cruzou os braços em frente ao peito.

— Não sei — respondeu balançando a cabeça.

***Ela está mentindo.*** Maddie olhou no fundo dos olhos verdes de Meg, que desviou o olhar para uma variedade de pacotes de comida para cachorro na prateleira. Sem dúvida, ela sabia alguma coisa. Alguma coisa sobre a qual não queria falar.

— Apenas três pessoas sabiam o que realmente aconteceu naquela noite. Meu pai, minha mãe e aquela garçonete. Eles estão todos mortos. — Meg enfiou um dos dedos na argola do molho de chaves e com os demais cobriu as chaves. — Mas se você quiser saber a verdade sobre a vida da minha mãe e do meu pai, me ligue. Eu vou esclarecer as coisas para você — disse e se virou para ir embora.

— Obrigada. Eu vou ligar. — Maddie respondeu, embora não estivesse nem um pouco iludida pela ânsia de que Meg a ajudaria, e duvidava de que ela revelaria toda a verdade sobre a vida de Rose e Loch. Meg daria a sua própria versão que, Maddie tinha certeza, seria uma visão disfarçada e atenuada.

Ela empurrou o carrinho para o caixa, pôs seus itens sobre o balcão. Mick havia mencionado que a irmã podia ser difícil. Será que ela sofria da mesma instabilidade mental de Rose? Maddie sentiu a hostilidade de Meg e o ressentimento em relação a Alice e a ela própria. Meg recusou-se a dizer o nome de Alice, mas sabia alguma coisa sobre aquela noite, quanto a isso Maddie tinha certeza. Seja lá o que fosse, Maddie descobriria. Extraíra segredos de pessoas muito mais perspicazes e com mais coisas a perder que Meg Hennessy.

Quando Maddie entrou em casa depois de ter estado fora o dia todo, a carcaça de um camundongo morto estava a sua espera. Na última semana o dedetizador finalmente executou o serviço e montou as armadilhas. Como resultado disso, Maddie continuou achando camundongos mortos por vários lugares da casa. Deixou os pacotes da mercearia sobre o balcão da cozinha, depois arrancou algumas folhas de toalha de papel. Pegou o camundongo pela cauda o carregou para a lata de lixo que ficava do lado de fora da casa.

— O que você está fazendo?

Maddie olhou para trás para as sombras profundas formadas pelos enormes pinheiros, e seu olhar aterrissou em dois garotos vestidos como mini-autoridades.

Ela lhes mostrou o camundongo e respondeu:

— Jogando isto aqui no lixo.

Travis Hennessy cocou a bochecha com o cano de um revólver verde.

— A cabeça dele pulou fora?, quis saber.

— Sinto muito. Não.

— Droga!

Maddie largou a carcaça na lixeira.

— Minha mãe e meu pai estão indo para Boise — Pete disse a ela — porque os bebês que minha tia estava esperando, nasceram.

Maddie se virou e olhou para Pete.

— É mesmo? Que boa notícia!

— Daqui a pouco o meu pai vai nos levar para a casa do Travis. Ele disse que o meu tio Nick precisa de um trago. — Pete carregava seu rifle de plástico camuflado e um dardo de borracha cor de laranja. — Os nomes dos bebês são Isabel e Lilly.

— Você sabe se...

Louie chamou os meninos e interrompeu Maddie.

— A gente se vê — eles disseram em uníssono, depois deram no pé e sumiram em meio às árvores.

— Tchau! — Ela recolocou a tampa na lixeira e voltou para casa. Lavou suas mãos e desinfetou o chão onde achou a carcaça. Já passava das sete horas, estava com fome.

Rapidamente colocou um peito de frango no grill sobre a pia e, enquanto o frango grelhava, fez uma salada. Teve um dia comprido. Depois do jantar pronto, sentou-se, comeu tranqüilamente, e para acompanhar bebeu duas taças de vinho. Depois do jantar colocou os pratos na lavadora. Foi para o quarto, trocou de roupa. Vestiu uma calça azul larga e confortável e um casaco de abrigo com capuz, subiu o zíper. Finalmente puxou os cabelos para trás e os prendeu em um rabo de cavalo.

Apanhou um bloco de notas amarelo que estava sobre a escrivaninha e uma caneta antes de acender algumas luzes e se deitar no sofá para relaxar. Enquanto procurava o controle remoto pensava sobre Meg e sobre a conversa entre elas no meio da mercearia. Se Meg conseguia mentir quanto a saber ou não sobre a razão que teria levado Rose ao seu limite, mentiria também sobre outras coisas. Coisas que Maddie poderia não ser capaz de provar ou refutar.

Um canal da tevê a cabo transmitia uma série de documentários sobre a investigação de vários assassinatos não-solucionados. Maddie jogou o controle remoto de lado no sofá.

Colocou os pés para cima apoiando-os na mesa de centro, e anotou suas impressões sobre Meg. Depois escreveu uma lista de perguntas que pretendia fazer a ela. E chegou numa última questão que seria: — De que se lembra daquela noite em que seus pais morreram?

Logo que escreveu isso a campainha tocou.

Eram nove e meia. Maddie olhou pelo olho mágico, e viu mais uma vez o homem que vira outras vezes na sua varanda na mesma posição e com o mesmo olhar. Fazia mais de uma semana que havia beijado Mick dentro do escritório dele no Mort's. Oito dias desde que ele desamarrou seu vestido e a fez desejá-lo ardentemente. Desta vez ele não estava com uma cara muito boa, mas o corpo de Maddie parecia não se importar.

Sentiu uma pontada no fundo de seu baixo ventre quando abriu a porta.

— Acabei de falar com Meg — ele disse enquanto ficou parado ali com as mãos na cintura, como se fosse todo feito de beligerância masculina e ebulição de testosterona.

— Olá, Mick.

— Pensei ter deixado claro que ficasse longe da minha irmã.

— E eu pensei ter deixado claro que eu não obedeco às ordens suas.

— Maddie cruzou os braços e simplesmente o olhou. A primeira sombra pálida de noite o pintou com uma tênue luz cinza e fez com que seus olhos parecessem azuis escuros. Pena que era um homem tão prepotente.

Eles se encararam por alguns instantes antes que ele soltasse as mãos e dissesse: — Nós vamos ficar parados aqui nos encarando toda a noite? Ou você vai me convidar para entrar?

— Talvez. — Por fim, ela o convidou, mas não se mostrou completamente feliz e alegre quanto a isso. — Você vai ser rude?

— Eu nunca sou rude. Maddie levantou a sobrancelha.

— Vou tentar ser agradável.

Maddie pensou que aquilo era meio sem sentido para se dizer...

— Você vai tentar e conseguir manter sua língua fora da minha boca?

— Isso depende. Você vai manter suas mãos longe do meu pênis?

— Idiota! — Ela retrucou e foi para a sala de estar, permitindo que ele entrasse.

O bloco de notas amarelo estava sobre a mesa de centro com as anotações à mostra e ela o virou quando passou por ele.

— Eu sei que Meg pediu para você ligar para ela. Maddie pegou o controle remoto e desligou a televisão.

— É, ela pediu.

— Você não pode fazer isso.

Ela se endireitou. Era tão típico Mick pensar que podia dizer a ela o que fazer... Ele estava na casa dela, daquela forma arrogante e imponente como se fosse o rei do castelo.

— Pensei que a esta altura você já havia aprendido que eu não obedeco as suas ordens.

— Isto não é um jogo, Maddie. — Ele estava usando uma camiseta pólo preta do Morts enfiada na calça abaixo da cintura. — Você não conhece a Meg. Você nem imagina em que estado ela fica.

— Então porque você não me conta?

— Certo — ele zombou. — Então você pode escrever sobre ela no seu livro?

— Eu lhe disse que eu não vou escrever sobre você nem sobre a sua irmã. — Ela se sentou no braço do sofá e pôs um pé sobre a mesa de centro. — Francamente, Mick, você não é tão interessante assim.



— Deus, aquilo era uma completa mentira, ela chegava a ficar surpresa em ver que seu nariz não cresceu.

Mick olhou-a e resmungou: Claro.

Maddie colocou a mão no peito. — Eu fiquei longe da Meg como você queria, mas ela se aproximou de mim. Eu não me aproximei dela.

— Eu sei disso.

— Ela é uma mulher crescida. Mais velha que você, e certamente pode decidir se quer ou não falar comigo.

Ele caminhou lentamente em direção à porta envidraçada, olhou para o terraço e para o lago lá embaixo. A luz da lamparina próxima do sofá iluminou o ombro e o lado do rosto dele.

— Ela pode ser mais velha, mas nem sempre é previsível. — Ele ficou silencioso por alguns instantes, depois virou a cabeça e olhou para Maddie sem se virar completamente. A voz dele mudou: o tom de exigência havia sumido quando ele perguntou: — Como você sabe que as pegadas da minha mãe estavam espalhadas por todo o bar naquela noite? Está no relatório da polícia?

Maddie levantou-se lentamente e respondeu:

— Está.

Ela mal ouviu a próxima pergunta que ele fez:

— O que mais?

— Há fotografias das pegadas dela.

— Deus! — Ele balançou a cabeça. — Eu quis dizer, o que mais havia no relatório?

— O de sempre. Tudo, desde a chegada até as posições dos corpos.

— Por quanto tempo meu pai ficou vivo?

— Por cerca de dez minutos.

Mick descansou o peso de seu corpo sobre um dos pés e cruzou os braços na frente do peito largo. Ficou calado por outros tantos segundos antes de dizer: — Ela poderia ter chamado uma ambulância e talvez salvado a vida dele.

— Poderia.

Ele a olhou fixamente. Naquele momento um brilho de emoção iluminou seus olhos azuis.

— Dez minutos é muito tempo para uma esposa assistir o marido sofrer e sangrar até a morte.

— Maddie deu alguns passos na direção dele:

— É sim.

— Quem chamou a polícia?

— A sua mãe. Um pouco antes de atirar em si mesma.

— Então ela teve certeza de que meu pai e a garçonete estavam mortos antes de pedir socorro.

Maddie parou.

— A garçonete tinha um nome.

— Eu sei. Um sorriso triste surgiu no rosto dele. — Durante toda a minha infância, minha avó sempre a chamava apenas de 'a garçonete. É só um hábito.

— Você não sabia nada sobre isso? Mick fez que não com a cabeça.

— Minha avó não falava sobre coisas desagradáveis. Acredite em mim, o assunto do assassinato de meu pai e de Alice Jones pela minha mãe estava no topo da lista de coisas sobre as quais não podíamos falar. Ele voltou seu olhar novamente para fora. — E você tem fotografias.

— Tenho.

— Estão aqui?

Ela pensou na resposta e decidiu contar a verdade: — Estão.

— O que mais?

— Além dos relatórios da polícia e das fotos da cena do crime, tenho entrevistas, matérias de jornal, gráficos e relatórios do médico-legista.

Mick abriu as portas envidraçadas e deu um passo para fora da casa. Os enormes pinheiros lançavam sombras negras sobre o terraço, levando embora a suave cor cinzenta do anoitecer. A brisa leve trazia o odor da noite e de pinho, e levantava fios de cabelo de Mick.

— Quando eu tinha uns dez anos fui à biblioteca, querendo dar uma olhada nas antigas reportagens de jornal, mas a bibliotecária era amiga da minha avó. Então fui embora.

— Você viu algum relato sobre aquela noite?

— Não.

— Quer ver?

Ele negou com um gesto de cabeça:

— Não. Eu não tenho muitas lembranças de meus pais, e ler sobre o que aconteceu naquela noite arruinaria as poucas que ainda tenho.

Ela também não tinha muitas memórias da mãe. Recentemente, com a ajuda dos diários, algumas voltaram.

— Talvez não. Mick riu sem humor.

— Antes de você aparecer na cidade, eu não sabia que a minha mãe assistiu meu pai morrer. Eu não sabia que ela o odiava tanto.

— Provavelmente ela não o odiava. Tanto o amor quanto o ódio são emoções muito poderosas. Os seres humanos matam as pessoas que amam a todo o tempo. Eu não entendo isso, mas sei que acontece.

— Isso não é amor. É outra coisa. Ele assegurou enquanto atravessava o terraço e apoiava as mãos sobre a cerca de madeira. Do outro lado do lago, a lua começava a nascer por sobre as montanhas e refletia uma perfeita imagem espelhada nas águas tranqüilas. — Até você vir para esta cidade, tudo estava enterrado no passado, onde é o lugar de tudo isso. Depois você começou a cavar e a se intrometer e toda e qualquer pessoa por aqui pode voltar a falar sobre isso. Exatamente como acontecia na minha infância.

Maddie andou na direção dele e encostou as costas no anteparo. Cruzou os braços sob os seios, e olhou o perfil sombrio do rosto de Mick.

— Ao contrário do que acontecia na sua própria casa, estou lhe trazendo novamente o assunto de sua mãe e de seu pai. Um assunto tão patente.

— Pode-se dizer isso.

— Foi por isso que você brigou o tempo todo? Ele olhou olhou-a e riu sem alegria.

— Talvez eu apenas gostasse de brigar.

— Ou talvez você não tenha gostado das pessoas dizendo coisas desagradáveis sobre a sua família.

— Você acha que me conhece. Você pensa que decifrou tudo em mim. Maddie levantou um ombro. É, ela o conhecia, sim. Em alguns aspectos, ela imaginou que eles haviam vivido vidas muito parecidas.

— Eu acho que deve ter sido um inferno viver em uma cidade onde todo mundo sabe que a sua mãe matou o seu pai e uma jovem amante. As crianças podem ser muito cruéis. Não é só um clichê, é verdade. acredite, eu sei. Garotos são perversos.

A brisa soprou alguns longos fios de cabelo sobre as maçãs do rosto de Maddie e Mick levantou a mão e os afastou.

— O que elas fizeram? Não te escolheram na hora do basquete?

— Eu não era escolhida para nada, porque era meio gorducha. Ele pôs o cabelo dela para trás da orelha. — Meio gorducha?

— Bastante.

— Quanto você pesava?

— Não sei, mas na sexta série eu ganhei um pavoroso par de botas pretas. Minhas pernas eram muito grossas e eu não conseguia fechá-las de jeito nenhum. Então as dobrei para baixo, fingindo para mim mesma que as botas deviam ser usadas daquele jeito. Como ninguém ali era bobo, eu nunca mais usei aquelas botas. Foi naquele ano que eles começaram a me chamar de Maddie de Cincinnati. Inicialmente eu fiquei muito feliz, porque não estavam mais me

chamando de Maddie Gorda. Depois descobri porque me chamavam daquele jeito e parei de ficar feliz.

Pela distância de penumbra que os separava, Mick levantou a sobrancelha num tom de indagação e ela explicou:

— Eles diziam que eu era tão gorda porque comi a cidade de Cincinnati.

— Que babacas... Mick baixou a mão. — Não admira você ser tão geniosa. Era geniosa?

Talvez... — E a sua desculpa, qual é?

Maddie sentiu o olhar dele tocar a sua face por alguns instantes, antes de ouvir a resposta: — Eu não sou tão genioso quanto você.

— Ah, não?, brincou.

— Bom, pelo menos eu não era até você se mudar para cá.

— Não seja mentiroso... Bem antes de me mudar para cá você estava levando o xerife Potter à loucura.

— Crescer nesta cidade foi um inferno.

— Posso imaginar...

— Não, não pode... Mick inspirou largamente, em seguida deixou o ar sair e continuou: — Durante toda a minha vida as pessoas quiseram saber se algum dia eu iria perder a cabeça, como minha mãe, e matar alguém ou se iria crescer e ficar como o meu pai... Essa é uma situação muito difícil para um garoto.

— E você ainda se preocupa com isso?

— Não, imagine! O problema da minha mãe, um deles, é que ela jamais deveria ter ficado com um cara a traiu repetidas vezes. Já o

problema do meu pai era que ele nunca deveria ter se casado com ninguém.

— Sendo assim, a sua solução é a de evitar o casamento.

— Isso mesmo. Mick sentou-se sobre a cerca ao lado dela e segurou a sua mão entre as mãos dele. — Mais ou menos do mesmo jeito que você resolveu seu problema com seu corpo, evitando carboidratos.

— É diferente. Eu sou hedonista e tenho de evitar mais que apenas carboidratos. Naquele momento, sua natureza hedonista sentiu o calor da mão dele lhe subir pelo braço e chegar ao peito.

— Você também está evitando sexo...

— Sim, e se eu ceder a coisa pode ficar feia.

— Como assim, feia?

Mick ficou muito próximo de repente e ela se levantou.

— Eu me afogaria na farra...

— No sexo?

Maddie tentou soltar a mão, mas ele a apertou com os dedos: — Ou nos carboidratos.

Com a mão livre ele segurou a parte de baixo da blusa dela.

— No sexo? Insistiu.

— É... acho que sim.

Mesmo através da escuridão que os envolvia, ele exibiu um sorriso claro e sedutor.

— E quão feia você vai ficar?

Lentamente, Mick a puxou para mais perto até que ela estivesse entre suas coxas.

A quentura das mãos, o toque nas coxas e o sorriso malicioso conspiravam para atraí-la, extrair seu desejo de resistir, e reintroduzi-la completa e perdidamente na luxúria. Maddie sentiu os seios e a pele enrijecer. Uma implacável ânsia igual a que Mick causou na primeira vez que a beijou a assolou novamente... aguda, dolorosa e irresistível.

— Você não vai querer saber.

— Acho que vou sim, ele disse.

## Capítulo 11

— Pensei que você fosse ficar com a sua língua fora da minha boca.



Mick encarou Maddie com o rosto banhado em luar, pegou o zíper na frente do agasalho que ela vestia e falou:

— Então acho que eu vou ter que por minha língua em outro lugar, que não seja a sua boca.

Ele abaixou o zíper e o agasalho se abriu dando a ele um vestígio da profunda fenda que Maddie ostentava entre os seios. Não estava usando nada por baixo. Sentiu o sangue correr mais rápido nas veias conforme a forma arredondada e firme dos pálidos seios nus se revelava a poucos centímetros do rosto dele.

— Alguém vai nos ver — ela disse e agarrou o pulso dele.

— Os Allegrezza estão em Boise. — Ele continuou puxando o zíper até a sua cintura.

— E os vizinhos do outro lado? — ela perguntou, mas não interrompeu sua aventura de empurrar as laterais da blusa para os lados. Os seios de Maddie eram firmes. Seus mamilos intumescidos tinham um perfil absolutamente sensual com aquela luz fraca.

— Não tem ninguém fora de casa, mas mesmo que tivesse, está muito escuro para ver alguma coisa. Mick levou as mãos em torno da cintura dela na parte mais estreita das costas e a trouxe mais perto. — Ninguém vai ver a gente. Ele se inclinou para frente para beijar sua barriga. — Ou isso. Ele beijou a fenda entre os seios dela.

— Mick...

— O quê?

Maddie passou os dedos por entre os cabelos dele. Suas unhas arranharam o couro cabeludo transmitindo um forte arrepio que o percorreu espinha abaixo. Com a respiração curta e irregular, ela disse:

— Nós não deveríamos estar fazendo isso.

— Quer que eu pare?

— Não.

— Que bom, eu encontrei um lugar para pôr a minha língua... Ele abriu a boca e envolveu o mamilo intumescido nos lábios. Essa noite ela exalava um perfume e mesmo um certo sabor de *cookies*.

— Hmm... ela gemeu e o puxou para mais perto de si. — Isso é bom... muito bom...

Maddie era daquelas mulheres que falam enquanto têm prazer, certamente ele podia ter deduzido sobre esta característica dela. — Não pare... ela pediu.

Mick não tinha a menor intenção de parar. Estava fazendo com ela exatamente o que quis fazer desde o dia em que a encontrou na loja de ferramentas. Ele deslizou a mão que estava nas costas dela e começou a acariciar-lhe os seios. — Você é uma mulher maravilhosa... — Recuou um pouco para olhar para o rosto delicado, os lábios entreabertos e o brilho de desejo que havia nos olhos escuros. — Eu quero lambe todo o seu corpo, começando por aqui... e a beijou sugando e puxando de leve seus lábios e sua língua. O corpo dela enrijeceu ainda mais. Ele adorou aquela sensação e aquele gosto. A mão que cobria delicadamente um dos seios dela moveu-se para baixo, sentindo-lhe a pele macia do abdômen e deslizando delicadamente para dentro da calça larga.

Desde a noite em que a beijou no Mort's, ele vinha tendo fantasias arrebatadoras com relação ao que faria com ela se a pegasse novamente sozinha. Sua mão deslizou pelo meio das coxas dela e-lhe cobriu completamente a calcinha macia. Maddie estava incrivelmente quente e molhada, e sentindo aquilo Mick sentiu o serpentear de desejo ardente na sua virilha e uma ansiedade de luxúria que chegava quase a doer. Ele a queria, como há muito

tempo não queria uma mulher. Tentou ficar longe dela, mas na primeira desculpa para vê-

la, ali estava ele com a boca nos seios dela, e a mão percorrendo o corpo sensual. E dessa vez ele não sairia dali até que tivesse satisfeito aquele desejo intenso que o arrebatava.

Maddie também o desejava e ele estava mais do que pronto para satisfazê-la. E não sairia dali até que ambos estivessem completamente exaustos.

— Continue, Mick... ela pediu num sussurro, — me toque... O casaco dela caiu próximo aos seus pés.

Mick recuou, se abaixou e o apanhou. Depois, tornando a se levantar seu olhar passou pelos seios até a face dela. Escorregou os dedos para dentro da calcinha dela. — É aqui que você quer? Perguntou tocando-a e separando com os dedos a carne umedecida. Ela estava incrivelmente molhada, e o fez imaginar como seria colocar ali algo muito mais adaptado que os dedos.

— Isso... A respiração dela ofegava. suas mãos apoiaram-se nos ombros dele.

— Adoro saber que te deixo assim tão molhada, ele disse muito próximo da boca de Maddie. — Estou com vontade de te lamber inteira. Disse ao tocar com os dedos o seu clitóris. — Você não se importa, não é? Então Maddie balançou a cabeça negativamente, e depois tornou a indicar que sim, misturando os movimentos, e demonstrando sua completa entrega.

— Mick, ela sussurrou enquanto suas mãos apertavam ainda mais os ombros dele. — Se você não parar... ela inspirou fundo. — Por favor, não pare... e gemeu quando um poderoso orgasmo a dominou completamente. Mick a segurou passando um dos braços em torno da cintura dela e impedindo que ela caísse, e seus dedos a tocaram, acariciavam e sentiram todo o prazer dela. Ele a beijou no pescoço e

ansiava penetrá-la, sentir as paredes apertadas de sua vagina o agarrando a cada pulsação.

Depois que o momento mais intenso desse primeiro orgasmo passou, Maddie disse: — Eu não esperava que acontecesse tão rápido... e o abraçou.

Mick tirou os dedos de dentro da calcinha dela e apertou seu quadril contra o dela, demonstrando suas intenções...

— Vamos fazer de novo. Mas dessa vez vamos gozar juntos. Em seguida passou os dedos ainda molhados na ponta dos seios dela, e baixou a cabeça para que sua boca a tocasse nos lábios, demonstrando toda sua necessidade, cobiça e desejo incontroláveis.

Ela o afastou evitando o beijo dele e perguntou ofegante: — Você tem camisinhas?

— Tenho.

Nua da cintura para cima, Maddie o tomou pela mão e o levou para dentro da casa.

— Quantas?

Quantas... quantas... Mick mal conseguia pensar:

— Duas. E você, quantas tem?

— Nenhuma! Afinal, tenho sido celibatária... Ela fechou a porta e voltou-se para olhá-lo nos olhos. — Vamos ter de fazer com que essas duas camisinhas durem a noite toda...

— Hmm... O que está planejando?

Mal terminara de perguntar e Maddie o empurrou contra a porta fechada, arrancou-lhe a camiseta por cima da cabeça e a jogou de lado:

— Você não devia ter começado tudo isso... — disse enquanto tomou completamente o controle da situação. Sua impaciência o deixou ainda mais excitado, e ele imaginou que o botão de suas calças podia até mesmo estourar. — Mas uma coisa que você vai terminar...

— Os seios dela roçaram levemente o peito musculoso, enquanto o beijava no pescoço e o livrava das calças e da cueca baixando-as até os joelhos, e perguntando: — Você não se importa, não é?

— Claro que não...

Maddie sentiu o pênis lhe empurrar a barriga. Pegou-o com a mão quente e segurou-lhe as bolas, acariciando-as para cima e para baixo. Pressionou com o polegar o cordão espermático dilatado no membro intumescido.

— Você é um homem admirável, Mick Hennessy... — disse chegando à extremidade dilatada. — Tão viril...

Ele estava a ponto de explodir de desejo.

— Grande...

Mick inspirou sonoramente. — Você consegue lidar com ele e encorajou-a: — Eu sei que consigo... — Ela o mordeu de leve na curva do pescoço, e depois se abaixou lentamente, beijando seu abdômen, sua barriga até ficar de joelhos. — E você, consegue?

Mick não acreditava que ela estava a ponto de lhe dar prazer com aquela boca magnífica absolutamente sensual. Mick gemeu na afluência de uma expiração apertada.

— Você não se importa que eu use a minha língua, se importa? Maddie perguntou quando se ajoelhou diante dele e olhou para cima com um sorriso malicioso nos lábios vermelhos.

— Se importa?

— Claro que não.

Ela o olhava nos olhos enquanto sua língua aveludada percorria o falo volumoso. Mick travou os joelhos para não cair por cima dela.

— Você está gostando da minha língua te acariciando aqui?

— Gosto... — Deus, será que ela vai falar o tempo todo?, pensou... Maddie lambeu a pequena fenda da cabeça do pênis.

— Gosta disso?

Ela o estava deixando louco, mas ele tinha a impressão de que ela sabia a resposta: — Gosto...

— Então acho que você vai adorar isto. Ela separou os lábios e o colocou dentro da sua boca quente e molhada, levando-o até o fundo e chegando à garganta. Mick sussurrou alguma coisa que nem ele mesmo conseguiu definir o que foi, e colocou as mãos nos cabelos dela. A maioria das mulheres hesita em sentir o sabor do pênis de um homem, mas obviamente Maddie não era uma delas. Ela o sugou com uma voracidade que o fez desligar de qualquer outro contato com o mundo além dela. Não havia nada além daquelas mãos quentes, boca cheia de saliva morna e sua língua macia lhe dando o mais puro prazer carnal. A porta de vidro estava fria contra as costas dele. Sob as pálpebras cerradas, seus olhos se mexiam freneticamente, ele imaginou que Maddie logo interromperia aquela sucção gulosa, as mulheres sempre paravam... Mas ela não. Ela o manteve em sua boca até que Mick chegou em um intenso e poderoso clímax que lhe apertou a respiração e o atingiu como se fosse um trem de carga. E assim ela o envolveu com sua boca até que a última porção de prazer terminasse e ele conseguisse finalmente respirar satisfeito. A maioria das mulheres pensava que sabia dar prazer a um homem com a boca. Algumas eram melhores

que outras, mas nunca havia experimentado nada como o intenso prazer que Maddie havia acabado de lhe proporcionar.

— Obrigado — agradeceu com a voz rouca e a respiração ainda ofegante.

— De nada... — Maddie ficou em pé na frente dele e passou o polegar num dos cantos da boca, como que limpando algo que escorrera. — Então, você gostou?

Mick fez um esforço para alcançá-la e puxá-la contra si: — Você sabe que gostei.

Ela pôs os braços sobre os ombros dele e seus mamilos roçaram no peito rijo.

— Bom, então tivemos nosso primeiro orgasmo um com o outro... mas espero que você não esteja planejando ir trabalhar, porque eu tenho outros planos para você.

Claro que ele não precisava ir para o Morts. O novo gerente que contratou estava fazendo um bom trabalho. Mick a beijou no pescoço e pôs uma das mãos sobre o seio dela. O desejo ardente que momentos antes fora cuidadosamente arrancado de dentro dele pegou fogo mais uma vez.

Ele também tinha planos para ela.

Ela não deveria ter cedido à tentação. Fazer sexo com Mick era errado sob tantos aspectos diferentes da parte dela, mas o tempo de parar as coisas antes que perdessem o controle já havia passado. Ela devia tê-lo parado antes que pusesse a boca nos seios dela e levasse os dedos para dentro de sua calcinha. Claro que ela não o fez parar. Uma vez tendo sentido a boca úmida e os dedos ágeis, ela se tornou egoísta e gananciosa. Queria sentir as mãos dele por todo o seu corpo. Senti-lo tocar em todos aqueles lugares do seu corpo

nos quais não era tocada há tempo. Olhar dentro dos olhos dele e ver quanto ele a desejava.

Sob a luz do abajur que se derramava por toda a colcha dourada e vermelha, Mick beijou a parte estreita das costas nuas de Maddie e continuou a subir pela espinha.

— Você sempre cheira tão bem... — As mãos e os joelhos dele plantados na cama nos lados do corpo dela e a ereção dele lhe roçou a parte de dentro da coxa quando ele se abaixou para lhe beijar os ombros.

Não, de fato ela não devia ter cedido à tentação de transar com Mick, mas na verdade ela não estava nem um pouco arrependida. Pelo menos ainda não. Não enquanto ele continuava lhe oferecendo todas aquelas sensações maravilhosas das quais ela nem mesmo sabia que sentia falta. No dia seguinte se arrependeria quando pensasse em todas as maneiras como simplesmente complicou a vida dele. Mas aquela noite ela seria completamente egoísta e se deleitaria com aquele homem nu na sua cama.

Maddie se virou e olhou para os desejosos olhos azuis de Mick, circundados pelos espessos cílios pretos.

— Você parece bem — ela disse enquanto suas mãos percorriam os braços fortes e atravessavam os músculos rijos de seus ombros. — Você me faz sentir bem.

Mick se curvou para baixo, mordeu levemente a curva dos ombros dela, e seu pênis a tocou entre as pernas.

— Me diga todas as maneiras como você pretende usar o meu corpo. Maddie virou a cabeça e disse próximo ao ouvido dele: — É surpresa.

— Será que tenho que ficar com medo?



— Só se você não conseguir acompanhar o meu ritmo... Mick pressionou sua ereção contra o corpo dela.

— Então acho que não vamos ter problemas. De fato não tiveram. Ele a beijava, provocava e torturava com as mãos e com a boca, levando-a quase ao clímax, mas recuando em seguida. Quando ela já estava a ponto de pensar em amarrá-lo à cama, e subjugá-lo pulando sobre ele, ele pegou a camisinha que estava sobre o criado-mudo. Maddie a tomou das mãos dele e a colocou, enquanto lhe beijava o abdômen. Em seguida ele a deitou e a pressionou contra a cama, ajoelhou-se entre as suas coxas, com a mão levou a cabeça larga do pênis à vagina úmida e o pressionou. Sentindo-o, quente e forte, Maddie emitiu um som forte, mas abafado pelo puro prazer daquela invasão.

— Tudo bem?

— Tudo bem. Adoro essa parte... — ela disse.

Ouvindo isso ele continuou, puxando para fora e depois investiu um pouco mais fundo.

— Qual parte, essa?

Ela passou a língua úmida pelos lábios e fez que sim com a cabeça. Enrolou uma das pernas em torno da cintura dele e o forçou a penetrá-la mais fundo. Enquanto se movimentava para fora e para dentro suas narinas se abriam levemente, o movimento era tão intenso que os dois deslocavam seus corpos unidos para o topo da cama.

Maddie demonstrava em voz alta, a dor ou o prazer intensos que sentia. Ela não conseguia definir muito bem que sensação era aquela, só que não queria que aquilo terminasse mais.

— Desculpe... — Ele distribuía beijos por todo o rosto dela. — Pensei que você estivesse pronta.

— Estou... — ela disse num gemido. — Faça isso de novo. — E ele fez, várias vezes...

Apesar de estar há muito tempo sem sexo Maddie não se lembrava de ter sido tão bom. Mas com certeza se alguma vez tivesse sido tão bom quanto desta vez, não teria desistido disso por tanto tempo.

Então foi a vez de Mick gemer profundamente, gemeu do fundo do peito e pôs a mãos no rosto dela.

— Parece que você está apertada em torno de mim. — Ele a beijou nos lábios e disse: — Isso é tão bom...

O calor corou a pele dela, irradiando exatamente do lugar por onde eles estavam unidos, e ela correu os dedos pelos ombros quentes e cabelos desalinhados de Mick.

— Mais rápido... — sussurrou. Ela adorou a sensação que o toque dele lhe causou por dentro, a cabeça volumosa do seu pênis tocando o ponto-G, e empurrando-lhe o colo do útero. Adorou a pressão que a pele úmida dele fez sobre a dela e o intenso tom de azul que seus olhos emitiam.

Sem alterar o ritmo dos quadris, ele pôs sua mão por baixo das coxas dela e a puxou suas pernas na sua direção sussurrando:

— Ponha essa perna em torno das minhas costas. — Ele pressionou a testa contra a dela.

Sua respiração a fazia sentir leves pancadas no rosto. E assim ele fez aumentar a velocidade e a intensidade do movimento, cada vez mais.

Enquanto ele se movimentava continuamente murmurou: — Mick... — e conforme se aproximava o clímax, quase sem som disse: — Não pare...

— Não vou parar...

Como um clarão de fogo, o calor se espalhou do cume das coxas dela por todo o corpo. Ela estava completamente entregue a Mick e ao prazer do corpo dele. Chamou o nome dele uma vez mais, duas, talvez três vezes, tentando mostrar como e quanto se sentia bem, quanto adorara e sentia falta de sexo... Mas suas palavras saíram fracas e abreviadas, e ele continuou implacavelmente os movimentos dentro dela, levando-a violentamente a um prazer tão intenso que ela chegou a abrir a boca para gritar. Mas o som lhe morreu na garganta quando a fluência que se segue à deliciosa sensação do orgasmo repercutiu em seus músculos vaginais que pulsavam e se contraíam, envolvendo com força o pênis dele. O

movimento continuou ainda no mesmo ritmo. Maddie sentia a respiração acelerada e quente dele bater no seu rosto, até que ele arremeteu uma última vez, liberando um longo gemido de prazer que foi abafado em sua garganta.

— Que delícia... — Maddie disse quando conseguiu recuperar a respiração.

— É... — Ele se apoiou nos cotovelos e olhou para o rosto dela.

— Não me lembrava que sexo era tão bom.

— Normalmente não é tão bom... — ele empurrou uns poucos fios de cabelo que estavam sobre o rosto dela — de fato, não me lembro de já ter sido tão bom.

— Não tem de quê... — ela disse com um sorrisinho nos lábios. Ele riu. Suas covinhas marcaram-lhe as bochechas.

— Obrigado! — Quando ele percebeu que ela não retribuiu, levantou as sobrancelhas.

Maddie sorriu e tirou as pernas do entorno dele.

— Obrigada!

Mick saiu de cima dela e foi para o banheiro, dizendo: — De nada!

Maddie rolou para um dos lados da cama e fechou os olhos. Suspirou e se sentiu protegida por uma delicada e confortável bolha de prazer. Não tinha um só músculo do seu corpo que estava tenso, e não conseguia se lembrar de já ter estado tão relaxada no passado.

Certamente seria bom fazer sexo com mais frequência, funcionava como um tipo de antiestresse.

— Quem é Carlos?

Maddie abriu os olhos e a bolha de prazer estourou.

— O quê?

Mick sentou-se na cama e voltou seu olhar para ela: — Você me chamou de Carlos... Ela não se lembrava daquilo.

— Quando?

— Enquanto estava gozando.

— É mesmo?

— Isso mesmo. De Carlos.

Um calor subiu pelo pescoço até as bochechas dela.

— Sabe, eu nunca fui chamado pelo nome de outro homem. — Ele pensou por um momento e depois continuou: — Acho que não gostei dessa parte...

Maddie se sentou.

— Sinto muito.

— Quem é Carlos?

Ele obviamente não ia deixar passar. Maddie foi forçada a confessar:

— Carlos não é um homem.

Ele piscou e a encarou por algum tempo.

— Como assim, é uma mulher?

Ela riu e apontou para criado-mudo ao lado.

— Abra a primeira gaveta.

Ele se inclinou, pegou no puxador da gaveta e a abriu. Suas sobrancelhas baixaram, então ele levantou a testa lentamente.

— Isso é um...?

— É, esse é o Carlos. Mick olhou-a incrédulo.

— Você deu um nome pra ele? Maddie se sentou.

— Pensei que já que somos intimamente familiarizados um com o outro ele deveria ter um nome.

— Ele é roxo!

— Isso mesmo! Ele é roxo e brilha no escuro. Ele riu muito e fechou a gaveta.

— E é grande!

— Não tão grande quanto o seu...

— É, mas eu não posso... — ele cocou o queixo. — O que ele faz?

— Ele pulsa, vibra, lateja e esquenta.

— Tudo isso e ainda... brilha no escuro. — Mick apoiou as mãos na cama.

— Você é melhor que o Carlos. — Ela ajoelhou atrás dele e baixou as mãos sobre o peito musculoso e o acariciou. — Te garanto que prefiro passar o meu tempo com você.

Mick olhou para o rosto dela:

— Mas eu não brilho no escuro...

— Não brilha, mas os seus olhos ficam completamente sensuais, e eu adoro a maneira como você me beija e me toca. — Ela pressionou seus seios contra as costas dele. — Você faz com que eu vibre e me esquenta.

Ele se virou e a empurrou para que se deitasse na cama: — Você faz com que eu me sinta como da última vez que estive nesse quarto. Como se nunca ficasse satisfeito. Como se tivesse quinze anos e pudesse transar a noite toda.

Um cacho dos cabelos escuros dele lhe caiu sobre a testa, e ela o afastou.

— Este quarto está muito diferente desde a última vez que você esteve aqui com... qual era mesmo o nome dela?

— Brandy Green. — Ele olhou por todo o quarto. — Para falar a verdade, não me lembro de como era antes.

— Porque faz muito tempo? Mick a encarou.

— Não, porque eu estava muito ocupado para notar. — Ele sorriu e algumas linhas se formaram perto de seus olhos. — Brandy era mais

velha e eu ainda estava na escola, e ficava o tempo todo tentando impressioná-la.

— Conseguiu?

— Impressioná-la? — Ele pensou por um momento, depois balançou a cabeça. — Não sei.

— Bom, a mim você impressionou...

— Eu sei. — Ele passou por cima dela, deitou-se de costas depois a puxou para cima do seu peito.

— Como é que você sabe?

— Você geme muito...

Maddie empurrou os cabelos para trás dos ombros.

— Ah é?

— É. Mas não fique preocupada, eu gosto — disse enquanto acariciava o braço de Maddie em movimentos para cima e para baixo. — Assim eu fico sabendo qual é a sua reação às coisas que eu faço.

Ela encolheu os ombros.

— Eu gosto de sexo. Desde a minha primeira vez no segundo ano da universidade, quando perdi a virgindade com meu primeiro namorado, Frankie Peterson.

A mão dele parou:

— Nossa! Então você esperou até os... quantos anos, vinte?

— Bom, eu era a Maddie de Cincinnati, lembra? Mas depois que me mudei da casa da minha tia e fui para a faculdade, perdi vinte e sete

quilos, em virtude de ser tão pobre que não tinha dinheiro nem para comer. Naquela época eu também fazia muito exercício físico.

Eu fazia tanto exercício que consegui reduzir meu peso sozinha, e agora me recuso a suar fazendo qualquer tipo de coisa dolorosa e maçante. Dizendo isso, Maddie deslizou os dedos pela a fina linha de pêlos que ele tinha no abdômen.

— Mas você não precisa de exercício mesmo ele disse deslizando uma das mãos das costas até o traseiro dela. — Você é perfeita.

— Que nada, eu sou muito mole.

— Você é uma mulher. As mulheres têm que ser moles.

— Mas eu sou...

Mick a forçou a se deitar de costas e a encarou.

— Olhando para você deste ângulo não vejo nada que me faça não ter vontade de ficar com você. O olhar de Mick percorria o rosto dela. — Até que eu tentei ficar longe. Tentei manter as minhas mãos longe de você... mas não consigo. E olhando-a nos olhos: — Talvez depois desta noite eu consiga...

A respiração de Maddie ficou presa no peito. Não queria apenas uma noite, queria várias noites... Mas ele era Mick Hennessy e ela, Maddie Jones. Ela teria de lhe contar logo. Logo.

— Então é melhor a gente fazer tudo bem feito hoje disse escorregando a mão pela nuca dele e percorrendo com os dedos o cabelo curto. — Amanhã você vai poder voltar a ficar louco comigo, e eu vou poder voltar a minha abstinência. Enfim, tudo voltará a ser exatamente da maneira como era antes.

Ele inquiriu. — Você acha? Ela fez que sim com a cabeça.



— Nenhum de nós está procurando amor, nem mesmo um compromisso que continue além deste quarto, queremos a mesma coisa, Mick. Ela trouxe a boca dele para baixo para encostar na sua, e sussurrou bem próximo aos lábios dele: — Sem amarras. E com a duração de uma noite apenas. Já que esta era a última vez ela faria sexo antes de retornar sua vida celibatária, Maddie quis ter certeza de que seria memorável.

Ela se levantou e foi até o banheiro, ligou o jato da banheira para enchê-la, derramou na água uns sais de banho com um exótico perfume de manga. Depois voltou ao quarto, tomou as mãos dele e o levou para o banho. Mergulhados na banheira cheia de espuma e de bolhas brincaram. E no momento certo ela sentou-se sobre o corpo dele e começaram novamente a se satisfazer.

Mas dessa vez, quando chegou ao orgasmo, ela assegurou-se de chamá-lo pelo nome certo.

Depois de muito prazer e satisfação, Maddie adormeceu com as costas protegidas pelo peito dele, e uma das mãos dele encaixada em seu seio. Mick ficou algum tempo falando sobre um assunto qualquer, ela aninhou seu traseiro na virilha dele, e acabou caindo no sono.

Pretendia acordar na manhã seguinte, vestir um robe e levá-lo até a porta. Havia muito tempo que ela não se sentia segura e protegida. Claro que tudo não passava de ilusão.

Desde o começo foi apenas uma ilusão. Ninguém, além da própria Maddie, poderia fazê-la sentir-se segura e protegida. Mas aquela era uma sensação muito boa.

Quando acordou de manhã, estava sozinha. Do jeito que queria, sem amarras. Sem compromisso, sem exigências. Ele nem mesmo se despediu.

Ela virou para o lado e olhou para a luz da manhã escalando a parede, colocou a mão sobre o travesseiro ao lado do dela, e o apertou. Era melhor assim.

Mesmo que ela jamais contasse a ele quem era, se ela simplesmente partisse da cidade e nunca mais colocasse seus olhos sobre ele, algum dia ele descobriria. Talvez quando o livro chegasse às lojas.

É, foi melhor ele ter saído sem se despedir. Uma noite já era muito grave, qualquer coisa além dessa noite seria simplesmente impossível.

## Capítulo 12

A voz de Trina Olsen-Hays enchia o escritório enquanto Maddie escrevia rapidamente anotações em fichas, na tentativa de criar algum tipo de seqüência da conversação que foi gravada.

Logo que terminasse de transcrever toda a informação pertinente, esta seria misturada às outras fichas feitas com a intenção de delinear a cronologia dos acontecimentos. Esta cronologia seria afixada na parede do escritório. Maddie aprendera depois de seu primeiro livro que era mais fácil movimentar acontecimentos ou idéias no texto se estivessem organizados em fichas e fossem comparadas com uma linha do tempo que mostrasse todos os acontecimentos passo a passo.

Depois de escrever anotações por uma hora, desligou o gravador e se inclinou no encosto da cadeira. Bocejou, juntou as mãos acima da cabeça. Era domingo e Maddie imaginou que os cidadãos de Truly estavam saindo da igreja naquele exato momento. Maddie não foi

iniciada em nenhuma religião. Como tudo na infância e na adolescência, quando Maddie ia à igreja era por uma razão completamente arbitrária e dependente dos volúveis caprichos da tia ou de um dos programas que ela assistia. Se a tia-avó Martha visse um episódio de uma daquelas séries de tevê voltadas à religião, isso a lembrava de que havia uma possibilidade de estar destruindo o trabalho do ministério de Deus, e se enfiava com Maddie em uma igreja qualquer. Assim, no caminho para casa teria conseguido provar para si mesma que era uma boa tutora. Depois de alguns domingos, Martha se esquecia da igreja e de Deus, e se preocuparia com alguma outra coisa qualquer.

Se Maddie tivesse que escolher uma religião, provavelmente escolheria o catolicismo. Por nenhuma outra razão além dos vitrais, das contas dos terços e do Vaticano.

Maddie havia visitado o Vaticano há vários anos. Sem sombra de dúvida, era um lugar formidável, mesmo para uma paga como ela. Mas se fosse católica, teria de ir à igreja e confessar os muitos pecados que havia cometido no contato com o corpo de Mick Hennessy. Se ela entendesse o ato da confissão iria se sentir arrependida, mas não o entendia. Provavelmente fugiria mentindo para ao padre, mas não a Deus que tudo vê.

Maddie levantou-se e foi à sala de estar. Teve alguns momentos maravilhosos com Mick na noite anterior. Fizeram um tipo de sexo muito bom, e agora estava acabado. Maddie sabia que devia estar se sentindo mal por não ter contado a ele que sua mãe era Alice Jones. Mas na verdade não se sentia mal. Talvez um pouco, mas provavelmente não tanto quanto deveria. Sentiria-se pior se mantivesse algum tipo de relacionamento com Mick, mas isso estava fora de cogitação. Até mesmo uma amizade. E se ela se sentia mal com relação a alguma coisa, era exatamente pelo fato de que jamais poderia ser amiga de Mick. Isso seria bom e ela gostaria que acontecesse, não só pelo sexo, mas porque realmente gostava dele.

Levantou-se e caminhou até as portas envidraçadas que davam para a varanda. Olhou para o lago lá fora. Pensou em Mick e na irmã dele. Pensou na insistência dele para que ela não falasse com Meg. Por quê? Meg era uma mulher crescida. Uma mãe que sozinha sustentava a si mesma e ao filho. O que Mick temia que acontecesse?

Miau.

Maddie olhou para os pés. Do outro lado da porta de vidro havia um gatinho sentado. Ele era completamente branco e tinha um olho azul e outro verde. Sua cabeça parecia desproporcionalmente grande para o corpo, o que parecia um problema congênito ou algo similar. Maddie o olhou nos olhos, apontou na direção dele e disse a ele em voz alta: — Vá para casa! Miau.

— Eu odeio gatos! — Gatos eram criaturas detestáveis. Eles se espalhavam pelas roupas, deixavam a mobília em pedaços por causa das garras e dormiam o dia todo.

Miau.

— Nem pense nisso!

— Ela se virou e andou pela casa. Foi até o quarto. No chão havia uma pilha de roupas, incluindo lençóis, fronhas e edredom. Maddie carregou tudo para a lavanderia do lado de fora da cozinha. Precisava tirar todas as lembranças de Mick de dentro da casa. Não queria rastros dele nos travesseiros, invólucro vazio de camisinha sobre o criado-mudo. Mick devia ser encarado como um *cheesecake*. Por isso ela simplesmente não podia ter por perto nada que a lembrasse de quanto gostava e sentia falta de *cheesecake*. Especialmente porque foi tão bom que ela acabou se empanturrando na noite anterior, como se tudo fosse um sonho.

Encheu a máquina de lavar com os lençóis e as fronhas, pôs sabão em pó, ligou. Quando fechou os olhos, a campainha tocou e seu

estômago parece que ficou ao mesmo tempo leve e pesado. Além do dedetizador, só uma pessoa tinha tocado a campainha daquela casa. Ela tentou ignorar a sensação no estômago, e a repentina aceleração das suas pulsações enquanto se aproximava da porta da frente. Olhou para suas roupas, short preto e camiseta verde, e confirmou que eram meras roupas velhas e confortáveis, e não outro tipo de roupa que pudesse provocar algum tipo de desejo incontrolável. Embora o agasalho e a calça larga que usara na noite passada também não fossem nem um pouco provocativos, mas Mick pareceu não ligar para isso.

Olhou pelo olho mágico. Não era Mick, mas Meg quem estava parada na varanda. Ela usava óculos escuros. Maddie ficou imaginando como a mulher descobrira onde ela morava. Talvez de Travis. Também pensou no que Meg poderia querer com ela num domingo à tarde. A resposta óbvia era que veio falar sobre o livro, mas Meg se parecia tanto com a mãe que outra resposta passou pela cabeça de Maddie. Pensou que poderia ter vindo para algum tipo de confronto. Então Maddie pensou se devia apanhar a arma de eletrochoque, mas odiaria ter que desferir cinqüenta mil volts contra Meg, especialmente se ela tivesse vindo apenas para conversar sobre o que havia acontecido há vinte e nove anos.

Isso não seria nada bom, seria contraproducente visto que queria ouvir o que Meg tinha a dizer. Então, depois daqueles segundos tomados por tantos pensamentos e preocupações, finalmente abriu a porta.

— Olá, Madeline. Espero não estar te incomodando. — Meg começou. — Eu acabei de deixar o Pete na casa vizinha, e quis saber se poderia conversar com você por alguns minutos.

— Os Allegrezza já voltaram?

— Sim eles chegaram nesta manhã.

Uma leve brisa brincou com as pontas dos cabelos escuros de Meg. Ela não parecia agitada ou louca, e Maddie deu um passo para trás e convidou: — Entre, por favor.

— Obrigada. — Meg tirou os óculos e os levou para o alto da cabeça. Usava uma saia caqui e uma blusa preta de manga curta. Parecia tanto com a mãe que chegava a ser assombroso, mas ocorreu a Maddie que não era justo julgá-la pelo comportamento de sua mãe, da mesma forma que não seria justo julgar Maddie pelo estilo de vida de Alice.

— Como posso ajudá-la? — Maddie perguntou enquanto as duas andavam para a sala de estar.

— Meu irmão esteve aqui na noite passada?

Os passos de Maddie vacilaram um pouco antes que continuasse sua travessia pela sala de estar, e ficou pensando no que havia trazido Meg a sua casa. Certamente não passou por sua cabeça que Meg viera para falar sobre a devassidão da noite anterior... Talvez Maddie precisasse da arma de eletrochoque afinal de contas.

— Sim — respondeu. Meg suspirou.

— Eu disse a ele para não vir. Eu sou adulta e posso lidar com tudo isso e de mim mesma sozinha. Ele está preocupado que eu fique perturbada por falar com você sobre meus pais.

Maddie sorriu aliviada.

— Por favor, sente-se — disse apontando para o sofá. — Você gostaria de beber alguma coisa, um refrigerante ou uma água, talvez?

— Não, obrigada. — Meg sentou-se no sofá e Maddie, na cadeira. — Sinto muito que Mick tenha sentido necessidade vir a sua casa e dizer a você que não falasse comigo.

Ele havia feito bem mais que isso, pensou.

— Assim como você, eu sou adulta e não obedeco as ordens do seu irmão. — Exceto enquanto estavam na banheira, e ele a olhou com seus lindos olhos e **mandou** que ela se sentasse no colo dele.

Meg deixou sua bolsa na mesa de centro.

— Mick não é má pessoa. Só é excessivamente protetor. Durante a infância e a adolescência teve uma vida muito difícil por causa do que aconteceu, por isso não gosta de falar sobre nossos pais. Se você o tivesse conhecido em circunstâncias diferentes tenho certeza de que gostaria dele.

Maddie gostava dele mais do que era perceptível na atual circunstância. Nem mesmo queria pensar em quanto poderia gostar de se sentar no colo dele se ele não fosse um Hennessy.

— Tenho certeza que sim.

Uma ruga marcou a testa de Meg, e ela disse:

— Há um rumor na cidade de que será feito um filme a partir do seu livro.

— É mesmo?

— É. Carleen foi me procurar ontem no lugar onde trabalho, e disse que Angelina Jolie faria minha mãe e Colin Farrell, meu pai.

Colin Farrell fazia um pouco de sentido, afinal ele é irlandês. Mas Angelina Jolie?

— Não recebi nenhuma oferta da indústria cinematográfica. — De fato, ela não havia contato sobre o livro nem mesmo para o seu agente. — Pode dizer a todos que não vai chegar nenhuma equipe de filmagem por aqui de uma hora para outra.



— Isso é um alívio! — Meg disse. Depois voltou a atenção para as portas envidraçadas, dizendo: — Acho que o seu gato quer entrar.

— Não é meu. Deve estar perdido. — Maddie balançou levemente a cabeça e se inclinou na cadeira.

— Quer um gatinho?

— Não... na verdade não gosto de animais de estimação. Eu prometi ao meu filho que lhe daria um cachorro se ele se comportasse por um mês — ela sorriu. — Mas não creio que vá ter que cumprir essa promessa tão cedo.

Rindo, Meg se parecia um pouco com Mick.

— Eu também não sou muito de animais de estimação — Maddie confessou, enquanto pensava se Meg tinha vindo a sua casa para falar sobre animais de estimação ou para ter uma conversa sobre seus pais. — Eles exigem muito do nosso tempo.

— Na verdade não me preocupo exatamente com isso... Não sou muito afeita aos animais de estimação porque eles morrem...

No entendimento de Maddie essa era a única coisa boa com relação aos gatos...

— Durante a infância tivemos uma **poodle** chamada Princesa. Ela era mais do Mick que minha.

Mick teve uma **poodle**. Ela não só não conseguia imaginar Mick sendo **dono** de uma **poodle**, e muito menos conseguia vê-lo lhe dando o nome de Princesa, sorriu e quis saber: — Foi ele que escolheu o nome?

— Foi. Mas ela morreu quando ele tinha uns treze anos. A única vez que vi Mick chorar foi no dia em que ele enterrou aquela cachorra. Até mesmo no funeral dos nossos pais ele se comportou como um

homenzinho firme. — Meg balançou a cabeça. — Perdi muitas pessoas que morreram durante a minha vida. Por isso prefiro não ficar ligada a um animalzinho de estimação, para depois o ver morrer perto de mim. A maioria das pessoas não entende isso, mas é assim que eu sinto.

— Entendo... — E ela realmente entendia, mais do que Meg poderia imaginar, ou mesmo saber. Pelo menos por enquanto.

— Você provavelmente está imaginando porque foi que eu apareci por aqui, em vez de esperar que você entrasse em contato comigo.

— Confesso que estou ansiosa para conversar com você sobre seus pais e sobre o que aconteceu naquela noite de agosto.

Meg aquiesceu com a cabeça e encaixou mechas do cabelo atrás das orelhas.

— Eu não sei porque você quer escrever sobre o que aconteceu, só você sabe. Mas acho que deveria ouvir a história contada pela minha família. Como Mick não vai falar com você sobre isso, eu mesma vou ter que falar.

— Você se importa se eu gravar nossa conversa?

Meg demorou um longo tempo antes de responder, Maddie ficou imaginando que ela iria recusar, mas ao final Meg disse:

— Acho que tudo bem. Contanto que eu possa pedir para desligar, se me sentir desconfortável.

— Perfeitamente. — Maddie se levantou da cadeira. Foi à escrivaninha onde estava o gravador, substituiu a fita com o depoimento de Trina por uma fita nova, pegou algumas folhas de papel e uma caneta, e voltou para a sala de estar. — Você não precisa dizer nada que não queira, disse, embora fosse parte do seu trabalho arrancar de Meg todas as informações possíveis. Maddie

segurou o gravador em frente à boca, falou o nome de Meg e a data, e depois o colocou na beirada da mesa de centro. Meg olhou para o gravador e perguntou:

— Por onde eu começo?

— Se sentir confortável, por que não fala sobre coisas relativas aos seus pais de que se lembra? — Maddie sentou-se mais para trás na cadeira e descansou as mãos levemente sobre o colo. Pacientemente e de forma não-ameaçadora, tentou incentivar Meg a começar seu depoimento, dizendo: — Lembre-se dos bons momentos que viveu com eles. — Depois que Meg falasse sobre esses bons momentos, viriam os maus momentos.

— Tenho certeza de que você ouvir falar que meus pais brigavam muito.

— É, ouvi sim.

— Eles não brigavam o tempo todo, só que quando eles brigavam... — Meg interrompeu a frase, olhou para baixo, para sua saia e recomeçou: — Minha avó costumava dizer que eles eram apaixonados, e que brigavam e amavam com mais paixão que as outras pessoas.

— Você acredita nisso?

Uma ruga sulcou a testa de Meg e ela cruzou as mãos sobre o colo.

— Só sei que meu pai era... uma pessoa maravilhosa. Estava sempre feliz, sempre cantando. Todo mundo o adorava, porque ele tinha uma forma de ser toda especial. — Meg levantou o olhar e seus olhos verdes encontraram os de Maddie. — E minha mãe ficava em casa com Mick e comigo.

— Sua mãe era feliz?

— Ela... ela ficava melancólica às vezes, mas isso não significa que era uma mãe ruim.

Meg continuou a falar sobre piqueniques maravilhosos, festas de aniversário e grandes reuniões de família. Falou sobre Rose lendo histórias na hora de dormir. Enfim disse coisas que fizeram sua família parecer um modelo perfeito de felicidade.

Isso tudo era besteira. Depois de cerca de trinta minutos ouvindo Meg selecionar apenas a melhor parte das suas histórias, Maddie perguntou: — O que acontecia quando sua mãe ficava melancólica?

Meg acomodou-se na poltrona e cruzou os braços. — Bem, não é segredo que as coisas desmoronaram. Tenho certeza de que o xerife Potter lhe contou sobre o tempo que minha mãe jogava as roupas do meu pai no fogo.

De fato, o xerife não havia mencionado isso.

— Ahã...

— Ela sempre controlava a fogueira em que fazia aquilo. Não havia necessidade de os vizinhos chamarem a polícia.

— Talvez eles estivessem preocupados porque esta é uma área de floresta, que não precisa de muito fogo para que um incêndio comece e se alastre.

Meg encolheu os ombros, mostrando indiferença.

— Era maio, não era estação de grandes incêndios. A estação de fogo é mais tarde.

Isso não significava que o fogo não poderia ter causado sérios danos, mas Maddie considerou inútil e contraproducente continuar argumentando. Já era o momento de encaminhar as coisas para as questões que realmente importavam.

— De que você se lembra da noite em que seus pais morreram? Meg olhou para a tela da televisão desligada do outro lado da sala.

— Lembro-me de que aquele foi um dia muito quente, e que a mamãe levou Mick e eu até a praia para nadar. Meu pai geralmente ia conosco, mas naquele dia ele não foi.

— Você sabe porquê?

— Não. Imagino que estivesse com a garçonete.

Maddie não se incomodou a ponto de lembrá-la de que a garçonete tinha nome.

— Depois que vocês foram para a praia o que aconteceu?

— Voltamos para casa e jantamos. O papai não estava em casa, o que não era tão fora do comum, com certeza estava no trabalho... Lembro-me de que era o dia da semana da 'noite de vale-tudo', o que significava que podíamos comer qualquer coisa que quiséssemos no jantar. No final da noite, chupamos sorvete enquanto assistimos *Donny & Mary*, um seriado do qual gostávamos muito... Eu me lembro de que assistimos isso porque o Mick era completamente louco por esse seriado. Depois ele podia assistir ***O Incrível Hulk***. Mais tarde minha mãe nos colocou na cama, mas em algum momento em torno da meia-noite acordei com o som da minha mãe chorando. Levantei e fui ao quarto dela. Encontrei-a sentada na cama e toda vestida para sair.

Maddie inclinou-se para frente:

— Por que ela estava chorando? Meg virou-se para ela e disse: — Por que meu pai estava tendo mais um caso.

— Ela contou isso para você?

— Não, claro que não, mas eu tinha dez anos de idade. Eu sabia a respeito dos casos do meu pai. — O olhar de Meg estreitou-se. — O papai não teria nos deixado por ela. Eu sei que ele não faria isso de verdade.

— Alice pensava que ele iria deixar a família para ficar com ela.

— Todas pensaram isso. — Meg riu sem humor. — Pergunte a elas. Pergunte a Anna Van Damme, Joan Campbell, Katherine Howard e Jewel Finley. Todas elas pensaram que ele deixaria minha mãe para ficar com elas. Mas ele nunca fez isso, nunca a deixou, e também não a deixaria pela garçonete.

— Alice Jones. — Maddie quase se sentiu triste por Meg dizer rapidamente os nomes das amantes do pai.

— É.

— Jewel Finley, não era amiga da sua mãe?

— Ah, sim! — Meg zombou: — Que amiga!

— Aconteceu alguma coisa fora do comum naquele dia?

— Acho que não.

Maddie colocou os antebraços sobre os joelhos, inclinou-se para frente, e olhou dentro dos olhos de Meg.

— Em geral, quando se vê uma mulher outrora saudável matar o marido e depois a si mesma, é sinal de que alguma coisa acrescentou tensão ao relacionamento entre eles.

Normalmente é o fato de que a pessoa que sente a maior parte da tensão se sente impotente, como se estivesse perdendo tudo, e assim não havia mais nada a perder... Se não era a infidelidade do seu pai, então deveria haver alguma outra coisa.

— Talvez ela simplesmente planejou assustá-los com a arma. Talvez quisesse amedrontá-

los, mas as coisas mudaram no meio do caminho.

Normalmente essa era uma desculpa, mas muito raramente era a realidade.

— Você acredita nisso?

— Acredito. Talvez ela os tenha encontrado nus.

— Ambos estavam vestidos. Alice estava atrás do balcão do bar e seu pai na frente. Eles estavam a pelo menos três metros de distância um do outro.

— Bom... — Meg mordeu a unha do polegar — eu ainda acho que ela foi até lá para assustar o papai, e as coisas acabaram saindo do controle.

— Você *imagina* que tenha sido isso, mas não sabe ao certo.

Meg baixou as mãos e se levantou. — Minha mãe amava meu pai. Eu simplesmente não acho que ela tenha ido lá com a intenção de matar alguém. Em seguida pendurou a bolsa no ombro e arrematou:

— Preciso ir para casa.

Maddie levantou-se.

— Bem, obrigada por sua ajuda — disse enquanto caminhava lentamente em direção à porta. — Foi muito bom ter conversado com você.

— Se eu puder esclarecer mais alguma coisa, me ligue.

— Liguei.

Depois que Meg saiu, Maddie voltou para a sala de estar e desligou o gravador. Sentia-se triste por Meg. De verdade. Meg foi uma vítima do passado, exatamente como ela própria.

Mas Meg era mais velha que Mick e Maddie, e se lembrava de mais coisas daquela noite horrível. E certamente Meg se lembrava também de outras coisas, sobre as quais não queria falar. Lembrou-se de algo mais do que gostaria que Maddie soubesse. Mas por enquanto estava bom. Maddie escreveu o primeiro capítulo do livro, mas parou para trabalhar na linha do tempo. Quando chegava numa idéia para a seqüência...

Miau.

Maddie inclinou as costas.

— Pelo amor de Deus! — Ela foi até a porta para olhar para o gatinho do outro lado. — Vá embora!

Miau.

Maddie puxou a corda das persianas verticais e as fechou de forma que não pudesse mais ver aquele gato inoportuno. Foi para a cozinha, preparou um jantar evitando como sempre os carboidratos, e comeu em frente à televisão, ligada com o som muito alto. Depois do jantar, tomou um longo banho e besuntou toda a pele com um esfoliante corporal de baunilha. Sobre o balcão e próximo a uma toalha havia um frasco branco de óleo corporal de espuma de marshmallow. Ela havia recebido o tal frasco pelo correio, em sua casa em Boise no dia anterior e o havia jogado na bolsa.

Nossa! Foi no dia anterior que encontrou Trina, foi a Boise para a prova do vestido de dama de honra, e transou com Mick? Maddie tirou a tampa do ralo e se levantou. Percebeu que andava muito ocupada ultimamente.



Enxugou-se, espalhou a loção cremosa na pele, vestiu as despojadas calças largas e uma camiseta qualquer. Depois foi para a sala de estar e pegou o gravador que permanecia sobre a mesa de centro. Um ruidoso comercial de telefone celular a fez pegar o controle remoto e desligar a televisão. Ela queria ouvir novamente as recordações de Meg sobre a noite em que sua mãe havia matado duas pessoas e depois a si mesma.

Miau.

— Droga! — Maddie puxou a corda da persiana e lá estava o seu tormento sentado como uma pequena bola de pêlo em meio às sombras escuras da noite. Levou as mãos ao quadril e olhou feio para o gatinho pelo vidro. — Você está me dando nos nervos!

Miau.

Estava além do entendimento de Maddie como uma boca tão pequena podia fazer uma algazarra tão grande.

— Vá embora! — Como se entendesse, o gato se levantou, andou em círculo, depois se sentou exatamente no mesmo lugar de antes.

Miau.

— Chega! — Maddie foi à lavanderia, meteu os braços numa jaqueta jeans, depois voltou pisando duro na direção das portas envidraçadas. Abriu-as com certa violência e pegou o gatinho. Ele era tão pequeno que todo o seu comprimento cabia em uma das mãos dela. — O pior de tudo é que provavelmente você tem pulgas e problemas de pele — ela disse.

Miau.

Segurou o gatinho longe do corpo.

— A última coisa que preciso é de um gato com um defeito congênito. Miau.

— Xiii... Vou arrumar um bom lar para você. — O maldito gatinho começou a ronronar como se estivessem se tornando amigos ou algo do gênero. Tão silenciosamente quanto pôde, Maddie desceu os degraus, atravessou a grama fria na ponta dos pés na direção do jardim dos Allegrezza. Uma luz se acendeu na cozinha e pela porta deslizante de vidro, ela viu Louie fazendo um sanduíche. — Você vai adorar essa família — sussurrou.

Miau.

— É verdade. Eles tem um garoto, e você sabe que as crianças adoram gatos. Seja bonzinho que eles te levam para dentro. — Ela o deixou ali, no terraço, depois tratou de correr bem rápido de volta para casa. Fechou a porta, trancou e baixou as persianas como se estivesse fugindo do demônio. Sentou-se no sofá e jogou a cabeça para trás. Silêncio, Graças a Deus.

Fechou os olhos e pensou consigo mesma que havia feito uma boa ação, afinal ela podia tê-

lo enxotado jogando alguma coisa na direção dele. O pequeno Pete Allegrezza era um garoto legal, ele provavelmente iria gostar de ter um gato e lhe daria um bom lar.

Obviamente ele não comia há um bom tempo, mas sem dúvida Louie o ouviria e o alimentaria com um pedaço de carne que sobrou do almoço. Maddie estava se sentindo a própria Madre Teresa de Calcutá. Miau.

— Não é possível, você deve estar brincando comigo! — Ela se sentou e abriu os olhos.

Miau.

— Está bem. Eu tentei ser legal com você. — Ela foi rapidamente para o quarto, calçou suas sandálias de dedo pretas. — Gato estúpido! — Depois voltou à sala de estar, abriu violentamente a porta, pegou o gatinho e o segurou em frente ao rosto, olhando ferozmente para aqueles olhos assustados. — Você é muito estúpido para saber que eu encontrei um bom lar para você.

Miau.

Isso era um carma. Carma ruim. Definitivamente estava pagando por alguma coisa que fez.

Com a mão que estava livre pegou a bolsa, acendeu as luzes de fora da casa próximo à porta da lavanderia. Já fora de casa o *transponder* na bolsa destrancou a porta do carro.

— Nem pense em arranhar o banco de couro — disse quando sentou o gato no assento do passageiro. Era domingo à noite e o abrigo de animais estava fechado. Jogar simplesmente o gato para fora do carro não era uma de suas opções. Se ela dirigisse para o outro lado do lago e o deixasse nos degraus da frente da porta de alguém por ali, aquela coisinha insignificante não conseguiria encontrar o caminho de volta.

Apertou o botão no câmbio. Não era completamente insensível. Não teria coragem de despejá-lo em algum lugar que podia ter um enorme *pit bull* acorrentado no jardim. Ela não queria carregar aquele tipo de carma.

Engatou a marcha à ré e olhou para o gatinho sentado no assento de couro do carro olhando para frente. — *Hasta Ia vista, baby*, pensou.

Miau.

Mick entrou com a caminhonete no estacionamento do mercado e estacionou numa vaga que ficava a poucas fileiras das portas da

frente. Saindo do carro, viu o carro preto de Maddie estacionado debaixo de uma das várias luzes fortes. Embora nunca tivesse visto o carro dela, todo mundo na cidade sabia que Madeline Dupree dirigia aquele carro preto que mais parecia o carro do *Batman*. Para dentro das janelas que tinha vidros levemente coloridos, Mick podia ver apenas o contorno da cabeça e do rosto dela. Andou até o carro, bateu na janela do lado do motorista e, com um mínimo de barulho, o vidro baixou centímetro por centímetro, fazendo com que a luz do estacionamento iluminasse o carro por dentro. De repente estava encarando novamente os olhos castanhos escuros da mulher que o havia — torturado durante toda a noite passada anterior.

— Bonito gato! — Ele disse.

— Obrigada. Miau.

Mick olhou mais para baixo, para uma pequena bola de pêlo acomodada no colo dela.

— Porque razão, Maddie, você tem um gato no seu...

— Não diga nada... Ele riu e perguntou:

— Quando você adotou esse gato?

— Não é meu. Eu odeio gatos!

— Então por que ele está no seu... colo?

— Eu não consegui ir embora... — Ela se virou para frente e olhou para as mãos agarradas no volante, respirou e contou: — Eu tentei encontrar uma casa para ele do outro lado do lago. Até escolhi uma casa bonita com persianas amarelas...

— O que aconteceu?

Maddie balançou a cabeça. Não sei. Eu estava andando sorrateiramente pela varanda, pronta para deixar o gato e correr, mas esta coisa ronronou e esfregou a cabeça no meu queixo. Quando olhou para Mick ele percebeu uma ruga de preocupação entre suas sobrancelhas: — E aqui estou eu, pensando naquela infinidade de comerciais de comida de gato da tevê, e querendo saber se eu devo comprar uma marca ou a outra...

Mick perguntou. — Qual é o nome dele?

— Não é ele... acabo de descobrir que é uma fêmea — explicou tentando dissuadi-lo da pergunta.

— Ah, é uma menina... zombou — E qual é o nome dela? Maddie fechou os olhos e sussurrou:

— Bola de Neve.

Ele continuou rindo. Ela abriu os olhos e o olhou de modo penetrante: — O que foi?

— Bola de Neve?

— Ela é branca! Miau.

— É tão... sei lá, parece coisa de menina.

— Isso é surpreendente vindo de uma pessoa que batizou a sua *poodle* de Princesa.

Mick parou de rir.

— Como você sabe sobre a Princesa?

Maddie abriu a porta do carro, ele deu um passo para trás.

— Sua irmã me contou. — Levantou o vidro da janela, estendeu a mãos, pegou a gata e saiu do carro. — E antes que você fique todo

nervoso, sua irmã apareceu em casa hoje tarde querendo falar comigo sobre seus pais.

— O que ela disse?

— Um monte de coisas. Bateu a porta e a travou. — Muito embora eu pense que ela queria que *eu* pensasse que quando pequenos vocês todos eram muito felizes, até que Alice Jones se mudou para a cidade.

— Você acreditou nela?

— Claro que não. — Maddie pôs a gata dentro de um dos bolsos internos da jaqueta, e pendurou a bolsa no ombro. A mesma bolsa grande onde carregava sua arma de eletrochoque. — Especialmente quando ela deixou escapar que a sua mãe jogou uma pilha de roupas do seu pai no fogo.

— É... eu me lembro disso. — Certamente não era segredo. — Lembro de que a grama no jardim da frente não cresceu por um bom tempo. — Provavelmente Mick tinha cinco anos na época, aquilo um ano antes de a mãe perder completamente o discernimento.

— Ah! Outra coisa, fique avisado desde já que não haverá nenhum filme com Colin Farrell e Angelina Jolie baseado no crime, como andam alardeando por aí.

Mick ouvira o rumor sobre o filme e se sentiu melhor por saber que não era verdade.

— Você está de pijama?

Quando Maddie olhou para baixo para checar sua roupa o gatinho pôs a cabeça para fora da jaqueta.

— Acho que ninguém vai perceber.

— Eu percebi.

— É, mas eu estava usando calça de pijama como essa na noite passada. Ela olhou-o e um sorrisinho sensual brincou nos lábios dela. — Pelo menos no início da noite.

Ela não pensava que fariam sexo novamente. Certo.

— Esse perfume está vindo de você? — ele perguntou.

— O quê?

— Estou sentindo cheiro de festa de flocos de arroz. — Ele deu um passo na direção dela e abaixou a cabeça. — Claro que é você.

— Ah! É o meu óleo corporal de espuma de marshmallow.

— Óleo corporal? — Será que ela tinha alguma ilusão de que eles não terminariam juntos de novo na cama? — Pensei em você o dia todo. — Ele pôs a mão no pescoço dela e pressionou sua testa contra a testa dela. — Nua. — Sob o polegar ele sentiu a pulsação nas veias de Maddie, quase tão forte quanto as batidas do seu próprio coração.

— Voltei à abstinência.

— Voltou a ser um tipo mais ou menos celibatário?

— Voltei.

— Posso fazer você mudar de idéia. — Mick estava fazendo uma coisa que jamais fazia, tentando convencer uma mulher a ficar com ele. Quer as mulheres quisessem ou não.

— Dessa vez, não — ela disse, embora não parecesse muito convencida disso.

Mas quando se tratava de Maddie nada era muito normal.

— Você adora o jeito como eu beijo e toco o seu corpo. Lembra?

— Eu... ah... — gaguejou.

Em geral Mick não ficava o dia todo atormentado por causa de uma mulher. Não ficava querendo saber o que ela estava fazendo, se estava trabalhando ou enfrentando camundongos mortos, nem pensava numa estratégia para tirar novamente a sua roupa.

— Você já está pronta para dormir... — Ele roçou a boca na dela de maneira provocante.

Em geral Mick não perdia tempo porque sempre havia outras mulheres que ele não precisava seduzir e convencer. — Você sabe que você quer.

Miau.

Maddie deu um passo atrás e ele baixou a mão.

— Tenho que comprar comida para a gata.

Mick baixou o olhar para a cabeça branca e peluda que estava para fora da jaqueta de jeans de Maddie. Aquela gata era puro problema. Maddie afagou a cabeça da gatinha e disse: — Seja uma boa menina, Bola de Neve, virou novamente para o rosto para Mick, o encarou, e depois se voltou novamente para a gatinha e a alertou: — Tome cuidado com ele. Ele é um homem muito mau.



## Capítulo 13

Eram cerca de três horas da tarde quando Maddie andou até a sua caixa de correspondências, e dentro dela encontrou uma coleirinha que tinha brilho cor-de-rosa e um pequenino sino também cor-de-rosa. Não havia nenhuma nota ou cartão, só a coleira.

Mick era a única pessoa que sabia sobre Bola de Neve. Ela não contou para nenhuma de suas amigas por temer que elas se matassem de rir. Maddie Jones, dona de um gato?

Impossível! Depois de passar a maior parte da vida odiando gatos, aqui estava ela, com uma coleira cor-de-rosa na mão, olhando para baixo, para aquela pequena bola de pêlo branca enrolada na cadeira do escritório.

Pegou a gatinha e a trouxe na altura do rosto.

- Essa cadeira é minha! Eu fiz uma cama para você. - E dizendo isso, carregou a gata para a lavanderia e a colocou sobre uma toalha enrolada dentro de uma caixa de papelão. - Regra número um: eu sou a chefe. Regra número dois: você não pode subir em cima dos meus móveis, nem deixá-los cheios de pêlos. Ela se ajoelhou e pôs a coleira no pescoço de Bola de Neve.

Miau.

Maddie franziu as sobrancelhas.

Miau.

- Ok... Você está muito graciosa de coleira... - Levantou-se e apontando o dedo indicador na direção da gata concluiu: - Regra

número três: eu deixei você entrar e te dei comida. E é só isso. Eu não gosto de gatos. – Dito isso, deu meia-volta e saiu da lavanderia. O tinido do sino a seguiu para a cozinha.

Maddie olhou para os pés, suspirou e puxou uma lista telefônica para fora de uma das gavetas do armário. Abriu, folheou, mas não encontrou o que procurava, então trocou pelas páginas amarelas. Ali estava! Pegou o celular, apertou sete números. Ouviu o toque e finalmente:

- Mort's - um homem atendeu, mas não era Mick.
- Posso falar com Mick?
- Ele normalmente não vem antes das oito horas.
- Você poderia dar um recado a ele?
- Sim, vou pegar uma caneta. - Houve uma pausa e depois: - Ok.
- Mick, obrigada pela coleira cor-de-rosa. Bola de Neve.
- Você disse Bola de Neve?
- Sim, assine Bola de Neve, ok?
- Ok.
- Obrigada! - Desligou e fechou a lista telefônica. Dez minutos depois das oito da noite, enquanto Maddie passava os olhos numa revista especializada em crimes, o telefone tocou.
- Alô.
- O seu gato me ligou.

Só o som da voz de Mick foi suficiente para fazê-la sorrir, o que era um péssimo sinal.

- É mesmo? E o que ela queria?

- Agradecer pela coleira.

Maddie olhou para Bola de Neve e a pegou em flagrante deitada na cadeira vermelha, lambendo uma das patas, desrespeitando a regra número dois.

- Ela tem boas maneiras.

- O que vai fazer hoje à noite?

- Vou ensinar Bola de Neve que garfo usar em cada prato.

Mick riu.

- E a que horas ela vai pra cama?

Ela virou a página da revista e olhou atentamente um artigo sobre um homem que havia matado três de suas esposas como se fossem troféus.

- Por quê?

- Porque eu quero te ver.

Maddie também queria vê-lo. Isso era ruim, era um problema. Ela não **queria** se sentir toda feliz só porque ouvira a voz dele ao telefone. Ela não **queria** vê-lo num estacionamento e se lembrar do toque das mãos e dos lábios dele.

Quanto mais o via, mais pensava nele, mais o queria e mais suas vidas ficavam emaranhadas.

- Você sabe que eu não posso - ela disse virando várias outras páginas da revista.

- Encontre-me no Hennessy's e, por favor, traga sua câmera.

Ao ouvir aquilo, sua mão ficou imóvel.

- Você está me dizendo que vai me deixar tirar fotos do seu bar?

- Isso.

Maddie normalmente não tirava fotos para seus livros, mas não seria um problema se tirasse.

- Quero ver você.

- Você está me subornando?

Houve uma pausa na linha, depois Mick perguntou:

- Isso é um problema?

Era?

- Só se você achar que eu vou transar com você em troca de algumas fotos.

- Docinho - ele disse num tom que parecia de irritação, - Eu queria que fazer você tirar a roupa fosse assim tão fácil, mas não.

Só porque ela ia ao Hennessy's para tirar umas fotos não significava que alguém terminaria sem roupa. Maddie passou quatro anos sem sexo. Obviamente que ela tinha auto controle.

- Por que não vai para lá por volta da meia-noite? Vai estar vazio, assim você pode tirar quantas fotos quiser.

Indo ao Hennessy's, estaria usando a inegável atração entre eles para conseguir o que queria. Da mesma forma que Mick estava usando ao liberar as fotografias no interior do bar para conseguir o que queria. Ela ficou pensando que seria melhor declinar da oferta tentadora e fazer prevalecer a sua consciência. Mas como acontecia de tempos em tempos na vida dela, quando surgia alguma dúvida

entre a qualidade de seu trabalho e seus escrúpulos, sua consciência se calava.

- Estarei lá! - Depois que desligou o telefone respirou fundo e segurou o ar. Entrar naquele bar não seria o mesmo que visitar qualquer cena de crime que visitou e explorou minuciosamente. Tratava-se de um assunto pessoal.

Deixou sair o ar confinado nos pulmões... Lembrou -se das fotos da cena do crime que viu e dos relatórios que leu. Depois de vinte e nove anos de o fato ter ocorrido, não seria um problema enfrentar a cena daquele crime. Maddie sentou-se de frente com vários assassinos, separada apenas por uma barreira de malha. Houve ocasiões em que os criminosos lhe disseram friamente o que fariam com o seu corpo se tivessem alguma oportunidade. Em comparação com aquelas cenas dignas de pesadelo, ir ao Hennessy's seria café pequeno, ainda que amargo.

O Hennessy's foi pintado de um cinza indescritível e seu espaço era bem maior do que se poderia imaginar olhando de fora. Por dentro, o comprido bar comportava numa das extremidades duas mesas de sinuca e na outra uma pista de dança. No meio, três degraus levavam a um plano inferior delimitado por uma cerca branca, onde havia dez mesas redondas.

O Hennessy's nunca teve a reputação comprometida pelo tipo de garotas indisciplinadas que freqüentavam o Mort's. Era mais tranquilo, reconhecido por ter bebida e música de boa qualidade e, por algum tempo, por ter sido palco de assassinatos. O Hennessy's conseguiu finalmente se reabilitar desse passado, pelo menos até que uma certa escritora sobre crimes verídicos chegou à cidade.

Atrás do balcão do bar, Mick pôs gim numa coqueteleira. Olhou-a e reparou que uma luz brilhava no cabelo de Maddie, ressaltando alguns fios castanho-avermelhados no rabo de cavalo. Voltando o

olhar para a garrafa comprida e clara nas suas mãos, disse: - Meu bisavô construiu este bar em 1925.

Maddie deixou a câmera sobre o balcão e olhou em volta.

- Durante a Lei Seca?

- Isso mesmo! - E apontando para o centro do bar cujo nível do chão era mais baixo, falou: - Aquela parte era uma sala onde funcionava um restaurante. Ele fazia e vendia álcool de cereais lá nos fundos. Lembrou dos grandes olhos castanhos de Maddie olhando-o quando a beijou no pescoço, e de como aquele olhar tornou tudo mais quente e sensual. Ali, naquele momento, seus olhos estavam um tanto arregalados, como se estivesse vendo fantasmas.

- Ele nunca foi pego? Maddie perguntou, enquanto olhava mais uma vez por todo o bar.

Claramente, ela não tinha intenção nenhuma de tentar dominar a conversa.

Quando abriu a porta dos fundos e a viu ali parada, ela parecia tão tensa que ele refreou sua fantasia de empurrá-la contra a parede e beijá-la até que ela ficasse completamente sem fôlego.

Mick mudou de idéia. Ambos sabiam que ela estava lá para tirar fotos. Ficou surpreso com a maneira como ela parecia perturbada por estar dentro daquele bar. Pensou que ela Maddie ficaria feliz, afinal estava facilitando o seu trabalho, mas ela não parecia feliz. Parecia estar prestes a desmontar. Mick continuou:

- Naquela época a cidade era tão pequena e insignificante... Além disso, meu bisavô era muito querido por todo mundo. Quando a Lei Seca acabou, ele esvaziou todo este lugar e o transformou num bar. E, fora umas pequenas reformas de manutenção e outras poucas

mexidas necessárias para a renovação de equipamento, tudo aqui está exatamente igual desde aquela época.

Mick acrescentou um borrifo de vermute e tampou a coqueteleira, e sinalizando com a cabeça, acrescentou:

- Meu avô transformou aquela área ali numa pista de dança, e depois meu pai trouxe as mesas de sinuca. - Chacoalhou a mistura com uma das mãos enquanto esticava a outra para debaixo do balcão. - Decidi mantê-lo igual.

- Colocou um copo de ***martíni*** sobre o balcão, depois outro. Acrescentou algumas azeitonas espetadas em palitos. Enquanto servia, olhou para o rosto de Maddie, percorrendo-lhe depois o pescoço e chegando à blusa branca. O botão de cima parecia estar perigosamente a ponto de estourar e permitir uma excelente visão daquele colo farto.

- Investi meu dinheiro e minha energia no Mort's. Na próxima semana meu amigo Steve e eu temos uma reunião com alguns investidores para falar sobre o início de um negócio de passeios de helicóptero por esta região. Quem sabe não dá resultado? Eu sei trabalhar com bares, mas de fato pretendo ampliar meus negócios, criar outros interesses. Só assim vou me sentir saindo deste estado de estagnação que sinto vivo. Finalmente empurrou o copo de ***martíni*** para a frente de Maddie e ficou imaginando se ela estava pelo menos ouvindo o que ele dizia.

Os dedos tocaram a haste.

- Por que se sente estagnado?

Ouvindo aquilo concluiu que ela estava escutando.

- Não sei. Talvez porque quando criança eu ansiava por sair daqui e ir até o inferno se necessário. - Pegou um dos palitos no copo e mordeu a azeitona.

- Mas aqui estou.

- Mas é porque sua família está aqui... Eu não tenho família, exceto por algumas primas que encontrei umas poucas vezes. Se tivesse um irmão ou irmã, imagino que iria querer viver perto deles.

Mick lembrou-se de que a mãe de Maddie havia morri do quando ela era pequena.

- Onde está o seu pai?

- Não sei, eu nunca o conheci. - Ela mexeu o ***martíni*** com uma das azeitonas.

- Como você sabe o que eu gosto de beber?

Ele ficou pensando se Maddie não teria mudado de assunto de propósito.

- Eu conheço todos os seus segredos. - Ela olhou-o um pouco assustada. Ele riu: Me lembro do que você estava bebendo na primeira noite que te vi.

Depois, andando até o final do balcão, sentou-se de frente para Maddie. Ele colocou um dos pés no apoio de pé do banco dela, entre os pés dela. Maddie usava uma saia preta que o joelho dele fez subir até as coxas macias dela.

- É mesmo? - Ela pegou a bebida e olhou-o por sobre o copo. Tomou metade do conteúdo, engolindo o gim como se fosse água. Se não fosse cuidadosa, Mick teria que levá-la para casa. O que não seria má idéia...

- Estou surpresa de que se lembre de qualquer coisa além da tentadora oferta da Daria, de lhe mostrar o traseiro.



- Lembro de que já naquela primeira noite notei esse seu lado mordaz. - Pegou a mão dela e passou o polegar pelo nó de seus dedos. - E me perguntei como seria beijar essa boca mordaz.

- Agora você já sabe.

Os olhos dele perscrutaram todo o rosto. As maçãs, a mandíbula, os lábios molhados...

Depois se fixaram novamente nos olhos.

- Pois é e agora que eu sei, fico pensando em todos os lugares que eu não cheguei a beijar na outra noite...

Maddie deixou o copo no balcão.

- Uau! Você é bom nisso, hein?

- É... sou bom num monte de coisas...

- É mesmo, especialmente em dizer a coisa certa para seduzir uma mulher.

Mick baixou a mão.

- Você acha que não estou falando a verdade?

Maddie pegou a câmera, girou sobre o banco em que estava sentada. Mick tirou o pé e ela se levantou.

- Tenho certeza de que você está falando a verdade. Virou-se de costas e levantou a câmera.

- Você diz isso para toda mulher.

Mick pegou seu copo e também se levantou.

- Você acha que eu já disse isso a alguma outra mulher?

Maddie ajustou o foco e bateu uma foto das mesas vazias. O **flash** disparou e ela disse: - Claro!

Aquilo o ofendeu, especialmente porque não era verdade.

- Bom, docinho, parece que você não dá muito crédito a si mesma, não é?

- Claro que dou muito crédito a mim mesma! - Outro clique, outro **flash**, então acrescentou: - Mas eu sei como são as coisas...

Mick bebeu um gole. O gim fresco esquentou-lhe a garganta.

- Ok, então me diga o que você acha que sabe.

- Eu sei que não sou a única mulher com quem você passa o seu tempo. - Ela abaixou a câmera e caminhou até uma das extremidades do balcão.

- Você é a única mulher que estou vendo atualmente.

- Claro, atualmente. Mas você vai querer se livrar de mim logo, logo. Tenho certeza de que nós todas somos meras alternativas para satisfazer o seu desejo.

Mais uma vez o **flash** disparou. Mick andou para o lado oposto.

- Não achei que você tivesse problemas com isso... - Chegou a um canto escuro e encostou o quadril na **jukebox**.

- Não tenho nenhum problema com isso... Só estou dizendo que tenho certeza de que no escuro nós todas somos exatamente a mesma coisa.

Mick estava começando a ficar muito irritado com aquela conversa, mas parece que era exatamente isso o que ela queria, irritá-lo, e ficou imaginando porque diabos Maddie iria querer que ele a visse de maneira tão ruim. Parece que acreditou nas fofocas que ouviu

sobre a vida amorosa dele... Mas e daí? E se acreditou? Mick quis entender por que estava se sentindo tão incomodado pelo fato de ela querer falar nisso. Talvez o melhor fosse esquecê-la de uma vez e procurar outra mulher. O problema era que ele não tinha vontade de ligar para mais ninguém. Mais uma coisa que o incomodava, quase tanto quanto a atitude dela.

Maddie tirou várias fotos do chão em frente ao bar de diferentes ângulos, depois disse: - Você está errado. Nem todas as mulheres são iguais no escuro.

Depois se virou e olhou bem no fundo dos olhos dele. Ele quis ofendê-la, mas era típico da Maddie não agir como as outras mulheres. Pelo contrário, ele respirou fundo e deixou que o ar saísse lentamente.

- Você está querendo me deixar maluca?

- Parece justo, afinal você também está tentando me deixar maluco.

Ela pensou por um instante e depois confessou:

- É verdade.

- Por quê?

- Talvez porque eu não queira pensar no que estou fazendo. - Ela foi para a outra ponta do balcão. Olhou para a superfície antiderrapante no chão e bateu mais algumas fotos e em seguida baixou a câmera. Depois de um longo suspiro, audível o suficiente para que ele ouvisse, disse:

- Isso é mais difícil do que eu pensei que seria.

Ele se endireitou.

- São o mesmo balcão, espelhos, luzes e a velha caixa registradora.  
- Colocou a câmera no balcão e se apoiou. - As únicas coisas que estão diferentes são o sangue e os corpos.

Mick andou na direção dela, largou o copo quando passou pelo balcão.

Havia algo estranho em sua voz quando Maddie disse: - Ela morreu aqui. Como você pode viver com isso?

Ele colocou suas mãos nos ombros dela.

- Eu não penso mais nisso.

Ela se virou e o olhou. Seus olhos estavam rasos.

- Como é possível? Sua mãe matou seu pai bem no topo destes degraus!

- É só um lugar. Quatro paredes e um telhado. - Ele escorregou as mãos para os braços dela.

- Isso aconteceu há muito tempo e, como já te falei, eu não penso nisso.

- Eu penso. - Ela mordeu o lábio, virou a cabeça e secou os olhos. Mick nunca havia encontrado uma escritora antes de Maddie, mas parecia que ela estava terrivelmente comovida para uma mulher que estava escrevendo um livro sobre pessoas que nem mesmo conhecia.

- Isso foi muito mais difícil do que eu pensei que seria. Eu geralmente não tiro as fotos para os meus livros, e pensei que conseguiria fazer isso com tranquilidade.

Talvez, como escritora tivesse que mergulhar nos detalhes e senti-los e para depois poder escrever sobre eles com mais profundidade.

Afinal, o que sabia a respeito? Ele sequer lia livros com tanta frequência.

Maddie o olhou e disse:

- Preciso ir embora. - Pegou a câmera de cima do balcão, andou desviando dele, e no caminho para fora, pegou a jaqueta e a bolsa que havia colocado sobre um dos bancos quando chegou.

A noite havia se transformado em algo ruim e ele nem mesmo sabia porque, nem sabia o que fez ou deixou de fazer para que as coisas acontecessem assim. Mick pensou que ela tiraria umas fotos, eles tomariam uma bebida, conversariam e depois, claro, acabariam transando. Ele seguiu Maddie para os fundos do bar.

- Você está bem para dirigir? - ele perguntou enquanto saíam pela porta dos fundos.

Maddie parou sob um pequeno foco de luz enquanto colocava a jaqueta. Fez que sim balançando a cabeça. Sua bolsa caiu no chão, mas em vez de abaixar-se e pegá-la, cobriu o rosto com as mãos.

- Por que não me deixa levá-la para casa? - Ele andou na direção dela, abaixou -se e pegou a bolsa. Apesar de ter sido criado por mulheres, ele não entendia Maddie Dupree. Ela era muito diferente.  
- Você parece muito perturbada para dirigir por aí.

Ela o olhou com os olhos cheios de água. Uma lágrima transbordou e escorregou pelos cílios inferiores.

- Mick, eu preciso te contar uma coisa a meu respeito. Uma coisa que eu devia ter contado logo que te conheci, semanas atrás.

Ele não estava gostando daquele tom... Não se conteve, e colocando a bolsa no teto do carro, arriscou:

- Você é casada!

Maddie negou balançando a cabeça, depois tentou esclarecer: - Eu... eu sou ... - Jogou para fora o ar que tinha nos pulmões e limpou as lágrimas. - Eu não ... estou com medo... não posso... - Em seguida cruzou os braços ao redor do pescoço de Mick e seus corpos se juntaram. - Eu não consigo tirar aquelas fotos da cena do crime da minha cabeça...

Só isso? Era por isso que estava tão perturbada? Ele não soube o que dizer, nem o que fazer. Sentiu-se inútil, acariciou levemente as macias costas depois escorregou as mãos para a cintura e a segurou. Apesar de toda aquela situação de desespero e do choro, Mick sentiu um prazer lhe subir pelas calças. E ele sabia exatamente o que estava com vontade de fazer.

Só não sabia se era o momento apropriado, em vista do estado em que Maddie estava.

Lembrou -se que ela tinha capacidade de ler sua mente, e pensou se desta vez ela conseguiria. De fato, aquela excitação era culpa dela. Ela não devia ter jogado seu corpo contra o dele e se pendurado no seu pescoço. Hoje ela cheirava novamente a baunilha.

Ele voltou a acariciá-la nas costas. Segurá-la era tão bom quanto sexo.

- Mick?

- Hã?

- Quantas camisinhas você tem aí com você tem hoje?

As mãos dele pararam. Havia comprado uma caixa no dia anterior.

- Doze, lá na caminhonete.

- Hmm... Deve ser suficiente...

Ele deu um passo para trás para olhar para o rosto dela, o perfil dela brilhava com a luz dos fundos do Hennessy's.

- Maddie Dupree, eu não te entendo.

- Ultimamente nem eu me entendo. - Dizendo isso, correu os dedos pelos cabelos dele e puxou-o para junto de si. - E com relação a sua preocupação, de fato parece que não estou fazendo a coisa certa.

No final da manhã seguinte, na cozinha, Maddie levou uma xícara de café quente aos lábios. Usava um roupão de banho branco e seus cabelos molhados estavam presos para trás. Na noite anterior ela quase conseguiu contar a Mick que Alice Jones era sua mãe.

Devia ter contado, mas cada vez que abria a boca não conseguia pronunciar as poucas palavras que a libertariam de uma vez por todas do seu segredo. Não foi o medo de contar, mas alguma outra razão a impediu simplesmente. Talvez o momento ideal tivesse passado.

Seria melhor esperar por um outro momento.

Quando a lembrança das horríveis fotos do crime lhe invadiram inesperadamente a cabeça, deixaram-na em estado tal, que só o corpo dele pôde ajudá-la a esquecer a aquelas imagens.

Em visita à sepultura da mãe não sentiu desespero igual àquele de ter pisado no exato lugar onde a mãe morrera. Era como se alguém lhe tivesse invadido o interior do peito e tentasse arrancar seu coração. Quem sabe se não tivesse visto as fotos da mãe na cena do crime, toda ensangüentada, nas quais os cabelos loiros estavam tingidos pelo sangue de marrom escuro, talvez ela não tivesse ficado em tal estado.

Maddie odiava ficar emotiva, especialmente na frente de outras pessoas. E ainda mais na frente de Mick. Mas ele estava lá, viu tudo aquilo e ela precisou de alguém em quem se agarrar quando tudo parecia tão desequilibrado. Ele a seguiu até em casa. Assim que entraram, Maddie pegou-o pela mão e o levou para o quarto. Ele a beijou em todos aqueles lugares que mencionou ter pensado. Mick transformou cada nervo do seu corpo em focos de fogo. Maddie sabia que devia se sentir mal por terem ficado juntos mais uma vez. Era errado. Mas estar com ele lhe dava tanto prazer que não conseguia se sentir tão mal.

Miau.

Bola de Neve entrelaçou-se entre seus pés ronronando, e Maddie olhou para a gata.

- Como foi que minha vida chegou a este ponto? Um gato dentro da minha casa, se enroscando nas minhas pernas, e um Hennessy na minha cama...

Pôs a xícara no balcão e foi à dispensa apanhar o pacote de ração. Encontrou um camundongo sem vida caído no chão. Bola de Neve cheirou a cauda do morto. Havia mudado o veneno de lugar depois que decidiu ficar com a gatinha, o que não significava que o camundongo não tivesse mordido a isca.

- Não coma isso, senão vai ficar doente.

Ela apanhou Bola de Neve e a carregou para a lavanderia. A gata ronronava e roçava a cabeça no queixo de Maddie.

- A propósito, eu sei que você não dormiu na sua cama. Encontrei pelo branco na cadeira do escritório. - Ela deixou a gatinha na sua caixa de papelão e pôs comida dentro de um pequeno prato.

- Eu não quero andar por aí com pêlo branco na minha bunda. - Bola de Neve pulou para fora da caixa e atacou a comida como se não



comesse há uma semana. Na noite anterior, quando Mick saiu do banheiro, limpo e com um sorriso de satisfação nos lábios, a gatinha se aproximou, atravessou sorrateiramente o carpete e atacou suas pernas.

- Que é isso? - Mick reclamou e pulou de um lado para o outro, enquanto Bola de Neve correu para debaixo da cama. - Não acredito que gastei dinheiro comprando uma coleira para esse monstrinho.

Maddie riu e bateu de leve na cama.

- Vem cá. Vou fazer você se sentir melhor depois de ter sido atacado por esse gato grande e malvado.

Quando acordou naquela manhã, estava sozinha de novo. Teria sido bom acordar e ver o rosto dele e os olhos azuis a olhando, sonolento e satisfeito. Mas era melhor assim. Melhor manter distância, embora na última noite tenham estado o mais próximo que duas pessoas podiam ficar fisicamente uma da outra.

Enquanto Bola de Neve mastigava, Maddie apanhou o camundongo com um pedaço de papel toalha e o levou para a lata de lixo do lado de fora da casa. Em seguida ligou para o veterinário local e marcou uma consulta para a primeira semana de agosto. Havia marcas de dentes do lado de fora da caixa de barras de cereais com baixo teor de carboidrato... Mas as barras pareciam intactas. Maddie pegou uma, abriu, deu uma mordida. Parecia normal.

Mais uma mordida e a campainha tocou.

Olhou através do olho-mágico e viu Mick na varanda, de banho tomado, barbeado e bem relaxado, vestindo calça jeans e uma camisa, cujas mangas foram cortadas por cima da camiseta regata. Maddie ignorou um certo nervosismo que lhe causou uma leve reviravolta no estômago e abriu a porta.

- Dormiu bem? - Perguntou enquanto um sorrisinho astuto lhe surgiu das covinhas.

Maddie abriu mais a porta para ele entrar e disse: - Acho que eram mais de três horas da manhã quando eu finalmente desmaiei.

- Eram três e meia - Ele corrigiu ao entrar. Ela fechou a porta atrás dele. - Onde está a sua gata? - Perguntou no caminho para a sala de estar.

- Tomando o café da manhã dela. Não acredito que você está com medo de uma gatinha?

- Aquilo não é uma gatinha é uma bola de pêlo da Tasmânia disse puxando um ratinho de pano do bolso da frente da calça. - Trouxe um brinquedinho para ela ficar mais mansinha. -

Ele jogou o ratinho sobre a mesa de centro e perguntou: - Quais são seus planos para hoje?

Ela planejava trabalhar...

- Por quê?

- Pensei que podíamos pegar a estrada até o lago Redfish e almoçar por lá.

- Como se fosse um encontro entre namorados?

- Isso mesmo - disse se esticando para alcançar o cinto felpudo do roupão e puxá-la para perto dele. - Por que não?

Porque eles não estavam namorando, e sequer deviam estar transando. Não poderiam namorar, independentemente de quanto seu estômago revirasse ou sua pele arrepiasse.

- Estou com fome, e achei que você também devia estar. - Mick baixou a cabeça até o pescoço dela e a beijou.

Maddie encostou a cabeça no ombro dele. De qualquer forma ela teria de comer alguma coisa...

- Por que o lago Redfish?

- Por que lá tem um ótimo restaurante que fica num hotel, e eu quero passar o dia inteiro com você. - Ele beijou mais uma vez o pescoço dela. - Diga que sim...

- Ok, vou me vestir - concordou puxando o cinto da mão dele, e saiu. Quando chegou ao quarto perguntou: - Quanto tempo de viagem até o lago Redfish?

- Cerca de uma hora e meia - Mick respondeu da porta do quarto.

Não esperava que ele viesse atrás dela até o quarto, e o olhou enquanto pegava uma calcinha na gaveta. Mick encostou-se no batente da porta e ficou olhando-a atentamente.

Seu olhar pareceu muito íntimo e os olhos ficaram com aquele azul todo sensual. Mais íntimo do que quando ele beijou a parte de dentro das suas coxas. Íntimo como se eles fosse um casal, como se para ele fosse normal assisti-la se vestir. Parecia que o relacionamento entre eles era mais do que realmente era. E mais do que seria algum dia. Como se houvesse alguma chance de o relacionamento entre eles se modificar no futuro. Maddie levantou as sobrancelhas e numa tentativa de fazê-lo sair dali falou: - Importa-se?

- Você não vai ficar toda recatada, vai? Depois da noite que passamos? - Ela continuou a encará-lo até que Mick suspirou e se afastou do batente da porta.

- Está bem... Vou se consigo fazer sua gata gostar de mim...

Depois que ele saiu, Maddie tentou não pensar no futuro. Vestiu rapidamente um vestido de verão cor-de-rosa, puxou os cabelos

para trás e os prendeu com um elástico. Depois foi para a frente do espelho, aplicou no rosto um protetor solar, um pouco de rímel nos olhos e **gloss** nos lábios.

À luz do dia, com o desejo sexual satisfeito e as emoções completamente controladas, Maddie sabia que precisava contar a ele que era Madeline Jones. Mick tinha o direito de saber.

Logo que o pensamento de contar a ele veio a sua cabeça, sentiu uma pressão no estômago.

Mas, afinal de contas ele teria que saber. Ela podia não ter sido muito diplomática na última noite, quando mencionou as outras mulheres. Claramente ela o havia deixado louco, mas o fato era que Mick Hennessy não era homem de uma mulher só tanto quanto o pai dele havia sido. Ou o avô. Mesmo que ele não tivesse vendo mais ninguém no momento, algum dia ele se cansaria de Maddie e a faria circular mais cedo ou mais tarde. Então porque contar a ele hoje?

Se acontecesse alguma coisa, ela esclareceria seu acesso de se mortificar na noite passada.

Ela não era mulher de ficar toda chorosa, de chorar nos braços de um homem. Talvez não tenha se desmanchado como algumas mulheres o fariam, mas para ela, aquela cena significou uma perda de controle que a deixava envergonhada. Ainda que doze horas tivessem se passado, Maddie continuava envergonhada por aquilo.

Durante o caminho para Redfish, Maddie decidiu esclarecer: - Me desculpe pela noite passada - disse mais alto que a música **country** que se ouvia na cabine da caminhonete de Mick.

- Desculpar por quê? Você não tem nada por que se desculpar. Acho que você ficou um pouco alterada, mas eu gosto disso em você. - Ele deu um sorriso malicioso e olhou através das lentes azuis espelhadas dos óculos de sol. - Às vezes eu não entendo tudo que

você diz... - disse voltando o olhar para a estrada - ...mas você fica muito sensual quando diz essas coisas meio sem sentido.

Por alguma razão, Maddie suspeitou de que eles não estavam falando sobre a mesma coisa, então esclareceu:

- Eu estava falando sobre ter perdido o controle - Ahhh... - O polegar dele bateu de leve no volante, no tempo da música que tocava no **CD player**. - Não se preocupe com isso.

Maddie desejou poder seguir o conselho dele, mas não era assim tão fácil para ela.

- Existem alguns modelos de garotas que eu nunca gostaria de ser. Uma delas é a garota que perde o controle que chora o tempo todo.

- Eu não acho que você é uma garota emotiva. - O ar que saía das ventoinhas do carro tocavam os cabelos escuros próximos à testa dele. - Mas quais são as outras garotas?

- O quê?

Sem tirar os olhos da estrada, Mick desligou o **CD player** enquanto perguntava: - Você disse que há alguns modelos de garotas que você nunca gostaria de ser... - e na cabine já silenciosa continuou: - uma é a garota emocional... e quais são as outras?

- Ahh! - Maddie contou nos dedos. - Nunca quero ser a garota estúpida. Nem a garota bêbada que perde completamente a compostura. A que vive caçando ou a garota traseiro...

Mick olhou-a sorrindo.

- A garota traseiro...?

- É... e não me faça explicar isso...

Ele voltou o olhar para a estrada e sorriu.

- Imagino que você não esteja falando de uma garota com bunda grande...

- Não.

- Oh, então eu acho que eu nunca vou...

- Pode esquecer...

Ele riu.

- Algumas mulheres dizem que gostam...

- Claro! Algumas mulheres dizem que gostam de apanhar, mas eu nunca vou entender qual é o prazer que elas podem sentir nesse tipo de coisa.

Mick segurou a mão dela:

- E o que você acha de ser amarrada numa cama?

- Hmm... Até que essa idéia me atrai...

- Então acho que já sei o que vamos fazer depois que eu voltar do trabalho.

Maddie sorriu e passou a contemplar a paisagem da estrada, os pinheiros, o intenso feixe de luz e a bifurcação sul do rio Payette. Idaho podia ser famosa pelo cultivo de batatas, mas tinha também áreas selvagens espetaculares. No hotel, eles sentaram-se numa mesa de onde se podia apreciar a água azul do lago Redfish e os picos cobertos de neve das montanhas Sawtooth.

Enquanto almoçavam, conversaram sobre algumas pessoas de Truly. Ela contou a ele sobre as amigas, sobre o casamento de Lucy no ano passado e as iminentes núpcias de Clare.

Enfim conversaram sobre uma infinidade de coisas, desde a previsão do tempo até eventos mundiais, de esportes até a erupção de um novo vírus a oeste do rio Nilo.

Mas não falaram sobre tudo, porque não falaram sobre a verdadeira razão que a levou a se mudar para Truly. Como se tivessem um acordo tácito, evitaram falar sobre o livro que Maddie estava escrevendo e sobre a noite em que Rose havia matado duas pessoas e a si mesma.

Foi um dia relaxante e divertido. Durante aqueles momentos especiais em que Maddie olhava para os olhos dele, sua consciência a lembrava de que ele não ficaria com ela se soubesse quem era realmente. Ao longo do dia preferiu afastar e ignorar essa idéia. Enfim, fez-se de surda para sua consciência. No caminho de volta para casa havia enterrado sua consciência tão fundo, que restara apenas um sussurro débil que pôde ser facilmente ignorado.

## Capítulo 14

Naquela noite, depois de sair do trabalho, Mick apareceu na soleira da porta de Maddie com uma gravata de seda em uma das mãos e na outra, mais um ratinho de brinquedo.

Enquanto Mick amarrava os pulsos de Maddie, Bola de Neve saracoteava atrás do camundongo por toda parte e, evidentemente, mais tarde violou as regras e desmaiou na cadeira do escritório. Desrespeitar as regras estava se tornando um hábito ruim de Bola de Neve. Da mesma forma que Mick Hennessy se tornava um hábito para Maddie. Um hábito que no final das contas ela teria que interromper. Mas havia um problema. Ela gostava de passar seu tempo com ele, quer na cama ou fora dela. E isso criara outro problema, porque ela já não estava escrevendo seu livro. Não havia terminado as anotações, nem ou completado a linha cronológica, e realmente precisava fazer isso antes de começar a escrever o segundo capítulo. Precisava se lembrar porque estava em Truly, e voltar ao trabalho, em vez de deixar tudo de lado para passar aquele tempo gostoso com Mick. Mas quando ele ligou na noite seguinte e pediu que ela o encontrasse no Mort's depois de fechar, Maddie não pensou duas vezes. À meia-noite e meia ela bateu na porta dos fundos usando um sobretudo vermelho, esarpins com saltos de dez centímetros, e uma gravata azul de Mick aninhada entre seus seios nus.

- Gostei da gravata - Mick disse quando ela abriu o sobretudo.

- Achei melhor devolvê-la.

Ele pôs as mãos nos seios nus de Maddie e a trouxe contra o seu corpo.



- Você tem uma coisa, Maddie... - disse enquanto olhava nos olhos dela, - alguma coisa que vai além da maneira como você faz amor... alguma coisa que me faz pensar em você quando estou servindo drinques ou assistindo o Travis jogar **Tee ball**.

Ela pôs os braços em torno do pescoço dele e seus mamilos roçaram a camiseta pólo que ele vestia. Encostando-se na pélvis de Maddie ele mostrou que estava excitado e pronto para o sexo. Este seria o momento em que ela deveria deixar claro que também pensava nele, mas não podia. Não por não ser verdade, ela também pensava nele o tempo todo. Mas era melhor deixar aquele sentimento platônico até que tudo mudasse de rumo.

Em vez de falar, preferiu beijá-lo enquanto sua mão escorregou para o sexo dele. O que havia começado como uma transa de uma noite transformou-se em várias noites, ele quis vê-la mais vezes. Ela também queria vê-lo mais vezes... Mas não era amor. Ela não o amava. Gostava muito de todo o corpo dele, de estar perto dele. Especialmente quanto ele a prostrava no bar e ela via de relance, no espelho entre as garrafas de álcool, o corpo forte e rijo se mexendo, forçando e a levando ao alívio do orgasmo que a fazia sentir-se completamente dominada por ele.

Era só sexo. Ironicamente, o tipo de relacionamento que ela esperava encontrar durante os últimos quatro anos, nada além disso. E se, por algum momento se esquecesse disso, precisava apenas se lembrar de que embora conhecesse intimamente o seu corpo, sequer sabia qual era o número do telefone da casa dele ou onde ele morava. Mick podia dizer até mesmo que havia alguma coisa diferente na relação com ela, mas o que quer que fosse essa coisa, não era o suficiente para querê-la na vida dele.

Na manhã da consulta de Bola de Neve no veterinário, Maddie colocou a gatinha no transporte e dirigiu até a cidade. Agosto era o

mês mais quente do verão, e a meteorologia previu que o vale esquentaria e chegaria a uma abrasadora temperatura de trinta e quatro graus.

Maddie ficou dentro da sala de exame e assistiu enquanto o veterinário John Tannasse examinava sua gatinha. John era um homem alto com músculos fortes sob o avental de branco e um bigode parecido com o de Tom Selleck. Sua voz era tão profunda que soava como se lhe saísse dos pés. Ele olhou dentro das orelhas de Bola de Neve com gestos amáveis, depois checkou o traseiro para notificar que o animalzinho era de fato uma menina.

Tirou a temperatura e deu a Maddie um cartão de saúde em branco.

Depois enquanto fazia cafuné entre as orelhas da gatinha, falou: - Parece que a heterocromia ocular não afeta a visão dela, não. - E apontou para um outro defeito genético: - E a oclusão defeituosa não está tão ruim a ponto de prejudicar a mastigação.

Maddie entendeu perfeitamente o que o doutor quis dizer quando falou em heterocromia, mas: - Oclusão defeituosa? perguntou.

- É... significa que os dentes superiores da sua gatinha se projetam de maneira anormal ou exagerada sobre os dentes inferiores.

Maddie nunca ouvira falar de tal coisa sobre um gato, e nem mesmo acreditava que isso fosse possível até que o doutor inclinou a cabeça de Bola-de-Neve para trás e mostrou que sua mandíbula superior era um pouco mais longa que a inferior. Por alguma estranha razão, esse problema da gatinha fez com que Maddie gostasse um pouco mais de Bola de Neve.

- Nossa, é mesmo... - Maddie disse espantada: Ela é uma dentuça. Ela marcou uma nova consulta que Bola-de-Neve fosse castrada e

que não tivesse outros gatos cabeçudos e dentuços. Saindo do veterinário Maddie e Bola de Neve passaram na mercearia.

- Comporte-se! - Alertou enquanto entravam no estacionamento.

Miau.

- Se você se comportar eu trago aqueles biscoitinhos em formato de coração para você. A gata miou quando Maddie desceu do carro e trancou a porta. Será verdade o que acabou de dizer? Biscoitinhos em formato de coração? Estava com vergonha de si mesma... Enquanto atravessava o estacionamento, pensou se estava destinada a se tornar uma daquelas mulheres completamente loucas por gatos, que contam histórias chatas sobre seus gatos para pessoas que não dão a mínima.

Entrando na mercearia, pegou alguns pedaços de peito de frango, algumas folhas para uma salada e duas garrafas de refrigerante **diet**. Como não conseguiu encontrar os tais biscoitinhos em formato de coração para a gata, procurou até encontrar alguma outra coisa diferente na prateleira. Em seguida levou o carrinho para a parte da frente da loja, e parou em frente à registradora de número cinco. Uma gerente chamada Francine passava os produtos no leitor de código de barras enquanto Maddie procurava alguma coisa na bolsa.

- Quantos anos o seu gato tem?

Maddie olhou para o comprido rosto de Francine circundado por cabelos que pareciam vindo diretor dos anos oitenta, estilo **Flashdance**.

- Não tenho certeza. Ela apareceu há pouco tempo no terraço e não queria ir embora. Eu acho que ela tem um problema congênito.

- Ah, é? Isso acontece muito por aqui.

Os olhos de Francine eram ligeiramente esbugalhados, e Maddie ficou pensando se estava falando de gatos ou de si mesma.

- Ouvi dizer que há um segundo suspeito no seu livro, Francine disse enquanto passava os peitos de frango.

- Como?

- Ouvi dizer que você encontrou um segundo suspeito. Que talvez Rose não tenha atirado em Loch e na garçonete e depois em si mesma. Que talvez alguém tenha chegado e matado todos os três.

- Não sei onde você ouviu isso, mas posso garantir que não é verdade. Não há outro suspeito. Rose atirou em Loch e em Alice Jones, depois apontou o revólver e matou a si mesma...

- Oh. Francine olhou um pouco desapontada, mas aquilo podia ser só um efeito dos seus olhos diferentes. - Então suponho que o xerife não vai reabrir a investigação e convocar todo aquele show que aparece num daqueles seriados de tevê.

- Não. Não há um segundo suspeito. Nem vai haver um daqueles shows da tevê, e muito menos acordo para rodar um filme, ou seja, Colin Farrell não virá à cidade.

- Ah... Ouvi dizer que era Brad Pitt... disse enquanto passava o último item e encerrava a conta.

- Meu Deus! Maddie entregou a ela a quantia exata, pegou as compras. E enquanto colocava os pacotes no branco de trás do carro ainda riu... - Brad Pitt!

Quando chegou em casa, alimentou Bola de Neve com uma comida em formato de peixinhos coloridos, e preparou um almoço para si mesma. Depois sentou e trabalhou na linha do tempo do livro, e arrolou os eventos, como se desenrolaram minuto a minuto,

movendo-os e os pregando na parede atrás da tela do seu computador.

Naquela noite às dez horas, Mick telefonou e pediu que ela o encontrasse no Mort's. Seu primeiro instinto foi dizer a ele que sim. Afinal era sexta-feira à noite, seria bom sair um pouco e esfriar a cabeça depois de trabalhar a tarde toda. No entanto, alguma coisa a impediu, e essa coisa tinha tudo que ver com a sensação que sentiu no estômago quando ouviu o som da voz dele.

- Não estou me sentindo muito bem: mentiu. Ela precisava colocar um tempo e distância maior entre eles. Um certo espaço entre seus encontros, para quebrar um pouco o ela temia que estava virando mais do que sexo casual. Pelo menos da parte dela.

Ao fundo ela podia ouvir o som abafado da **jukebox** competindo com várias dúzias de vozes exaltadas.

- Você vai ficar bem?

- Vou. Já estou indo dormir para descansar.

- Eu poderia ir até aí mais tarde e checar se você está bem. Sem segundas intenções, só para levar uma sopinha quente ou algum medicamento se você precisar.

- Não, mas obrigada. Falou apesar de ter gostado daquela delicadeza.

- Ok, então amanhã em torno do meio-dia eu ligo para saber como você está.

No dia seguinte, em vez de ligar, Mick apareceu no pequeno cais atrás da casa dela. Vestia uma camiseta branca de uma marca de cerveja, uma sunga azul marinho, e dirigia um barco de vinte e pés.

- Como está se sentindo hoje? - perguntou quando entrou na casa dela pelas portas envidraça das.

Ele tirou os óculos e Maddie olhou calmamente para o rosto bonito.

- Como assim, do que está falando?

- Você disse que não estava muito bem ontem à noite...

- Ahh... - Havia esquecido. - Não era nada. Já estou melhor.

- Que bom. Ele a segurou contra o peito e beijou sua testa. - Vista a sua roupa de banho e venha comigo.

Ela nem pensou em perguntar aonde eles iam ou quanto tempo ficariam fora. Desde que estivesse com Mick, não se importava. Vestiu um maiô colorido e amarrou uma canga na altura dos quadris.

- Você ainda não está cansado de mim? - perguntou a ele enquanto caminhavam em direção ao barco branco e amarelo.

As sobrancelhas de Mick baixaram, ele a olhou como se a pergunta fosse completamente fora de propósito. Por fim, respondeu:

- Não, ainda não.

Mick levou-a para um **tour** pelo lago. Mostrou-lhe algumas casas realmente espetaculares, que não podiam ser vistas da estrada. Maddie sentiu-se muito bem explorando aqueles recantos escondidos ao lado dele. Mas depois de uma hora naquele céu completamente sem nuvens de agosto, o sol quente e implacável esquentou a pele de Maddie. Gotas de suor escorreram entre seus seios e da nuca. Maddie odiava suar. O suor era uma das razões pelas quais ela não fazia exercício. Além disso, ela não acreditava na máxima que diz que – sem esforço não há conquista. Pelo contrário, acreditava que - não sentir dor ou desconforto é uma coisa muito boa. Lembrando-se de vários desses detalhes, sobre os quais ela já

havia falado, Mick preparou-se antes do passeio. E logo que percebeu seu desconforto abriu o refrigerador pegou um refrigerante **diet** para Maddie, e uma garrafa de água para ele.

Mick jogou a âncora numa enseada, tirou a camiseta e disse: - Bem antes de os irmãos Allegrezza desenvolverem economicamente esta área, nós costumávamos vir aqui todo o verão para nadar. - Dizendo isso, ficou no meio do barco olhando para a costa arenosa, agora salpicada de grandes casas, com seus cais repletos de barcos e **jet skis**. - Eu me lembro de um monte de biquínis e dos óleos de bebê, da areia nos meus shorts e do meu nariz que sempre descascava. Chutou os chinelos e foi para a parte traseira do barco. - Eram bons aqueles tempos...

Maddie tirou a canga, foi até ele. Eles ficaram lado a lado na plataforma de natação.

- Areia nos shorts não são exatamente a parte boa da história...

Mick riu.

- Não, mas a Vicky Baley usava um biquíni que sempre escorregava quando ela saía da água. E ela tinha um traseiro tão surpreendente que...

Maddie o empurrou, ele balançou e quando estava prestes a cair agarrou o pulso dela e ambos caíram dentro do lago. Ele voltou à superfície com um sonoro reclamando da temperatura da água, e Maddie voltou tentando recuperar o fôlego. A água gelada a deixou sem ar. Ela se agarrou à escada da popa do barco.

A gargalhada de Mick tocava na superfície ondulada da água enquanto ele nadava na direção dela.

Maddie afastou os cabelos molhados dos olhos.

- O que é tão engraçado?

- De você, com ciúmes de Vicky Baley...

- Eu não estava com ciúmes.

- Claro que não! - Mick agarrou a borda da plataforma de natação e disse: - O traseiro dela não era tão bonito quanto o seu.

- Oh! Obrigada. ela respondeu com ironia.

Pequenas gotas de água caíram de uma mecha de cabelo na testa dele e corriam pelo pescoço.

- Você não tem razão para ficar com ciúme de ninguém, seu corpo é maravilhoso.

- Não precisa dizer isso, meus peitos não são...

Mick colocou um dedo nos lábios dela.

- Não faça isso. Não rejeite o que eu sinto como se eu estivesse dizendo alguma coisa só para te levar para a cama. Você sabe que não é isso. Eu já estive na sua cama, você é surpreendente. Ele passou a mão por trás da cabeça dela e lhe deu um beijo com os lábios gelados. As gotas de água e as línguas macias deslizaram suavemente.

Quando ele a beijava daquele jeito, Maddie sentia-se assombrada.

- Senti sua falta ontem à noite, ele admitiu enquanto se afastou. – Gostaria de não ter que trabalhar até tarde da noite, mas tenho...

Ela lambeu os lábios dele.

- Eu entendo...

- Eu sei que você entende. Na verdade acho que essa é uma das razões pelas quais eu gosto tanto de você. Mick sorriu, e uma covinha apareceu no rosto dele. Isso fez com que ela sentisse um



aperto no peito que lhe tirou o fôlego. Maddie sabia que tinha de resolver aquele problema enorme e terrível, descobrindo a maneira certa de contar seu segredo. E

enquanto pensava nisso sentiu-se como que se afogando nos olhos profundos dele.

Ela afundou na água e voltou usando o movimento do corpo para levar os cabelos para trás.

- Nós dois trabalhamos em um horário um tanto inconveniente, ela disse. Subiu pela escada de popa do barco, parou ali para espremer a água dos cabelos. - Mas para nós funciona, porque somos noturnos e conseguimos dormir tarde.

- E também porque você me quer. - disse ao sair da água.

Maddie olhou com o canto dos olhos para os músculos do peito forte e para o contorno dos seus pêlos escuros e molhados sobre o abdômen definido, e que desaparecia sob a sunga.

- É verdade.

- E Deus sabe que eu também te quero. - Mick puxou a âncora e a colocou em um compartimento lateral, depois foi para a cadeira do capitão e olhou para ela enquanto ela amarrava a canga nos quadris.

- O que foi?

Ele balançou a cabeça e ligou o motor, ouviu-se a agitação da hélice profunda e grave. O

barco balançou para os lados. Maddie sentou-se no assento do acompanhante. Por mais alguns segundos, Mick olhou para ela antes de finalmente olhar para frente e empurrar o acelerador.

Enquanto eles atravessavam o lago, Maddie segurou os cabelos com uma das mãos. Uma conversa em meio àquele barulho seria impossível, de qualquer forma, ela não teria sabido o que dizer. O comportamento de Mick estava um pouco estranho. Ela pensava que já sabia ler a maioria de suas expressões. Sabia como ele ficava quando estava zangado, quando estava provocando ou fazendo charme. E certamente sabia como ele ficava quando queria sexo. Mas ele estava estranhamente calado, como se estivesse pensando em alguma coisa. E

assim prosseguiram sem dizer muita coisa até que aportaram no cais da casa dela, uns vinte minutos mais tarde.

- Se eu não tivesse que ir para o trabalho hoje à noite, ficaria aqui e me divertiria com você - ele disse ao chegar no topo da escada que levava ao terraço.

- Você pode voltar mais tarde.

Mick sentou-se na espreguiçadeira de madeira de frente para ela e lhe puxou a canga dos quadris, que caiu no chão.

- Ou **você** poderia vir até mim mais tarde, depois que eu sair do trabalho.

Ele colocou as mãos na parte de trás das coxas dela e a trouxe para perto, encaixando-a entre seus joelhos.

- No Mort's?

Ele balançou a cabeça negativamente e mordiscou a lateral da perna dela.

- Não... Ponha algumas roupas numa sacola e venha para minha casa. Eu sei que você gosta de adormecer e saber que vou ter saído quando acordar, mas acho que chegamos num ponto em que não

podemos continuar fingindo que tudo isso é só sexo. Você não concorda?

Ela concordava? Não podia ser mais. Nunca poderia ser mais. Ela fechou os olhos e passou os dedos por entre os cabelos dele.

- Sim.

Mick mordeu levemente o lado de fora da coxa dela.

- É melhor que eu te pegue aqui, assim você não precisa dirigir à noite.

Isso parecia tão bom, era uma grande regalia, mas parecia errado: - Eu posso dirigir.

- Eu sei que pode, mas eu venho pegar você.

De algum lugar atrás de Maddie, uma vizinha perguntou: - O que vocês estão fazendo?

Mick levantou a cabeça e congelou. - Travis. Ele deixou cair as mãos e se levantou. - Hei, cara. O que aconteceu?

- Nada. O que vocês estavam fazendo?

Maddie se virou para ver o sobrinho de Mick parado no topo da escada.

- Eu estava ajudando a Maddie com o maiô dela.

- Com a boca?

Maddie pôs a mão no rosto e riu.

- Bem, hmm... - Mick parou e olhou para Maddie. Era a primeira vez que ela o via aturdido.

- Tinha uma linha solta aqui, ó... - disse apontando vagamente para a coxa dela, - e eu tive que morder para arrancar.

- Ah...

- E você, o que está fazendo aqui? - Mick perguntou.

- A mamãe me deixou aqui para brincar com Pete.

Mick olhou na direção do terraço dos vizinhos. - A sua mãe ainda está na casa dos Allegrizza?

Travis fez que não balançando a cabeça. - Já foi. E olhando para Maddie, perguntou: - Tem mais camundongos mortos?

- Hoje não. Mas arranjei uma gata, e logo ela vai ter idade suficiente para matar todos eles.

- Você tem uma gata?

- Tenho, o nome dela é Bola de Neve. Ela tem os olhos de cores diferentes, e oclusão defeituosa

Mick olhou ansioso para Maddie:

- Sério?

- Sério! Venham, vou mostrar para vocês.

- O que é uma oclusão defeituosa? Travis perguntou enquanto os três entravam na casa.

\*

Mick chegara em casa meia hora antes de sua irmã bater na porta. Meg não esperou que ele atendesse a porta. Bateu e foi entrando.

- Travis me contou que viu você beijando o traseiro de Maddie Dupree, ela disse enquanto entrava na cozinha, onde o encontrou montando um sanduíche antes de sair para o trabalho.

Ele a olhou com os cantos dos olhos:

- Oi, Meg, tudo bem?

- É verdade?

- Eu não estava beijando o traseiro dela. - De fato, ele beijou a coxa dela.

- O que você estava fazendo lá? Travis viu o seu barco parado atrás da casa dela. O que está havendo entre vocês dois?

Apesar de não ter gostado nem um pouco da maneira como Meg invadiu sua casa e sua vida, respondeu para acabar logo com toda aquela sindicância: - Eu gosto dela... cortou o sanduíche de presunto e o colocou em um prato que estava sobre a pia - e é só isso.

- Ela está escrevendo um livro sobre mamãe e papai. - E vendo que ele não estava dando atenção, Meg pegou no pulso dele:

- Ela vai fazer com que nós todos pareçamos ser pessoas más.

- Maddie disse que não pretende fazer com que ninguém pareça bom ou mau. Ela quer simplesmente retratar os fatos de maneira imparcial.

- Mentira! Ela está fuçando nas nossas vidas, procurando escândalos para ganhar dinheiro às custas da nossa dor e do nosso sofrimento.

Mick olhou no fundo dos olhos da irmã:

- Meg, eu sou diferente de você. Eu não vivo no passado.

- Não! Ela gritou e soltou o pulso dele.

- Você prefere simplesmente não pensar sobre isso, e fingir que não aconteceu.

Mick pegou metade do sanduíche, deu uma mordida e depois de algumas mastiga das continuou:

- Eu sei o que aconteceu, mas eu não quero viver pensando nisso todo dia como você.

- Eu não vivo pensando nisso todo dia.

Mick engoliu e tomou um longo gole de cerveja de uma garrafa sobre o balcão.

- Talvez não todo dia, mas toda vez que eu penso que você finalmente mudou, alguma coisa acontece e é como se você voltasse a ter dez anos de idade. Tomou outro gole. - Eu não quero viver assim, quero viver minha vida no presente, Meg.

- E você pensa que eu não quero que você viva a sua vida? Eu quero! Quero que encontre alguém especial, você sabe que eu quero. Mas não ela.

- Você foi conversar com ela, não foi? Ele estava ficando cansado da conversa. Gostava de Maddie, gostava de tudo nela, e ia continuar a vê-la.

- Fui conversar com ela, porque quis que ela soubesse que a nossa mãe não era louca.

Mick tomou mais um gole da cerveja e deixou a garrafa sobre o balcão.

- Mas a mamãe era louca.

- Não! Meg balançou a cabeça e segurando no ombro dele o virou de frente.

- Não diga uma coisa dessas.

- Por que outra razão ela teria matado duas pessoas e depois a si mesma? Por que ela teria deixaria seus dois filhos órfãos de pai e mãe?

- Ela não queria que tudo isso tivesse acontecido.

- Você diz isso, mas pense bem, se ela só queria assustá-los, porque carregou o revólver?

Meg abaixou a mão.

- Não sei.

Mick pôs o sanduíche de volta no prato e cruzou os braços na frente do peito.

- Já passou pela sua cabeça se ela dedicou a nós dois um só segundo de seu pensamento naquele dia?

- Claro que dedicou!

- Então por que matar o papai e a si mesma foi mais importante que seus próprios filhos?

Os olhos de Meg pararam como se ela olhasse para um lugar muito distante.

- Ela nos amava, Mick. Você não está se lembrando das coisas boas, só das ruins. Mas ela nos amava e o papai também. Ele não tinha memória ruim. Lembrava-se tanto das coisas boas quanto das ruins.

- Eu nunca disse que ela não nos amou. Só acho que não nos amou o suficiente. Você pode tê-la idolatrado por mais vinte e nove anos, mas eu nunca vou entender porque ela sentiu que sua única opção era matar o papai e a si mesma.

Meg olhou para os próprios pés e disse num sussurro: - Eu nunca quis que você soubesse, mas... voltou os olhos para o irmão – o papai ia nos abandonar.

- O quê?

- O papai ia nos deixar para ficar com aquela garçonete. Depois de dizer isso, engoliu seco, e como se as palavras estivessem entaladas na garganta despegou: - Eu ouvi a mamãe falando sobre isso ao telefone com uma das amigas dela. Ela riu num tom amargo. - Possivelmente com uma das amigas que não tinha dormido com o papai.

O pai planejara deixar a mãe. Mick achou que sentiria alguma coisa ruim, como raiva e ultraje, talvez, mas não sentiu.

- Ela suportou tanta coisa dele Meg continuou. - A humilhação na frente de toda a cidade, que sabia de todos os casos sórdidos dele. Ano após ano...

Meg balançou a cabeça. - Ele ia deixá-la por uma garçonete do bar que tinha vinte e quatro anos de idade. Mamãe não pôde suportar isso. Não pôde deixá-lo fazer isso a ela.

Mick olhou para os belos olhos da irmã e para seus cabelos negros. A irmã que o havia protegido e a quem ele também havia protegido, tanto quanto foram capaz de proteger um o outro.

- Durante todos esses anos você sabia disso e não me contou?

- Você não entenderia.

- O que eu não entenderia? Eu entendo que ela preferiu matá-lo a se divorciar dele. Eu entendo que ela era doente.

- Ela não era doente! Ela foi impelida a fazer o que fez. Ela o amava.



- Isso não é amor, Meg. - Mick pegou o prato e a garrafa de cerveja, e caminhou para fora da cozinha.

- Como se você soubesse.

Ouvindo aquela frase ele parou, se virou e olhou para a irmã pequena sala de jantar.

- Você já amou alguém, Mick? Já amou tanto alguém que só o pensamento de perdê-la lhe fez sentir nós no estômago?

Pensou em Maddie, no seu sorriso, no seu humor seco e na gatinha dentuça que ela acolher em casa mesmo depois de ter admitido que odiava gatos. - Eu não tenho certeza... Mas tenho certeza de uma coisa. Se alguma vez amar uma mulher desse jeito, eu não vou magoá-la. E tenho absoluta certeza de que não magoaria os filhos que eu porventura tivesse com ela. Eu posso não saber muito sobre amor, mas isso eu sei.

- Mick - Meg caminhou na direção dele com as mãos para cima - desculpe, eu não devia ter dito isso.

Ele deixou o prato sobre a mesa.

- Deixa para lá...

- Eu quero o melhor pra você. Quero que você se case e tenha uma família, porque eu sei que você vai ser um bom marido e um ótimo pai. E eu sei disso pela maneira como demonstra seu amor por mim e pelo Travis.

Meg o abraçou e descansou a face no ombro dele.

- Mas quero que saiba que mesmo que encontre alguém, sempre vai ter a mim.

Mick inspirou fundo, embora ainda estivesse se sentindo ainda sufocado.

## Capítulo 15

Maddie sentou-se no sofá. Sem demora, Bola de Neve pulou no seu colo, se enrolou e ficou encarando a tela preta da televisão. O estômago de Maddie doía e seu peito parecia tão apertado que até mesmo respirar estava difícil. Se continuasse desse jeito, certamente ficaria doente. Pensou em ligar para uma das amigas e pedir um conselho, mas não conseguia. Ela era forte, a mais corajosa do grupo, mas naquele momento não se sentia tão forte e corajosa, muito pelo contrário.

Pela primeira vez em muito tempo, Maddie Ienes sentiu medo, não tinha como negar. Ela podia ter chamado isso tudo de apreensão e se livrado rapidamente da sensação. Mas tudo era muito real, profundo e aterrorizante. Muito pior do que se sentar de frente para um assassino em série.

Ela sempre considerou que se apaixonar era como bater de frente contra uma parede de tijolos. As pessoas, de maneira geral, apesar de saberem disso prosseguiram até levar um pontapé e finalmente concluir: ***Meu Deus, acho que estou apaixonada!*** Mas não foi o que aconteceu com Mick. Tudo começou sorrateiramente dentro dela antes mesmo que ela percebesse. Tudo aconteceu a cada sorriso e a cada toque. Um olhar, um beijo, uma coleira cor-de-rosa de gata, um aperto no coração, uma respiração acelerada após a outra até que ficou profundamente envolvida, e não pudesse mais negar. Isso tudo não tinha volta. Não dava mais para mentir sobre o que sentia.

Maddie baixou a mão para acariciar as pequenas costas de Bola de Neve, sem se importar que os pêlos da gata se prendessem em sua camisa preta e no colo. Ela sempre pensou que não conseguia mentir para si mesma sobre nada, mas ao que tudo indicava, havia adquirido essa nova habilidade de enganar a si mesma.

A campainha tocou. Maddie olhou para o relógio na prateleira sobre a televisão. Eram oito e meia. Mick estava no trabalho, não esperava vê-lo até meia-noite ou uma hora da manhã.

Ela pôs Bola de Neve no chão e caminhou na direção da porta. A gatinha foi no seu encalço, e Maddie achou melhor pegá-la novamente para evitar pisar nela. Olhou pelo olho mágico e sentiu aquele estímulo de calor familiar logo que o reconheceu na varanda usando jeans e a polo do Mort's. Evidentemente fugiu do trabalho. Abriu a porta e o olhou ali parado sob as primeiras sombras da noite que o banhavam com uma luz cinza, fazendo com que seus olhos azuis brilhassem muito. Ele a encarou de muito perto. Aquela pequena distância fez colidirem o entusiasmo e o desespero em seu coração, e mexeu com seu estômago.

- Eu precisava te ver... - ele disse e atravessou a soleira da porta. Passou um dos braços em torno da cintura de Maddie, levou a outra mão para trás da cabeça dela e lhe deu um longo beijo inebriante que a fez sentir vontade de se prender a ele e nunca mais deixar que ele se afastasse.

Mick deu um passo atrás e olhou para o rosto dela: - Eu estava no trabalho servindo cerveja e ouvindo as mesmas velhas histórias, mas só conseguia pensar era em você e na noite em que transamos no bar. Eu não consigo tirar você da minha cabeça ... - Por um segundo parou de falar, e depois sugeriu suavemente: - ...

põe essa gata no chão, vai?

Maddie se abaixou e soltou Bola de Neve, enquanto ele bateu a porta atrás de si. - Eu não queria ficar lá, queria vir para cá...

Ela voltou a se levantar e olhou para o rosto dele. Nunca na vida sentira um amor assim.

Um tipo de amor que causava aquela sensação no estômago e aquela comichão na pele.

Que a fazia querer segurar para sempre a mão dele, e se pregar no corpo dele, de forma que não soubesse mais onde o seu corpo terminava e o dele começava. - Estou feliz que tenha vindo...

- Mas ela precisava contar a ele que era Maddie Jones. Agora.

Mick tirou o cabelo dela detrás da orelha.

- Aqui, com você, eu consigo respirar.

Pelo menos um deles podia... Passou seu rosto na mão dele e antes de contar quem era, e o perder para sempre, envolveu-o nos braços e o beijou pela última vez, jogando todo o coração e a alma nesse beijo. Sua dor, seu prazer, mostrando a ele, mesmo sem palavras, como se sentia com relação a ele. Ela o beijou na boca, na face, no pescoço... Depois passou suas mãos pelo corpo dele, tocando-o para memorizar a sensação de tê-lo sob o tato de suas mãos. Mick passou as mãos quentes pelo traseiro dela e depois na parte de trás de suas coxas. Levantou-a para que ela enroscasse as pernas em torno de sua cintura. Um profundo gemido vibrou do peito dele enquanto devolvia-lhe os beijos famintos e a carregava para o quarto.

Maddie contaria para ele, claro que contaria... Daqui a pouco... Chegando ao quarto suas pernas escorregaram da cintura dele, que em seguida arrancou a camisa dela pela cabeça.

Ela queria apenas mais alguns minutos... Quanto mais o beijava e despejava toda sua emoção em cada beijo, mais ele a queria, e mais lhe arrancava a respiração dos pulmões deixando-a entorpecida. Mick acariciava seu corpo todo com volúpia... até que ela percebeu que não estava vestindo nada além do sutiã, já aberto nas costas.

Ofegante, Mick interrompeu a seqüência de beijos e recuou por um instante. Olhou-a de maneira penetrante e lentamente puxou as tiras do sutiã, fazendo-o escorregar suavemente, tocando-lhe nos mamilos antes de cair no chão.

- Nós nos conhecemos há pouco tempo... Ele deslizava delicadamente a ponta dos dedos nos mamilos arrepiados, a respiração dela se tornou rápida. - ...mas parece que faz tanto tempo ... Por que será? - Ele deu a volta em torno dela e parou abraçando-a pelas costas.

Olhando para baixo, Maddie viu as grandes mãos dele envolvendo seus seios, tocando-a, apertando seus mamilos rijos. Ela curvou as costas, levantou os braços, e suas mãos seguraram o rosto. Ela trouxe-o para junto de si e lhe deu um beijo quente e cobiçoso enquanto inclinava os quadris e o pressionava contra o quadril dele. Mick gemeu profundamente, mas de forma quase inaudível enquanto brincava com os seios dela. Ele ainda estava vestido, e a sensação do tecido surrado da sua calça jeans e do algodão macio da camisa contra a pele dela extremamente sensual. Lentamente os dele foram descendo traçando um rastro de beijos quentes pelo pescoço, ao mesmo tempo em que uma de suas mãos percorria-lhe num movimento descendente a pele macia do abdômen. Mick colocou um de seus pés entre os dela, depois escorregou a mão para o espaço entre as coxas abertas e a tocou no clitóris. Ela sentiu-se derreter por dentro, movendo a pélvis lentamente e se permitindo sentir mais uma vez o sabor do único homem que ela amou. Ela sempre se perguntou se existiria alguma diferença entre fazer sexo e fazer amor. Agora ela sabia. O

que levava a fazer sexo era puramente um desejo físico. Mas o que levava a fazer amor tinha início no âmago das pessoas, era um sentimento simplesmente indescritível.

Maddie não sabia o que aconteceria depois disso, depois que contasse a ele quem ela era.

Quem sabe ele nem se importasse... Ela se virou e o encarou enquanto suas mãos perambulavam pela cintura até a barra da camisa que ele ainda vestia. Puxou o tecido de algodão para fora da calça, Mick levantou os braços para que ela arrancasse a camisa pela

cabeça, e displicentemente a jogasse de lado. Dos olhos azuis cheios de paixão, Maddie baixou o olhar para o peito forte, que as pontas dos seus seios tocavam logo abaixo dos mamilos escuros e achatados dele, e para aquela trilha de pêlos que lhe percorria peito abaixo sumindo sob as calças.

A voz dele estava rouca e transmitia um desejo ardente: - Por que será que eu sempre pensei que iria me cansar de você?

Maddie abriu o botão da braguilha e colocou as mãos no pênis dele por cima da cueca.

- Eu nunca vou enjoar de você, Mick. Aconteça o que acontecer, eu sempre vou te querer.

Dizendo isso, Maddie fechou os olhos e o beijou no pescoço. - Sempre, ela sussurrou.

Maddie ouviu a respiração sair violentamente dos pulmões dele, quando ela escorregou a mão para dentro da cueca e lhe envolveu o pênis. Ele alcançou a carteira no bolso traseiro da calça e a jogou sobre a cama.

- Eu nunca vou enjoar do jeito como você se sente na minha mão – ela sussurrou. - Ao mesmo tempo excitado e tranqüilo. Nunca vou esquecer esta sensação de tocar em você do jeito que estou tocando agora...

- Quem disse que você vai precisar esquecer? - Ele a levou para a lateral da cama e delicadamente empurrou os ombros dela para que ela se sentasse.

Ele mesmo iria, Maddie pensou. Ela se sentou e o assistiu se despirm rapidamente até que aquele homem alto e maravilhoso ficou completamente nu. Maddie estendeu a mão e o puxou para cima de si. A cabeça voluptuosa do pênis quente a tocou no meio das pernas.

Ela se esfregou no corpo dele e cochichou:

- Eu adoro estar assim junto de você. Lambeu o lóbulo da orelha e distribuiu pequenas mordiscadas pelo pescoço e ombro dele.

Mick deitou-a de costas.

- Temos muito tempo para ficar juntos. Ele beijou o queixo e o pescoço delicado - Muito mais tempo. Com a boca quente sugou o mamilo, enquanto sua mão deslizava na pele macia dos quadris... Enquanto Maddie desfrutava daquelas sensações enlouquecidas, uma emoção crua lhe pulsava nas veias. Aquele era o Mick, o homem que a podia fazer se sentir maravilhosa e desejada. O homem que ela amava, e que provavelmente perderia.

Mick levantou a cabeça e o ar fresco da noite roçou os seios dela onde os lábios dele haviam deixado uma umidade brilhante. Ele pegou a carteira, tirou uma camisinha e a abriu, mas Maddie tomou-a e, sensual colocou-a em toda a extensão do membro dele.

Maddie mexeu a pélvis enquanto levantou um pouco depois baixou novamente. A cabeça do membro dele a acariciou por dentro, fazendo com que ela liberasse um gemido profundo. Ela se movia para cima e para baixo, inclinando os quadris na cavalgada. Um calor trêmulo fluía visivelmente das partes do corpo em que ele a tocava. - Mick ... gemeu.

- Mick se movia ao mesmo tempo, juntando poderosos impulsos do próprio corpo aos movimentos dela, até que todas aquelas sensações a encharcaram completamente. Ela jogou a cabeça para trás quando o orgasmo quente e úmido percorreu todo o seu corpo, começando na pélvis e se espalhando até chegar nos seus dedos das mãos e dos pés.

- Mick, eu te amo, sussurrou quando novas emoções envolveram seu coração disparado, apertando seu peito com alcance abrasador.



Logo que o clímax acabou, Mick a abraçou pelas costas e a envolveu. Virou-a deitando sobre o corpo macio. Ele ainda estava dentro dela. Automaticamente ela Maddie passou as pernas em torno da cintura dele, como sabia que ele gostava e começaram novamente o delicioso jogo do amor, com beijos molhados e selvagens, enquanto ele mexia para dentro e para fora novamente. Maddie se agarrou a ele e juntos dançaram, voaram, até que ele a levou a um segundo orgasmo. Maddie gemeu alto quando seu corpo fez transbordar líquido e prazer pela segunda vez.

O peso dele transmitiu a Maddie uma sensação de cumplicidade. Ele beijou o seu ombro e descansou o rosto no travesseiro ao lado da cabeça dela.

- Maddie? - ele perguntou, sem fôlego.

- O quê? Ela passou as mãos pelas costas dele.

Mick se apoiou nos cotovelos e olhou para o rosto dela, com a respiração ainda pesada.

- Não sei o que foi diferente desta vez, mas este foi o sexo mais fantástico que eu fiz.

Maddie sabia o que estava diferente. Ela ao amava. Sentiu seu rosto ficar quente e empurrou os ombros dele. Ela o amava e lhe contou isso.

Ele saiu de cima dela e se deixou de costas.

Ela se arrastou para fora da cama.

- Preciso de água - disse e se levantou, foi para o **closet** e pegou um robe. Seus ouvidos zumbiam por causa do constrangimento que a assolou.

- Onde está a sua gata? - Mick perguntou.

- Provavelmente na cadeira do escritório. - Baixou os olhos e olhou para suas mãos trêmulas enquanto amarrava a tira felpuda em torno da cintura. - Se ela me atacar eu vou dopá-la.

Maddie não fazia idéia do que ele queria dizer com aquilo.

- Ok - disse ainda dentro do **closet**.

- Eu tenho mais camisinhas nos bolsos da minha calça, ele avisou, enquanto ia para o banheiro. - Mas você vai ter de me dar algum tempo para eu conseguir me reerguer de novo.

Enquanto Mick estava no banheiro, Maddie foi à cozinha, abriu o refrigerador e puxou uma garrafa de refrigerante **diet**. Encostou a garrafa nas bochechas quentes e fechou os olhos.

Talvez ele não tivesse ouvido. Ele disse no caminho para Redfish que às vezes ele não entendia o que ela dizia durante o sexo. Talvez ela não tenha falado tão claramente quanto pensava.

Tirou a tampa da garrafa e tomou um longo gole. Realmente esperava que ele não tivesse ouvido, que não conseguira ouvir o que ela disse. O maior problema voltava a aparecer na sua frente: negro, devastador e inevitável.

Mick veio do quarto para a cozinha. Vestia apenas a calça jean desabotoada e os cabelos totalmente desarrumados. - Você ficou embarçada por causa de alguma coisa? - Ele ficou atrás de Maddie e passou seus braços em torno dela.

- Por quê?

Ele tomou a garrafa das mãos dela e levou aos lábios.

- Você praticamente fugiu do quarto e as suas bochechas estão coradas.- Deu um longo gole, depois lhe devolveu a garrafa.

Ela olhou para os próprios pés e perguntou:

- Por que eu ficaria embaraçada?
- Porque você gritou: - —eu te amo|| durante um orgasmo...
- Oh, Deus. - Ela cobriu o rosto com a mão que estava livre.

Mick a virou, colocou os dedos sob o queixo dela, e forçou que ela o olhasse nos olhos, dizendo:

- Está tudo bem, Maddie.
- Não, não está. Eu não pretendia me apaixonar por você. Ela balançou a cabeça e insistiu -

Eu não **quero** estar apaixonada por você. - Ela sentia que seu peito estava em carne viva.

Lágrimas represadas lhe faziam doer os olhos. Ela pensava não ser possível haver uma dor pior que aquela. - Minha vida é uma merda!

- Por quê? Ele a beijou nos lábios docemente e disse: - Eu também estou apaixonado por você. Nunca pensei que sentiria por uma mulher o que sinto por você. Nestes últimos dias, fiquei imaginando como você se sentia com relação a mim.

Maddie deu alguns passos para trás e as mãos dele baixaram para os lados do seu corpo.

Este deveria ser o melhor, mais eufórico momento da vida dela. Não era justo que as coisas fossem assim, mas descobriu quando ainda era uma criança de cinco anos de idade, que a vida não é justa. Maddie abriu a boca e forçou a verdade a passar pelo horrível nó que havia em sua garganta.

- Madeline Dupree é um pseudônimo literário.

As sobrancelhas dele se elevaram:

- Madeline não é o seu nome verdadeiro?

Ela fez que sim com um gesto de cabeça:

- Sim, Madeline é meu nome, mas Dupree não é.

Ele inclinou a cabeça para um dos lados:

- Qual é o seu nome?

- Maddie Jones.

Mick permanecia olhando-a, e seus olhos pareciam ter clareado. Em seguida ele levantou um dos ombros e disse:

- Ok.

Por nenhum segundo ela acreditou que ele quisesse realmente dizer – ok como se ele estivesse - ok com aquela revelação. Ele não estava ligando os pontos. Maddie umedeceu os lábios secos.

- Minha mãe era Alice Jones.

Um leve franzir de sobrancelhas venceu o rosto de Mick. Ele fez um movimento brusco para trás como se alguém tivesse lhe dado um tiro. Seu olhar percorria o rosto dela como que tentando ver alguma coisa que ele nunca notara antes: - Diga que isso é uma piada, Maddie.

Ela balançou a cabeça:

- É verdade. Alice Jones não era só um rosto em um artigo de jornal que chamou minha atenção. Ela era minha mãe.

Em seguida estendeu a mão na direção dele, mas a abaixou novamente, logo que percebeu que ele deu um passo para trás. Não

pensava que a dor que sentia pudesse piorar, mas estava errada.

Mick a encarou nos olhos. Era como se aquele homem que acabou de dizer que a amava tivesse ido embora. Ela já havia visto Mick zangado, mas nunca o havia visto friamente furioso.

- Espere aí, deixe-me ver se eu estou entendendo direito. Meu pai transou com a sua mãe, e acabei de transar com você. É isso o que você está me contando?

- Eu não vejo esta situação por esse prisma.

- Não há outra maneira de ver isso. - Ele se virou e saiu da cozinha.

Maddie o seguiu pela sala de estar para o quarto.

- Mick...

- Você teve algum prazer doentio com tudo isso? - ele interrompeu enquanto pegava a camisa e enfiava os braços nas mangas. - Quando veio para esta cidade, era sua intenção desde o início mexer totalmente com a minha cabeça? Isso é algum tipo de revanche pelo que minha mãe fez a sua?

Ela balançou a cabeça e sentiu a ameaça de um mar de lágrimas lhe encher seus olhos, mas se recusou a desabar. Não choraria na frente de Mick.

- Eu não pretendia me envolver com você. Nunca. Mas você continuou pressionando. Eu quis te contar.

- Besteira. - Ele enfiou a camisa na cabeça e baixou-a até a cintura.  
- Se você quisesse me contar, teria encontrado uma maneira. Você não teve problemas em dividir qualquer outro detalhe da sua vida. Eu sei que você cresceu gorda, perdeu a virgindade com vinte anos, sei que a cada dia usa uma loção com fragrância diferente, e que você tem um vibrador chamado Carlos no criado-mudo ao lado da

sua cama. - Curvou-se para frente e apanhou as meias e os sapatos.  
- Pelo amor de Deus, eu sei até que você não é uma garota-traseiro.

Lembrou enquanto apontava um dos sapatos para ela. Depois continuou: - E devo acreditar que você não podia tentar contar a verdade em qualquer conversa em algum momento antes desta noite!

- Eu sei que isso não serve de consolo, mas eu nunca quis te magoar.

- Eu não estou magoado. Ele se sentou na borda da cama e enfiou os pés dentro das meias. -

Estou com nojo.

Maddie sentiu sua própria raiva aumentar e assombrou-se ao perceber que conseguia sentir algo além da dor profunda e mortal no peito. Por várias vezes lembrou a si mesma que ele tinha todo o direito de estar furioso. Mick tinha o direito de saber mais cedo com quem estava se envolvendo, em vez só saber depois do fato consumado.

- Isso é muito cruel.

- Querida, você não sabe o que é crueldade. - Ele olhou para ela, depois olhou para baixo enquanto punha as botas e as amarrava. - Hoje à noite passei uma hora tentando defendê-la para minha irmã. Ela tentou me dizer para não me envolver com você, mas eu não estava pensando. - Ele parou por um instante para olhá-la de cima a baixo. - E agora eu vou ter que ir contar para ela o que acabei de saber sobre você. Preciso contar para ela que você é a filha da garçonete que arruinou a vida dela, e depois vê-la cair em pedaços. Ele podia ter mais direito de estar zangado do que ela, mas ouvi-lo chamar a sua mãe de - a garçonete, e vê-lo se preocupando mais com a irmã que com ela, lhe causou emoções cruéis e a empurrou para acima do limite suportável.

- Você. Você. Você. Eu estou cansada de ouvir de você e sua irmã. E eu? - Ela apontou para si mesma. - A sua mãe matou a minha mãe. Quando eu tinha cinco anos, eu me mudei com minha tia-avó que nunca gostou de crianças. Que mostrava mais amor e afeto por seus gatos que jamais mostrou por mim. A sua mãe fez isso **com a minha vida**. Eu nunca recebi nem mesmo um segundo do seu pensamento ou da sua família. Então eu não quero ouvir mais nada sobre você ou sobre a sua irmã.

- Se a sua mãe não ficasse dormindo por aí...

- Se o seu pai não ficasse dormindo por aí não teria suscitado vingança de nenhuma mulher geniosa com uma saudável dose de psicose, então seríamos todos felizes como mariscos, não seríamos? Mas o seu pai estava dormindo com a minha mãe e a sua mãe carregou uma pistola e os matou. Essa é a nossa realidade. Quando eu me mudei para Truly, esperava odiar a você e a sua irmã pelo que sua família fez a mim. Você se parece tanto com o seu pai que eu esperava detestá-lo à primeira vista, mas não foi isso que aconteceu. E quando eu te conheci, percebi que você não é nada parecido com Loch.

- Eu costumava acreditar nisso até esta noite. Se você herdou alguma coisa da sua mãe, então eu entendo porque o meu pai estava pronto para sair pela porta e nos deixar para ficar com ela. As mulheres da família Jones tiram a roupa e os homens da família Hennessy tornam-se completamente estúpidos.

- Espere! - Maddie levantou uma das mãos e o interrompeu. - O seu pai estava indo embora? Com a minha mãe? - A mãe de Maddie estivera certa sobre Loch.

- Sim. Eu acabei de descobrir. Acho que você tem alguma coisa mais para colocar no seu livro. - Ele sorriu, mas não um sorriso minimamente agradável.

- Eu sou exatamente como meu pai, e você, exatamente como a sua mãe.

- Eu não sou parecida com minha mãe em nada, e você não é parecido com seu pai em nada. Quando olho para você, eu vejo apenas você. É assim e é por isso que me sinto apaixonada por você.

- Não interessa o que você vê, porque quando olho para você, eu sei quem você é. - Ele se levantou. - Você não é a mulher que pensei que fosse. Quando olho para você agora, eu sinto nojo de ter transado com a filha da garçonete. As mãos de Maddie se fecharam.  
- O

nome dela era Alice, e ela era minha mãe!

- Eu não dou a mínima para isso.

- Eu não te conheço. - Ela saiu violentamente do quarto e foi para o escritório. Poucos instantes mais tarde retomou com um arquivo e uma fotografia.

- Esta era ela. - Ela segurou na frente do rosto dele a antiga foto emoldurada. - Olhe para ela. Tinha vinte e quatro anos, era linda e tinha toda a vida pela frente. Era briguenta e imatura, e fez escolhas horríveis durante sua vida curta. Especialmente quando se tratava de homens. - Ela puxou a foto da cena do crime dos arquivos. - Mas ela não merecia isso.

- Meu Deus! - Mick virou a cabeça para o lado.

Maddie derrubou tudo sobre a cômoda.

- A sua família fez isso a ela e a mim. O mínimo que você deveria fazer era dizer o nome dela, quando se referisse a minha mãe!



Mick olhou para Maddie, suas sobrancelhas baixaram sobre seus lindos olhos.

- Eu passei a maior parte da minha vida não falando e não pensando nela, e agora vou passar o resto da vida não pensando em você. - Ele pegou a carteira sobre a cama e saiu do quarto.

Maddie ouviu a porta da frente bater mais alto que as batidas do seu coração e se encolheu.

Acabou pior do que imaginou. Ela imaginou que ele ficaria zangado, mas com nojo?

Aquilo a havia atingido como um soco no estômago.

Caminhou até a porta da frente e através do olho mágico viu a caminhonete dele sair pela estrada. Fechou a porta à chave, passou a tranca, e apoiou-se contra a porta sólida. As lágrimas que havia se recusado a derramar na frente dele enchiam seus olhos agora. Um som que quase não reconhecia como vindo dela mesma arrebatou os limites da emoção que havia em seu peito. Como uma marionete cujos cordões são cortados, ela escorregou até se sentar no chão.

Miau.

Bola de Neve pulou no colo dela e escalou a frente de seu robe. Sua pequena língua cor-de-rosa lambeu as lágrimas do queixo entorpecido de Maddie. Como era possível machucar tanto, e se sentir absolutamente oca por dentro?

Capítulo 16

Meg levou os dedos às têmporas e pressionou, como fazia quando criança. As barras do roupão encostavam em seus tornozelos enquanto atravessava a pequena cozinha. Eram nove horas da manhã e por sorte era seu dia de folga. Travis havia passado a noite com Pete e por sorte não tinha consciência da agitação que havia se passado na sua casa.

- Não deveria ser permitido que ela morasse aqui - Meg dizia. – Nossas vidas estavam bem até que ela apareceu. Ela é igual à mãe, que se mudou para a cidade para atrapalhar nossas vidas.

Depois que Mick deixou a casa de Maddie, ele foi para o trabalho e tentou ignorar a raiva e o caos que restaram na sua alma. Mesmo depois que o bar fechou ele continuou lá.

Examinou cuidadosamente os registros bancários, conferiu os cheques da folha de pagamento, verificou o inventário e fez anotações do que ele precisava ordenar. Depois que o relógio bateu oito horas foi até a casa da irmã.

- Alguém tem que fazer alguma coisa.

Mick deixou seu café sobre a velha mesa de carvalho onde havia jantado quando criança e se sentou numa cadeira:

- Prometa que você não vai fazer nada.

Meg parou e olhou-o: - Fazer o quê?

- O que eu poderia fazer?

- Prometa que você não vai chegar perto dela.

- O que você está pensando que eu vou fazer?

Simplesmente por olhá-la, ela pareceu diminuir diante dos olhos dele.

- Eu não sou como a mamãe. Não vou machucar ninguém. Não, apenas a si mesma.

- Prometa. - Ele insistiu.

- Está bem. Vou fazer com que você se sinta melhor. Eu prometo que não vou queimar a casa dela. - Ela riu ironicamente e se sentou na cadeira que estava próxima a dele.

- Isso não é engraçado, Meg.

- Talvez não, mas ninguém ficou machucado naquela noite, Mick.

Exclusivamente porque ele apareceu em tempo de tirá-la de dentro da casa da fazenda em tempo, na noite em que a incendiou. Ela sempre havia insistido que não estava tentando se matar. Mas até o presente, ele não tinha certeza se acreditava nela.

- Eu não sou louca, você sabe.

- Eu sei - ele disse automaticamente.

Ela balançou a cabeça.

- Não, você não sabe. Às vezes você olha para mim e pensa ver a mamãe. Isso estava tão perto da verdade que ele nem mesmo se importou em negar.

- Eu penso apenas que às vezes as suas emoções ficam além dos limites.

- Para você elas são, mas há uma grande diferença entre ser uma pessoa emocional que conversa e vocifera em comparação com ser uma pessoa que pega um revólver e mata a si mesma ou mais alguém.

Ele pensou que chamar os acessos da irmã de - ser uma pessoa emocional era uma maneira suave de mencionar aquele assunto,

mas não quis argumentar.

Levantou-se, foi até a pia, e disse:

- Estou cansado, vou para casa.

E jogou o resto de café no ralo.

- Durma um pouco - a irmã aconselhou.

Ele pegou suas chaves de cima da mesa da cozinha e Meg se levantou para se despedir.

- Obrigado por vir me contar tudo.

Ele não havia contado tudo a Meg. Ele não havia mencionado que havia transado com Maddie, nem que havia se apaixonado por ela.

- Diga ao Travis que volto amanhã de manhã para levá-lo para pescar.

- Ele vai gostar. - Ela se levantou e o levou até a porta. - Você tem estado tão ocupado com trabalho ultimamente que vocês dois têm passado pouco tempo juntos.

Ele havia estado ocupado, mas principalmente ocupado perseguindo Maddie Dupree. Ou melhor, Maddie Jones.

- Tome um banho - ela gritou para ele enquanto ele caminhava na direção da caminhonete.

- Você está horrível!

Mick imaginou que então estava tudo perfeito, já que ele se sentia horrível. Ele pulou dentro da caminhonete e dez minutos mais tarde estava andando pelo seu quarto, pensando como a vida pôde chegar ao completo inferno em que estava agora.

Tirou a camisa e sentiu o cheiro de Maddie. Na última noite ela cheirava a coco e limão.

Esta manhã foi a primeira vez desde que a conheceu que em vez de querer enterrar seu rosto no pescoço dela, ele teve vontade de torcer o pescoço dela.

Mick jogou a camisa no cesto de roupa suja no **closet** e tirou os sapatos. A lembrança da noite anterior e do exato momento em que ficou parado em pé na cozinha de Maddie, quando descobriu quem ela era realmente, o atingiu como um soco nas têmporas. Como se tudo aquilo não fosse suficiente, Maddie lhe mostrou a foto da mãe, o que o atingiu como um chute no estômago. Sentia-se como se tivesse levado uma grande surra e ido a nocaute.

Terminou de se despir. Sentia-se um idiota. Pela primeira vez na vida, havia realmente se apaixonado por uma mulher, e de maneira tão forte que sentia o peito como que corroído por algum tipo de ácido. Só que ela não era quem o fez acreditar que fosse. Era Maddie Jones, filha da última namorada do pai. Nem importava se ela via ou não Lock quando olhava para Mick, ou que ela própria não se parecesse em nada com Alice. Na verdade nem importava se ela mentiu para ele. Pelo menos não importava tanto quando **saber** quem ela era realmente. Mick passou a maior parte da vida lutando para se libertar do passado, e acabou se apaixonando por uma mulher profundamente envolvida com esse passado.

Mick foi para banheiro e abriu o chuveiro. Evidentemente era mais parecido com Loch do que havia pensado, e aquilo o incomodava muito. Desde o começo, sabia que havia alguma coisa em Maddie. Alguma coisa que o atraía. Não sabia o que era ao certo, nem podia imaginar. Agora entendia, e a sensação era como se lhe tivesse caído chumbo quente no estômago. Ele entendia que devia ser a mesma atração que o pai sentiu pela mãe dela. A mesma fascinação que o fazia querer ver o seu sorriso, vê-la sorrir e ouvi-la sussurrar o nome dele quando ele lhe dava prazer. O mesmo tipo de calma que

o pai deve ter sentido quando estava perto da mãe dela. Como se tudo mais caísse por terra e sua visão clareasse, e ele visse apenas o que queria mesmo antes de saber que queria alguma coisa.

Ele ficou em pé sob o chuveiro e deixou a água quente cair sobre a cabeça... Para o pai ter estado planejando deixar a mãe por Alice Jones, Loch deve ter estado realmente apaixonado por ela. Mick também entendia aquilo. Estava apaixonado por Maddie Jones.

Odiava admitir isso naquele momento, e estava envergonhado e embaraçado, mas quando ela abriu a porta na noite passada e a viu ali segurando a gata, seu coração sentiu como se o solo tivesse aquecendo por dentro. E ele soube, como era para um homem amar uma mulher. Soube isso com todas as células do corpo e a cada batida do seu coração. Depois ele a carregou para a cama, e soube o que era fazer amor com uma mulher, e ficou completamente surpreso.

E depois de tudo isso ela arrancou seu coração de dentro do peito.

Mick inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. Ele havia visto e feito coisas na vida que lamentava. Experimentou uma dor de arrancar o coração quando lhe morreram os companheiros soldados. Mas as coisas que havia feito e experimentado não foram tão ruins quanto a tristeza e dor que sentia por amar Maddie.

Havia apenas uma coisa a fazer. Como dissera a Maddie, ele não pensou sobre a mãe dela e não pensaria nela. Isso era exatamente o que planejava fazer. Esqueceria tudo o que viveu com Maddie Jones.

Meg havia tomado um banho e acabava de secar o cabelo quando abriu a porta da frente e olhou nos olhos calmos de Steve Castle:

- Olá, Steve, tudo bem? e emendou mostrando-se um pouco ansiosa: - Desculpe tê-lo chamado aqui, mas não consegui pensar em ninguém mais que pudesse chamar...

- Estou feliz que tenha me chamado.

Ele entrou e a seguiu até a cozinha. Usava jeans e uma camiseta. Diante de um bule de café fresco Meg expôs a Steve o que Mick havia contado.

- A cidade inteira vai descobrir, e eu não sei o que fazer.

Steve envolveu a caneca com sua mão grande e a levou a boca: - Não parece que há alguma coisa que você possa fazer, exceto se segurar. - disse, depois deu um gole.

- Como eu poderia fazer isso? - A última vez que falara com Steve sobre Maddie Dupree Jones, Steve havia lhe dado um bom conselho e a fez se sentir melhor. - Isso vai fazer com que todos voltem a falar sobre o que a minha mãe fez, e sobre todos os casos do meu pai.

- É provável que sim, mas o que eles fizeram durante a vida deles não foi sua culpa.

Meg levantou-se e se moveu na direção ao bule de café.

- Eu sei, mas isso não vai impedir as pessoas de falar sobre mim. - Pegou o café, encheu novamente a caneca de Steve e a sua.

- Não. Não vai impedir, mas enquanto eles estiverem falando, tenha em mente que você não fez nada errado.

Ela pousou novamente o bule e encostou um quadril contra o balcão.

- Posso me convencer disso, mas talvez isso não faça com que eu me sinta melhor.

Steve apoiou as mãos sobre a mesa e se levantou.

- Se você realmente acreditar que não tem culpa, vai se sentir melhor, sim.

- Você não entende o que eu estou sentindo... é tão humilhante.

- Olha, Meg, se tem alguma coisa sobre a qual eu entendo é sobre humilhação. Quando voltei do Iraque, minha esposa estava grávida e todo mundo sabia que o bebê não era meu -

disse enquanto andava ligeiramente coxo na direção dela. - Não apenas eu tive que lidar com a perda da minha perna, e da minha esposa, mas também tive de lidar com o fato de ela ter sido infiel a mim com um companheiro do exército.

- Meu Deus! Sinto muito, Steve.

- Não sinta. Minha vida foi um inferno por algum tempo, mas agora ela é boa. Às vezes você tem que experimentar as coisas amargas para conseguir apreciar as coisas doces.

Pensativa, Meg, ficou imaginando se aquilo seria algum tipo de ditado do exército.

Steve pegou na mão dela.

- Mas você não consegue apreciar o açúcar até que todo o gosto amargo acabe. - Ele passou de leve o polegar sobre a parte de dentro do pulso de Meg e os pêlos do seu braços arrepiaram. - O que seus pais fizeram não teve nada que ver com você, que era uma criança.

Assim como o fato de minha mulher ter azarado meu amigo de exército, não teve nada que ver comigo. Nem um pouco. Se ela era infeliz porque eu tinha ido embora, tinha outras maneiras muito mais nobres de lidar com isso. Se sua mãe foi infeliz porque seu pai tinha casos, havia outras maneiras de ela lidar com isso. O que minha



mulher fez não foi minha culpa. Não sei quanto a você, Meg, mas eu não pretendo pagar pelos erros dos outros o resto da minha vida.

- Eu também não.

Steve apertou a mão dela e de alguma forma ela se sentiu aquele gesto no fundo do coração.

- Então não pague. Ele a puxou em direção a ele, passou a mão livre pelo pescoço dela. -

Uma coisa que eu sei com certeza é que você não pode controlar o que as outras pessoas vão dizer ou fazer.

Um sorriso brotou dos seus lábios e Meg disse: - Você parece o Mick. Ele pensa que eu não consigo romper com o passado porque vivo dentro dele. Ela descansou o rosto na palma da mão aberta dele.

- Talvez você precise de algo na sua vida que tire a sua cabeça desse passado. Quando se casou com o pai de Travis, não permitiu que esse assunto a aborrecesse tanto quanto aborrecia atualmente.

- Talvez você precise de alguém...

- Eu tenho o Travis...

- Eu quis dizer alguém além do seu filho... - Ele abaixou o rosto e falou próximo aos seus lábios. - Você é uma mulher maravilhosa, Meg. Precisa deixar um homem entrar na sua vida...

Ela abriu a boca para falar, mas não pôde lembrar o que ia dizer. Há muito tempo um homem não lhe dizia que era maravilhosa. E muito tempo desde que beijou alguém além do filho. Ela aproximou os lábios de Steve e ele a beijou. Um beijo quente, gentil, que pareceu durar para sempre e regado pela intensa luz do sol que invadia a

cozinha. Depois do beijo Steve envolveu-lhe o rosto com as duas mãos enormes e disse: - Eu queria fazer isso há muito tempo.

Meg lambeu o lábio inferior e sorriu. Ele a fez se sentir maravilhosa e desejada. A fez se sentir como mais que uma garçonete, uma mãe e uma mulher que acabara de completar quarenta anos.

- Quantos anos você tem, Steve?

- Trinta e quatro.

- Eu sou seis anos mais velha que você.

- Isso é um problema?

Meg negou, balançando a cabeça:

- Para mim, não, mas pode ser um problema para você.

- Idade não é um problema. - Ele passou as mãos pelas costas dela, a puxou contra seu peito: - Agora eu só preciso pensar num de jeito de falar para o Mick que quero namorar a irmã dele.

Meg sorriu e seus braços envolveram o pescoço dele. Ela sabia que havia muitas coisas que Mick guardava para si. Mais recentemente seu relacionamento com Maddie Jones.

- Deixe que ele descubra sozinho...

## Capítulo 17

Maddie estava prostrada na cama. Não tinha energia para se levantar. Estava extenuada e vazia, exceto por um peso que a tristeza lhe trazia ao estômago. Lamentava não ter revelado seu

segredo ao Mick mais cedo. Realmente, se tivesse lhe contado quem era na primeira noite que estivera no Mort's, ele jamais teria aparecido na sua porta com armadilhas para camundongos e brinquedinhos para a gata. Jamais a teria tocado e beijado, e jamais teria se apaixonado por ele.

Bola de Neve pulou sobre a cama e fez uma trilha através do acolchoado na direção do rosto de Maddie.

- O que você está fazendo? - perguntou à gatinha com a voz rouca, resultado da emoção que a consumiu durante a noite toda. - Você sabe que não gosto de pêlo de gato. Isto quebra completamente as regras.

Bola de Neve engatinhou por debaixo das cobertas e seu pêlo macio lhe fez cócegas quando tirou a cabeça para fora das cobertas junto ao queixo de Maddie.

- Miau.

- Você está certa, quem se importa com as regras? - Ela afagou o pêlo da gata e seus olhos se encheram de água. Chorou tanto na noite anterior, que estava surpresa ainda ter alguma água no corpo, deveria sim estar completamente desidratada e enrugada como uma uva-passa.

Maddie ficou de barriga para cima e olhou para as sombras espalhadas no teto. Ela podia ter vivido toda a vida muito feliz se nunca tivesse se apaixonado. Teria sido feliz se nunca conhecesse a investida daquela alta de dopamina, ou a angústia da dor no coração, o desespero de ter amado alguém e depois perdido. Lord Tennyson estava errado. Não era melhor ter amado e perdido que nunca ter amado. Maddie teria preferido muito mais nunca ter amado que amar Mick para depois perdê-lo.

***Eu não estou magoado***, ele disse. ***Estou com nojo***. Ela podia ter agüentado a cólera e até o ódio que viu nos olhos dele. Mas nojo?

Isso a machucou profundamente. O homem que amava, o homem que havia tocado seu coração e também seu corpo, sentia nojo dela. Saber como ele se sentia a fez querer se encolher como num novelo, cobrir a cabeça e só sair dali quando não doesse mais. Em torno do meio-dia Maddie começou a sentir um pouco de dor nas costas.

Pegou a gata e o acolchoado da cama e foram, ela e Bola de Neve, se prostrar no sofá da sala. O dia todo e noite adentro ficaram as duas ali assistindo televisão, se bem que sem prestar muita atenção. Assistiram até mesmo **Kate & Leopold** uma leve e agradável comédia romântica, filme que Maddie sempre odiou já nunca entendeu porque uma mulher sensata pularia de uma ponte por um homem.

Dessa vez sua antipatia pelo filme não a fez deixar de chorar até esgotar sua caixa de lenços de papel. Depois da comédia romântica assistiram o **Reino dos Suricatos**, e uma reapresentação de um **reality show** sobre design de moda. Enquanto não estava chorando por causa de Leopold, dos pobres suricatos, ou das abomináveis roupas apresentadas por um dos concorrentes do **reality show**, Maddie estava pensando em Mick. No que ele disse, na expressão do seu rosto quando disse aquilo, e no que ele contou com relação ao seu pai deixar sua mãe para ficar com Alice. Alice estivera certa sobre os sentimentos de Loch.

Quem diria...? Essa possibilidade mal passara pela cabeça de Maddie, mas quando passou, dada a história de Alice com os homens, especialmente os casados, e dada a história de Loch com as mulheres, Maddie rejeitou completamente essa possibilidade.

Essa informação esclarecia a motivação de Rose para o que ela fez. Foi um caso clássico de perda do controle e de sentimento de perda de si própria. A típica situação - se eu não posso ter você, ninguém pode, que é encontrada por toda a história e que já foi exaustivamente analisada e estudada.

Estava tão simples e claro na frente dela o tempo todo. E saber a verdade tornava mais fácil escrever o livro, Embora no nível pessoal realmente não mudava nada. A mãe ainda havia feito uma escolha ruim, que acabou na própria morte. Três pessoas morreram e três crianças acabaram devastadas. O motivo realmente não alterava nada.

Em torno da meia-noite Maddie sentiu sono e adormeceu. Na manhã seguinte acordou sentindo-se tão mal quanto no dia anterior. Maddie nunca fora lastimosa ou chorona. Muito provavelmente porque aprendeu numa idade muito precoce que se lastimar, chorar e sentir pena de si mesma não a levava a lugar algum. Embora se sentisse ainda como que tendo sofrido um atropelamento emocional, tomou um banho de chuveiro e se enfiou no escritório.

Ficar prostrada pela casa, se sentindo mal, não permitiria que ela realizasse seu trabalho. O

livro tinha que ser escrito e ela era a única pessoa que podia fazer isso.

A linha do tempo estava presa na parede. Estava tudo pronto. Maddie sentou-se e começou a escrever:

***Às três horas da manhã de nove de julho, Alice fones vestiu a sua blusa branca e sua***

***saia preta e borrifou nos pulsos o seu perfume preferido. Era o primeiro dia do seu novo***

***trabalho no Hennessy's, e ela queria causar boa impressão. O Hennessy's foi construído***

***em 1925, durante a Lei Seca e a família havia prosperado vendendo álcool de cereais nos***

## **fundos...**

Em torno do meio-dia, Maddie levantou-se para arrumar alguma coisa para o almoço, alimentar Bola de Neve e pegar um refrigerante **diet** na geladeira. Escreveu até a meia-noite, quando caiu na cama. Acordou na manhã seguinte com Bola de Neve sob as cobertas e enrascada no seu queixo.

- Este é um hábito ruim disse à gata. Bola de Neve ronronou, com uma firme animação amorosa, e Maddie não conseguiu espantar a gatinha para fora da cama.

Durante nas várias semanas que se seguiram, Bola-de-Neve desenvolveu outros hábitos igualmente ruins. Ela insistia em ficar no colo de Maddie enquanto esta escrevia, e em andar sobre a escrivaninha, brincar com clipes de papel, canetas e blocos coloridos daqueles que se grudam nas coisas.

Maddie se manteve ocupada escrevendo dez horas por dia e fazendo intervalos ocasionais no terraço dos fundos para sentir um pouco do sol no seu rosto, e depois voltar a trabalhar, até cair na cama exausta. Durante os momentos em que não estava pensando em trabalho, sua mente sempre se voltava para Mick. Pensava no que ele estaria fazendo, quem estaria vendo. Ele disse que não pensaria nela, e ela acreditava mesmo nisso. Se não pensar no passado tinha sido fácil para ele, seria ainda mais fácil não pensar nela.

Nessas ocasiões em que sua mente não estava preenchida com trabalho, ela se lembrava de suas conversas, do almoço em Redfish, das noites que ele havia passado na sua cama.

Em alguns momentos desejou odiar Mick, ou mesmo ter aversão por ele. Seria tão mais fácil se conseguisse. Tentou se lembrar de todas as coisas baixas e detestáveis que ele disse na noite que ela revelou seu segredo. Era muito provável que o amaria para o resto da vida.

No aniversário da morte da mãe, ela perguntou-se se Mick estava sozinho, lembrando daquela noite que havia mudado a vida de ambos, e se ele se sentia tão só e triste quanto ela. Quando o relógio chegou em um minuto após meia-noite, seu coração afundou quando percebeu que esteve se segurando num diminuto fio de esperança de que aparecesse na varanda. Ele não apareceu, e ela foi forçada a aceitar novamente que Mick não a amava.

No último dia de agosto, vestiu seu short cáqui e uma camiseta preta, e levou Bola de Neve à consulta com o veterinário. Teve de deixar a gatinha nas enormes mãos do dr. Tannasee, o que foi mais traumático do que Maddie imaginara. Mas teve de ignorar a pequena ânsia de pânico enquanto saía da sala de exame sem aquela bola de pêlo branco de olhos desconjuntados, dentes salientes e completamente violadora de regras. Foi então que se viu forçada a encarar definitivamente o fato, antes inconcebível, de que passava a gostar de gatos.

Quando retomou para casa, o lugar lhe pareceu intoleravelmente silencioso e vazio. Ela se forçou a trabalhar por algumas horas antes de sair novamente para o terraço para um intervalo embaixo do sol fresco. Sentou-se numa das espreguiçadeiras e inclinou o rosto na direção do sol. Na casa ao lado, os Allegrezza também estavam no terraço, rindo, falando e cozinhando alguma coisa.

- Maddie, venha para cá! Venha conhecer as gêmeas! - Lisa chamou. Maddie levantou-se e rapidamente listou as pessoas presentes, mas não localizou nenhum Hennessy. Seus chinelos pretos batiam nas solas dos seus pés enquanto caminhava a pequena distância até a casa dos vizinhos.

Enrolados como se fossem **burritos** e deitados no mesmo carrinho de bebê protegidos por um grande pinheiro, Isabel e Lilly Allegrezza dormiam, alheios ao estardalhaço que acontecia ao redor. As meninas tinham cabelos escuros e lustrosos como o pai, e os rostinhos mais delicados que Maddie já havia visto.

- Não parecem bonequinhas de porcelana? - perguntou Lisa.

Maddie aquiesceu.

- Elas são tão pequenininhas...

- Pois é, estão pesando agora um pouco mais de dois quilos e meio  
- disse Delaney, -

nasceram prematuras, mas estão com a saúde perfeita. Se houvesse a mínima preocupação, Nick as manteria em casa em uma bolha à prova de germes. - Ela olhou para o marido do outro lado que estava pilotando a churrasqueira junto com Louie. Abaixou a voz e continuou: - Ele comprou toda as engenhocas que se possa imaginar... de acordo com o **Livro do bebê** ele está montando um ninho...

Lisa riu.

- Quem iria pensar que ele seria um provedor de ninhada?

- Você está falando sobre mim? - Nick perguntou à esposa.

Delaney olhou para o lado da churrasqueira e sorriu: - Só dizendo o quanto eu te amo.

- Claro...

- Quando você vai voltar ao trabalho? - Lisa perguntou à cunhada.

- Estou pensando em abrir novamente o salão no próximo mês.

Maddie olhou para Delaney e para os cabelos louros, macios e bem cortado sobre os ombros.

- Você tem um salão de beleza?



- Isso! Eu tenho um salão na rua Main. - Delaney olhou para os cabelos de Maddie e disse: - Se precisar de um corte antes do próximo mês, me diga, que eu trago as minhas tesouras.

Seja lá o que você faça, não vá ao salão da Helen. Ela vai fritar os seus cabelos e fazer com que você pareça com um figurante daqueles terríveis vídeos de rock dos anos oitenta. Se você quiser seu cabelo bem cortado, me procure.

Isso explicava porque metade da cidade tinham aqueles medonhos cabelos fritos.

A porta dos fundos da casa se abriu e Pete e Travis saíram, cada um com uma bisnaga de **hot dog** na mão. Eles esperaram pacientemente enquanto Louie punha uma salsicha em cada bisnaga e Nick providenciava um jato de **ketchup**. Ter visto Travis a lembrou de Mick. Pensou onde ele estaria, e se seria possível ele aparecer a qualquer momento. Se aparecesse, será que viria sozinho ou acompanhado de uma daquelas mulheres que esperavam mais do que ele podia lhes dar? Ele disse que a amava, mas ela não acreditou.

Como tudo o que aprendeu ao longo da vida de maneira muito dolorosa, o amor não ia embora simplesmente porque não se queria mais pensar nele.

- E aí, Travis, como vai? - perguntou quando o menino caminhou em sua direção.

- Estou bem. E a sua gata?

- Hoje ela está no veterinário, por isso a minha casa está tão silenciosa.

- Ah... - Ele olhou para Maddie e apertou os olhos para evitar a ofuscante luz do sol. - Eu vou ganhar um cachorro!

- É mesmo? - Maddie lembrou-se do que Meg havia dito sobre dar um animal de estimação para o Travis. - Quando?

- Algum dia... - Ele deu uma mordida no sanduíche e continuou: - Eu fui pescar com o meu tio Mick no barco dele. - Você precisava ver, arrasamos. - Ele engoliu e depois acrescentou: - Nós passamos aqui na frente e vimos você. Mas não acenamos.

Claro que não... Poucos instantes depois Maddie despediu-se e voltou para casa. Mas como a casa ainda estava silenciosa demais, resolveu ir até a mercearia para montar seu próprio ninho. Já era tempo de Bola-de-Neve ter sua própria caixinha de transporte, e Maddie queria procurar também uma cama melhor para a gatinha. Obviamente a caixa de papelão onde supostamente ela deveria dormir não era a melhor cama...

O que Maddie não planejou foi cair justamente no meio da comemoração do Dia dos Fundadores da Cidade. Lembrava-se vagamente de ter visto algo sobre a festa em algum lugar, mas havia esquecido completamente. O trajeto para a mercearia, que normalmente levava dez minutos, levou desta vez meia hora. O estacionamento estava abarrotado com os carros por causa da feira de decoração e artes, que acontecia no parque do outro lado da rua.

Maddie teve que ficar circulando pelo estacionamento até encontrar uma vaga.

Normalmente isso não a teria incomodado, mas imaginou que levaria provavelmente outra meia hora para chegar em casa.

Uma vez dentro da mercearia, encontrou a cama de gato ideal, mas nenhum transporte.

Colocou dentro do carrinho junto com um brinquedinho que havia separado, e um DVD

para gatos com cenas de pássaros, peixes e camundongos. Maddie estava um pouco embaraçada por se ver ali comprando um DVD para gatos, mas imaginou que Bola de Neve ficaria afastada dos móveis se estivesse hipnotizada assistindo um peixe.

E já que estava na mercearia, resolveu também fazer algumas compras para a casa. Papel higiênico, sabão em pó e sua indulgência mais secreta, uma daquelas revistas sensacionalistas que às vezes lhe traziam inspiração. Ela adorava as histórias de gafanhotos de vinte e três quilos e mulheres que tinham bebês cujo pai era o Pé Grande, mas as suas favoritas eram sempre as aparições de Elvis. Ela colocou a revista em preto e branco dentro do carrinho, terminou as compras e seguiu em direção à caixa registradora.

Carleen Dawson estava trabalhando na registradora de número cinco quando Maddie colocou seus produtos sobre o balcão.

- Ouvi dizer que você é filha de Alice. Ou isso é apenas um rumor como aquele de que Brad Pitt vinha para a cidade?

- Não, não é rumor. É verdade. Alice Jones era minha mãe. – Maddie pegou a bolsa, abriu e puxou a carteira.

- Eu trabalhei com Alice no Hennessy's.

- É, eu sei. - respondeu e se segurou para o que Carleen diria em seguida.

- Era uma pessoa legal, eu gostava dela.

A surpresa fez brotar um sorriso nos lábios de Maddie.

- Obrigada.

Carleen empacotou suas compras e colocou tudo, exceto a cama de gato que pelo tamanho não caberia na sacola.

- Ela não devia ter brincado com homem casado, mas não merecia o que Rose fez.

Maddie pegou o cartão e digitou seu código de segurança. Pagou as compras e saiu da mercearia sentindo-se muito melhor do que quando entrou. Pôs tudo no porta-malas do carro e, já que estava ali, decidiu dar uma olhada na feira de decoração e artes. Pôs seus óculos escuros pretos, atravessou a rua e entrou no parque. Nunca estivera numa dessas feiras, principalmente porque nunca havia decorado sua casa realmente.

Maddie parou no estande de **hot dog** no palito, e se permitiu devorar um **hot dog** empanado e com mostarda extra. Enquanto comia, viu Meg e Travis com um homem alto e careca que usava uma camiseta onde se lia UM PARDAL É MEU CO-PIRATA. Percebeu logo que Mick não estava com eles. Esperou que eles passassem por ela antes de seguir para uma barraca da Sociedade para o Bem-Estar dos Animais, onde havia coleiras, roupas e alimentadores de animais. Maddie encontrou um transporte em forma de sacola de boliche, que era vermelho com corações pretos aplicados, e revestido de pelo preto, e vinha com uma pulseira que combinava para deleite dos mais mimadinhos. Encomendou uma casa para gatinho de três andares que seria entregue na semana seguinte. A caixa transportadora estava disponível, então Maddie levou com ela, assim poderia usá-la para trazer Bola de Neve para casa no dia seguinte.

Quando deixou a barraca, Maddie jogou fora a salsicha e ajeitou o transporte nos ombros.

Assim que virou à direita na barraca de cerâmica, praticamente deu com a cara no peito de Mick Hennessy. Olhou para cima passando pela camiseta azul que cobria o peito largo, o pescoço maravilhoso que tanto havia beijado, pelo traço de teimosia no seu queixo e pela pressão zangada na sua boca, chegando finalmente aos olhos cobertos pelos óculos escuros.

O coração de Maddie bateu mais rápido e mais forte, apertou-se e ela sentia aquela violência se espalhar por todo o seu corpo. Apesar disso, conseguiu dizer um muito agradável:

- Olá, Mick.

Ele fechou a cara.

- Maddie...

O olhar dela deslizou-lhe pela face, alimentando memórias dele tocando-a nos lugares mais íntimos. E finalmente teve a imagem dos cabelos negros lhe tocando as sobrancelhas, e deu um machucado no rosto.

- O que aconteceu com seu rosto?

Ele balançou a cabeça:

- Não importa.

Darla, a lançadora de calcinhas, estava ao lado dele e perguntou: - E então, você vai me apresentar à sua amiga?

Até aquele momento, Maddie não havia se dado conta de que eles estavam juntos. Os cabelos de Darla estavam fritos como sempre, e ela usava uma de suas camisetas-regata cintilantes e jeans tão apertados que pareciam machucar.

- Darla, esta é Maddie Dupree, mas seu nome verdadeiro é Maddie Jones.

- A escritora?

- Isso mesmo. - Maddie disse e ajustou o transporte de gatos no ombro.

O que Mick estava fazendo com Darla? Certamente ele podia conseguir coisa melhor.

- J.W me disse que você estava tentando exumar os corpos dos Hennessys e da sua mãe.

- Meu Deus, Darla! - Mick exclamou irritado.

Maddie olhou para Mick, depois voltou a olhar para Darla: - Não é verdade. Eu jamais faria algo desse tipo.

Mick puxou alguns dólares para fora do bolso da frente da calça e o entregou a Darla, - Por que você não vai à barraca de cerveja? Eu te encontro lá em um minuto.

Darla pegou o dinheiro e avisou:

- Ok, vou pedir duas.

- Certo.

Logo que Darla se foi Mick perguntou:

- Quanto tempo mais você vai ficar na cidade?

Maddie encolheu os ombros enquanto olhava o grande traseiro de Darla sumir na multidão.

- Não sei dizer. - Olhou novamente para o rosto do homem que fazia com que seu coração dilacerado lhe subisse pela garganta. - Por favor, me diga que você não está saindo com a Darla.

- Ciúme?

Não, na verdade ela estava irritada. Irritada porque ele não a amava. Irritada porque ela sempre o amaria. Irritada porque uma parte dela queria se jogar nos braços dele ali mesmo como uma jovem colegial desesperada e implorar que ele a amasse.

- Você deve estar brincando comigo... Com ciúme daquela mulherzinha vulgar e idiota? Se quiser me deixar com ciúme, comece a sair com alguém com pelo menos metade do cérebro dela, e um mínimo de classe.

Mick comprimiu o olhar.

- Pelo menos ela não fica andando por aí fingindo ser alguém que não é.

Sim, estava. Estava andando por aí fingindo vestir tamanho quarenta, mas Maddie preferiu não apontar isso num parque lotado, afinal ela tinha alguma classe.

E para vencer o barulho que os circundava, ele falou um pouco mais alto: - Nem tudo o que sai da boca dela é mentira.

- Como você sabe, se nunca fica por perto o tempo suficiente para conhecer alguém?

- Você pensa que me conhece tão bem...

- Eu te conheço. Provavelmente, melhor que qualquer outra mulher, e eu me atreveria a apostar que eu sou a única mulher que você conheceu realmente. Vagarosamente ele balançou a cabeça.

- Eu não te conheço.

Ela olhou nos óculos espelhados dele e disse:

- Sim, você conhece, Mick.

- Não é porque eu sei qual é a sua posição preferida na cama, que podemos dizer que eu te conheço.

Ele queria reduzir o que havia existido entre eles em sexo apenas. Pode ter começado assim, mas se tornou em muito mais que isso. Pelo menos para ela. Maddie deu um passo e tomou a frente

daquela situação. Eles ficaram tão perto um do outro que ela pôde sentir o calor da pele dele atravessar as camisetas de ambos. Tão perto que teve certeza de que ele podia sentir o coração pulsar violentamente quando se aproximou do ouvido dele e disse: - Você me conhece muito além de saber se eu gosto de ficar por cima ou por baixo. Mais que o cheiro da minha pele ou o gosto da minha boca na sua. - Fechou os olhos e acrescentou:

- Você me conhece, sim. Só não consegue lidar com o fato de eu ser Maddie Jones, Sem dizer mais nada ela se virou e o deixou ali parado. Não podia dizer que seu primeiro encontro com ele tinha sido bom, mas pelo menos ele ficaria pensando nela depois que fosse embora.

Em vez de sair do parque e voltar para casa para evitar ver Mick novamente, Maddie se forçou a ficar mais algum tempo. Esteve deprimida por várias semanas, mas agora estava melhor, mais forte que o seu próprio coração desconsolado. Ela parou num estande de revistas e livros, depois numa barraca que vendia de jóias a relógios e comprou uma sineta, cujo som ficaria bonito no terraço dos fundos.

Colocou a sineta no transporte da gata e começou a caminhar em direção à saída do estacionamento. Mas enquanto saía, sentiu que seu olhar foi puxado tal qual um clipe de papel é atraído por um ímã, para a barraca de cerveja e para o homem que estava em pé na frente da barraca. Mas naquele momento Mick não estava com Darla. Na frente dele estava Tanya King, seu corpo pequeno e suas roupas pequenas. A cabeça dele estava ligeiramente inclinada para frente como se estivesse ouvindo cada palavra. A mão de Tanya repousava no peito dele, e podia-se notar um sorriso nos cantos da boca dele, causado por alguma coisa que ela disse.



Ele não parecia estar pensando em Maddie de jeito nenhum, e de repente a força que sentia há poucos minutos sumiu.

Escondido atrás das lentes de seus óculos escuros, Mick viu quando Maddie atravessou a rua para o estacionamento. Seu olhar deslizou das costas para o traseiro dela. A lembrança das pernas em torno da cintura dele, e das mãos dele no traseiro dela não lhe saía da cabeça, quisesse ele ou não. E ele não queria. Dificilmente um dia passava sem que alguma coisa não o lembrasse de Maddie. A caminhonete, o barco, o bar. Ele não podia entrar no Mort's sem se lembrar da noite em que ela chegou na porta dos fundos usando o casaco vermelho e uma das gravatas dele pendurada no pescoço e caindo entre os seios nus. Preferia pensar que foi apenas sexo, mas ela estava certa quanto a isso, foi mais que o cheiro da pele dela e que o gosto dela na boca dele. Pensou nela várias vezes ao acaso. Pensou em onde estaria, se foi a Boise para o casamento da amiga, outras vezes se lembrou da risada dela, do som da sua voz e boca mordaz que dava respostas rápidas.

***Você deve estar brincando comigo... Com ciúme de uma mulherzinha vulgar e idiota? Se***

***quiser me deixar com ciúme, comece a sair com alguém com pelo menos metade do***

***cérebro dela, e um mínimo de classe***, Maddie dissera, como se houvesse uma chance sequer de ele sair com Dada uma única vez que fosse. Ele não transava desde a última noite que esteve com Maddie, não sentiu vontade.

***Você me conhece muito além de saber se eu gosto de ficar por cima ou por baixo. Mais***

***que o cheiro da minha pele ou o gosto da minha boca na sua***. Ao vê-la e sentir o cheiro da sua pele, a ânsia de senti-la

novamente contra o seu peito foi irresistível, e numa fração descuidada de segundo, ele de fato levantou as mãos para puxá-la para mais perto. Graças a Deus, parou antes de tocá-la.

***Só não consegue lidar com o fato de eu ser Maddie Jones.***  
Quanto a isso ela estava certa.

Era uma mentirosa, usou o próprio corpo para conseguir que ele falasse sobre o passado, e ele acabou se apaixonado por ela.

Darla não era a única idiota.

Maddie desapareceu do outro lado da rua e o olhar de Mick voltou - se novamente para Tanya. Ela estava falando sobre... alguma coisa.

- Meu novo treinador é brutal, mas ele consegue resultados.

Ah, é mesmo, Tanya estava falando sobre seus exercícios. Sem dúvida, ela tinha um corpo muito bonito. Pena que a mão no peito dele não estivesse surtindo nenhum efeito sobre a parte baixa de seu corpo. Precisava de distração. Seus esforços para esquecer Maddie, tirá-

la da cabeça, claramente não estavam funcionando.

Talvez Tanya fosse exatamente o que ele precisava.

## Capítulo 18

Na noite anterior ao casamento de Clare, as quatro amigas se reuniram na casa de Maddie em Boise. Elas se sentaram na sala de estar em frente a uma grande lareira feita com pedra de rio. A casa em Boise era mobiliada em tons marrom e bege. Pouco tempo atrás Maddie abriu uma garrafa de champanhe e as quatro mulheres levantaram suas taças e brindaram à felicidade futura de Clare com seu noivo Sebastian Vaughan.

Pouco mais de um ano atrás, todas as quatro eram solteiras. Agora Lucy estava casada e Clare prestes a se casar. Maddie se apaixonou e se machucou e Adele continuava acreditando que foi amaldiçoada com encontros ruins, portanto, era a única das quatro cuja vida não havia mudado drasticamente.

Passou-se uma semana desde que viu Mick no estacionamento com Tanya, e a imagem ainda a deixava aflita. Embora Maddie ainda não tivesse confidenciado às amigas sobre seus sentimentos por Mick, não pretendia contar a elas nesta noite, pois era a noite de Clare, e não uma festinha para Maddie.

- Minha mãe convidou metade de Boise para o casamento. Ela esteve na... - Clare parou e se inclinou para deixar o livro atrás da cadeira de Maddie. - Tem um gato na sua casa.

Maddie se virou e olhou para Bola de Neve, flagrantemente desrespeitando as regras, subindo nas cortinas de cetim. Maddie bateu palmas e se levantou.

- Bola de Neve. A gata olhou para Maddie e se jogou no chão.

- Você conhece esse gato? - Adele perguntou.

- Conheço... eu meio que adotei ela.

- Meio que adotou?

Lucy inclinou-se para frente e exclamou:

- Você odeia gatos!

- Eu sei...

Clare cobriu os lábios com dois dedos.

- Você deu o nome de Bola de Neve para a sua gata... Que meigo!

- Isso não parece com você...

Adele inclinou a cabeça para um lado e olhou preocupada. - Você está bem? Você some por alguns meses e volta com um gato. O que mais você tem feito em Truly que não ficamos sabendo?

Maddie levantou o copo e acabou de tomar o champanhe.

- Nada.

Desconfiada, Lucy levantou as sobrancelhas.

- E o livro, como está?

- Está indo razoavelmente bem - respondeu sinceramente. - Já estou com metade dele escrito. A próxima metade seria a parte mais áspera, em que teria de escrever sobre a noite em que a mãe morreu.

- Como está Mick Hennessy? - Adele perguntou.

Maddie levantou e se inclinou sobre a mesa de centro.

- Não sei. Ela pôs mais champanhe no próprio copo. - Ele não fala comigo.

- Finalmente você contou a ele quem você é de verdade?

Maddie aquiesceu e preencheu os copos das amigas.

- Pois é, contei para ele, e ele não gostou muito...

- Pelo menos você não dormiu com ele.

Maddie olhou para o outro lado e tomou um gole do seu copo.

- Oh, meu Deus! - Clare disse preocupada. - Você saiu da abstinência com Mick Hennessy?

Maddie encolheu os ombros e se sentou.

- Não consegui evitar...

Adele aprovou com a cabeça:

- Ele é irresistível.

- Um monte de homens são irresistíveis. - Lucy tomou um gole enquanto olhava para Maddie. Suas sobranceiras levantaram-lhe a testa. - Você está apaixonada por ele, não é?

- Não importa, ele me odeia.

Clare a mais bondosa das quatro, disse:

- Tenho certeza de que isso não é verdade. Ninguém odeia você.

Aquilo era tão ruidosamente mentiroso, que Maddie não pôde evitar um sorriso, enquanto Lucy tossia no copo de champanhe.

E Adele se sentava para trás para rir e depois disse: - Maddie Jones arrumou uma gata e se apaixonou. Ok, gente, agora é oficial: o inferno congelou.

No dia seguinte ao casamento de Clare, Maddie empacotou a gata e voltou para Truly. O

casamento foi maravilhoso, claro. E na recepção, Maddie havia dançado e desfrutado a festa a noite toda. Vários homens com quem dançou eram interessantes e solteiros, e ela pensava se algum dia em sua vida chegaria a ponto de não mais comparar todo o homem que encontrava com Mick Hennessy.

Levou todo o resto do mês de setembro para escrever e reviver os dias que antecederam a morte da mãe. Inseriu partes de entrevistas e registros dos diários, incluindo o último: ***Minha filhinha vai fazer seis anos e vai para o primeiro grau. Não posso acreditar no***

***quanto ela cresceu. Eu gostaria de poder dar mais a ela. Talvez eu possa. Loch disse que***

***me ama. Eu já ouvi isso antes. Ele diz que não ama Rose, e que vai contar-lhe que não***

***quer mais viver com ela. Eu também já ouvi isso antes. Quero acreditar nele. Não, eu***

***acredito nele!! Só espero que ele não esteja mentindo. Sei que ele ama os filhos, porque***

***ele fala muito sobre eles. Se preocupa que quando contar à esposa que quer o divórcio,***

***seus filhos tenham de testemunhar alguma cena deprimente. Ele tem medo que ela atire***

***coisas ou faça algo coisa realmente louca, como botar fogo no carro. Espero que ela não***

***machuque Loch e eu disse isso a ele. Ele simplesmente riu e falou que Rose nunca***

***machucaria ninguém.***

A parte mais dura do livro não foi reviver a morte da mãe momento a momento, como Maddie sempre imaginou que seria. Isso foi difícil, com certeza, mas a parte mais difícil foi escrever o final e dizer adeus. Escrevendo o livro, Maddie percebeu que nunca disse adeus à mãe. Nunca teve qualquer tipo de encerramento. Agora, tendo feito isso sentiu-se como se uma parte da própria vida tivesse acabado.

Era meados de outubro quando terminou o livro, ela estava física e emocionalmente extenuada. Caiu na cama e dormiu por quase vinte horas, e quando acordou sentiu-se como se um espinho lhe tivesse sido tirado do seu peito. Um espinho que ela sequer soubera que estava cravado ali. E soube que estava livre do passado, sem nem mesmo saber que precisava se libertar dele. Maddie alimentou Bola de Neve, depois foi para o chuveiro. A gata ainda tinha que dormir na cama que Maddie lhe comprou. Ela gostou do vídeo, mas não gostou nem um pouco do transporte. Maddie desistiu de quaisquer regras. Bola de Neve gostava de passar a maior parte do tempo deitada no peitoril da janela ou no seu colo.

Maddie lavou os cabelos e esfregou o corpo com esfoliante de melancia e pensou o que iria fazer com sua vida a partir de então, o que lhe parecia uma pergunta um tanto bizarra quando parava para pensar nisso. Até terminar o livro, não tinha se dado conta de

quanto a sua vida estivera enrolada no passado. Isso ditou parte do futuro dela sem mesmo que ela soubesse disso.

Uma das idéias que lhe ocorreu foi a de tirar umas férias em algum lugar quente. O que significava empacotar somente a roupa de banho e um par de chinelos, e ir para alguma praia bonita. Quem sabe Adele também desejasse uma interrupção no seu ciclo de encontros amaldiçoados.

Enquanto Maddie se enxugava pensou em Mick. Ela tinha trinta e quatro anos, e ele foi seu primeiro amor de verdade. Sempre o amaria embora ele nunca tivesse conseguido amá-la.

Mas talvez houvesse algo que ela pudesse fazer por ele. É isso, ela daria a ele o mesmo presente que deu a si mesma.

Mick levantou o olhar da garrafa que estava em sua mão para olhar uma mulher que entrou pela porta da frente. Colocou a garrafa sobre o balcão e a assistiu enquanto passava entre as mesas. O Mort's estava lento, mesmo para uma segunda-feira à noite.

Seus cabelos estavam enrolados sobre os ombros como da primeira vez que a viu. Ela usava um suéter preto grande que escondia as curvas do seu corpo, e carregava uma caixa sob um dos braços. Ele não a via desde o Dia dos Fundadores da Cidade, quando ela lhe disse que ele não conseguia lidar com a verdade sobre ela. E estava certa. Ele não conseguia. Mas isso não significava que ele não tivesse sentido falta dela a cada dia que passou. Tentar esquecê-la não funcionou. Nada funcionou.

Com Trace Adkins como trilha musical ditada pela **jukebox**, ela disse: - Olá, Mick. A voz dela se derramou por cima dele como um conhaque quente.

- Maddie.

- Posso falar com você em algum lugar mais reservado?



Mick ficou pensando que ela teria vindo para dizer adeus e lhe perguntar como se sentia a respeito. Ele consentiu com a cabeça e ambos foram em direção ao escritório. O ombro de Maddie tocou no dele, agregando sofrimento à confusão quente que se espalhava pelo seu corpo, e o lembrando dolorosamente que ele queria Maddie Jones, estava faminto, queria pular sobre ela e devorá-la. E quando Maddie fechou a porta sua ânsia aumentou. Mick foi para trás da escrivaninha, tão longe dela quanto era possível.

- Talvez você devesse deixar o...

- Por favor, deixe-me falar - ela o interrompeu levantando uma das mãos.

- Só tenho uma coisa para dizer, depois eu saio. - Ela engoliu seco e olhou diretamente nos olhos dele. - A primeira vez que me lembro de sentir medo, eu tinha cinco anos. Não estou falando do medo na festa de **Halloween**, nem do bicho-papão. Estou falando de um medo que me fez sentir dor no estômago. O medo que senti quando um dos delegados do xerife me acordou para contar que minha tia-avó estava vindo me buscar e que minha mãe estava morta. Eu não entendi o que estava acontecendo. Não entendi porque minha mãe tinha ido embora, mas sabia que ela nunca mais voltaria. Chorei tanto que vomitei em todo o banco de trás do carro da minha tia-avó Martha.

Ele também se lembrava daquela noite. Lembrou-se do carro de polícia e de Meg soluçando ao lado dele. Para quê lembrar disso tudo?

- Quando eu te encontrei - Maddie continuou, - não esperava gostar de você, mas gostei.

Certamente eu não esperava gostar tanto de você a ponto de ir para cama com você, mas eu fui. Não esperava me apaixonar por você, mas me apaixonei. Desde o início, eu sabia que devia contar a você quem eu era. Eu sabia que podia ter lhe contado em centenas de

momentos diferentes. Sabia que era a coisa certa a fazer, mas também sabia que te perderia se contasse. Eu sabia que quando eu contasse você iria embora e nunca mais voltaria. E foi isso o que aconteceu.

Ela colocou a caixa de papelão sobre a mesa:

- Eu quero que você fique com isso. É o livro que me trouxe de volta a esta cidade. Eu quero que você o leia, por favor. - E olhando para a caixa falou: - Dentro desta caixa há um disquete com o livro. E eu o apaguei do meu computador, portanto esta é a única cópia. Quero que faça o que você quiser com ambos. Jogue fora, passe por cima com sua caminhonete ou faça uma fogueira. A escolha é toda sua.

Ela olhou de volta para ele. Seus olhos castanhos estavam fixos e calmos.

- Espero que algum dia você possa me perdoar. Não porque eu sinta que preciso ser perdoada, eu não preciso. Mas porque aprendi uma coisa nos últimos meses. Não é porque você se recusa a reconhecer uma coisa, a olhar para ela ou a pensar sobre ela, que ela não está lá, não afeta você e as escolhas que você faz na vida.

Sentindo a boca seca, umedeceu os lábios.

- Eu perdôo a sua mãe. Não porque a Bíblia me manda perdoar. Acho que não sou tão boa cristã, porque simplesmente não sou magnânima. Eu a perdôo porque, tentando perdoá-la, fico livre de toda a raiva e de toda a amargura do passado, e é isso que eu quero para você também. Pensei sobre o que fiz desde que me mudei para Truly, e sinto muito tê-lo magoado, Mick. Mas não me arrependo de tê-lo conhecido e de ter me apaixonado por você. Amar você destruiu meu coração e me causou muita dor, mas me fez uma pessoa melhor. Eu te amo, Mick, e espero que algum dia você encontre alguém que possa amar.

Você merece mais na vida do que várias mulheres em série com quem você não se importa de verdade, e que também não se importam tanto com você. Amar você me ensinou isso.

Me ensinou como é sentir amor por um homem. E espero que algum dia eu possa encontrar alguém que vai me amar do jeito que você não pôde. Por que eu mereço mais que uma série de homens que não se importam comigo. - Depois de dizer isso, seu olhar se voltou para os olhos dele: - Eu vim aqui esta noite para lhe dar o livro e para dizer adeus.

- Você está indo embora? - Ele ficou admirado pela maneira como se sentiu ao ouvir àquele adeus.

- Estou, tenho que ir.

A partida dela era a melhor parte. Não importava que ele sentisse como se ela tivesse atingindo seu peito e tirado seu coração para fora de novo.

- Quando?

Maddie deu de ombros e caminhou em direção à porta.

- Não sei. Logo. - Ela olhou para trás uma última vez.

- Adeus, Mick. Espero que você tenha uma boa vida. - Depois foi embora, e ficou ali abandonado, sentindo no ar o perfume da pele dela e no peito um enorme vazio. O suéter vermelho que ela usara naquela noite em que foi ao escritório dele com um vestido branco ainda estava pendurado no gancho que fica atrás da porta. Ele sabia que ainda cheirava a morangos.

Mick se sentou na cadeira e inclinou a cabeça para trás. Pensou no velho Reuben Sawyer bêbado que depois de três décadas ainda era incapaz de sair do doloroso estado por ter perdido a esposa. Mick não seria tão patético, mas agora ele entendia o velho Reuben de

uma forma que nunca havia entendido antes de amar Maddie Jones. Mick não tocou em uma garrafa sequer para beber. Tinha dois bares e sabia onde esse caminho levava, mas entrou em uma ou duas brigas. Poucos dias antes de ver Maddie no parque, chutou os irmãos Finley para fora do Mort's. Normalmente ele chamava os policiais para lidar com esse tipo de idiotas e malucos entorpecidos, mas naquela noite ele mesmo fez o serviço.

Ninguém jamais chamara os irmãos Finley de espertos, mas eles eram bons de briga, e isso levou Mick e o *barman* a empurrá-los do bar para a rua, onde aconteceu uma pancadaria para todo mundo ver, o tipo de pancadaria na qual ele não se envolvia desde os tempos de escola.

Mick passou os dedos pelos cabelos e se sentou inclinado para frente. Desde a noite em que ele descobrira quem Maddie era realmente, esteve no inferno e não sabia como sair. A vida parecia para ele como um dia miserável atrás de outro dia miserável. A principio pensou que as coisas melhorariam com o tempo, mas a vida não parecia melhorar, e ele não sabia mais o que fazer. Maddie era quem era, e ele era Mick Hennessy, e não importava o quanto a amava, a vida real não era feita de filmes para a tevê naquele canal para mulheres que a Meg gostava de assistir.

Inclinou-se um pouco mais para frente e puxou a caixa que Maddie deixou. Tirou a tampa e olhando para dentro, viu o CD e uma enorme pilha de papel. O título cortava a primeira página em grandes letras: ***Até que a morte nos separe.***

Maddie disse que esta era a única cópia. Por que ela faria isso por ele? Para que se meter em tantos problemas e gastar tanto tempo fazendo alguma coisa, só para lhe dar quando tivesse acabado?

Ele não queria ler. Não queria se deixar levar por uma volta ao passado. Não queria ler sobre o pai infiel e sobre a mãe doente, sobre a noite em que ela passou dos limites. Não queria ver as

fotografias, ler os relatórios de polícia. Ele viveu tudo isso uma vez e não queria se sentir como que voltando ao passado.

Mas quando levantou a tampa para fechar novamente a caixa, ele pegou a primeira frase com os olhos.

**- *Prometo que desta vez será diferente, Baby. – Alice Jones olhou nos olhos de sua filha***

***pequena, depois tornou a olhar para a estrada. – Você vai adorar Truly. É como um***

***pedaço do céu.***

**Baby *não disse nada. Já ouvira tudo aquilo antes...***

Maddie ligou o DVD de Bola de Neve e a colocou sentada na cama de gato em frente à televisão. Não era nem mesmo dez horas da manhã, e ela já estava cansada da energia da gata.

- Se você não se comportar, eu vou te enfiar no transporte e jogá-la dentro do porta-malas do carro.

Miau.

- Estou falando sério. - Bola de Neve estava passando por um tipo de fase de comportamento passivo-agressivo. Miou para sair, miou para entrar, mas quando Maddie abriu a porta ela correu para o lado oposto. Imaginou que a gata ficaria mais agradecida.

Maddie apontou para o nariz da gatinha:

- Estou te avisando, hein? Você deixou meus nervos à flor da pele hoje. - Levantou-se e saiu na ponta dos pés. Bola de Neve não a

seguiu, transfixada que estava pelos periquitos gorjeando na tela.

A campainha tocou. Maddie foi para a porta da frente e olhou pelo olho mágico. Na noite anterior, quando disse adeus ao Mick, não esperava vê-lo novamente. Agora ali estava ele, com um olhar um tanto estranho. A parte baixa de seu rosto coberta pela barba por fazer, como ficou todas as vezes que eles ficavam fazendo amor até tarde da noite. Ela abriu a porta e viu a caixa de papelão na mão dele. Seu coração desfaleceu. Todo aquele trabalho e ele não havia lido...

- Você vai me convidar para entrar?

Ela abriu um pouco mais a porta e a fechou atrás dele. Ele vestia uma jaqueta de lã preta e, por baixo via-se a barba cerrada entrando gola abaixo. Suas bochechas estavam rosadas pelo frio da manhã. Ele a seguiu para a sala de estar, levando consigo para dentro da casa dela o odor do ar de outubro e o seu próprio odor. Ela adorou o cheiro dele, sentia falta disso.

- A sua gata está assistindo televisão? - A voz dele estava um pouco rouca.

- Está, por enquanto.

Mick deixou a caixa sobre a mesa de centro.

- Eu li o seu livro. - falou.

Ela olhou para o relógio sobre a televisão apenas para ter certeza da hora. Ela havia dado o livro que ele lesse e destruísse, porque ela o amava, e ele havia provavelmente passado o olho sobre o livro.

- Foi rápido.

- Sinto muito.

- Não sinta. Algumas pessoas simplesmente lêem rápido.

Ele sorriu, mas esse sorriso não mexeu com os olhos azuis nem fez aparecer suas covinhas.

- Não. Sinto muito pelo que a minha mãe fez a sua. Eu não acredito que alguém da minha família já lhe tenha pedido desculpas. Ela piscou e tentou lidar com o atordoamento que se seguiu:

- Bem... você não precisa se desculpar. Você não fez nada de errado.

Mick sorriu sem humor.

- Não retire a minha parte da responsabilidade, Maddie. Eu fiz um monte de coisas erradas.

- Ele abriu a jaqueta e por baixo usava a mesma camisa pólo do Mort's que usara na noite passada. O homem devia ter dúzias delas!

- Errei em acreditar que porque não penso sobre o que aconteceu no passado, que não fico chateado ou afetado. Eu estava errado e fui estúpido. Se eu tivesse superado o passado realmente, não teria importado o fato de você ser quem é. Teria me surpreendido, me chocado um pouco talvez, mas por fim, eu não me importaria.

Mas importou. Tanto que ele a cortou da vida.

- Fiquei acordado a noite toda lendo o seu livro. Inicialmente não queria ler, porque imaginei que fosse uma longa lista da roupa suja dos meus pais, incrementada por fotos terríveis. Mas eu estava enganado.

Maddie teve vontade de chegar perto dele e tocá-lo, correr as mãos pelo peito másculo e enterrar o rosto no seu pescoço.

- Eu tentei ser justa.

- Você foi surpreendentemente justa. Se a sua mãe tivesse atirado na minha, eu não sei se teria sido tão justo. Senti um tipo de conexão sobrenatural estranha com meus pais. Com minha vida quando garoto, e agora entendi que tudo estava muito errado. E que a gente nem sempre tem uma segunda chance para fazer a coisa certa.

Maddie desejou que ele viesse até ela e a tocasse. Pusesse as mãos no seu pescoço e baixasse o rosto e a beijasse. Em vez disso, ele enfiou os dedos no bolso da frente da calça jeans.

- Quando eu te vi no estacionamento e disse que não te conhecia, aquilo foi uma mentira.

Eu te conheço. Eu sei que você é engraçada, esperta, que congela quando faz vinte e um graus lá fora. Eu sei que você adora **cheesecake**, mas acaba trocando isso por uma loção com aroma de bolo. Sei que tem um problema com pessoas que lhe dizem o que fazer. Sei que quer que todo mundo pense que você é durona, mas na verdade começou a cuidar desta gata dentuça e deu a ela um lar. E tudo o que eu sei sobre você me faz querer você cada vez mais.

O peito de Maddie começou a sentir aquele incomodozinho familiar, ela olhou para baixo para os próprios pés, e não conseguia acreditar na emoção que começava a se espalhar dentro de seu peito.

- Desde que me mudei de volta para Truly - ele disse, - eu me sentia como se estivesse num lugar incapaz de me mexer, de crescer. Mas, na verdade, eu não estava aqui imóvel. Eu estava esperando, e acho que estava esperando por você.

Maddie sentiu uma dor aguda no fundos dos olhos e mordeu seu lábio inferior.

- Quando eu estou com você sinto um tipo de tranquilidade que nunca senti com ninguém na vida. Eu estou envolvido com você e você está envolvida comigo e me parece que isso está certo desse



jeito. Como se fosse o que realmente devia ter acontecido. Eu te amo, Maddie, sinto muito ter levado tanto tempo para te dizer isso de novo.

Maddie olhou para ele e sorriu.

- Senti sua falta...

Mick riu e suas convinhas finalmente apareceram.

- Não senti tanto a minha falta quanto senti a sua. - Eu tenho sido um completo idiota. -

Ele a envolveu nos braços e a levantou do chão. – Nunca acreditei que a morte acontecesse por uma razão específica - ele disse enquanto olhava para o rosto dela. - Mas se nossas vidas fossem diferentes, eu não teria me apaixonado por você.

Mick baixou a cabeça e a beijou. Sua boca estava quente, úmida, agradável. Mais tarde ela o pegaria pelas mãos e o levaria para o quarto. Mas por enquanto, queria apenas sentir de novo o seu beijo. Aquela sensação era como andar no sol depois de um inverno longo e frio. Uma deliciosa sensação de alívio que a fez se sentir bem em seu próprio âmago.

Apoiou as costas dela e pressionou sua testa contra a dela.

- Desde a primeira noite que você esteve no Mort's, só tenho olhos para você - ele disse. -

Você foi a única coisa que consegui ver na minha frente, mesmo quando tentei desesperadamente pensar em outra coisa.

- Hmm... Olhar ou tocar? Eu vi você conversando com Tanya no estacionamento.

- Apenas olhar... Eu não quero mais ninguém.

Ela pôs os braços em torno das costas dele e prendeu uma mão na outra.

- E quanto a Meg?

Mick levantou a cabeça.

- O que tem ela?

- O que você vai dizer a ela? Ela me odeia!

- De fato, ela tem estado muito ocupada com meu amigo Steve para pensar em você. - Mick pensou por um momento, depois continuou:  
- Não acho que ela te odeie realmente. Ela culpa a sua mãe por tudo o que aconteceu, mas ela sequer te conhece.

Maddie riu.

- Me conhecer não é uma garantia de que ela vai gostar de mim...

Mick encolheu os ombros.

- Acho que ela vai superar isso. Ultimamente ela tem repetido muito que quer me ver feliz.

Quer que eu me case com alguém que eu ame. Para ter uma esposa e uma família. Eu nunca pensei que quisesse filhos, mas depois que vi a maneira como você criou sua gata... - ele interrompeu sua fala e procurou Bola de Neve, que continuava hipnotizada, mas desta vez por peixinho dourado.

- Você é a certeza que eu tenho. - Ele olhou de volta para Maddie e sorriu. - Me diga se alguma parte ou todas as partes do meu plano atrai você. Se não atrair, vamos ter de fazer ajustes.

- Isso está me soando como um plano de casamento, com vestido branco, cerca de estaca pontiaguda em volta da casa e um reproduutor dentro da casa.

Ele riu exultante.

- Quem conseguiria imaginar?

Certamente ela não conseguiria. Nunca pensou que seria a esposa de algum homem ou que pensaria em ter uma família. Mas claro, ela também nunca pensou que se apaixonaria ou que teria um gato. A vida dela havia mudado drasticamente desde que havia ido morar Truly. Ela havia mudado.

Maddie pegou a mão de Mick e o levou da sala. Talvez ele estivesse certo. Talvez suas vidas sempre estiveram entrelaçadas e eles deviam mesmo ficar juntos. Se fosse esse o caso, ela passaria feliz o resto da vida envolvida com Mick Hennessy.

**\*\*\*FIM\*\*\***

